



When she wakes,
everything will change...

THE EMERALD LILY

JULIETTE CROSS

A VAMPIRE BLOOD NOVEL

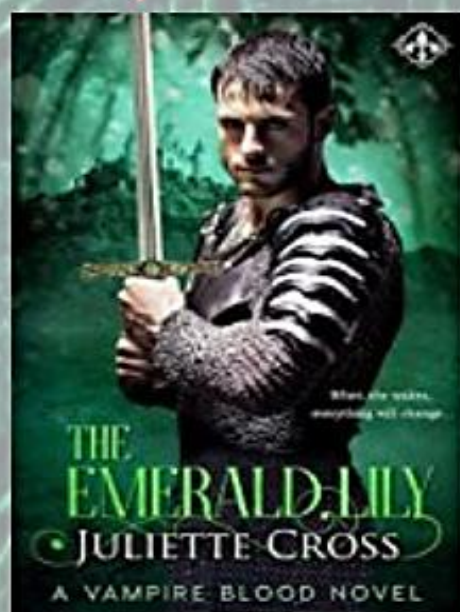




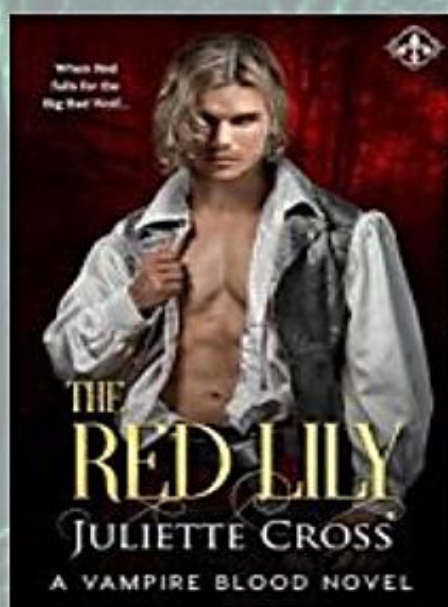
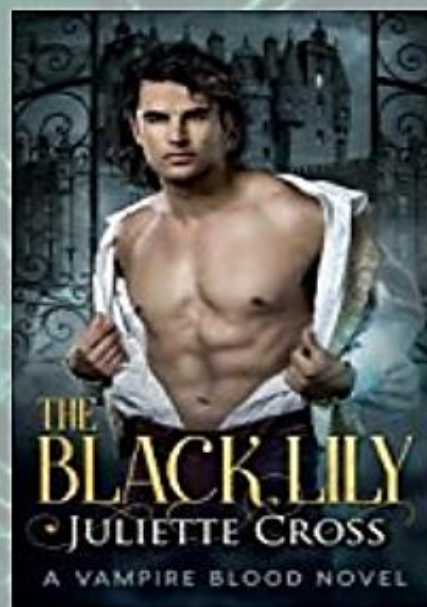
THE JULIETTE CROSS EMERALD LILY

A VAMPIRE BLOOD NOVEL

LANÇAMENTO!



DISTRIBUÍDOS!



A close-up, slightly blurred photograph of a hand holding a decorative object. The hand is positioned at the top center, with fingers gently gripping the object. The object itself is oval-shaped and features a complex pattern of dark brown or black floral motifs and small, five-pointed stars on a light-colored background. The background of the entire image is a soft, out-of-focus white lace fabric with a delicate, repeating pattern. The lighting is soft and diffused, creating a gentle, ethereal atmosphere.

- Para Kevin -

*Meu próprio Príncipe Encantado, meu
“felizes para sempre.”*

Prólogo

Há muito, muito tempo atrás, vivia um Rei e uma Rainha que estavam profundamente apaixonados. Para completar sua infinita alegria, eles tiveram uma filha - amável e bela. Infelizmente, o parto foi demais para o frágil corpo da Rainha e ela morreu. Embora de luto, o triste Rei ainda convidava a realeza e a nobreza de todo o império para o seu palácio, Briar Rose, para celebrar o nascimento de sua linda filha. Pois esse era o desejo de sua amada.

Quando a *Rainha Negra de Varis* chegou ao grande salão e espreitou o berço com intenção malévola, ela proclamou que a criança deveria ser prometida a seu filho mais novo. O Rei se levantou de seu trono e declarou que jamais permitiria tal coisa. O Rei sentiu o mal que emanava da Imperatriz e temia pela segurança e o bem-estar de sua preciosa garotinha.

A imperatriz saiu do grande salão, mas não antes de se virar no limiar dos portões e adverti-lo.

— Ouça-me com bastante atenção. Você vai se arrepender dessa afronta que me fez.

O Rei não disse nada, sabendo que a Rainha Negra era capaz de atos malignos e tortuosos para conseguir o que queria. A sala do trono caiu em silêncio enquanto todos os presentes inclinavam a cabeça em tristeza.

Então... do meio da multidão, uma mulher idosa - seu cabelo, rosto, capuz e manto eram brancos, feito a cor da neve. E, embora ela fosse velha, seus olhos brilhavam como pedras esmeraldas, se igualando ao seu sorriso era gentil.

— Agora, meu Rei. Não tenha medo.

— Como eu posso não ter medo? — ele perguntou. — Minha única filha está em perigo. A imperatriz não vai parar por nada.

— O medo não a salvará, meu Rei. Mas eu posso. Eu trouxe um presente que fará muito mais do que apenas protegê-la. Isso salvará o mundo inteiro.

— Quem é *você*? — ele perguntou.

Ela sorriu.

— Tudo que você precisa saber é que eu sou uma amiga. Você vai me permitir dar o meu presente?

Uma aura de paz pairava sobre a mulher, obrigando o Rei a assentir em aprovação. A mulher fez uma reverência, aproximou-se do berço e olhou para a linda bebê.

Ela puxou de dentro de sua capa uma pedra reluzente, translúcida e cintilante, com uma miríade de cores que brilhavam até o teto abobadado. A multidão murmurou, maravilhada.

— O que é isso? — perguntou o Rei.

— É um fragmento da Pedra da Criação.

Ele ofegou e sussurrou.

— A Hartstone.

A mulher branca não respondeu, tendo olhos apenas para a menina, que olhava para ela com os olhos azuis cristalinos. Ela segurou a pedra acima da bebê e começou a falar, sua voz vibrando com poder. *Com encantamento.*

— Você vai crescer ainda mais bonita e justa mas, mesmo assim, entrará em um sono acordado. Quando você for uma mulher, a Rainha das Trevas irá te amaldiçoar com o sono da morte.

— Não! — ele gritou, dando um passo à frente. — Por favor, ajude-a.

A mulher branca bateu na pedra mágica três vezes. Um pó cintilante girou e flutuou magicamente sobre as bochechas, olhos, boca e língua da bebê. Um vento místico soprou através do castelo, farfalhando as saias das mulheres que ofegaram admiradas e ondulando a bandeira acima da cabeça do Rei, que trazia o *dragão branco* em seu estandarte.

— Mas um dia, doce menina, um Príncipe despertará seu coração com um beijo de sangue. Não muito tempo depois, você vai beber fogo em sua alma e vai despertar a besta da vingança e da justiça. Da coragem e da esperança. — A bebê murmurou, como se entendesse as palavras enigmáticas da velha mulher, ainda ressoando com magia e presságio. A mulher branca pressionou o polegar na pedra e depois esfregou a poeira reluzente na pequena testa da criança. — E você, criança abençoada. — ela sussurrou — Você despertará a Rainha Branca com olhos de esmeralda e ferirá o maligno com uma mordida. Você salvará todos eles.

Então, ela desapareceu em um redemoinho de fumaça, deixando-os em um silêncio pesado, ouvindo apenas o suave balbuciar do bebê, que ecoava pelo corredor.

Um ano depois, a caminho de casa - depois de uma longa jornada - o Rei e seus homens foram mortos por bandidos. A Princesa bebê, agora sem mãe e sem pai, e seu reino foram colocados sob os cuidados de um mordomo.

O tempo passou. O Rei e a Rainha foram esquecidos. Assim como a mulher branca. Mas, isso não importava ... pois a *Hartstone* nunca esquece.



Capítulo Um

Briar Rose tinha uma silhueta sinistra nas noites de luar. Torres pontiagudas e muralhas maciças são formidáveis para subir e escalar, para a maioria dos homens. E vampiros. Mas não para Mikhail e seus quatro irmãos da Guarda de Sangue. Eles observavam o movimento, das florestas, desde o pôr do sol. Observavam e esperavam.

Mikhail sacudiu a mão, sinalizando para seus homens. Como se fossem um só, os vampiros encapuzados se fundiram com as sombras e correram na velocidade de vampiro para o portão leste. Gregoravich estalou o pescoço do primeiro guarda Legionário, depois cortou a cabeça dele com um golpe profundo e certo. Dmitri, repetiu a mesma coisa com o segundo. Um a um, eles derrubaram corpos ao longo da parede interna do castelo.

Havia duas maneiras de entrar na tão bem guardada torre oeste, que seguramente era onde estavam mantendo a Princesa Vilhelmina. Ou através do próprio palácio e, provavelmente, mais duas dúzias de guardas, ou através da janela da torre. Eles optaram pelo caminho de menor resistência.

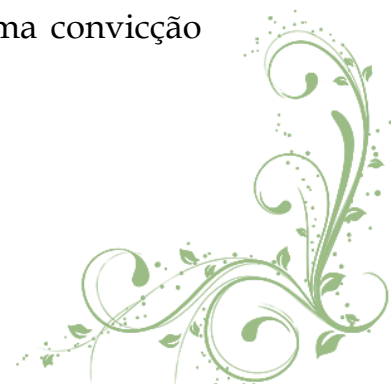
A grande concentração de Legionários vestidos de vermelho e preto - mostrando que eram os homens do Rei Dominik quem a guardavam, em vez de sua própria guarda - era como um farol que iluminava a sua localização dentro do castelo.

Dmitri perguntou a Mikhail ao pôr do sol.

— Incapacitar ou matar?

Havia apenas uma resposta que Mikhail poderia dar com uma convicção gélida.

— Matar.





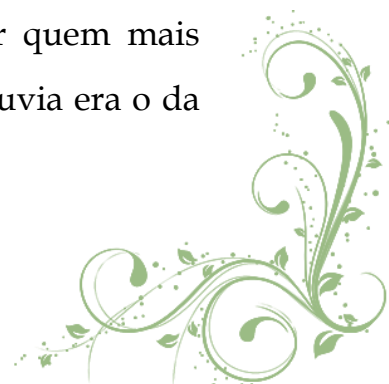
Eles não mostrariam misericórdia para esses bastardos brutais que aprisionaram a Princesa. Especialmente porque estavam sob ordens do nefasto Rei assassino. O anúncio da malvada Rainha Morgrid, de que seu filho mais velho tomaria a Princesa Vilhelmina como sua noiva, colocou os membros do Black Lily em ação. Friedrich, o Duque de Winter Hill, dissera a Mikhail por que era de extrema urgência salvá-la a todo custo.

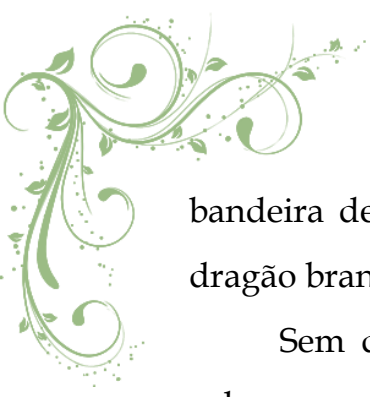
— O destino de todos nós depende do sucesso de sua missão. Ela não pode chegar às mãos do Rei Dominik ou da Rainha Morgrid.

E assim, aqui estavam eles, embarcando nessa missão. Além dos avisos de Friedrich, Mikhail tinha outro motivo para salvar a Princesa de Arkadia. Um que estava tão enterrado dentro dele, que seu sangue vibrava com a possibilidade de que ela pudesse ser a chave para vingar o mal feito a ele e a sua família. Um mal que ainda o espetava, com dentes afiados, naquele órgão sensível sob suas costelas.

Deslizando pelas sombras até a parede sob o parapeito oeste, Mikhail assentiu rapidamente. Juntos, eles subiram, encontrando os entalhes e ranhuras de tijolos para subirem rápida e silenciosamente. Com as garras estendidas, pois todos haviam convocado suas feras interiores para a superfície, eles subiram rapidamente pela parede. Após o salto sobre a borda superior, eles caíram sobre os guardas inocentes com uma rapidez mortal.

Mikhail desembainhou sua adaga serrilhada quando um Legionário o atacou. Com pouco esforço, ele destruiu o vampiro e abriu a garganta dele, antes mesmo que ele conseguisse pegar sua longa espada. Quando Mikhail se virou para seus homens, havia uma pilha de sete Legionários eviscerados. Seus homens ficaram em posição de guarda em direções opostas, para esperar quem mais viesse, quando sentissem o cheiro do sangue. O único som que se ouvia era o da





bandeira de Arkadia balançando no topo da muralha de canto - o símbolo do dragão branco rugindo no cenário verde da floresta.

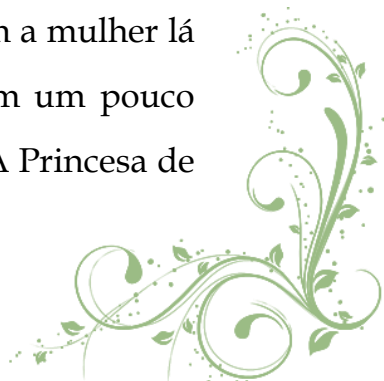
Sem demora, ele tirou uma elegante corda preta de dentro do casaco e colocou-a em volta de um quadrado saliente ao longo da parede do parapeito. Algumas horas antes, ele pensou que essa amarração serviria bem para seus propósitos, enquanto eles observavam o local lá das florestas. Ele estava certo. Enrolando a outra ponta da corda ao redor de sua cintura e amarrando-a com um nó corrediço, ele ficou para trás na beira do parapeito e saltou sobre a borda na noite.

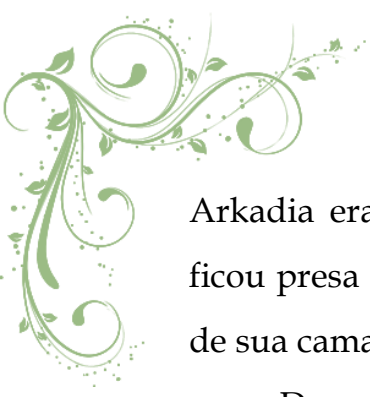
Seus pés fizeram contato com a parede, então ele desceu em rapel com facilidade a torre até a janela. Espiando pelo painel manchado, ele notou que não havia guardas dentro da câmara. Com os dois pés na borda e uma mão segurando a corda, ele puxou sua navalha da alça de couro em seu peito, que guardava suas ferramentas do comércio de assassinato. Marcando um painel quadrado ao longo da janela, ele deslizou a palheta de volta para onde ela pertencia. Com um, dois, e depois três toques de seu dedo, a vidraça estalou e depois se soltou, quebrando um segundo depois no chão de pedra. Depois de deslizar a mão pela abertura e soltar a fechadura, as portas do batente se abriram.

Uma vez lá dentro, ele desamarrou a corda ao redor de sua cintura e colocou-a sobre a trava da janela, para evitar que ela escorregasse. Nenhuma vela queimava no quarto. A lareira também não estava acesa, deixando a câmara em um frio invernal. *Covardes sem coração.*

A sala circular tinha poucos móveis. Uma mesa com uma tigela e uma jarra ao longo da parede, uma cadeira e uma cama.

Ele se aproximou da cama, onde as cortinas finas emolduravam a mulher lá dentro. Ele conseguia ouvir os próprios batimentos, que aceleraram um pouco mais quando ele viu a Princesa enterrada em seu sono sem sangue. A Princesa de





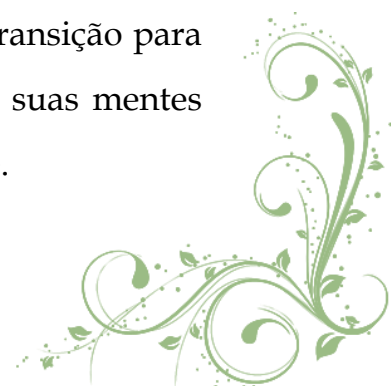
Arkadia era conhecida por sua graça e beleza. Ainda assim, a respiração dele ficou presa na garganta, quando afastou a fina camada de tecido que o separava de sua cama.

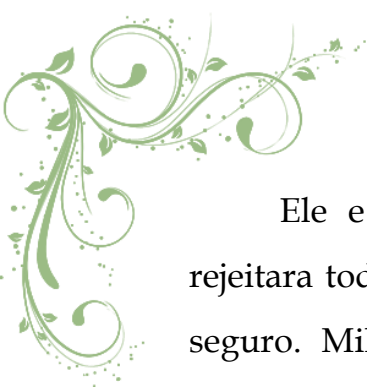
Descansando de costas com os braços sobre a barriga - uma posição antinatural para quem estava apenas dormindo - ela ainda parecia em paz. Vestida com uma camisola branca e uma túnica de veludo verde, que estava presa com uma fileira de botões pretos no corpete, seu corpo frágil parecia magro demais. Como qualquer vampiro estaria, se estivesse passando fome e recebendo apenas uma gota de sangue por semana, para mantê-la nesse estado tortuoso.

E ainda assim, o rosto dela...

Mikhail se aproximou. A escuridão não podia esconder nada de seus sentidos de vampiro. Ondas de seu cabelo amarelo pálido, como o trigo branqueado pelo sol quando ele está alto e pronto para colheita, desciam até a cintura. Maços do rosto altas, nariz delicado, lábios carnudos. Excessivamente cheios. Ele arrastou o olhar para cima, até os cílios pretos, contrastando contra sua pele pálida. Que tom de azul seus olhos teriam? Todos os que nasceram vampiros tinham olhos azuis. Vampiros nascidos na realeza tinham o tom mais azul de todos. Como uma marca de nobreza. Um traço genético

Seu peito subia e descia, mesmo depois de estar nesse sono amaldiçoado durante meses. Ele ouvira falar de poderosos guerreiros sendo induzidos ao sono sem sangue, que morreram em apenas quinze dias. Saber que ficariam vagando pela escuridão de suas mentes, confrontando e revivendo os pesadelos que os esperavam lá, era o suficiente para parar o coração de homens maiores e mais fortes. No entanto, aqui estava esta bela mulher - pálida, suave e serena - como se estivesse em um sono natural. Ele esperava que ela sobrevivesse à transição para a realidade. Ele tinha ouvido falar daqueles que despertavam com suas mentes desequilibradas, nunca recuperando o controle total de sua sanidade.





Ele e seus irmãos haviam discutido quando despertá-la, mas Mikhail rejeitara todos os votos que deveriam esperar até que a levassem para um lugar seguro. Mikhail já tinha ouvido as histórias de sobreviventes do sono sem sangue. Sobre a agonia sombria de sentir tudo o que está acontecendo ao redor de si mesmo, mas nunca sendo capaz de falar, abrir os olhos ou fazer qualquer movimento. E sentir, o tempo todo, uma dor alucinante em seu intestino dormente, ricocheteando e sacudindo seus ossos.

Sentado na beira da cama, ele levantou uma mecha de seu cabelo sedoso, deslizando os dedos até que ele caiu. A carícia sensual atingiu um cordão vulnerável em seu peito. Ele cerrou os punhos. Sua beleza o deixava sem fôlego. O fato de ela estar aprisionada em seu próprio corpo atravessou a camada dura que separava o capitão do homem embaixo do uniforme. De jeito nenhum ele a deixaria em tal estado de agonia por mais um segundo.

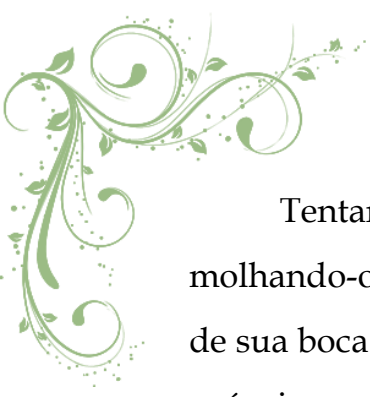
Despertar uma vítima de um sono sem sangue era um trabalho difícil. Ele precisava ser gentil, tomando cuidado para não dominar seu sistema e sacudir seu corpo para o estado de alerta completo. Ela poderia entrar em choque. Friedrich havia sugerido o método mais conhecido - o beijo do sangue.

Inclinando-se perto de sua orelha, ele sussurrou.

— Princesa. Se você puder me ouvir, preste atenção. Eu preciso te acordar desse sono profundo. Perdoe-me por invadir sua intimidade e não tenha medo. Eu não vou te fazer nenhum mal.

Com os caninos totalmente estendidos, ele mordeu a parte carnuda de sua palma e lambuzou os lábios com seu próprio sangue. Envolvendo a outra mão atrás de sua nuca esbelta, ele se inclinou para perto, inalando o aroma perfumado de jasmim branco e sol. Ele parou, vacilando com a doçura dela, como um soco inesperado em seus sentidos.





Tentando se controlar ao máximo, ele arrastou os lábios sobre os dela, molhando-os com seu sangue e os persuadindo a abrir. O mais leve relaxamento de sua boca lhe deu entrada. Erguendo a palma da mão, ele lambeu um pouco do próprio sangue em sua língua, depois inclinou a boca sobre a dela com mais firmeza, mergulhando profundamente para tentar despertar o corpo faminto dela. Deslizando a língua para cima e contra a dela, ele a beijou completamente.

Seu pulso acelerou em uma batida irregular. Ele ouviu o dela acelerar no mesmo ritmo que o dele. Seus sentidos se agitaram.

Uma excitação inesperada correu através dele, endurecendo cada centímetro de seu corpo. Suas presas se estenderam até o comprimento mais doloroso, exigindo alívio.

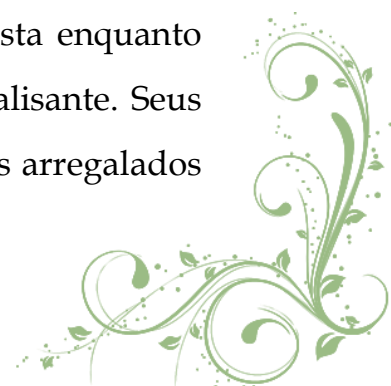
Putá merda!

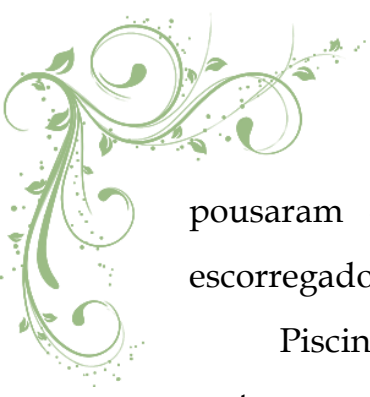
Ele veio oferecer vida através de seu sangue, não pegar o pouco que de vida que restava a ela. E, no entanto, o corpo dele tremia de fome, tão forte que sacudia seus ossos.

Sufocando as necessidades de seu corpo rebelde, ele sugou algumas gotas de sangue de sua ferida na palma da mão e pressionou sua boca na dela mais uma vez, deixando o sangue penetrar dentro e para baixo de sua garganta. Ele não conseguiu evitar e se abaixou novamente, lambendo o delicioso sabor dela em sua língua.

Um gemido baixo emanou de sua garganta e ele se afastou, voltando a si. Por Deus, seus pensamentos se desviaram por um caminho sombrio e sinuoso quando a boca dele estava na dela. Ofegante, ele se inclinou para longe, se dando um pouco mais de espaço.

Ela ergueu uma mão esbelta para a garganta, franzindo a testa enquanto gemia pela segunda vez, despertando de seu sono profundo e paralisante. Seus olhos se abriram e ela puxou uma profunda lufada de ar. Seus olhos arregalados





pousaram diretamente nos dele. Mikhail tinha certeza de que ele havia escorregado e caído de um penhasco, impotente.

Piscinas de um azul insondável queimavam brilhantemente. Seu pai costumava levá-lo para a costa do oceano durante os verões, quando ele era menino. Eles caminhavam ao longo da praia, colecionando conchas. Uma vez, ele achou a mais bela gema encoberta pela areia. *O vidro do mar*, seu pai lhe dissera. Um pedaço quebrado de garrafa ou vidro que o oceano tinha arrastado para suas profundezas e moldado no azul mais puro e claro que ele já tinha visto. Foi nisso que ele pensou enquanto olhava nos olhos daquela Princesa que cheirava a sol e tinha gosto de paraíso.

— Bem-vinda de volta, Princesa Vilhelmina. — Aço colidiu contra o aço da muralha acima. Ele ouviu passos ecoando na escada que levava à torre. — Hora de ir.





Capítulo Dois

O pulso de Mina trovejou em seus ouvidos, enquanto ela olhava para o vampiro mais impressionante que já tinha visto. Cabelos negros da meia-noite. Um olho azul e outro olho verde, brilhando através do quarto sombrio. Seu rosto bem construído o colocava na categoria de homens bonitos. Mas, ele estava mais para hipnotizante. Uma lembrança passou por sua mente, um sonho que se repetia em seu sono profundo. Um onde um Príncipe sombrio a salvaria, um dia.

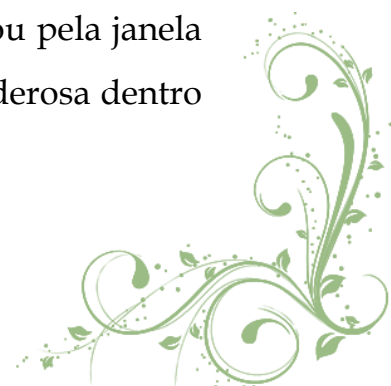
Mas, isso não era um sonho. Sua pele queimava, seus músculos doíam, seu coração disparava com o sangue dele percorrendo seu corpo. Ela deslizou a língua sobre o lábio inferior, sentindo o doce sabor de uma gota deixada para trás. Ele e seus olhos sobrenaturais seguiram o movimento, cintilando com um fogo novo.

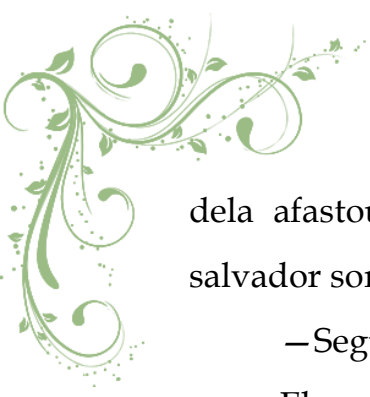
— Quem é você? — ela exigiu, com a voz embargada.

— Não há tempo, Sua Alteza. — Ele se aproximou e, antes que ela soubesse o que ele estava fazendo, ele a ergueu contra o peito largo e levou-a para a janela aberta. Ele a colocou de pé. — Você terá que me perdoar, mas nós temos aproximadamente vinte segundos.

— Para quê? — ela perguntou, suas pernas tremendo quando ele a firmou com uma mão em sua cintura.

Ele ergueu a ponta de uma corda presa no trinco de sua janela, amarrou-a ao redor de sua cintura e apertou-a em um nó complexo, com dedos hábeis. Ele envolveu as mãos ao redor de sua cintura, quase cobrindo-a completamente. Ela ofegou quando ele nivelou seu olhar no dela, levantou-a e a deslizou pela janela aberta. Ela deveria ter ficado com medo, mas alguma nova força poderosa dentro





dela afastou todos os seus medos. Teria sido ele? O beijo de sangue deste salvador sombrio?

—Segure na borda da janela por um breve segundo.

Ela agarrou a borda, sabendo muito bem que não podia segurar seu próprio peso. Mas, não importava. Assim que ele a soltou, ele agarrou a corda com um aperto firme.

—Eu não vou deixar você cair. Tem uma pessoa esperando lá embaixo, para te levar a um local seguro.

Ela não sentiu medo algum, mesmo balançando no alto da torre enquanto o som do combate ao redor enchia o ar da noite. Ela deu um aceno confiante. Então ela estava deslizando rapidamente pelo lado de fora da parede de tijolos. O vento frio bagunçou o cabelo dela e levantou as saias em volta dos tornozelos nus. Ela esperava atingir o chão com um baque alto, mas sua descida parou perto de seus pés alcançarem o chão. Um vampiro a ergueu, um animal corpulento, enquanto outro soltou a corda ao redor de sua cintura. Então ela foi passada dos braços do montanhoso para o outro, que sorriu para ela. Algo sobre a forma de seus olhos era familiar. Ele parecia muito com aquele outro que tinha acabado de empurrá-la pela janela.

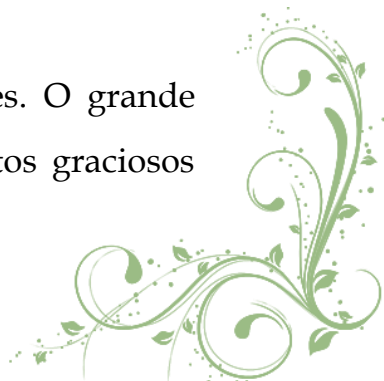
—Perdoe-me, Sua Alteza. — Ele a apertou contra o peito dele. — Meu nome é Dmitri. Você pode querer fechar os olhos. Minha velocidade pode ser um choque para o seu sistema recém desperto.

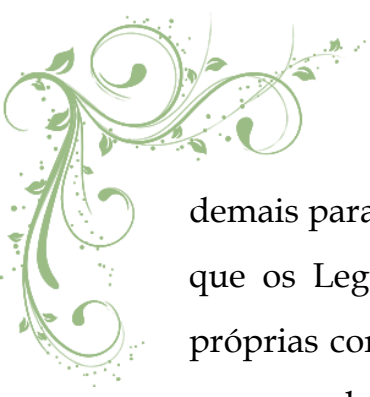
—Eu sou a Princesa de Arkadia. — Ela ouviu as palavras saírem roucas, mas com confiança. — Eu posso lidar com a velocidade de qualquer vampiro.

Ele abriu um meio-sorriso contagiante.

—Vamos dar o fora daqui, então.

Três Legionários saíram de um arco e se aproximaram deles. O grande vampiro derrubou todos os três ao mesmo tempo, com movimentos graciosos





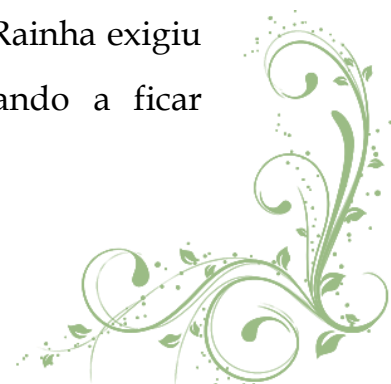
demais para um homem do seu tamanho. Mina teve um segundo para reconhecer que os Legionários usavam o uniforme do Rei Dominik de Izeling, não suas próprias cores ou as da Rainha. Então, Dmitri entrou em movimento, movendo-se em um borrão alucinante para longe de Briar Rose. Longe de sua casa. E de sua prisão.

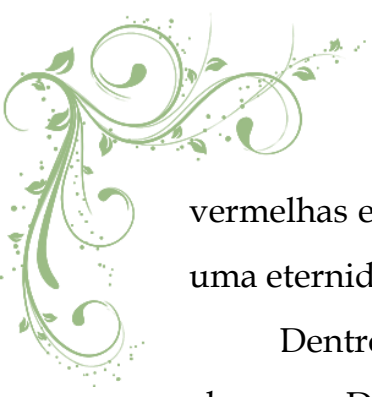
Dmitri tinha razão em avisá-la sobre sua velocidade. Embora todos os vampiros tivessem a habilidade de velocidade sobrenatural, mesmo que ela estivesse fraca demais para fazê-lo sozinha no momento, ele se movia notavelmente rápido. Ela agarrou o pescoço dele e deixou a cabeça cair em seu ombro, em vez de resistir à força do vento, fraca demais para fazer qualquer coisa além de se deixar levar. Enquanto seu corpo estava fraco, um pulso vibrante ondulava em suas veias, chocando seus sentidos com uma potência que ela nunca sentira em toda a sua vida.

Ela esperava que esses homens não fossem bandidos, e que ela não tivesse trocado uma prisão por outra. *Não*. Ela estendeu a mão com seu outro sentido, seu dom de vampiro. O homem que a segurava em seus braços não tinha emoções nefastas em torno dele. Embora a pessoa que a despertou certamente acompanhasse a escuridão, ele também não pairou ao redor dela com má intenção. Não com ela, de qualquer maneira. Disso, ela tinha certeza.

Ela segurou firme enquanto ele os levava mais profundamente nas arborizadas Montanhas de Novak. As montanhas mantinham algumas de suas folhagens verdes, mesmo mergulhadas no inverno. Por enquanto, a neve só alcançava o topo da cordilheira que se estendia ao redor do reino de Arkadia, Briar Rose.

O ar estava fresco, pinicando suas orelhas e nariz. Quando a Rainha exigiu sua punição, as árvores da região de Novak estavam começando a ficar





vermelhas e douradas. Quanto tempo ela esteve sob o sono sem sangue? Pareceu uma eternidade.

Dentro de uma hora, ela ouviu outros vampiros correndo em paralelo a eles, mas Dmitri não parecia alarmado. Deviam ser seus irmãos. Ela não pôde deixar de imaginar quem os havia contratado. Sua primeira ação, quando retomasse o controle de seu reino, seria descobrir quem os enviara para ela.

Depois de uma viagem assustadora para o sopé das Novaks, Dmitri diminuiu a velocidade para um ritmo humano. Sem parecer nem um pouco ofegante, ele caminhou em direção a um monte de folhas pesadas, em seguida, casualmente pisou por trás, onde a entrada de uma caverna estava escondida.

— Pare. — Mina segurou o couro áspero do casaco no ombro dele.

Dmitri parou de repente.

— O que foi, Alteza?

— Eu senti o cheiro de um urso.

— Oh, isso. — Ele continuou, abaixando a cabeça na entrada. O interior era muito mais espaçoso do que aparentava. — Não se preocupe com ele. — Ele a colocou gentilmente em pé. — Nós o trouxemos pra cá na noite passada.

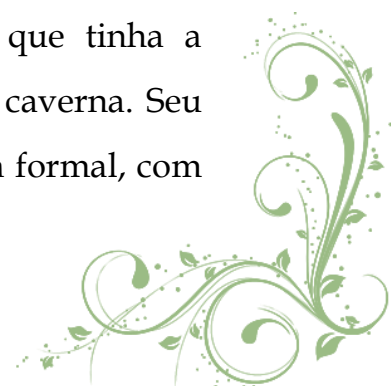
— Vocês trouxeram um... urso.

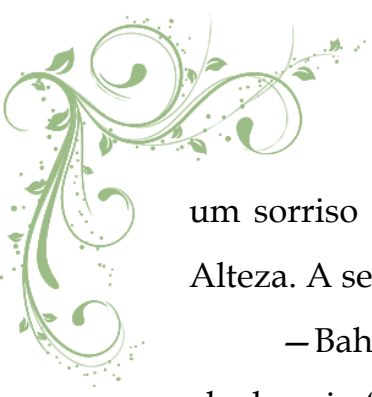
Mais dois vampiros entraram. Aquele que lutou contra os Legionários para que ela e Dmitri pudessem escapar rapidamente e um outro que ela ainda não tinha visto, que parecia mais tranquilo, mas tinha um olhar afiado e vigilante.

— Claro. — acrescentou Dmitri. — Não é muito difícil para nós. — Ele piscou. — Não é, Gregoravich?

— Apenas um filhotinho. — respondeu o grande Gregoravich.

— Esse *filhotinho* quase arrancou o tronco de uma árvore que tinha a grossura de um braço. — disse um quarto vampiro que entrou na caverna. Seu cabelo loiro brilhava com a luz da lua. Ele deu a ela uma reverência formal, com





um sorriso que certamente encantava muitas mulheres. — Eu sou Aleksei, Sua Alteza. A seu dispor.

—Bah! — Gregoravich acenou com a mão grossa. — Um soco no queixo e ele dormiu feito um bebê.

Um quinto vampiro entrou na caverna silenciosamente. O homem de cabelos negros que a acordou. Mesmo no sono sem sangue, ela ouviu sua voz aveludada sussurrar em seu ouvido. Ela sentiu seu beijo ardente. Seus dedos foram para seus lábios, então suas pernas tremeram. Ele estava ao lado dela, firmando-a com uma mão envolta em seu cotovelo.

—Chega. — ele ordenou por cima do ombro. —Descansaremos por três horas. Gavril, o primeiro turno é seu.

O vampiro quieto assentiu e saiu da caverna em um borrão. Os outros se moveram um pouco mais para dentro, sentados nas sombras e apoiando-se contra a parede antes de fechar os olhos. Ela não podia imaginar alguém confortavelmente dormindo naquela posição, mas ela nunca encontrou homens como estes.

Ela girou de volta para o líder deles. Sua atenção total repousava intensamente em seu rosto, acelerando seu ritmo cardíaco.

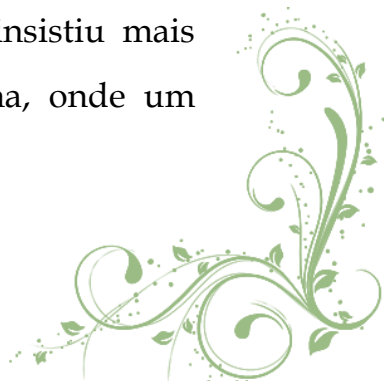
—Quem é você?

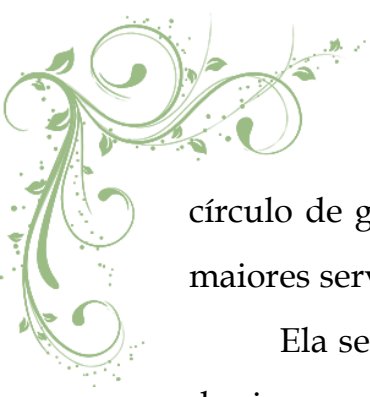
—Venha. — ele ordenou, gentilmente. — Sente-se.

Ela não discutiu. Ela mal conseguia ficar de pé. Mesmo assim, ela protestou.

—Eu não preciso descansar.

—Eu sei do que você precisa, Princesa. — O estrondo de sua voz melodiosa provocou um calor em seu peito. — Por favor, sente-se. — ele insistiu mais gentilmente, guiando-a até um ponto perto da parede da caverna, onde um





círculo de gravetos estava cuidadosamente colocado em forma de tenda. Pedras maiores servindo de apoio.

Ela se sentou e puxou os joelhos para cima, envolvendo os braços ao redor de si mesma enquanto o frio se instalava. Vampiros poderiam facilmente regular a temperatura do corpo, mas apenas quando bem alimentados. A agitação cruel em seu intestino lembrou que ela precisava de sangue. Logo.

— Qual o seu nome? — Ela perguntou baixinho, sua voz ainda rouca por falta de uso.

Ele se ajoelhou e pegou duas pedras pontiagudas, batendo-as uma contra outra três vezes, antes de conseguir fazer uma faísca. Inclinando-se, ele soprou a faísca para a fogueira. Uma chama lambeu rapidamente a brasa seca. Ele se inclinou para a direita e levantou um tronco de uma pilha. Eles prepararam este lugar precisamente para este momento. Para essa pausa em sua fuga.

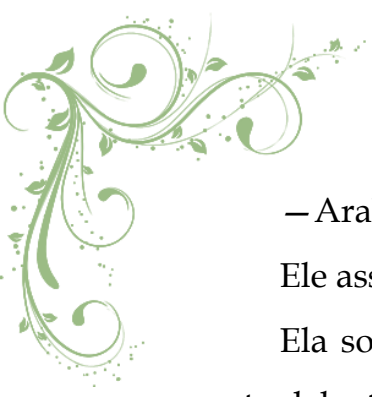
Ele balançou para trás, agachando-se em um joelho.

— Meu nome é Mikhail Romanov. Eu sou o Capitão da Guarda de Sangue. Viemos a pedido do Black Lily.

Ela se sentou mais ereta, ainda abraçando os joelhos contra o peito, tremendo. Ela ouviu rumores sobre a Guarda de Sangue. Um bando secreto e mortal de mercenários, que não trabalhavam nem para a coroa e nem para a aristocracia, mas apenas para homens que escolhessem - humanos ou vampiros. Eles juraram lealdade a si próprios e a mais ninguém. Algumas pessoas da nobreza esnobavam sua existência, dizendo que eles se achavam arrogantes demais para dedicar seus presentes aos reis da terra. Outros os chamavam de heroicos, por lutarem ao lado de humanos desafortunados que não podiam se ajudar.

Ela queria saber mais sobre esse Capitão, mas seu interesse imediato era em saber a quem eles serviam agora.





— Arabelle e Marius os enviaram?

Ele assentiu.

Ela sorriu e exalou, com alívio. Uma súbita onda de emoção tenra tomou conta dela, tudo o que ela suportou borbulhando na superfície. Em um único ato de desafio, ela quebrou o noivado com o Príncipe Marius e o encorajou a ir atrás daquela a quem ele amava e que o amava também. Ela não conhecia as profundezas do mal da Rainha. Quando ela descobriu a verdade, o destino de Mina foi selado. Os Legionários da Coroa prontamente a escoltaram de volta a Briar Rose, onde ela achava que estaria em prisão domiciliar. Ela estava terrivelmente enganada.

Quando cruzaram o limiar no palácio de Mina, os Legionários da Rainha Morgrid abriram a garganta de sua dama de companhia, Kathleen. Mina a viu morrer - sua amiga ao longo de uma vida - enquanto gritava em protesto, em agonia e desgosto. Sem nenhum efeito. Os guardas imediatamente arrastaram Mina para a torre leste e a trancaram lá dentro. Nenhuma alma apareceu ali, até que ela entrou em coma de fome, três semanas depois. O sono sem sangue.

Ela estremeceu. Mikhail se levantou e se moveu para atrás dela, colocando-se em posição sentada entre ela e a parede da caverna.

— O que você está fazendo? — Ela nunca teve um homem tão intimamente próximo.

Ele esticou as pernas, envolvendo seu corpo.

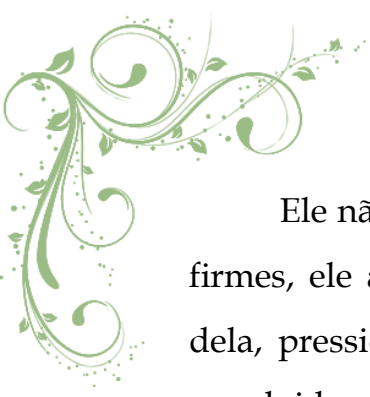
— Estique as pernas.

Embora este homem fosse um estranho, ela se viu estranhamente compelida a obedecê-lo.

— Agora, incline-se para trás.

— O que?





Ele não esperou que ela o obedecesse. Agarrando seus braços com as mãos firmes, ele a puxou de volta contra seu peito e envolveu seus braços ao redor dela, pressionando suas pernas mais perto das dela. Instantaneamente, ela foi envolvida em um calor fumegante. Sua temperatura estava elevada, por conta do exercício do combate. Ela fechou os olhos, incapaz de reter o leve som de prazer ao encontrar o calor de seu corpo.

— Melhor? — Seu sussurro rouco ecoou no ouvido dela.

Ela endureceu. Ele a apertou suavemente, com um braço envolvendo sua cintura e o outro sobre seu peito, onde sua mão agarrava seu ombro oposto.

— Relaxe. Não tenha medo de mim. Estou apenas tentando aquecê-la.

— Eu não tenho medo de você. — ela retrucou, embora o sua voz soasse alta e tensa.

Ele riu, seu peito largo retumbando contra as costas dela.

— Você é bem desafiadora, não é?

Ela não respondeu.

— Por que estamos parando tão cedo? Tão perto de Briar Rose?

— Eles vão ficar se debatendo por horas, tentando se reorganizar. Nós matamos todos os oficiais no comando. Essa é a desvantagem dos Legionários. Eles são uma máquina bem disciplinada, o que significa que os soldados estão completamente perdidos, sem que alguém lhes dê ordens.

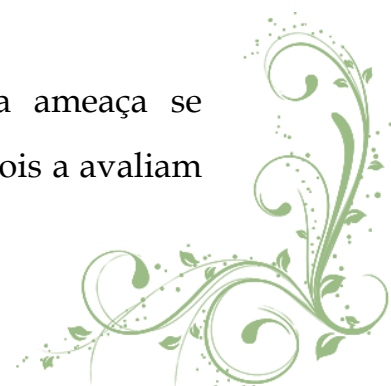
Ele estava certo.

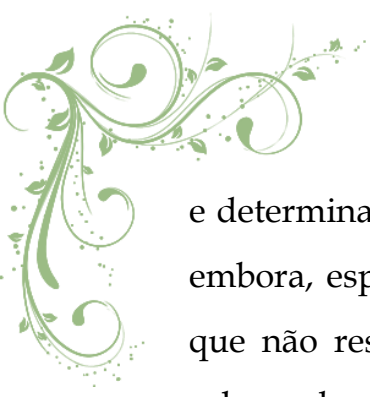
— Como você sabe que matou todos os oficiais?

— Eles usam suas bonitas barras na lapela.

— Sim, mas como você sabe que conseguiu matar a *todos*? — Seu queixo parou de tremer, mas seu corpo continuou tremendo.

— É o Modus Operandis dos Legionários. Quando uma ameaça se apresenta, os oficiais comandantes atendem a ameaça primeiro, depois a avaliam





e determinam a melhor estratégia para eliminá-la. Depois que Dmitri levou você embora, esperamos para ter certeza de que havíamos cuidado dos oficiais, para que não restasse ninguém no comando. Para os Legionários, é como cortar a cabeça da cobra. O corpo se contorcerá inutilmente, tentando encontrar uma direção, sem sucesso.

— Entendi. — disse ela, batendo os dentes.

— Você precisa se alimentar e descansar antes de seguirmos em frente. Meu sangue será suficiente para regular a temperatura do seu corpo e lhe dar força até a próxima parada, onde conseguiremos um bleeder humano para alimentá-la de verdade.

Seu lembrete chamou sua atenção para a garganta ressecada e a agitação agonizante em sua barriga. Soltando-a, ele enrolou uma das mangas até o antebraço. Quando ela percebeu que ele planejava alimentá-la diretamente de seu braço, seu pulso acelerou bruscamente.

— E-eu não me alimento desse jeito.

— O que você quer dizer? — Ele terminou de enrolar a manga, mostrando um antebraço bem musculoso, uma veia grossa proeminente. Sua boca se encheu d'água.

— Eu não me alimento do sangue diretamente da carne. — Ela fechou os olhos com força, seu calor e cheiro inebriante fazendo seus caninos estenderem, engrossando sua boca.

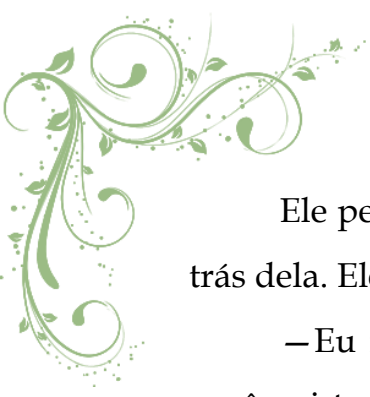
— E existe outro jeito de se alimentar?

— Normalmente eu... quero dizer, eu sempre fiz minha hospedeira encher um copo para mim.

Silêncio.

— Na verdade eu... eu... nunca me alimentei diretamente de um bleeder.





Ele permaneceu imóvel por mais um momento, até finalmente se mexer de trás dela. Ele inclinou o queixo para encará-lo enquanto se inclinava para o lado.

—Eu não vou encher um copo para você, Princesa. Se você quiser viver, você vai ter que beber de mim. É uma prática natural para todos os vampiros. Não importa quão nobre seja sua linhagem.

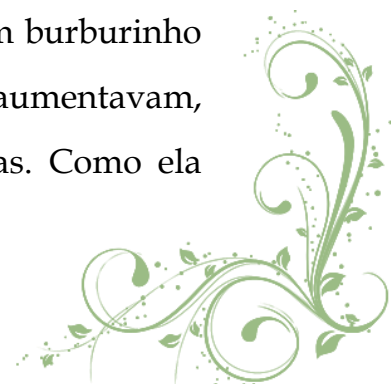
Era um desafio.

Seus olhos sobrenaturais perfuraram os dela, a luz do fogo dançando em suas feições agudas, tornando-o ainda mais sério e duro. Ele esperou pacientemente. Sem se mover. Como um muro firme e masculino, aguardando sua decisão. Ela ficou peculiarmente consciente de que ele era um homem acostumado a dar comandos e tê-los obedecidos. Mas, não foi isso que a fez querer afundar suas presas em seu braço masculino. Foi uma necessidade primária que a despertou para a vida, no segundo em que ela acordou com o gosto do sangue dele na boca. Ela queria provar mais dele.

Ela leu novamente suas feições, notando que suas próprias presas estavam longas e afiadas, além dos lábios entreabertos. Seu olhar deslizou de volta para aqueles olhos penetrantes, vendo a mesma emoção de desejo brilhando de volta para ela.

—Sim. — ela sussurrou. Não porque ela estava insegura, mas porque havia uma intimidade formada entre eles quando ele a despertou com seu beijo de sangue. Ela sussurrou como uma mulher faria para seu amante. — Eu vou beber de você.

Permanecendo parado por apenas um segundo a mais, ele manobrou de volta para a posição em que estava. Com dedos gentis, ela segurou em torno do braço dele e trouxe a parte carnuda de seu antebraço aos lábios. Um burburinho retumbou em sua barriga, enquanto seus sentidos de vampiro aumentavam, sentindo o cheiro quente e doce de sangue enchendo suas narinas. Como ela





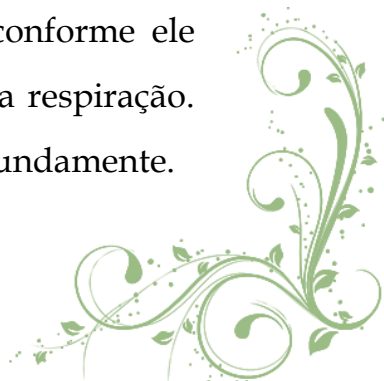
poderia explicar a ele que a ideia de se alimentar diretamente da carne de um bleeder costumava lhe dar repulsa?

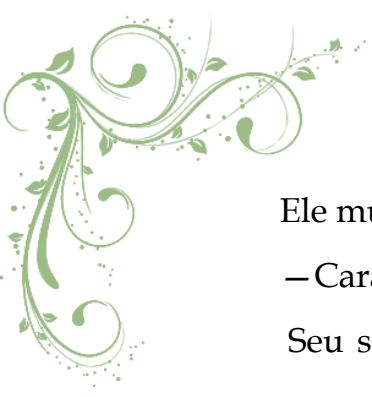
Sua ama de leite disse uma vez que ela nunca se alimentara adequadamente dela. Quando a enfermeira oferecia o braço ou pescoço, ela virava o rosto, se recusando a perfurar a carne com suas presas infantis. Foi sua enfermeira que drenou seu próprio sangue em um copo, pela primeira vez, para que a pequena Princesa pudesse obter a nutrição de que precisava. Desde então, ela sempre se alimentou do mesmo jeito.

Ela nunca permitiu que sua natureza animal chegasse muito perto da superfície. Mas, agora, seus impulsos primordiais tomaram conta de seu corpo sem o seu consentimento. A sensação era nova, maravilhosa e profundamente certa, de algum jeito.

Arrastando o nariz ao longo da pele quente, ela respirou fundo. O cheiro de especiarias, fumaça de madeira e couro encheu suas narinas. Ela teve que abrir a boca para impedir que suas presas penetrassem em sua própria língua. Um ligeiro som de prazer escapou quando ela trancou seus lábios contra seu braço e deslizou seus caninos afiados em sua pele, a sensação era estranha, mas vertiginosamente eufórica. O sangue dele se derramou na boca dela, molhando sua língua e garganta seca, deslizando para todas as partes dela que tinham sede, que ansiavam, que desejavam socorro. O prazer - puro e forte - atravessou seu corpo.

Os músculos dele se contraíram sob a boca dela. Ela cravou as unhas no braço dele, para mantê-lo imóvel, como se um senso predatório se apoderasse de seu corpo, instigando-a a manter sua presa sob controle. Isso a assustou... e a excitou. O braço que estava em volta de sua cintura a apertou, conforme ele baixou a testa para o ombro dela, amaldiçoando fortemente sob sua respiração. Seu gemido masculino a estimulou. Ela gemeu, sugando-o mais profundamente.





Ele murmurou tão baixo que ela poderia muito bem não ter ouvido.

— Caralho... parece que eu morri e fui para o paraíso.

Seu sangue reabasteceu seu corpo rapidamente, ampliando seus sentidos para uma vibração impressionante. A força que ela experimentou quando abriu os olhos não chegava nem perto disso. O sangue dele era como um mel dos deuses, levando-a a um lugar de êxtase. O calor dele - corpo e sangue - a envolveu em um abraço sensual, fazendo-a querer ainda mais. O pensamento repentino de como seria sentir ele em cima dela - dentro dela - a trouxe de volta ao aqui e agora.

Ela interrompeu a mordida, o sangue vermelho ainda escorrendo pelo antebraço dele, algumas gotas caindo em seu próprio colo. Ela rapidamente lambeu sua ferida; o componente de cura em sua saliva a selaria.

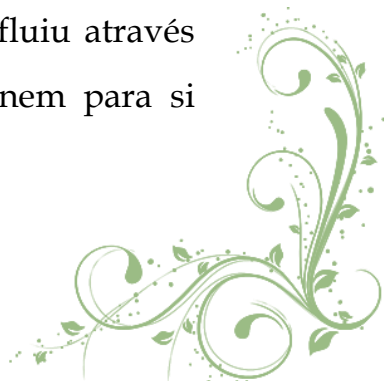
Ele afastou o braço com um puxão firme. Ela o soltou. Ele se pôs de pé, de costas para ela enquanto rapidamente rolava a manga de volta e abotoava o punho.

— Eu sinto muito. — ela sussurrou. — Eu bebi demais? Eu te machuquei?

Ele zombou, ainda de costas.

— Não, Princesa. Você não me machucou. — Com um olhar feroz por cima do ombro, seu olhar percorreu seu rosto, sua garganta e fixou em sua boca. — Descanse um pouco. Nós partiremos em breve.

Ele saiu, em direção a escuridão da noite. Ela apenas olhou, imaginando se ele também sentiu o desejo aumentado enquanto ela bebia dele. Mais uma vez, ela pensou que essa mudança súbita deveria provocar algum desconforto ou medo. Mas, não aconteceu. Em vez disso, uma onda de confiança fluiu através dela. Uma sensação de retidão, que ela não conseguia explicar, nem para si mesma.





Logo, a atração hipnótica da saciedade e o calor do fogo em sua pele a deixaram sonolenta. Ela tentou lutar contra essa sensação, encarando as chamas crepitantes, mas não conseguiu e se deitou de lado, apoiando as mãos sob a bochecha.

Então, essa era a sensação. Agora ela sabia e entendida, em um nível primitivo, por que tantos vampiros perdiam sua humanidade e cediam à fera interior, bebendo até secar o corpo de um bleeder. Não que ela acreditasse que poderia fazer uma coisa dessas mas, alguém sem consciência e com menos força de vontade, poderia ser facilmente atraído para cometer tal crime. Apenas para experimentar esse prazer.

Ela tocou as pontas dos dedos nos lábios, saboreando a força do corpo de seu sangue viril. *Que maravilha.* Será que era o fato de ela ter extraído o sangue diretamente da fonte? Ou era apenas ele? A resposta girou em sua mente e se misturou com a sensação inebriante que despejou poder em todas as artérias de seu corpo. Seu senso empático sentiu o resíduo trêmulo de desejo fluindo no sangue que estava em suas veias, momentos antes. Ela não tinha certeza de onde este caminho a levaria, trazendo-a de volta para o Black Lily. Mas ela sabia, com certeza, que seu destino estava agora inexplicavelmente ligado ao vampiro chamado Mikhail.





Capítulo Três

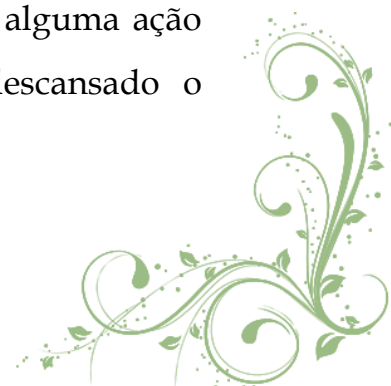
Fazia mais de duas horas desde que a Princesa o tinha mordido e bebido seu sangue. Ele tinha dispensado Gavril e tomado seu lugar no quarto de hora da vigia, precisando do ar frio da noite para acalmá-lo. Mesmo assim, ele ainda não tinha conseguido extinguir a febre que tomou conta de seu corpo quando ela derramou o elixir em suas veias. Um soco de adrenalina erótica o deixou sem fôlego, em seguida, disparou direto para seu pênis. Levou toda a força de vontade que ele tinha para ficar parado e não possuí-la bem ali, no chão frio da caverna.

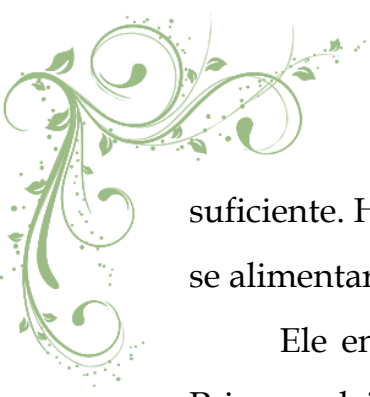
Ele teve sua resposta sobre ela conseguir sobreviver ao sono sem sangue com a mente intacta. Sem nenhum toque ou sinal de insanidade. Muito pelo contrário. Ela parecia tão lúcida como se estivesse cochilando por uma tarde. Era incrível que essa mulher tenha suportado um sono profundo e sombrio, despertando com uma centelha vibrante de fogo em seus olhos. Esta não era a regra para aqueles que foram amaldiçoados com essa prática. Claro, ela era da realeza. Uma Princesa real sinistramente sensual.

Perigoso. Isso era perigoso. Ele precisava protegê-la se quisesse vingar sua família pelo que a Rainha do mal havia desencadeado. Mas, agora, ele não tinha certeza se poderia estar em sua presença sem a necessidade de sentir suas lindas presas em sua carne, sem querer colocar as suas próprias na dela. Sem se colocar dentro dela.

—Chega. — ele retrucou a si mesmo, virando-se na direção da caverna.

Desacostumado a se sentir fora de controle, ele precisava de alguma ação para desalojar essa margem de inquietação. Eles já haviam descansado o





suficiente. Hora de passar para o próximo ponto de parada, onde todos poderiam se alimentar e descansar, para o último trecho da jornada até a Floresta Silvane.

Ele entrou na caverna, seu intestino apertando ao ver a doce silhueta da Princesa deitada de lado, as brasas alaranjadas brilhando em sua pele impecável. Forçando o olhar para longe dela, ele procurou seus homens. Ele encontrou Dmitri primeiro, dormindo sentado, algo que eles já tinham feito muitas outras vezes. Ele sacudiu o ombro dele.

— Irmão, hora de ir.

Os olhos de Dmitri se abriram, alertas como sempre. Os sentidos de vampiro de seu irmão eram notavelmente aguçados. Os outros se agitaram ao som do movimento. Ele retornou a Vilhelmina, ainda dormindo, uma beleza de cabelos dourados, uma tentação inocente, da qual ele precisava manter distância. E ainda assim, aqui estava ele, levantando-a em seus braços para levá-la até o próximo ponto de parada.

— Você vai carregá-la, capitão? — perguntou Gregoravich, o vampiro fisicamente mais forte dos cinco.

Superando o desejo de rosnar sua resposta, ele limpou a garganta e respondeu suavemente.

— Sim. Vamos nos mexer.

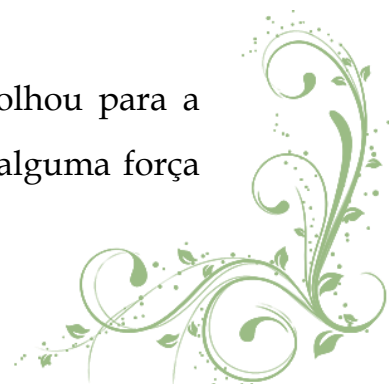
Ela se mexeu em seus braços quando saíram da entrada.

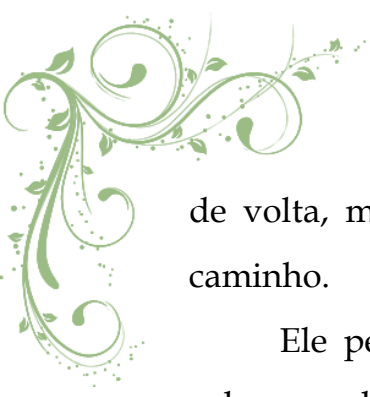
— O que...

Um manto de luz cinzenta se erguia no Leste. Eles sentiram o cheiro da tempestade que se aproximava cima deles.

— É melhor nos movermos rapidamente. — disse Aleksei, erguendo o nariz ao vento.

— De acordo. Vá em frente, Aleksei. — Mikhail finalmente olhou para a Princesa, que estava de olhos arregalados. — Eu sei que você tem alguma força





de volta, mas vai ser melhor se eu te carregar. Além disso, você não sabe o caminho.

Ele pensou que ela iria protestar, mas ela não o fez. Em vez disso, ela colocou os braços em volta do pescoço dele e enfiou a cabeça na curva do ombro dele. Ele sabia que era por razões práticas, para se segurar e evitar ferir o pescoço contra a força do vento, mas uma emoção crua inchava em seu peito, uma emoção desconhecida e indefinível, que o agarrou com força. Ele poderia até chamar esse sentimento de possessividade, mas isso seria tolice.

Ele correu atrás dos outros, movendo-se através da neblina cinza, deixando seus instintos guiarem seus pés rápidos, e se castigando por querer algo – *alguém* - ele não poderia ter.

Tolo, de fato. O juramento de sangue que ele fez como Capitão da Guarda de Sangue apagou seus desejos friamente. Ele recitou as palavras em sua cabeça, para afastar a atração da mulher que ele segurava em seus braços. A promessa de sacrificar o casamento e a família pelo bem da Guarda e de seus irmãos de armas.

Ele não poderia - não se permitiria - se apegar em nada, além do dever e do serviço.

Mesmo assim, o beijo de sangue ainda o assombrava, seus lábios contra os dela, sua língua acariciando a dele por dentro. Pior ainda, ela se alimentando dele. *Putá que pariu*. Quando ela afundou as presas em sua carne, ele quase perdeu a cabeça com a necessidade primitiva de tomá-la. Essa beleza de pele clara e cabelos dourados, que parecia ter sido moldada, criada e conjecturada pelas estrelas, especialmente para ele.

Ele acelerou mais, desejando esvaziar seus pensamentos e se concentrando na tarefa que tinha em mãos. Levar a Princesa para a segurança da Floresta de Silvane e do Black Lily.





Eles desceram das Montanhas de Novak e atravessaram as vastas planícies a nordeste, contornando as aldeias. Depois de algumas horas, eles diminuíram a velocidade e mergulharam em um vale aberto, com vastos campos e bosques esparsos. As árvores estavam nuas agora, no auge do inverno. As nuvens pesadas e carregadas prometem uma nevasca em algum momento hoje. Saindo das profundidades do lado Sul, as temperaturas caíram subitamente.

Aleksei os conduziu a uma estrada asfaltada, ladeada de altos carvalhos com os galhos grossos, se estendendo como braços, acolhendo-os em casa. Nenhum deles esteve em casa desde antes de Mikhail ter procurado preencher a posição da guarda pessoal de Friedrich Volya, o Duque de Winter Hill. Esse plano funcionara exatamente como Mikhail esperava, formando uma aliança com o único nobre real, além do príncipe Marius, que trabalhava secretamente com o Black Lily, contra a Rainha Morgrid e seu filho, o Rei Dominik.

Eles desaceleraram para uma caminhada enquanto a estrada pavimentada se alargava em um alto portão de ferro forjado.

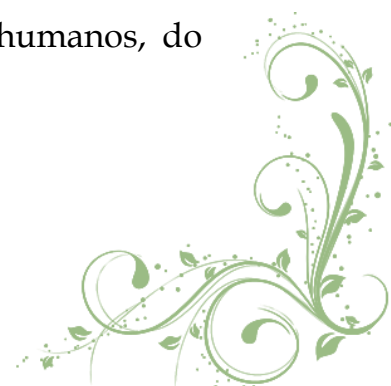
— Você pode me colocar no chão agora. — disse a Princesa, tirando Mikhail de seus pensamentos.

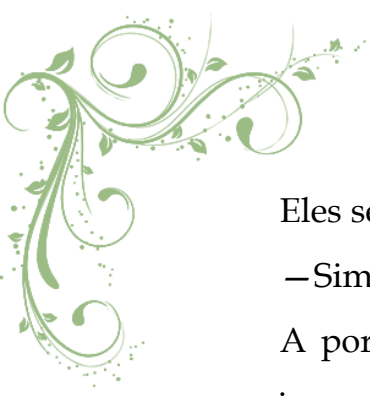
Ele esqueceu que a estava segurando.

— Claro.

Ele a colocou de pé. Ele teria que encontrar um traje mais quente pra ela, antes de se aventurarem na Floresta de Silvane. O inverno havia chegado ainda mais frio ao redor de Varis do que o habitual, como se a Rainha controlasse o clima com suas intenções perversas e sua magia negra. As neves pesadas dificultavam a montagem de seus exércitos e o treinamento. O frio profundo não fazia diferença nenhuma para vampiros saudáveis. Mas para os humanos, do qual a vasta maioria de seu exército era composta, isso aconteceu.

— Esta é a sua casa, Aleksei?





Eles se aproximaram da mansão de três andares.

—Sim, Sua Majestade. Bem-vinda ao Wentworth Hall.

A porta gigantesca se abriu. Uma adorável moça de cabelos louros, uma vampira com as feições distintas de Aleksei, desceu os degraus do pórtico e correu para seus braços. Aleksei riu ruidosamente e a girou ao redor, suas saias abanando largamente. Mikhail não pôde deixar de sorrir.

—Calma, Irena. — Ele a colocou de pé. — Você vai me enforcar.

—Droga, Alek. — Ela socou o ombro dele com a palma da mão de brincadeira. —Seis meses? Foi um tempo longo demais.

—O que? A companhia da mamãe não é boa o suficiente?

—Mamãe é adorável. Mas você sabe que ela não tem senso de humor. E o inverno manteve todas as visitas longe. Estou extremamente entediada.

Ele riu novamente.

—Vem, então. Conheça meus amigos.

—Amigos?— Ela arqueou uma sobrancelha. —Você quer dizer seus companheiros assassinos, não é?

Ele sorriu carinhosamente para ela, mas não respondeu. Aparentemente, a irmã de Aleksei sabia mais sobre a Guarda de Sangue do que a maioria.

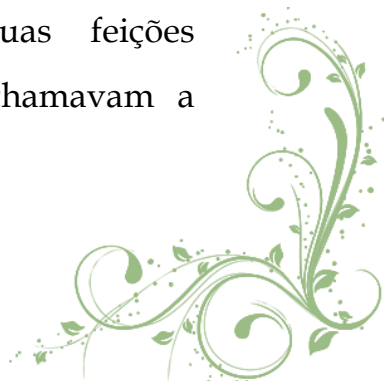
Ela pegou o braço quando ele ofereceu, então ele a levou para onde o resto da festa estava acontecendo, do outro lado.

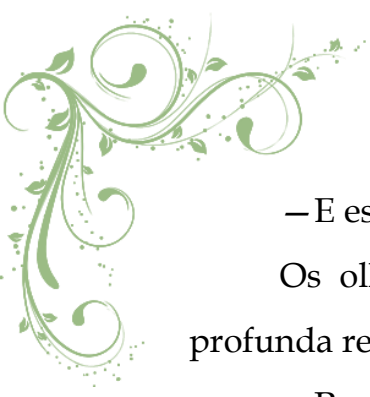
—Apresento a vocês minha irmã, senhorita Irena Lukov.

A irmã dele fez uma reverência em saudação.

—Irena, este é Gregoravich, Dmitri, Gavril e meu capitão, Mikhail.

Ela arregalou os olhos quando o viu, uma reação comum das mulheres que ele conheceu recentemente. Ele estava ciente de que suas feições extraordinariamente nítidas e seus olhos de cores peculiares chamavam a atenção.





—E esta é a Sua Alteza, Vilhelmina Dragomir, Princesa de Arkadia.

Os olhos frios de Irena se arregalaram ainda mais. Ela caiu para uma profunda reverência, quase no chão.

—Perdoe-me, Alteza. Eu não sabia, eu não teria me comportado assim... — Ela lançou um olhar mordaz para Aleksei, que apenas sorriu.

Vilhelmina deu um passo à frente e segurou as mãos dela.

—Por favor, fique de pé. Não há necessidade de se preocupar. Imagino que você não tenha sido avisada de que estávamos chegando.

—Não, Sua Alteza. — Ela se levantou, lançando outro olhar mortal para seu irmão. — Nós não tivemos nenhum aviso, então, eu imploro seu perdão.

Aleksei a interrompeu.

— Irena, talvez possamos acomodar a Princesa lá dentro. Ela passou por uma provação muito grande.

Irena finalmente viu a camisola de Mina e o manto de veludo.

— Sim. Por favor, venha para dentro. Mamãe ficará ansiosa para conhecer todos vocês.

Aleksei abriu o caminho, passando pela porta, onde estava um mordomo, rígido e não afetado pela surpresa dos visitantes.

— Olá, Marshall.

—Lorde Lukov. É um prazer vê-lo novamente. — Embora as feições severas do mordomo não mostrassem prazer de nenhum tipo.

—Pra mim também.

—Mamãe deve estar em sua sala de visitas — disse Irena, avançando a passos largos e rápidos.

—Bastante animada, sua irmã. — disse Dmitri.

Aleksei olhou para trás, seu sorriso desaparecendo de uma vez.

—Dmitri, pare de olhar para a minha irmã desse jeito.





—Ou o que? — ele perguntou, ainda observando Irena mais adiante.

—Ou vou socar a sua cara.

—Ela é uma menina muito linda.

—Sim. — retrucou Aleksei. — Menina, não uma mulher.

—Hmph. — Gregoravich coçou a barba grisalha. — Ela deve ter pelo menos vinte anos.

A fúria de Aleksei se voltou para o seu outro companheiro.

— *Vinte e um*. E isso é pouco mais que uma menina, em anos de vampiros.

Vilhelmina baixou a cabeça, escondendo o sorriso.

Aleksei resmungou quando eles entraram em uma sala de estar de teto alto, envolta em tons de azul, branco e cinza. Irena já havia chamado a mãe, que os esperava de pé. Ela era uma vampira madura, talvez trezentos anos de idade, e suas feições denotavam uma linda mulher, que expressava sabedoria em seus olhos oniscientes – de um azul cristalino – do mesmo tom que os de Aleksei e Irena, que se fixaram primeiramente em seu filho.

Ela abriu os braços.

—Meu filho.

Ele a abraçou calorosamente.

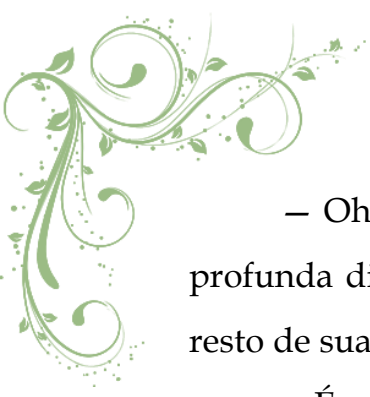
—Mãe.

—Eu senti tanto a sua falta. — Ela se afastou para olhar seu rosto, com os olhos brilhando de amor e adoração. Ela segurou sua bochecha como ela poderia ter feito quando ele era um menino. Aleksei não se afastou, mas deixou que ela olhasse. — Agora, — Ela se virou para o resto — quem você trouxe com você?

—Esta é minha mãe, Lady Galena Lukov.

Ela passou seu olhar através deles, em seguida, engasgou quando avistou Vilhelmina.





— Oh, querida criança. — Dando um passo à frente, ela fez uma reverência profunda diante da Princesa. — Eu ouvi dizer que você estava... — Ela parou o resto de sua sentença e olhou para seu filho. — Vocês a trouxeram de Briar Rose?

— É melhor que você saiba o mínimo possível, mãe. Se eu pudesse ter impedido você de conhecê-la, eu teria. Mas nós tivemos que parar aqui para descansar e nos alimentarmos, antes de seguir em frente.

Ela olhou para a Princesa com um sorriso nostálgico. Então ele bateu nele. Um flash de memória, que não era dele, mas da mulher na frente dele...

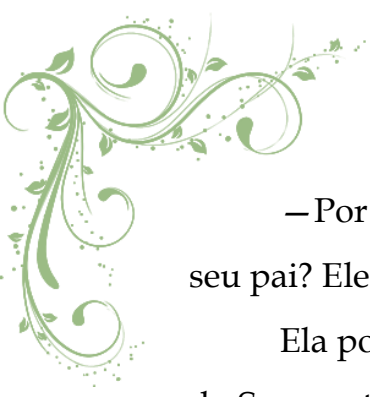
Ela estava em um grande salão, cheio de membros da realeza e nobres ao redor do trono de um Rei, que Mikhail não reconheceu. Um bebê no berço - doce e amável. A Rainha Morgrid vestida de preto saía do salão, com as pessoas se afastando do caminho dela, como se ela fosse uma praga. Uma mulher envolta em branco se inclinou sobre o berço, arrulhando palavras gentis para a criança. Insondáveis olhos azuis profundos olhavam para cima, olhos de bebê, inocentes e redondos. A Princesa.

Mikhail inalou profundamente, voltando ao presente. Seu dom de vampiro - uma intuição intensificada sobre outras pessoas, muitas vezes acompanhada de flashes de suas memórias - parecia sempre atormentá-lo por um momento. Dmitri franziu a testa para ele, reconhecendo quando ele tinha uma visão. Os flashbacks ocorriam esporadicamente e somente quando alguém exalava uma emoção poderosa perto dele.

— Filho, você vai invocar a ira da Rainha Morgrid. — suplicou Lady Galena.

— Sim. — Aleksei apertou as mãos dela. — Nós sabemos. — ele respondeu com confiança.





—Por quê? — Sua voz falhou em desespero. — Você está fazendo isso pelo seu pai? Ele está morto, Aleksei. Nada o trará de volta.

Ela poderia muito bem estar falando com o próprio Mikhail. Toda a Guarda de Sangue tinha contas para acertar com a Coroa. *Vingança*. Sangue por sangue. Morte pela morte. E alguns guardas Legionários da Briar Rose não pagariam essa dívida.

A missão de Mikhail corrigiria todos os erros e eliminaria a Rainha - o coração do mal através da terra - para sempre. Ele não a colocaria em um sono sem sangue. *Não*. Isso seria gentil demais. Seu olhar deslizou para a Princesa - de pé, quieta, recatada e perfeitamente equilibrada. A calma dela aliviou a raiva que se acumulou dentro dele ao pensar na Rainha.

Aleksei abraçou a mãe quando ela começou a chorar. Irena rapidamente se aproximou da Princesa.

—Venha, Alteza. Eu vou encontrar um lugar para você descansar. Senhores, se vocês também puderem me acompanhar.

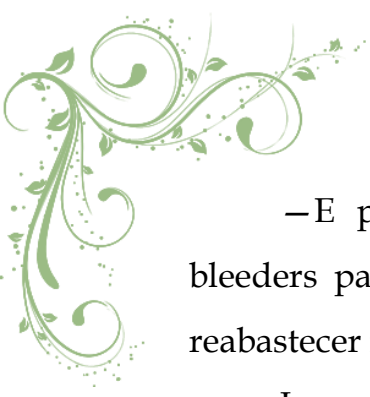
Eles rapidamente foram atrás dela, ansiosos para dar a Aleksei algum tempo a sós com sua mãe. Mikhail seguiu a Princesa, precisando de sua proximidade para mantê-lo calmo. Ele franziu a testa com essa sensação.

—Sua Alteza, acredito que vestimos os mesmos tamanhos de roupas. Se você não se importar em usar um dos meus vestidos, embora eu duvide que eles sejam tão bonitos quanto os seus, eu ficaria feliz em lhe emprestar um.

—Isso seria adorável. — Vilhelmina sorriu para Irena, sua genuína apreciação brilhando em seu rosto honesto. — Você é muito gentil.

Era assim que ela era. Em cada movimento que ela fazia, em cada palavra que ela dizia, ela era extremamente honesta. Além de sua beleza, sua pura franqueza o atraía cada vez mais.





—E poderíamos incomodá-la um pouco mais, sobre encontrar alguns bleeders para nós? — perguntou Dmitri. — Nós pagaremos bem. Precisamos reabastecer nossa força.

Irena olhou para o irmão de Mikhail, mais tímida do que antes, quando o conheceu pela primeira vez. Dmitri não era tão encantador quanto Aleksei, mas seu ar confiante era, sem dúvida, atraente para as mulheres.

—Sim. — Ela limpou a garganta, piscando os olhos mais do que o necessário. — Temos vários criados que, tenho certeza, ficariam felizes em atendê-los. Se vocês puderem esperar no escritório do meu irmão, por aquela porta, enviarei Marshall em alguns instantes para encontrar bleeders para cada um de vocês.

Irena começou a subir as escadas. Mina foi atrás dela.

Antes de Mikhail seguir os outros pela porta do escritório, ele pegou a Princesa olhando por cima do ombro para ele, com uma ruga entre as sobrancelhas.

—Princesa, eu vou trazer um copo para você. — Ele não conseguiu evitar de deixar um sorriso escapar. — Se esse for o seu desejo.

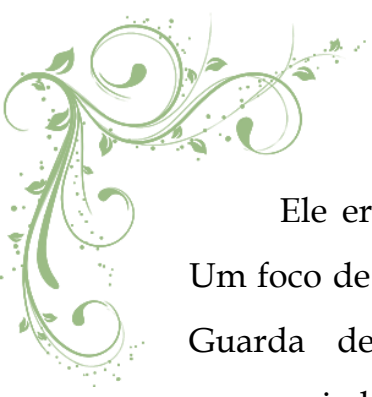
Ela fez uma pausa, apoiando sua mão delicada no corrimão da escada.

— Isso seria adorável. — Ela sorriu, arqueando a sobrancelha. — Embora eu realmente preferisse me alimentar do mesmo jeito que fiz da última vez.

Seu olhar percorreu os lábios dele até a garganta e depois para o braço do qual ela havia se alimentado. Seu desejo cru canalizado direto para seu pênis, endurecendo-o como pedra. Os seus olhos azuis da cor do mar brilharam, e seu sorriso secreto parecia dizer que ela sabia exatamente o que tinha feito com ele, quando subiu a escada.

Ela não tinha ideia.





Ele era um homem controlado, poderoso e com muita força de vontade. Um foco de aço guiou todos os seus movimentos, permitindo que ele liderasse a Guarda de Sangue, transformando-os nos mercenários mais temidos e reverenciados em toda a terra de Varis. A única razão pela qual ele manteve tal controle sobre a guarda crescente, foi sua decisão de guardar o juramento de sangue que os separava dos outros. Claro, um mercenário da guarda poderia foder tantas mulheres quanto quisesse. Mas o apego era contra suas leis, uma regra essencial que impedia os homens de dividir sua lealdade entre a família e a Guarda. Não que ele visasse casar com uma Princesa. Ela provavelmente teria dezenas de pretendentes, uma vez que ela finalmente tomasse seu lugar de direito em Arkadia. E ele não seria um deles. Ainda assim, ele observou o balanço tentador de seus quadris, até que ela chegou ao topo da escada e sumiu de vista. Então, ele foi em busca de um bleeder.





Capítulo Quatro

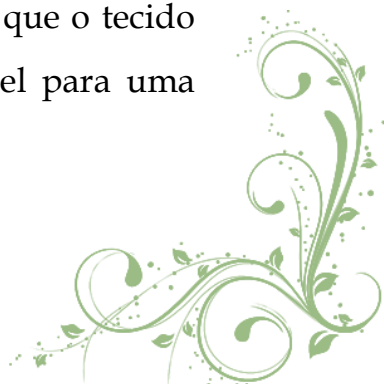
Mina observou o vapor subir de seus braços, cobrindo a borda da banheira. Um banho quente nunca pareceu tão glorioso, as pétalas de jasmim e o sabão com aroma de limão enchendo seu quarto de um calor aromático. O fogo crepitava ao fundo, enchendo-a de contentamento. Embora ainda fraca, ela nunca se sentiu tão bem. Tão viva.

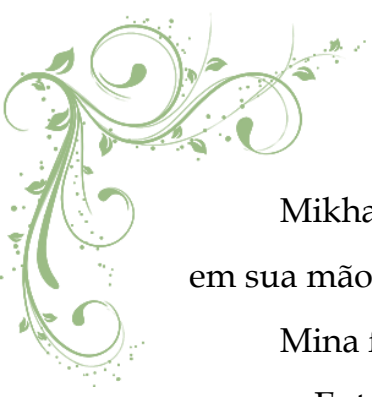
No segundo em que ela abriu os olhos na torre, uma sensação de urgência, de necessidade, passou por seu corpo, através de sua mente. Até o coração dela. O beijo do capitão - *o sangue dele* - queimou através de suas veias, sacudindo seus impulsos mais primitivos. Era como se a essência do capitão a tivesse mudado. Não, mudado não. *Despertado*. Agora seus olhos estavam bem abertos e ela desejava soltar o vampiro que ela manteve contido toda a sua vida, por trás de uma máscara de nobreza e etiqueta apropriada.

Pela morte de Kathleen e por sua própria prisão injusta, ela ansiava por vingança contra a Rainha Morgrid. Aparentemente, o filho da Rainha, o Rei Dominik, se juntou a ela, pois eram seus homens que a guardavam em Briar Rose, enquanto ela permanecia indefesa em um sono sem sangue.

— Malditos, todos eles. — Ela ficou em pé, a água escorrendo pelos seios, torso e pernas.

Uma batida soou na porta. Mina congelou, inalando o aroma tentador de couro e especiarias. Um arrepio diferente atravessou seu peito. Pisando fora da banheira, ela se secou rapidamente com uma toalha e correu para o roupão fino e transparente que Irena havia deixado para ela. Sabendo muito bem que o tecido se moldaria à sua forma úmida, revelando mais do que o aceitável para uma dama nobre, ela caminhou até a porta e a abriu.





Mikhail levantou a cabeça e congelou, quase derrubando a taça de sangue em sua mão.

Mina fingiu não ver sua reação, abrindo a porta.

— Entre, capitão.

Ele permaneceu no lugar, seu rosto sério ficando ainda mais rabugento, enquanto ele parecia refletir se era seguro entrar na armadilha que era aquele lugar. Ela sorriu inocentemente e esperou. Finalmente, ele deu passos pesados para dentro do quarto, olhando para a banheira, as pétalas de jasmim ainda flutuando na superfície da água.

— Eu trouxe o que te prometi. — Sua voz estava áspera e arrastada, como se as palavras estivessem presas em sua garganta.

— Obrigada. Você pode colocá-la ali. — Ela acenou para o aparador enquanto caminhava para a penteadeira.

— Você precisa beber, Sua Alteza.

— Claro. Só um momento.

Ela se ocupou em soltar o cabelo, que estava trançado e úmido. Enquanto ela penteava o cabelo em longas ondas, ela o observou no espelho, onde ele estava de braços cruzados, de frente para a janela enquanto o sol ia embora.

— Por que os Legionários do Rei Dominik estavam me protegendo?

O olhar dele encontrou o dela no reflexo do espelho. Limpando a garganta, ele finalmente respondeu.

— O Rei Dominik tem interesse em mantê-la aprisionada.

Largando o pente, ela se levantou e o encarou.

— Que interesse seria esse?

Seu rosto tempestuoso escureceu ainda mais.

— Há não menos de quinze dias, no baile de Izeling, foi anunciado que você se casará com ele.





Mina estremeceu, o horror de tal coisa acelerando seu coração em um galope.

— Eu nunca concordaria em me casar com ele. — Ela balançou a cabeça, o cabelo solto deslizando sobre os ombros e seios. — Como ele poderia fazer tal anúncio sem o meu consentimento?

Ele levantou a taça e caminhou em direção a ela.

— Ele não se importa com o seu consentimento. — Seu tom baixo caiu como uma carícia áspera contra sua pele. — Ele se casaria com você à força e depois tomaria os exércitos de Arkadia para ele. — Sua mandíbula apertou tão forte que ela ouviu um estalo. — Não tenha medo. Isso nunca vai acontecer. Eu não vou permitir. Eu vou te proteger com a minha vida. — Ele entregou a taça a ela.

Ela pegou e olhou para o sangue morno, seu estômago se contorcendo de náusea. Ela riu.

— O que foi?

— Eu sempre me alimentei desse jeito. Em uma taça. Indiretamente. Mas agora...

— Mas agora? — Ele não se moveu, mas sua voz parecia mais pessoal, mais íntima.

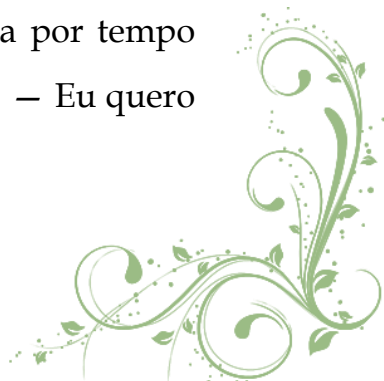
Ela olhou para ele.

— Mas agora... eu quero beber de você.

Ele congelou, firmando a boca em uma linha fina e sombria.

— Você precisa de sustento humano. Para recuperar sua força.

— Mas não é isso que eu quero. — Ela havia deixado seus próprios desejos de lado toda a sua vida, se escondendo de sua verdadeira natureza por tempo demais. Ela colocou a taça de volta no aparador e se aproximou dele. — Eu quero me alimentar de você.





— Isso não é uma boa ideia.

— Por que não? Você achou que era uma boa ideia na caverna.

— Isso porque não havia outra alternativa.

Ela se aproximou. Ele ficou paralisado, enrijecendo seus ombros e peito.

— Vamos negociar.

Um sorriso divertido suavizou as linhas ao redor da boca dele.

— Negociar?

— Eu vou beber o sangue humano. Mas só depois que você me deixar beber do seu.

O cheiro quente e inebriante dele agitou seu desejo a um nível febril. Seu peito subiu e desceu em um ritmo acelerado, suas presas se alongaram com o pensamento de afundá-las nele. Como um animal enjaulado, parecia que ele estava prestes a sair correndo do quarto.

Colocando uma mão no braço dele, ela implorou.

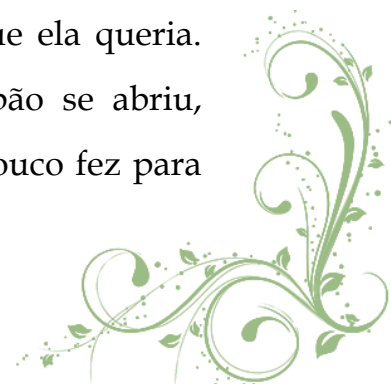
— Por favor, capitão. Eu *preciso* disso.

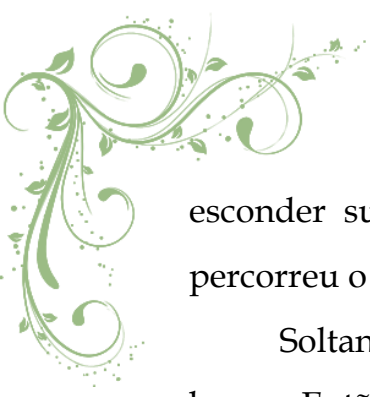
Ela falou a verdade. A necessidade ardente a estava deixando incapacitada de fome. Não por uma taça de sangue, mas pelo fluido quente e pulsante, direto deste recipiente vivo de poder masculino. Ela queria isso. Ela o queria. Ela tinha sido uma *boa princesinha* complacente a vida toda. Agora, ela queria ter exatamente o que desejava. E ela não tinha mais medo de dizer isso.

— Capitão?

— Deite na cama. — Seu comando foi direto e dominante.

Mina ofegou, surpreendentemente grata. Se ela não estivesse tão consumida por seu doloroso desejo, ela poderia ter ficado envergonhada. Tudo o que ela podia sentir era o alívio por ele estar disposto a dar o que ela queria. Rastejando graciosamente na cama, ela deitou de costas, o roupão se abriu, revelando uma coxa nua. Ela sacudiu o tecido transparente, mas pouco fez para





esconder suas curvas. O capitão viu um pouco de sua pele nua e seu olhar percorreu o corpo dela em uma carícia aquecida.

Soltando o cinto de adagas em seu peito, ele o deixou cair no chão com um baque. Então ele desabotoou o topo de sua camisa e subiu na cama ao lado dela. A visão de sua garganta nua provocou um formigamento, lambendo sua pele e endurecendo seus mamilos. Ela se contorceu, raspando-os contra o tecido de seda.

Colocando um joelho de cada lado dos quadris dela, ele olhou para os seios dela e ela não se importou com o quão inapropriado isso era para uma mulher de sua criação. Ela só sentiu cobiça, desejo... uma necessidade ardente e flamejante. A prova estava na umidade que se acumulava entre as pernas dela.

Ele respirou fundo acima dela.

— Eu vou precisar que você me prometa uma coisa, se fizermos isso.

— Qualquer coisa.

— Não me toque.

Um pedido chocante. Ela franziu a testa.

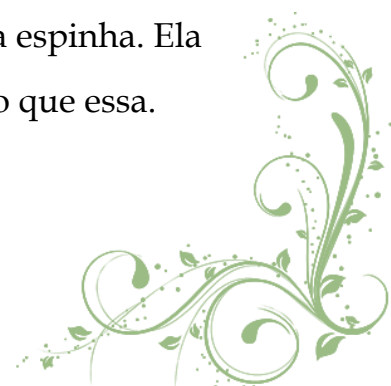
— Por que não?

Ele riu, mas soou mais como um homem com dor. Suavemente, ele agarrou seus pulsos, suas mãos ásperas calejadas arrastando as dela para as ripas de madeira cortadas na cabeceira ornamentada da cama.

— Segure firme.

Ela fez o que ele ordenou e agarrou dois estrados grossos, suas palavras lançando sua fome um grau mais alto. Então ele apoiou as mãos em ambos os lados da cabeça dela e abaixou o corpo, enjaulando-a em uma parede de vampiro, deliciosamente dura. Uma sensação de prazer correu ao longo de sua espinha. Ela tinha certeza de que não poderia sentir nenhuma sensação melhor do que essa.

Mas ela estava errada.





Tão errada.



Putá que pariu, mas que porra!

No que é que ele estava pensando?

Seu batimento cardíaco acelerado e sua óbvia excitação, apenas com o pensamento de se alimentar de alguém, era a reação de um vampiro recém-feito, não de um vampiro nascido. Seus olhos brilhavam como um mar pegando fogo, dilatando de desejo. A visão dela era um afrodisíaco que ameaçava estrangulá-lo com uma luxúria esmagadora.

— Mina, me escute.

Ela lambeu os lábios, focando o olhar na garganta dele.

— Olhe para mim.

Ela olhou.

— Eu vou deixar você beber de mim, mas, dessa vez, direto da minha garganta. Você vai conseguir beber mais sangue do que das veias mais finas do meu braço. — E a tortura de ter as presas dela em sua carne terminaria mais cedo.

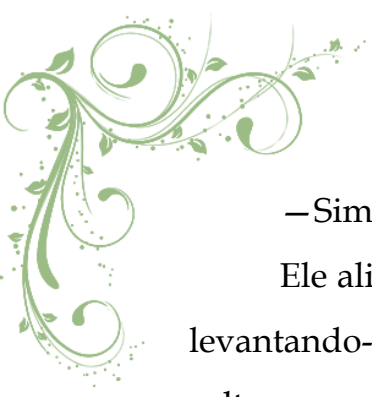
Ela assentiu.

— Sim.

Se ela passasse a língua sobre os lábios rosados mais uma vez, ele ia acabar gozando nas calças.

— É natural sentir uma certa quantidade de prazer durante a alimentação. Apenas, vá devagar. Com calma. Você entendeu?





—Sim.

Ele aliviou o peso em cima dela, segurando-a pela parte de trás da cabeça e levantando-a em direção ao seu pescoço arqueado. Ela lambeu sua pele. Ele soltou uma respiração entre os dentes, suas próprias presas ficando afiadas e doloridas.

—Morda, Mina. — Seu comando grave fez efeito.

Com um gemido doce, ela afundou seus caninos na garganta dele. E o mundo dele se desfez.

Calor líquido fluíu em suas veias, o elixir dela correndo direto para seu pênis. Ela sugou forte, a dor penetrante rolando em êxtase. Seus dedos ficaram brancos onde ela agarrou as ripas da cabeceira da cama, mas manter as mãos longe dele não adiantou nada. Ela arqueou a coluna, pressionando os seios macios contra o peito dele.

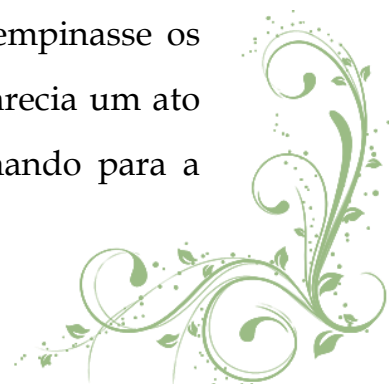
Então ela abriu as pernas, encaixando seu pênis entre elas, o tecido fino de seu robe não fazendo nada para esconder o calor escaldante de seu corpo. O cheiro de sua excitação encheu seus pulmões.

Ela gemeu, ainda chupando forte, e balançou a pélvis para cima, esfregando seu doce corpo ao longo de seu pênis rígido.

—Mina. — ele avisou. — Devagar.

Sua advertência pareceu ter o efeito oposto, porque ela choramingou e começou a se esfregar contra seu pênis mais duro. A parede que ele havia erguido - seu código de moral - estava sendo destruída pela criatura mais docemente sensual que ele já conhecera.

Ela interrompeu a mordida e se afastou da garganta dele, pressionando a cabeça de volta no travesseiro. Esse movimento fez com que ela empinasse os seios e arqueasse o pescoço, expondo sua parte mais vulnerável. Parecia um ato de submissão. Uma tentação que exigia sua súbita atenção, chamando para a





superfície o predador dentro dele, que queria atacar, *tomar*. Ele se imaginou enterrando as presas na garganta dela e o pau dentro dela, marcando-a para sempre como dele.

— *Porra*, pelo amor de Deus.

Ele pressionou as duas mãos no colchão, aproveitando esse breve lapso de lucidez para se afastar dela.

— Não! — Ela soltou a cabeceira da cama e o agarrou pelos ombros, afundando as unhas em sua camisa. — Por favor. — ela sussurrou, com lágrimas em seus olhos. — Eu preciso de você... por favor.

O desespero nos olhos dela quase arrancou seu coração do peito. Ele não podia transar com ela. Ela era virgem, destinada ao marido. *Que nunca seria ele*. Mas ele poderia aliviar seu desejo. Algo lhe dizia que ela nunca fizera isso por si mesma. Para ela mesma.

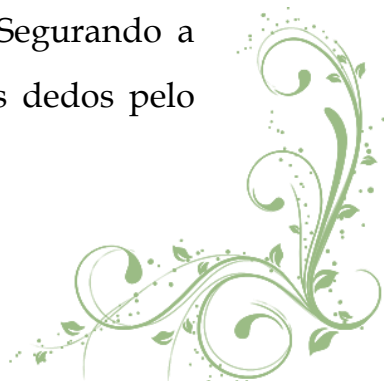
— Por favor. — ela implorou novamente, fechando os olhos enquanto seu corpo tremia de desejo. Ele podia sentir o cheiro, prová-lo em sua língua. Uma lágrima escorregou em seu cabelo.

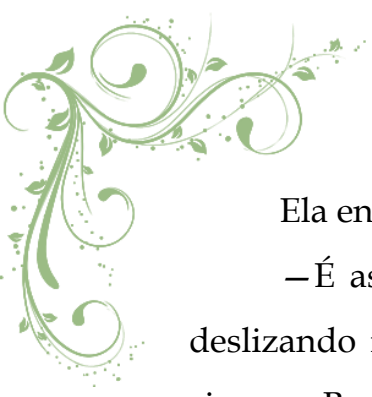
— *Shhh*. Está tudo bem. Eu vou cuidar de você. — Ele tirou uma das mãos dela do ombro, deslocando o peso para o lado dela. — Eu vou te mostrar como... — ele murmurou.

Sua respiração ofegante aumentou quando ele desamarrou o roupão e o abriu na altura do quadril. Segurando na mão dela, ele a levou até a boca dela.

— Abra a boca.

Ela separou seus lábios, seus caninos ainda afiados, sua boca avermelhada de seu sangue. Um pensamento possessivo passou por seu cérebro superaquecido. Ele arrastou dois dedos ao longo da língua dela. Segurando a mão dela com a dele, o indicador e o dedo médio, ele deslizou os dedos pelo corpo dela, até sua boceta escorregadia.





Ela engasgou, sua boca se abriu mais, mantendo seus olhos bem fechados.

—É assim. — Ele guiou os próprios dedos em torno do clitóris inchado, deslizando mais para baixo até a entrada da boceta dela, depois de volta para cima. — Bem assim.

Ela se balançou ao encontro da trilha de seus dedos, seus quadris ondulantes deslocando o topo de seu robe. O bico do seio mais perto dele se soltou. Seu perfeito mamilo rosado estava endurecido, enquanto ela contorcia seu corpo no ritmo que ele tinha definido. Perdendo o foco, seus dedos deslizaram sobre os dela, acariciando sua boceta encharcada. Parecia um paraíso de seda.

Ela gemeu e empurrou seus quadris com mais força. Ele não conseguia tirar os olhos de seu corpo se contorcendo - seu cabelo louro-escuro, peito empinado, garganta pálida e boca aberta em êxtase. Uma tentação que nenhum homem poderia suportar.

Seus dedos tomaram o controle, deslizando para dentro de sua boceta encharcada, pressionando contra seu clitóris inchado. O desejo quente aumentou seu ritmo cardíaco como um foguete, roubando sua respiração.

— Sim. — Ela cerrou os dedos ao redor do pulso dele, instigando-o. — Por favor, mais.

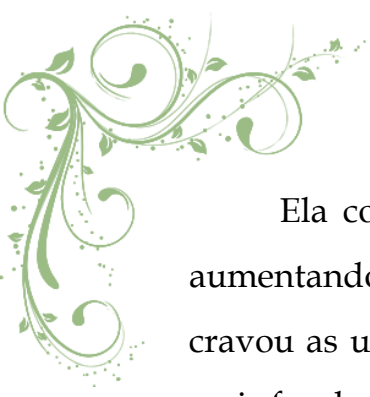
—Só dessa vez, *apenas dessa vez*. — ele murmurou para si mesmo.

Abaixando subitamente a boca sobre o seio exposto dela, ele circulou e lambeu seu mamilo, depois chupou com força, mordiscando-o entre os dentes.

— *Mikhail*. — Ela gritou e enfiou a mão em seu cabelo, pressionando-o mais perto.

Deslizando dois dedos para dentro dela, ele circulou seu clitóris com o polegar e abocanhou o mamilo, provocando-o com a língua, sabendo que ele tinha - com certeza - perdido a porra do controle.





Ela começou a gemer mais alto e seus gritos ofegantes encheram a sala, aumentando cada vez mais, enquanto ela despencava em direção ao orgasmo. Ela cravou as unhas em seu couro cabeludo. Ele empurrou seus dedos mais rápido, mais fundo, enquanto ela rebolava seus belos quadris para encontrá-lo no mesmo ritmo. Pressionando o pênis contra ela, para aliviar sua própria agonia, ele gemeu com o rubor rosa que aquecia seu corpo. Então, ela apertou o punho no cabelo dele.

—Mikhail. — Um longo gemido saiu de sua garganta. Seu sexo apertou e pulsou com o clímax. Ele continuou a lambar suavemente o mamilo inchado, acompanhando seus movimentos, enquanto as ondas de seu orgasmo diminuía.

Quando a respiração dela estabilizou, ele tirou os dedos suavemente e fechou seu roupão. Sua expressão mostrava apenas uma mulher bem satisfeita. Sem arrependimento. Ele estava feliz por isso. Embora ele desejasse poder dizer o mesmo a respeito de si mesmo. Ele cruzou uma linha que não deveria ter cruzado, e a tortura de conhecê-la tão intimamente só o mataria ainda mais lentamente.

Afastando-se da cama, ele pegou o cinto e foi para a porta.

—Capitão.

Ele parou, com a porta entreaberta.

A voz dela saiu em um sussurro.

—Obrigada.

Ele balançou a cabeça sem se virar e saiu, com a certeza de ter saído completamente do caminho que ele havia escolhido para si mesmo.

E, pela primeira vez, ele se sentiu perdido.





Capítulo Cinco

— Sua Alteza, você está tão linda. — Irena suspirou. — Eu devo ter parecido uma bruxa velha nesse vestido, se comparada a você.

Mina riu e se virou, sacudindo a cabeça.

— Altamente duvidoso. Você é adorável, Irena. Posso te pedir um favor?

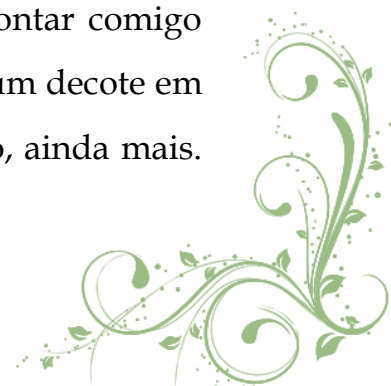
—Qualquer coisa. — Irena sorriu, de pé em um vestido de seda coral, adornado de rendas delicadas na altura do pescoço. Ela realmente era uma linda jovem.

—Você pode, por favor, me chamar de Mina? Eu prefiro renunciar a todas as formalidades. Já faz tanto tempo...

Seus pensamentos vagaram novamente para Kathleen, sua dama de companhia. Ela girou de volta para o espelho, piscando as lágrimas que a pegaram desprevenida. Sua amiga mais querida em todo o mundo fora assassinada diante de seus olhos, por ordem da Rainha. Aquele bastardo, seu guarda-costas mais próximo, Radomir, agarrou Kathleen pelo pescoço, depois cortou a garganta dela, antes mesmo que ela soubesse que estava em perigo. Quando Mina caiu no chão, gemendo de desespero, ele sacudiu as mãos e dois dos Legionários da Rainha arrastaram-na para longe. A última coisa que ela viu foi o sorriso dele, enquanto eles a carregavam.

—Sim, Sua Alte... quero dizer, Mina. Eu ficaria honrada em usar seu primeiro nome. Eu ficaria ainda mais honrada em chamá-la de amiga. Porém, se eu conheço meu irmão, você não ficará aqui por muito tempo.

—Eu duvido mesmo que fiquemos. Mas, você ainda pode contar comigo como sua amiga. — Ela admirou o vestido de cor champanhe, com um decote em forma de coração. Ela apreciava a roupa limpa e as roupas de baixo, ainda mais.





Mina tinha descansado a tarde toda depois do encontro com o capitão, até que a criada de Irena, Therese, veio ajudá-la a se vestir para o jantar. Verdade seja dita, Mina descansou muito pouco. Ela deitou na cama, revivendo a mais gloriosa experiência de sua vida. Enquanto Therese enrolava seu cabelo em tranças intrincadas no alto da cabeça, chamando a atenção para sua garganta esbelta e os ombros delicados, Mina tentou não rir de sua falta de mundanismo. O capitão provavelmente achou que ela era patética por perder o controle tão facilmente. E, ainda assim, ela queria fazer isso de novo. *Com ele*. Ela queria mais, na verdade. Uma sensação estranha para alguém que se manteve trancada por tanto tempo dentro de uma casca de autocontrole.

Ela se virou do espelho e estendeu a mão para Irena.

— Eu não posso te agradecer o suficiente por me fazer sentir tão bem vinda. Por tudo.

— Mas, Sua Alt... — ela parou e mordeu o lábio — Mina, você é a Princesa de Arkadia. A que desejamos que governe o Sul. Não aquele maldito Steward Thorwald. Eu faria qualquer coisa que você pedisse.

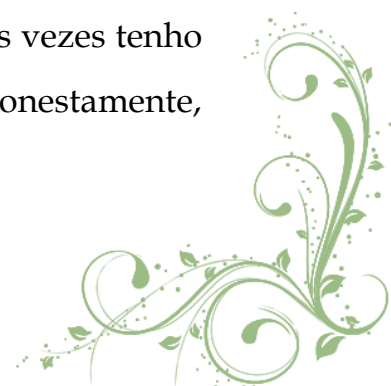
Mina abriu a boca para responder, mas depois a porta se abriu e Therese entrou.

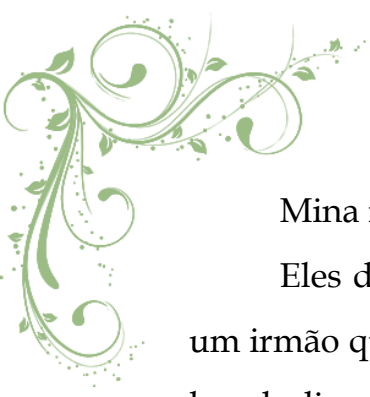
— Perdão, minhas senhoras. Mas os convidados se reuniram no refeitório e estão esperando por vocês.

— Vamos? — perguntou Irena, liderando o caminho.

— Absolutamente. — Therese fechou a porta atrás delas quando entraram no corredor. — Acho fascinante e maravilhoso que sua mãe mantenha a rotina adequada de jantares humanos. Não são muitos vampiros.

— Ah, sim. Mamãe ama comida. Especialmente sobremesas. Às vezes tenho que lembrá-la de se alimentar de seu hospedeiro a cada semana. Honestamente, acho que ela esquece que é uma vampira, às vezes.





Mina riu disso, admirando muito Lady Galena.

Eles desceram a grande escadaria juntas. Irena a contou sobre como era ter um irmão que a encorajasse a fazer todo tipo de coisas impertinentes, como forçá-la a deslizar pelo corrimão de mármore quando era pequena.

—E quando minha criada me pegou, ela me bateu com um interruptor até que eu estivesse toda marcada de hematomas roxos e pretos.

Mina estava rindo alto enquanto entravam no refeitório. Todos os cinco homens ficaram de pé ao mesmo tempo. Mas o olhar de Mina pousou diretamente em um em particular. Mikhail. Seu coração quase parou ao vê-lo. Suas bochechas estavam vermelhas de se alimentar, seu cabelo preto reluzindo à luz de velas, seu olhar sobrenatural fixo nela. Como os outros cavalheiros, ele usava roupas formais. Seu traje preto sobre, outras roupas pretas, se ajustava à perfeição.

—Venha, vossa Alteza. — disse Aleksei, sentado à cabeceira da mesa, já que era o dono da casa. — Por favor, sente-se.

— Vocês todos estão tão...

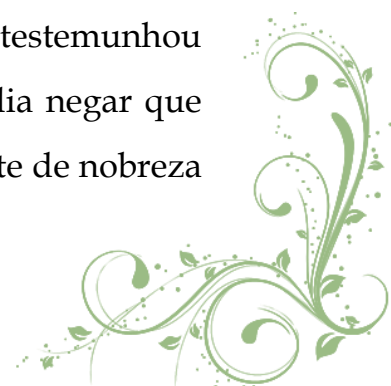
— Sim, nós, Mercenários da Guarda Sangue, não ficamos bem quando nos arrumamos um pouco? — Ele piscou.

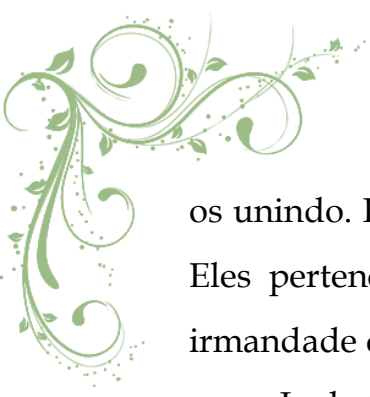
Dmitri sorriu e puxou uma cadeira ao seu lado.

— Por favor, sente-se, Lady Irena. — Gavril estava do outro lado dela. Aleksei lançou um olhar severo para Dmitri, mas o homem apenas sorriu amistosamente.

Mina quebrou seu estupor e se dirigiu para o lado de Aleksei, para a cadeira vazia em frente a Mikhail.

Ela examinou esses cinco homens da Guarda de Sangue. Ela testemunhou em primeira mão o uso de força letal que eles tinham. Ela não podia negar que eles eram assassinos eficientes, mas por baixo havia um fio ressonante de nobreza





os unindo. Pela primeira vez, Mina olhou para seus salvadores com novos olhos. Eles pertenciam a esta elegância galante, mas em vez disso escolheram uma irmandade de sangue. Ela ansiava por saber por quê.

Lady Galena sentou-se à direita de Mina quando ela tomou seu lugar.

— Você sabe, minha querida, foi um choque quando meu único filho confessou ter se juntado a Guarda de Sangue. Perdoe-me, tudo bem se eu me dirigir a você sem o título?

— Por favor. — Mina desdobrou o guardanapo no colo. — Eu prefiro assim.
— Ela manteve o olhar em Lady Galena e não no homem em frente a ela, cujo intenso olhar aqueceu suas bochechas.

Os lacaios carregavam bandejas e colocavam uma tigela de um rico caldo de carne na frente de cada um deles.

Aleksei sorriu sedutoramente, como o sedutor que Mina tinha certeza de que era.

— Você parece bem descansada, Sua Alteza. Você tem o mais rosado rubor nas bochechas.

— Obrigada, meu senhor. Eu acredito que foi o sangue que o capitão me deu.

O capitão Mikhail tossiu, depois de engolir uma colherada de caldo.

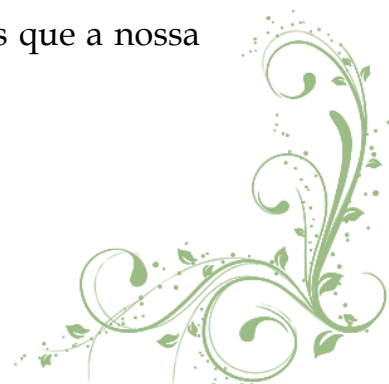
Mina congelou com a colher a meio caminho da boca.

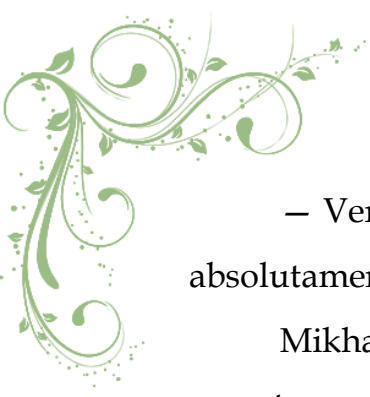
— Você está bem, capitão? — ela perguntou inocentemente.

Ele levantou um copo de vinho e deu um grande gole.

— Tudo bem. — ele respondeu rispidamente, com os olhos desviados.

— Fico feliz em ouvir que o sangue de Fanny atendeu bem aos seus propósitos. — Aleksei rodou seu copo de vinho tinto. — Precisamos que a nossa princesa se recupere.





— Verdade seja dita... — Mina passou o guardanapo nos lábios — Sinto-me absolutamente divina. Nunca me senti melhor em toda a minha vida.

Mikhail se recostou na cadeira, olhando-a como se ela tivesse dito algo monstruoso. Em vez de reconhecer sua aversão óbvia pelo presente rumo da conversa, ela ergueu a taça de vinho e sorriu para ele por cima da borda da taça.

— Isso é maravilhoso de ouvir, minha querida. — A mãe de Aleksei obviamente se recuperou de seu episódio emocional mais cedo naquele dia, quando seu olhar feliz pousou em seu lindo filho. — Estou muito feliz em saber que meu filho e a Guarda de Sangue foram em seu auxílio. Aleksei nunca foi uma criança obediente. Um filho leal, com certeza, mas nunca adequado. Um libertino, pra ser mais clara. Fico feliz em saber que suas aventuras podem ser úteis para a Princesa de Arkadia.

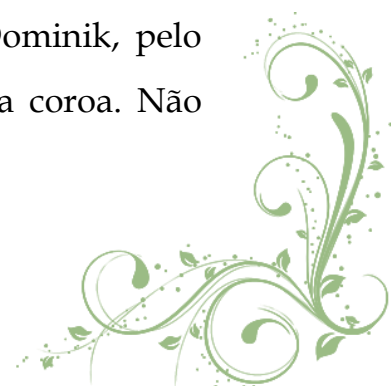
— Oh, mamãe. Não exalte todas as minhas virtudes. Princesa Mina vai pensar que você está querendo me vender a ela.

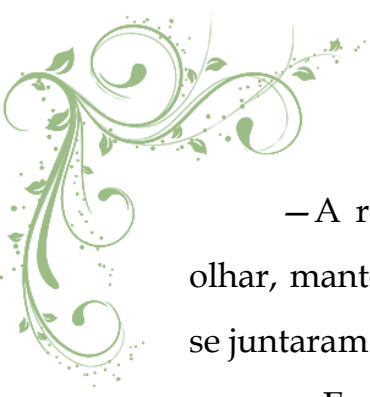
Mina retribuiu seu sorriso de provocação. Eles caíram em silêncio, tomando a sopa em silêncio. Mas Mina estava distraída. Ela olhou para o caldo, mexendo-o distraidamente.

— O que é? — perguntou Mikhail, atraindo seu olhar através da mesa. — Parece que você tem uma pergunta em sua mente, Sua Alteza.

Os lacaios retiraram as tigelas de sopa e deixaram o próximo prato, fatias de carne de porco assada e batatas com ervas.

— Sim, Capitão. — Ela pegou o garfo e a faca na mão, concentrando-se no prato. — Perdoe-me, mas os relatos que já tive sobre a Guarda de Sangue exaltavam seus homens como nada mais que mercenários. Isso, obviamente, não é bem verdade. Você me salvou das mãos da Rainha e do Rei Dominik, pelo Black Lily. Mas o Black Lily é a resistência dos humanos contra a coroa. Não entendo por que vocês se envolveriam em tal empreendimento.





— A resistência não é composta apenas de humanos. — Ele segurou seu olhar, mantendo as mãos no colo. — Desde que você esteve... dormindo, outros se juntaram à causa deles. O Duque de Winter Hill, por exemplo.

— E nós. — disse Dmitri.

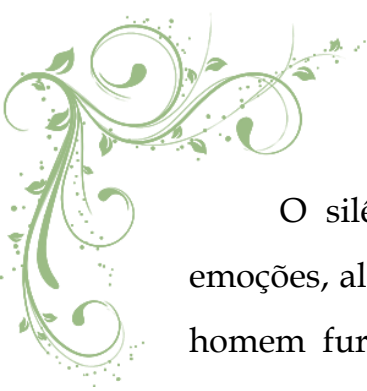
Mikhail acenou em assentimento, com um olhar diferente e uma atmosfera de segredos passou entre eles, o que fez Mina pensar que as razões que os levaram a se unir à resistência eram um pouco mais complicadas do que eles estavam dizendo.

— Eu entendo vocês querendo ajudar o Príncipe e o Duque. — concordou lady Galena, com a sobrancelha franzida. — Mas por que vocês arriscariam suas vidas por uma revolução humana?

Aleksei ficou tenso. Mas Mikhail parecia calmo como sempre. Em vez de se dirigir a Lady Galena, ele manteve seu foco em Mina – um olhar sombrio e muito sério.

— Nós salvamos você, Sua Alteza, porque era a coisa certa a fazer. — Sua voz firme, repleta de poder e comando, atraiu-a para todas as suas palavras. — Porque a injustiça exercida pela mão do monarca que proclama ser protetor de seu povo, não é apenas um crime, é um pecado. Porque a tirania sobre um povo mais fraco é o pior tipo de corrupção. Porque uma onda de assassinato infligiu inocentes, quando o soberano da terra maliciosamente - e intencionalmente - espalhou a *compulsão por sangue* para seu próprio prazer. — Ele fez uma pausa, sua voz vibrando com tanta fúria que zuniu ao longo da pele de Mina. — Corromper um povo apenas para mata-lo é a maior depravação de todas. — Ele inspirou profundamente e lentamente exalou, firmando o tom de sua voz. — E porque nós, da Guarda de Sangue, apesar de mercenários mortais, lutamos por algo maior que dinheiro ou despojos de guerra.





O silêncio caiu profundamente sobre a sala. Mina sentiu as diferentes emoções, além da raiva, dos outros homens à mesa; admiração e alta estima pelo homem furioso em frente a ela. Pelo Capitão deles. Ela não podia culpá-los. Ansiava por saber mais sobre sua força e poder, sentir as mãos dele sobre o corpo dela.

— Irmão, você tem o dom para estragar o humor de uma festa mais rápido do que qualquer um que eu conheço. — Dmitri levantou a mão para o lacaio atrás dele. — Mais vinho, por favor. Temo que vou precisar de muito mais disso.

Gregoravich soltou uma risada rouca. Mikhail quebrou seu olhar fixo dela, arqueando uma sobrancelha para Dmitri antes de retornar ao seu prato sem mais comentários.

As mãos de seu guerreiro, ásperas e cobertas com veias masculinas, eram agora o centro de sua atenção enquanto ele cortava sua carne. Quando ele levou uma mordida aos lábios, ele congelou ao ver seu olhar atento, antes de levar o garfo à boca, com uma nova ruga de tensão marcando sua testa.

— Esse é o nosso líder destemido. — disse Aleksei. — Sempre pensando na causa.

— Ouçam, ouçam. — disse Gavril, as primeiras palavras que Mina o ouvira falar. Ele ergueu a taça em saudação. — Ao Capitão. — Então ele engoliu o restante de seu vinho.

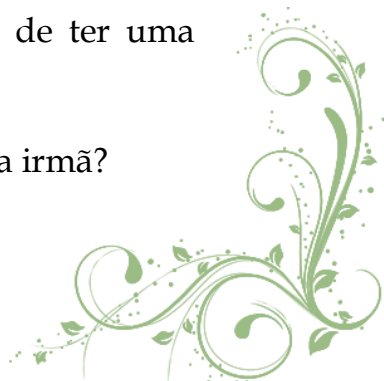
Mikhail deu-lhe um aceno de aprovação.

— Mais vinho para o Gavril. — ordenou Dmitri. — Eu digo que merecemos uma celebração. Irena, você dança?

— Claro que eu danço. Que tipo de mulher você acha que eu sou?

— Maravilhoso. Já faz muito tempo desde que tive o prazer de ter uma parceira de dança tão adorável quanto você.

— Dmitri. — rosnou Aleksei — Você está flertando com a minha irmã?





— Claro que estou.

— Então pare. Imediatamente.

Dmitri sussurrou algo baixo para Irena, o que a fez rir. Antes de Aleksei lançar sua faca pelo ar, Mina disse.

— Eu tenho outra pergunta.

— Oh, não. — disse Aleksei. — Sua Alteza, por favor, me diga que esta é inofensiva.

— É. — ela assegurou ele. — Como é que vocês todos estão usando trajes tão perfeitamente apropriados para uma noite festiva, aqui em Wentworth? Tenho certeza de que não vi nenhum de vocês carregando bolsas ou bagagens de roupas durante a nossa viagem.

— Tudo é questão de se ter um bom planejamento. — respondeu Aleksei, mostrando seu sorriso encantador. — Meu alfaiate nas proximidades de Crowley é o melhor das províncias do Sul. Quando eu soube que iríamos ficar aqui durante nossa parada intermediária, eu enviei um mensageiro à frente, para ter trajes formais nos esperando em nossa parada de Briar Rose. — Ele cortou seu último pedaço de carne de porco assada e se recostou na cadeira.

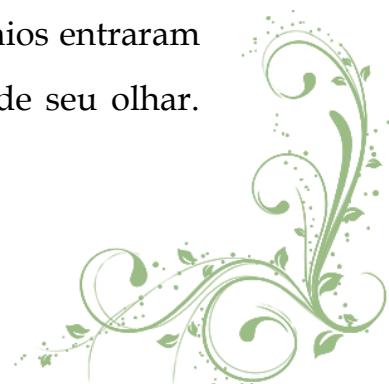
Mina sacudiu a cabeça.

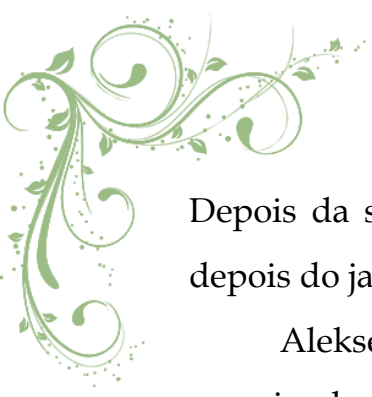
— Você tinha tanta certeza assim de que sairiam de Briar Rose... ilesos? — Ela teve o cuidado de não usar um termo inapropriado, que pudesse incomodar Lady Galena, mas a dona da casa estava preocupada, conversando com Gregoravich sobre as especialidades da fermentação do vinho do sul.

Aleksei não respondeu. Mikhail o fez.

— Não havia nenhuma dúvida.

Mina encontrou seu olhar preso ao dele mais uma vez. Os lacaios entraram com bandejas de tortas de limão e o capitão finalmente a liberou de seu olhar.





Depois da sobremesa, eles se retiraram para o salão, para um copo de sangue depois do jantar.

Aleksei ofereceu-lhe o braço e ela se levantou de bom grado para pegá-lo, apreciando a vista do capitão Mikhail caminhando à frente deles. Fascinada pelo amplo conjunto de seus ombros, seu cabelo preto brilhante sob a luz de velas, a maneira graciosa como ele se movia como um predador paciente, que sabia que pegaria sua presa eventualmente, Mina exalou uma respiração pesada.

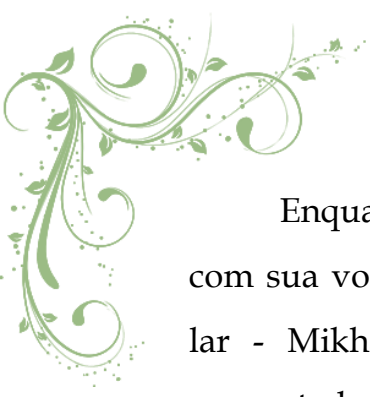
— Você está bem, Alteza? — Aleksei sussurrou para ela.

— Nunca estive melhor.

Que mentira. Ela tinha provado o homem viril caminhando à frente deles e indo direto para a garrafa de licor, mas não era suficiente. Esta tarde, um pequeno gosto de sua sensualidade provocou uma chama oscilante em um inferno ardente. Ela queria mais do que o sangue dele. Ela queria o Capitão como amante. *Seu primeiro amante.* Ela nunca sequer pensou na ideia de ter um amante fora do casamento, antes que ele a despertasse da longa escuridão. Como se tudo tivesse sido planejado pelas estrelas, determinando que ele deveria ser o homem a despertá-la, que ele deveria acender seus impulsos mais primitivos, chamando seu vampiro à superfície, para encontrar-se com ele como um igual.

O capitão virou de uma só vez um copo de licor de âmbar. Mina sorriu, porque ela sentiu sua luta interna após o encontro anterior. Um homem apreciador do dever e da honra não passava simplesmente por cima de seu código moral, para seduzir virgens reais. Parece que ela teria que fazer alguma coisa a respeito. Hora de colocar a doce princesa para dormir para sempre e deixar a mulher apaixonada assumir a liderança.





Enquanto os outros se reuniam ao redor do piano - Aleksei os encantava com sua voz profunda de barítono, cantando uma canção de ninar sobre casa e lar - Mikhail encheu o copo e levou-o para a sacada. Seu sangue havia esquentado depois do jantar.

Quem ele estava enganando? Seu sangue estava quente desde a tarde, quando ele permitiu que a Princesa afundasse suas presas em sua garganta e o levasse à beira da loucura com luxúria. Olhando para a lua quase cheia, ele jogou bebeu um grande gole, agradecido pela queimadura líquida e pelo efeito entorpecedor do bom e forte uísque e do ar cortante do inverno.

— Te incomoda um pouco de companhia?



Sua voz doce endureceu cada parte dele. Como uma criatura tão macia poderia torná-lo duro como aço, ele não tinha ideia.

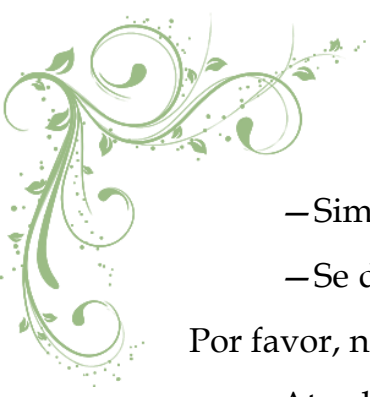
— Claro que não. — ele respondeu, embora estivesse bem ciente de que seu tom dizia o contrário.

Ela se aproximou mais, mas não muito perto, colocando as mãos enluvadas no corrimão de pedra.

— Eu queria falar com você sobre esta tarde. — Ela baixou o queixo, olhando para o jardim coberto de neve, o caminho de pedra branco prateado sob o luar.

Mikhail pigarreou.





—Sim. Eu queria me desculpar pelo meu comportamento.

—Se desculpar? — Ela olhou para cima, sua aparência de fada luminosa. — Por favor, não faça isso.

Atordoadado por um momento, ele desviou o olhar e olhou para a lua cheia entre dois picos das Montanhas Novak, à distância. A tensão entre eles só aumentaria se ele não se explicasse, e explicasse também o porquê de não ser possível uma repetição do que acontecera naquela tarde.

Ele soltou um suspiro pesado, o ar gelado subindo em uma fumaça branca.

—Tudo bem, então. Eu não vou me desculpar. Estou satisfeito por ter sido útil para você.

Ela inclinou seu corpo em direção a ele enquanto ele mantinha seu aperto no corrimão.

—Eu também fiquei satisfeita. — O tom dela continha uma cadência provocante.

Endurecendo sua expressão, ele finalmente a encarou. Seu sorriso desapareceu de uma vez.

— Isso nunca vai poder acontecer novamente.

Ela baixou os cílios, depois engoliu em seco antes de levantar o queixo, com um brilho desafiador em seus olhos.

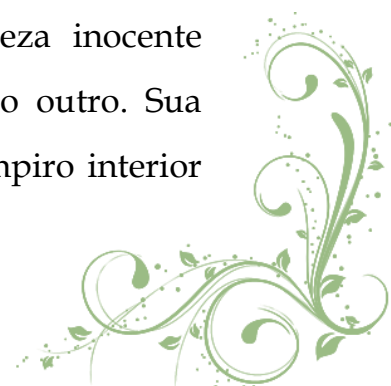
—Eu fui tão desagradável para você?

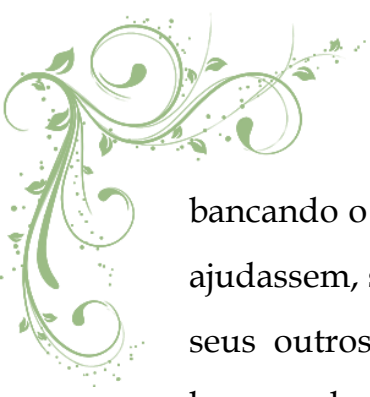
Ele quase engasgou com o ar quando respirou profundamente, sacudindo a cabeça com força demais.

—Não, Alteza. Não é isso.

—Então, por que nunca deve acontecer de novo?

O choque não conseguiu disfarçar sua reação a essa beleza inocente perguntando por que eles não podiam explorar os corpos um do outro. Sua natureza primitiva tinha realmente tomado o controle, era seu vampiro interior





bancando o predador por trás daqueles olhos azul-claros. *Mas que inferno!* Céus o ajudassem, se ele não queria quebrar todos os códigos para mostrar a ela todos os seus outros prazeres. Prazeres carnaís mais profundos e sombrios. Mas seus homens dependiam dele.

— Você é Vilhelmina Dragomir, herdeira do trono de Arkadia. Você está destinada a liderar o reino do Sul. E eu sou o capitão da Guarda de Sangue. Eu fiz um juramento, uma promessa de sangue, devotei minha vida em prol de levar meus homens à vitória.

— Entendo. Mesmo assim, você é um vampiro... com necessidades. Ou não é?

Seu pulso acelerou enquanto esperava pacientemente por uma resposta. Ele se absteve de se inclinar um pouco mais, para acariciar sua pele de porcelana com o polegar.

— Sim. Eu tenho necessidades. Necessidades que incluem apenas me alimentar rapidamente e sem complicações, em um bordel de sangue qualquer.

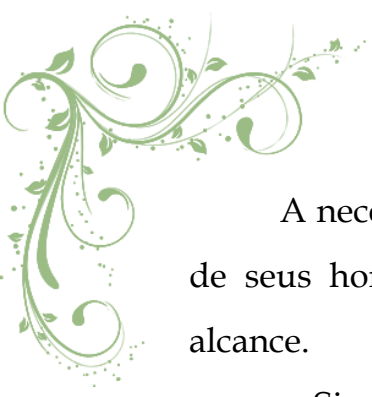
Ela se encolheu. Ele se odiava por falar a verdade com tanta severidade, mas era isso. Ela precisava entender. O ácido estava agitado em seu intestino, mas ele continuou.

— Todos os membros da Guarda de Sangue fizeram um voto sagrado de fidelidade à própria Guarda. Abrindo mão de casamentos, famílias ou qualquer tipo de relacionamento que envolva uma amante. Nossa lealdade, nosso foco, não pode ser dividido.

Quando ela desviou o olhar para longe dele, ele sentiu como se fosse a bofetada fria do vento do norte.

— Eu entendi. — ela sussurrou. — Você falou em vitória... O que significa vitória para você?





A necessidade de vingança por seu pai, por seus ancestrais e pelas famílias de seus homens ardia em seu peito, especialmente agora que estava ao seu alcance.

—Significa a derrota da Rainha Morgrid e do exército do Rei Dominik. Significa a queda de seu reinado, de preferência com a morte dela e a do bastardo do seu filho. Significa o recomeço para a terra de Varis, com governantes justos e benevolentes no poder.

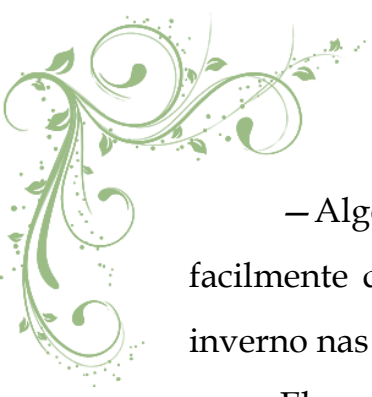
—E quando você conseguir essa vitória? O que vai acontecer? A Guarda de Sangue continuará sendo uma guarda mercenária? Aceitando pagamentos por assassinatos de aluguel? — Ela mordeu o lábio inferior, como se tivesse imediatamente se arrependido de dizer a última parte, mas ele sabia que tinha provocado sua raiva.

—A Guarda de Sangue sempre será necessária, Sua Alteza. — ele disse gentilmente. — Para manter a ordem do novo reino. Ajudar os governantes que chegam ao poder a impor um novo modo de vida ao povo. — Ele suavizou seu tom. — Eu tenho um dever a cumprir.

—Compreendo. — Ela o encarou novamente, endireitando os ombros, olhando diretamente em seus olhos, a boca inclinada em um quase sorriso. — Há um tempo atrás, minha *antiga eu* teria engolido seus próprios anseios e desejos, se curvado em agradecimento e se despedindo de você, para cumprir o seu *dever* como a Princesa obediente que sempre foi. — Ela acenou com uma mão impertinente no ar como se afastasse uma visão de seu passado. — Mas eu não sou mais aquela garota.

Ela se aproximou tanto que seu corpete roçou o colete e seu coração palpitou.





— Algo aconteceu quando você me acordou naquela torre. Eu sinto isso tão facilmente quanto posso sentir sua respiração na minha bochecha ou o frio do inverno nas minhas costas. *É real*. Parece errado virar as costas pra isso.

Ela colocou uma mão enluvada sobre o peito dele, seu toque sutil invocando um desejo ardente, como se ela lançasse um feitiço sobre ele, capaz de controlar cada pensamento que ele tinha. Como se isso não bastasse, ela deslizou a mão pelo peito dele para segurar sua nuca, enquanto ele permanecia um bloco de mármore. Seus dedos roçaram os cabelos curtos, a sensação fazendo o sangue correr para seu pênis.

— Eu sei que você também sente.

Ela sorriu mais, fazendo o coração dele acelerar em um rugido estrondoso. Uma gota de suor se formou ao longo da testa dele, mas ele não disse uma palavra. Ele não podia confirmar que ela estava certa. Ele era o maldito capitão do Guarda de Sangue, pelo amor de Deus. Ele tinha mais controle do que isso.

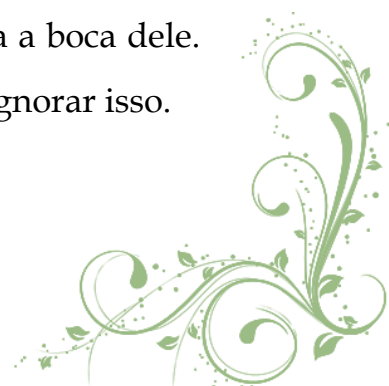
— Você sabia que eu sou sensível, Capitão?

Ela ainda estava perto demais. Seus lábios rosados perfeitos estavam tão perto, que tudo o que ele teria que fazer era inclinar a cabeça alguns centímetros e ele poderia beijá-la, beber daquela boca doce. Deslizar a língua para dentro e provar o céu. Ou era o inferno? Ele não tinha certeza.

— Toda a minha vida, fiquei quieta na minha pequena gaiola, onde Steward Thorwald me manteve, em Briar Rose. Eu fui forçada a um sono agonizante e sem sangue por aquela bruxa, a Rainha Morgrid. E, aparentemente, eu fui dada em casamento sem o meu consentimento. — Raiva transbordou de suas palavras.

— Mas *você* me acordou. De tantas maneiras... — Ela sugou uma respiração trêmula. — Eu sei que você me quer. — ela sussurrou, olhando para a boca dele.

— Assim como eu quero você. Há *algo mais* entre nós. E eu não vou ignorar isso.





Então ela saiu da varanda. E, que os céus o ajudassem, enquanto ele a observava ir embora, teve certeza de que estava condenado.





Capítulo Seis

—Obrigada por sua gentileza e generosidade, Lady Galena. — Mina apertou as mãos com ela.

—Você nos honra, Alteza. — Lady Galena deu um passo atrás.

Mina então abraçou Irena calorosamente.

—Obrigada por tudo. Espero que nos encontremos de novo.

—Oh, eu também espero. — Ela se inclinou e sussurrou. — Talvez em um baile real, qualquer um onde meu irmão não seja convidado.

Mina riu.

—Ele só quer proteger você.

—Me sufocar, você quer dizer.

Uma onda triste percorreu o corpo de Mina. Além de sua amiga Kathleen, nunca tivera ninguém para amar como Irena. Ela segurou-a ao comprimento do braço, apertando ambas as mãos.

—Considere-se com sorte. — Então ela piscou. — Porque eu definitivamente vou convidar você para o primeiro baile real que eu oferecer.

—O que? — perguntou Aleksei, aproximando-se delas.

—Nada. — elas disseram em uníssono, depois riram.

—É melhor seguirmos em frente. — insistiu Mikhail.

Mina abraçou Irena mais uma vez.

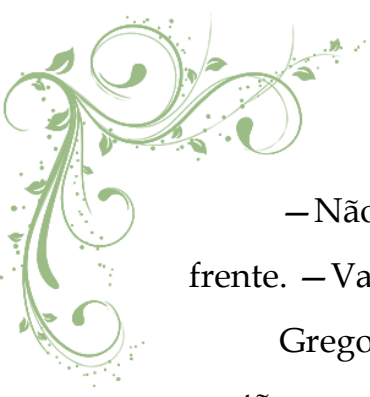
—Nos veremos novamente em breve. Eu estou certa disso.

Quando Mina se afastou, Dmitri tomou seu lugar e deu um beijo na mão de Irena.

—Até nos encontrarmos novamente, senhorita.

Irena corou.





— Não se eu puder evitar. — resmungou Aleksei, empurrando Dmitri para frente. — Vamos lá, garanhão.

Gregoravich e Gavril já estavam a meio caminho da estrada asfaltada até o portão.

— A neve cairá em breve, mamãe. — Aleksei chamou. — Tome cuidado com o frio que vem. — Ele soprou um beijo para ela.

— Tome cuidado. — ela gritou de volta.

Mikhail caminhou silenciosamente ao lado de Mina, alerta e profissional como sempre. Como se a conversa íntima e o encontro que eles compartilharam ontem não tivessem ocorrido. Como se a tensão aquecida não estivesse esticada como uma corda entre eles.

— Você parece bem o suficiente para correr e se manter bem sozinha. — disse Mikhail, observando-a com um olhar de lado. — Você está?

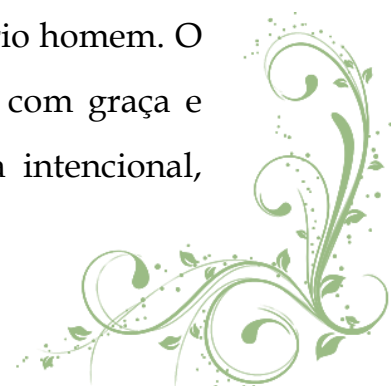
— Sim. Estou me sentindo muito forte agora. Graças ao fresco que você me deu no meu quarto.

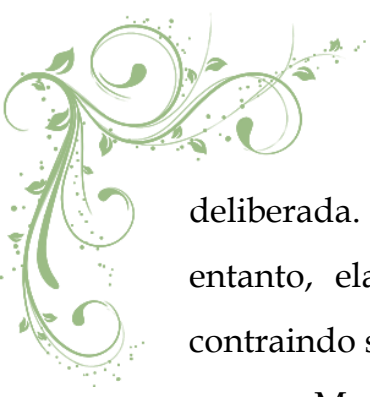
Ele estremeceu. Mina sorriu. Ela nunca foi agressiva por natureza, mas algo sobre esse homem fazia sua fera interior querer sair para brincar. Ela queria atraí-lo, para ver o que ele faria. Esperando que ele entrasse na brincadeira com ela.

— Estou contente de ouvir isso. — Sua voz permaneceu firme e controlada.

— E vejo que você e seus homens se alimentaram bem. Há um rubor avermelhado nas suas bochechas, Capitão.

Ele estreitou o olhar, mas manteve a mira à frente enquanto seguiam pela estrada arborizada. Mina estava constantemente ciente dessa nova necessidade primal girando dentro de seu peito, um desejo que parecia unicamente focado no Capitão. No entanto, além disso, ela desejava conhecer mais o próprio homem. O poder emanava de sua figura alta e forte, enquanto ele se movia com graça e agilidade. Cada passo, cada olhar de sua visão cautelosa parecia intencional,





deliberada. Um passo em falso não estava na natureza desse homem. E, no entanto, ela sabia que o fizera errar. Por isso, linhas mais sérias estavam contraindo seu rosto.

— Me diga uma coisa, quando você se alimenta, é apenas uma maneira de reabastecer seu corpo ou você ganha prazer com a experiência?

Ele enrugou a testa.

— Por que a pergunta?

— Estou curiosa. Você parece um homem de, como posso dizer, eficiência.

— E eu sou.

— Então, você não experimenta aquela sensação extraordinária de prazer quando se alimenta?

Ele parou e a puxou pelo braço com um aperto firme, mas gentil.

— O que exatamente você está perguntando?

— Bem, vendo como minha experiência com você - na caverna e ontem à tarde - foram meus primeiros momentos me alimentando da maneira tradicional ou, hum, *natural* pela qual um vampiro se alimenta, eu queria saber se você já sentiu isso com outras mulheres. Quando você se alimenta.

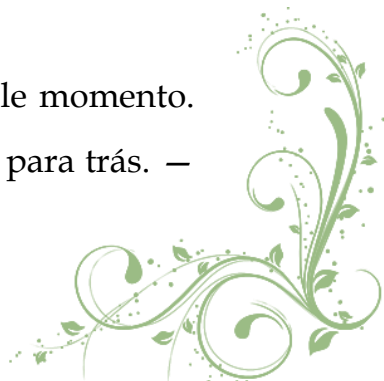
O ciúme se contorceu em seu intestino, apenas com o pensamento da boca dele em outra mulher, e ainda assim ela não pôde deixar de seguir esta linha de questionamento para ver o que ele diria. E depois do jeito que ele se inclinou imperceptivelmente para mais perto, sua intensidade vibrando e eriçando os pelos ao longo de sua pele, ela estava feliz por ter seguido seus instintos.

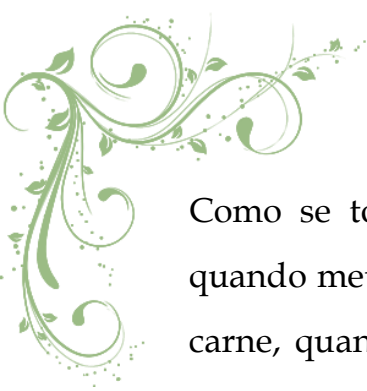
— E o que exatamente você sentiu quando se alimentou de mim?

Ela adorava a maneira como sua voz melodiosa caía em um timbre áspero, como águas rasas raspando as rochas do rio em um leito arenoso.

— Senti uma sensação de euforia, como se eu fosse sua naquele momento.

— ela respondeu honestamente e se aproximou, inclinando a cabeça para trás. —





Como se toda a minha vida me catapultasse para aquele pedaço de tempo, quando meus lábios tocaram sua pele, quando minhas presas afundaram em sua carne, quando seu sangue correu rápido e quente através do meu corpo. Puro êxtase.

Seus olhos se dilataram, cobrindo suas íris multicoloridas, em sua maioria negras. Suas narinas se alargaram, mas ele não se moveu. Nem um milímetro.

— Está na hora de correr, Alteza.

— Eu acho que você já está correndo, Capitão.

Ele estreitou seu olhar, ignorando sua alfinetada. Ela tinha certeza de que ele não era o tipo de homem que recuava. Nunca. E, ainda assim, ele parecia ansioso para fugir dessa conversa. Fugir dela. A onda pulsante de desejo acenando contra seus sentidos empáticos lhe dizia que ela estava certa nessa busca. Quer ele admitisse ou não. O *conhecimento* lhe deu conforto, mesmo quando ele se incomodou com a sua proximidade.

A maior parte de sua vida ela se sentia fora de sintonia com o mundo, com outras pessoas. Claro, ela podia sentir suas emoções e, portanto, sabia como reagir a elas, como oferecer conselhos sábios, como fez uma vez ao Príncipe Marius, sabendo que ele estava apaixonado pela revolucionária camponêsa, Arabelle. Mas conhecer as emoções das pessoas e se conectar com as pessoas eram duas coisas completamente diferentes. Ela muitas vezes se sentia isolada, porque seu mordomo a mantinha segura de muitos visitantes e porque seus sentidos empáticos podiam ser esmagadores e muitas vezes a deixavam ansiosa pela solidão. Mas o vínculo entre ela e o Capitão Mikhail era tão tangível quanto um fio de seda que envolvia seu corpo e envolvia o dele, ficando cada vez mais apertados em momentos em que estavam juntos.





Era como se o cosmos tivesse adivinhado que ela fosse um planeta solitário entre campos de estrelas, até que uma lua escura finalmente a encontrasse, onde ele deveria circular sem fim.

Com uma inclinação do queixo quadrado, ele disse.

— Melhor me acompanhar.

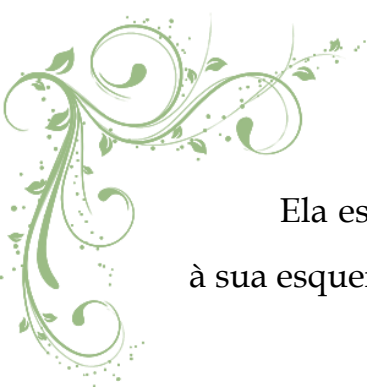
— Oh, eu vou. — Ela sorriu. — Mostre o caminho.

Ele se afastou, girando o vento ao seu redor com o aroma de especiarias e fumaça de madeira. Esse cheiro seria fácil para ela seguir. Ela correu em velocidade de vampiro, borrando entre Dmitri e Aleksei, que ainda estavam brigando sobre Irena. Então eles estavam todos voando juntos, seguindo Mikhail. Mina riu da pressa de se mover com tanta força, tal velocidade, tal poder. Ela nunca teve a oportunidade de correr enquanto era tratada como uma Princesa delicada. Não desse jeito.

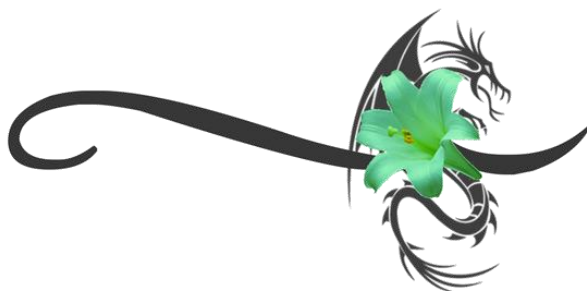
A fera adormecida em seu corpo, em seu sangue, bocejou e se esticou, cheirando o ar como se pela primeira vez. E no vento estava o cheiro de sua presa, chamando-a para seguir mais rápido, para pegá-lo se pudesse.

Seus batimentos cardíacos latejavam em seus ouvidos, ela não seguia simplesmente um bando de vampiros, mas o líder deles. Aquele cuja fera insistia que ela pegasse para si, exigindo que ela tomasse nota e que ela finalmente despertasse de seu longo sono, para pegar de volta tudo aquilo que sempre foi dela.





Ela estava tão focada em Mikhail que não percebeu o perigo que a ladeava à sua esquerda, até que era tarde demais.

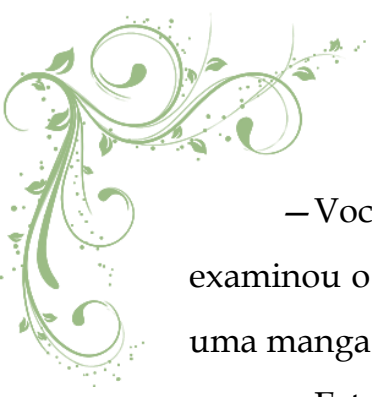


Mikhail sentiu o cheiro da fração de segundo antes de atacar. Ele recuou e se lançou no vampiro voando em direção a Mina. Agarrando-o pela cintura, Mikhail e o agressor foram caindo em cima dela, derrubando-a no chão. Ela gritou. As garras de Mikhail rasgaram a pele do agressor, suas presas longas e afiadas quando ele pulou para o vampiro sibilante.

Prendendo-o de costas, Mikhail agarrou sua garganta para controlá-lo. Os olhos da criatura estavam completamente negros pela compulsão por sangue. Ele resistiu e arranhou, cortando a camisa de Mikhail e raspando seu peito. Carmesim pulverizou o ar. Mikhail não sentiu nada, sua atenção estava focada apenas em assistir o homem morrer. Com um movimento rápido, ele agarrou os dois lados da cabeça e estalou o pescoço. Desembainhando a lâmina serrilhada de doze polegadas que ele mantinha em seu quadril, ele cortou a cabeça do homem com três cortes. Vampiros podem se autocurar de pescoços quebrados, mas não de decapitação.

Um grito atravessou as florestas atrás dele. Ele se levantou quando Gavril cortou a artéria carótida de outro vampiro. Um terceiro estava decapitado entre Dmitri e Aleksei. Gregoravich manteve uma postura defensiva na frente de Mina. Em um segundo, Mikhail estava atrás de Gregory e segurou Mina pelos ombros, examinando-a em busca de ferimentos.





—Você está bem? — Ele precisava tocá-la, para ver que ela estava ilesa. Ele examinou o rosto dela, a garganta, abriu a capa para não encontrar nada além de uma manga rasgada no braço.

—Estou bem. Não é nada. — ela protestou quando ele levantou o braço para observar se ela tinha sido ferida. — Estou bem. Sério. Nem mesmo um arranhão.

Satisfeito que a besta não tivesse estragado sua pele, ele se virou para seus homens, agrupados em torno de um dos pés de Aleksei.

—As mesmas vestes que os caçadores no Norte. — disse Gregoravich, sua voz profunda como um barril roncando baixo, sua fera preparada e pronta para mais violência.

Seus olhos brilharam em um azul brilhante com seus sentidos de vampiro à frente.

—E em um grupo de três. — observou Aleksei — Como os que levaram Helena.

—Quem é Helena? — perguntou Mina.

Mikhail estalou o pescoço, exalando profundamente e acalmando o monstro que ainda ansiava por sangue, ansioso por matar e mutilar qualquer um que ousasse tocá-la. Ele retraiu as garras antes de encará-la.

—Helena é a filha da esposa do duque de Winter Hill.

—Filha dele também, agora. — acrescentou Gavril.

—Eles a levaram? — O rosto de Mina empalideceu, os olhos arregalados.

O coração de Mikhail se apertou com a preocupação dela.

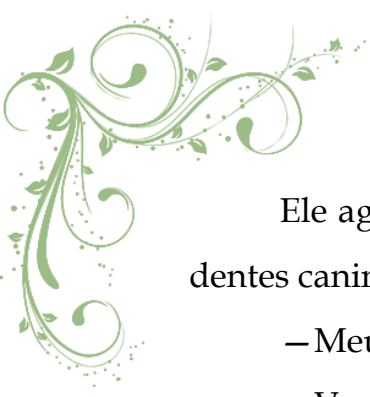
—Ela está bem. Nós a salvamos.

— *Maldito inferno.*

Mikhail girou ao som de seu irmão em dor.

—O que foi, Dmitri?





Ele agarrou seu ombro esquerdo, tentando rolar para trás, mostrando seus dentes caninos como um lobo feroz.

— Meu maldito ombro.

— Você o deslocou novamente.

— *Eu* o desloquei. Como isso é minha culpa?

— Você se move rápido demais, irmão. De joelhos. — Mikhail manobrou para ficar atrás dele e agarrou o ombro de Dmitri com o braço direito e os bíceps com a esquerda. — Eu já lhe disse antes para controlar sua velocidade em combate.

— Sim, é fácil para você dizer. Minha velocidade aumenta quando meu sangue acelera, então não venha com sermões sobre...

Crunch.

— Puta que pariu, caralho!

Gregory riu.

— Há uma dama presente. — Aleksei advertiu com um sorriso, limpando o sangue de sua lâmina nas calças.

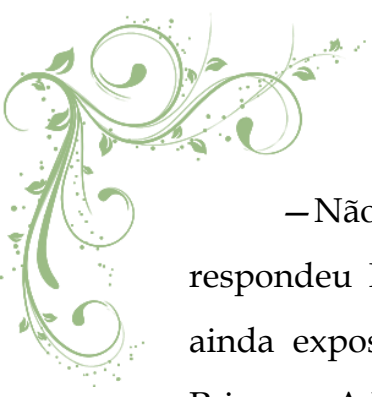
— Não se preocupe comigo. — disse Mina, sorrindo, embora sua sobrancelha ainda estivesse apreensiva. — Você está bem, Dmitri?

— Sim, Alteza. — Ele girou o braço e franziu o cenho para Mikhail, que o levantou de pé.

Ela pegou o olhar dele e ofereceu-lhe um sorriso terno, de admiração, que fez seu peito inchar. Ele não deveria estar admirando ou querendo seus sorrisos. Ele não deveria estar querendo nada dela. E ainda assim, seu corpo discordava de seu cérebro.

— Você acha que esses homens foram enviados atrás de nós de propósito? — perguntou Gavril, agachando-se e inspecionando um dos corpos.





— Não. Estes são apenas uns coitados. A compulsão por sangue fez isso. — respondeu Mikhail, olhando de volta para o que ele havia matado, as presas ainda expostas, até depois de morto. — Aquele ali estava tentando matar a Princesa. A Rainha quer ela viva e saudável.

— Como você sabe disso? — ela perguntou.

Os homens olharam para Mikhail, que não tinha intenção de explicar como ele sabia que isso era verdade.

— Oh. — ela disse baixinho. — O Rei Dominik.

Havia mais para contar a ela sobre os planos da Rainha Morgrid para o casamento dela com o filho. Pensar nisso derramou gelo em suas veias. Esse era um detalhe que ele diria a ela em particular.

— Precisamos sair daqui rapidamente. O cheiro de sangue atrairá predadores. Incluindo qualquer outro vampiro infectado nas redondezas.

Mina olhou com cautela atrás dela, então Mikhail se aproximou.

— Você está bem para viajar a pé daqui, ou você precisa da minha ajuda?

Ele pensou que ela simplesmente o desafiaria, como outras mulheres, mas ela levou um momento para se auto examinar antes de respirar fundo.

— Eu acredito que estou bem. Se eu começar a enfraquecer, vou deixar você saber.

— Promete? — ele perguntou gentilmente, prendendo novamente o manto dela na garganta.

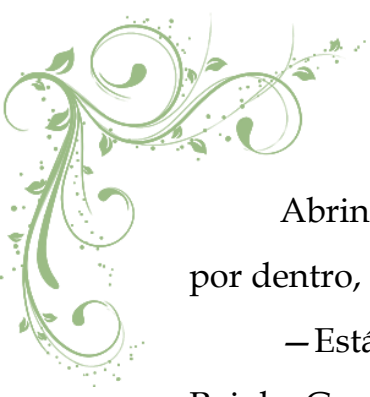
— Sim. Eu prometo.

— Me dê sua mão.

Sua testa franziu, como quando ela desconfiava de alguma coisa, mas ela ofereceu a mão de qualquer maneira. *Tão confiante*. Ele a segurou entre as mãos dele e fechou os olhos, aumentando e afiando seus sentidos.

— Seu batimento cardíaco está estável. Não está agitada. Sem tremores.





Abrindo os olhos, ele olhou para o azul infinito, sentindo algo escorregar por dentro, como se estivesse se perdendo, pedaço por pedaço.

—Estável sob ataque, Alteza? Aposto que você seria uma maravilhosa Rainha Guerreira.

—Você está me provocando, Capitão? — Ela arqueou uma sobrancelha delicada.

—De modo nenhum. Eu quis dizer isso. — Ele ficou sério. —Sinceramente Seus olhares se demoraram, se aprofundaram, fazendo com que seu coração acelerasse um pouco. Com um aperto de mão, ele a conduziu entre os outros homens com uma mão na parte baixa de suas costas.

—Dmitri, você é o ponto central. Gavril e eu vamos acompanhá-la pela direita. Gregory e Aleksei, pela esquerda.

Ela se moveu dentro do círculo de assassinos da Guarda de Sangue, protegida por todos os lados. Se movendo como se fossem um só, eles aceleraram em velocidade de vampiro, aproximando-se cada vez mais da Floresta de Silvane. Logo, ela estaria segura perto do Black Lily. Talvez então, a tentação de arrastá-la para trás de uma árvore e devorar cada centímetro de sua pele iria finalmente diminuir.

Ou não.





Capítulo Sete

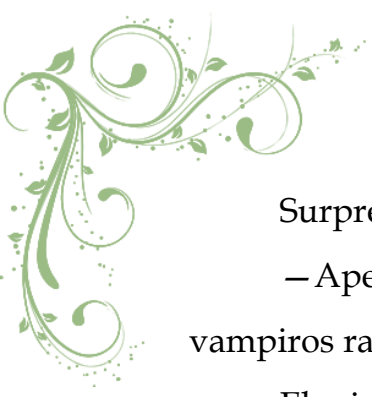
Mina aqueceu as mãos ao fogo que Gavril havia acendido. Ele colocou outro pequeno tronco nas chamas, acenou para ela, então encontrou uma árvore para se apoiar. Aquele era o mais ilusório de todos. Ele era educado, mas reservado. Mina se perguntou quais tragédias esses homens haviam sofrido. Uma coisa que ela sabia com certeza, era a dificuldade compartilhada que os unia como um na Guarda de Sangue. Ela sentiu a irmandade familiar ligando-os uns aos outros. Ela os invejava.

Aleksei e Dmitri cochilavam, encostados em troncos de árvores e de braços cruzados. Se eles caíssem sob ataque novamente, ela sabia que eles ficariam de pé em uma fração de segundo. Gavril encarava as chamas. Gregoravich estava de guarda na pequena encosta, de frente para o sudoeste, para o caso de os Legionários do Rei Dominik conseguirem alcançá-los, embora nenhum deles temesse que o fizessem. E Mikhail foi até o riacho próximo para lavar suas feridas do ataque. Os outros já haviam feito isso. Mikhail manteve guarda, caindo em silêncio - evitando seu olhar - enquanto Gavril cuidava do fogo.

Mina olhou na direção do riacho que escorria suavemente por perto. Ela não podia vê-lo. Movendo-se em seu lugar aconchegante, ela considerou ir até o riacho onde ele estava.

- Não fique ansiosa, Alteza. — disse Dmitri, com os olhos ainda fechados.
- Estamos a salvo, por enquanto.
- Oh, eu não estou ansiosa.
- Ele abriu os olhos.
- Não? — Um sorriso torto enrugou seu rosto masculino. — Você com certeza parece ansiosa. Seu coração está bombeando forte.





Surpresa, ela brincou com a manga.

— Apesar de ter sofrido bastante, não é frequente que eu sou atacada por vampiros raivosos.

Ele riu.

— Acho que não. Mas, acontece conosco o tempo todo. — Ele piscou. Olhando para baixo, para onde seus dedos puxavam o punho de sua camisola esmeralda, ele ergueu o queixo. — Qual a ligação de vocês da realeza e esses dragões?

Ela olhou para a manga larga, onde o dragão branco com gemas de esmeralda nos olhos piscava para ela. Ela havia bordado este sozinha.

Ela sorriu, lembrando de uma coisa.

— Você sabia que existe realmente uma história por trás dos símbolos dos dragões do Norte e do Sul?

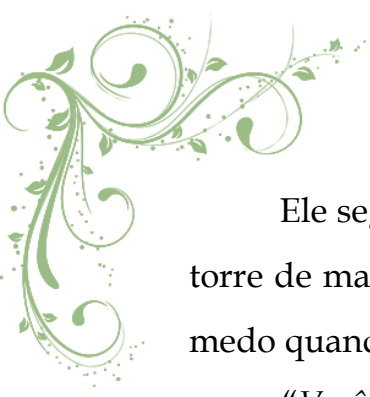
— Existe?

— Minha babá costumava me contar uma história antiga, quando eu era uma garotinha.

— Bem, eu não sou uma garotinha, mas gosto de uma boa história. — Cruzando os braços, ele se acomodou no tronco da árvore.

— Muito bem. — Mina limpou a garganta. — Uma vez, há muito, muito tempo atrás, vivia um grande dragão de prata cheio de fogo e magia. Ele vivia em um reino nas nuvens, longe dos humanos ou dos vampiros. Não havia outros dragões no mundo. Só ele. E ele estava sozinho. Ele ansiava por companhia. Então, ele decidiu descer de seu trono no céu e voou até a Terra. Ele procurou e procurou, embora não soubesse pelo quê. Até que, um dia, ele ouviu a doce melodia de uma donzela, cantando com a mais bonita voz, como se estivesse chamando seu coração bestial.





Ele seguiu a voz até encontrar a bela donzela sentada à janela de uma única torre de marfim, sem portas em qualquer lugar, apenas uma janela. Ela não teve medo quando viu a grande fera pousar no chão com um estremecimento.

"Você canta como um anjo." disse o dragão.

"Obrigada." ela respondeu. "Você tem lindas asas."

"Venha voar comigo." ele implorou. "Eu vou te mostrar a beleza além das nuvens."

Ela suspirou tristemente.

"Eu não posso. Eu fui amaldiçoada a ficar nesta torre até que o príncipe desta terra me busque no dia do meu casamento. Se eu for embora, um grande perigo virá para mim."

O dragão bufou de fúria, soltando uma fumaça preta pelas narinas.

"Mas você não se sente sozinha nesta torre?"

"De fato, eu me sinto. Talvez você possa me visitar, dragão, e me fazer companhia."

"Eu virei todos os dias." prometeu o dragão.

E assim ele fez. Todos os dias, por um ano inteiro; durante o inverno, a primavera, o verão e quando as folhas começaram a mudar no outono, ele voava dos céus para visitar sua donzela. Ela cantava para ele. E ele contava histórias antigas. Ela capturou seu coração. E ele, o dela. Ela era a única razão pela qual ele se levantava todas as manhãs, ansioso por um novo dia. Até o dia em que ele pousou do lado de fora de sua torre e não a encontrou na janela, esperando por ele. Em vez disso, ele a ouviu chorando lá dentro. Ele olhou para dentro e perguntou por que ela estava chorando, pois o som o rasgava em dois.

"Eu devo me casar com o príncipe amanhã." ela sussurrou "Mas eu amo outro."

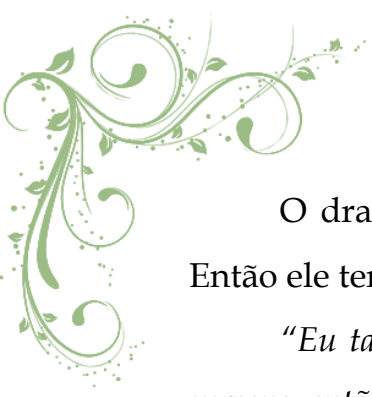
O sangue do dragão correu como fogo pelas veias.

"Quem você ama, querida donzela?"

Ela andou até ficar na luz da manhã que entrava pela janela.

"Eu amo aquele que é dedicado a mim. Eu amo você, querido dragão."





O dragão não podia acreditar que tal alegria existisse em todo o mundo. Então ele tentou dar a ela a mesma alegria.

“Eu também te amo, doce donzela. Por favor, venha comigo para o meu reino nas nuvens, então você nunca precisará se casar com esse príncipe que você não ama.”

A donzela olhou para o céu com um sorriso triste, mas doce, se espalhando por seu rosto angelical e depois respondeu.

“Sim. Eu vou.”

O dragão estava tão cheio de felicidade que se agachou perto da janela de sua torre e lhe disse para subir de costas. Com cuidado, ela pisou em suas costas e segurou sua juba. Então o dragão, cheio de alegria e amor, levantou-se e voou para o céu.

Mas a donzela não disse a ele o que aconteceria se ela desafiasse a maldição. A consequência de deixar sua torre antes de se casar com o príncipe era a morte. Mas desde que seu coração pertencia ao dragão de prata, ela preferia morrer com ele no céu, do que viver sem ele na Terra. E assim ela fez. Enquanto eles passeavam pelos lindos céus, ela se aninhou perto de seu dragão e sussurrou seu amor para ele, antes de dar seu último suspiro.

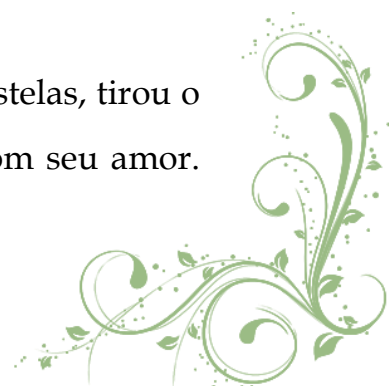
Mina fez uma pausa, sempre se sentindo sombria neste momento da história.

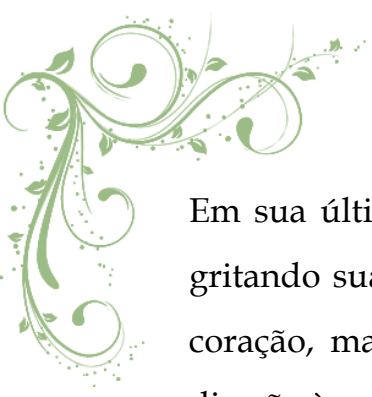
— É só isso? — perguntou Dmitri. — É assim que a história termina?

— Não, não é só isso. — Mina sorriu. — O dragão de prata gritou de fúria e tristeza e despencou de volta ao mundo, aterrissando em uma floresta escura e sombria. Deitou seu amor no chão e cavou seu túmulo profundamente com suas poderosas garras. Quando ele a deitou na terra, disse:

“Sem ela, não há mais utilidade para isso.”

Ele afundou as garras no próprio peito e abriu a carne e as costelas, tirou o coração ainda pulsando e o colocou na terra, enterrando-o junto com seu amor.





Em sua última varredura de solo sobre a sepultura, a fera sem coração rugiu - gritando sua raiva, dor e perda para os céus. Ele não conseguiria viver sem seu coração, mas ele ainda estava cheio de fogo e magia. Conforme disparou em direção às estrelas, ele de repente se dividiu em dois. O dragão de prata tornou-se um dragão negro de fogo e um dragão branco de magia. O dragão negro era uma fera de fúria e ódio, que voou para o Norte, tentando esfriar seu sangue em chamas. Ele pousou nas montanhas do Norte e invadiu os picos até derreter-se neles, tornando-se um com a rocha e a pedra. O dragão branco procurou calor e paz no Sul. Ela finalmente encontrou um lugar perfumado e verde, cheio de rosas e vida. Lá, ela se deitou e se fundiu com a terra, deixando sua mágica florescer sobre a ela e seu povo.

A fogueira se apagou quando a história terminou. Dmitri olhou para ela, mas sua mente parecia se mover enquanto ele pensava no dragão de prata e sua donzela.

— A *Hartstone*. — Ele finalmente quebrou o silêncio. — O coração do dragão se tornou a *Hartstone*.

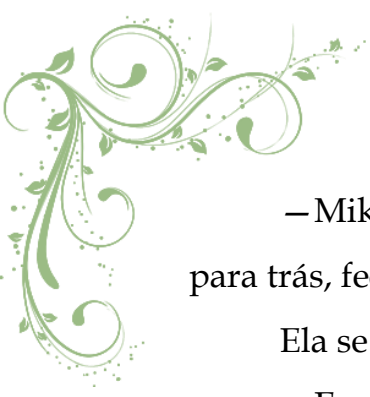
— Sim. É assim que a história termina, de qualquer maneira. — Mina encolheu os ombros. — Minha babá costumava dizer que o primeiro rei de Briar Rose estava com sua noiva nos campos e concebeu seu primeiro filho sobre o local onde o dragão branco repousava. É por isso que a magia do dragão branco vive no nosso sangue. — Ela riu. — Eu sempre achei esse conto meio bobo, mas de alguma forma, verdadeiro. Isso é estranho?

Dmitri bufou.

— Eu já vi coisas muito mais estranhas em toda minha vida. — Ele jogou outro tronco no fogo. — Obrigado pela história, Alteza.

— Não precisa agradecer. — Mina ficou de pé, avistando as manchas vermelhas escuras em seu pulso. — Eu preciso me lavar.





— Mikhail está no córrego. Ele vai mantê-la segura. Dmitri inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos com um sorriso. — Confie em mim.

Ela se afastou, murmurando.

— Eu não duvido.

Como ela poderia, depois daquela demonstração de extermínio dos bandidos selvagens que os atacaram? Esses cinco homens da Guarda de Sangue os haviam despachado como se estivessem fazendo um exercício no quintal. E a partir do que Dmitri havia mencionado no início daquele dia, havia mais alguns deles que compunham esse bando de mercenários.

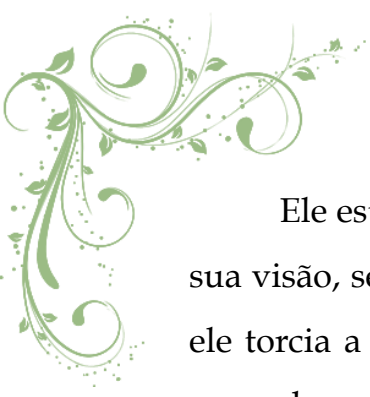
Quando ela se aproximou do riacho em pés silenciosos, não pôde vê-los simplesmente como mercenários. Especialmente, não depois do que ela aprendeu mais sobre eles. Sim, eles eram assassinos. E, provavelmente, dispostos a trabalhar pelo maior lance. Mas eles também eram homens nobres. Cada um deles. Ela podia dizer isso pela maneira como eles se comportavam e falavam. Ela também notou que eles se recusavam a parar de usar seu título, mantendo as formalidades no lugar. Provavelmente, por ordens do capitão. E isso a levou a pensar que a aliança deles com a Black Lily tinha pouco a ver com dinheiro e mais a ver com a causa.

Naturalmente, a causa do Black Lily insistia em tirar os humanos da opressão, para acabar com o domínio tirânico da Rainha Morgrid, oferecendo à humanidade uma chance de igualdade. Mas, isso não explicava por que um bando de vampiros aristocráticos rebeldes estava se aliando a eles.

Ela saiu de trás de uma árvore onde o longo e áspero casaco de couro de Mikhail estava pendurado em um galho. Quando saiu da sombra da aba saliente, ela congelou.

Por todas as estrelas, o criador de Mikhail deve ter sorrido muito alegremente no dia em que o fez.





Ele estava agachado sobre o riacho, nu da cintura para cima. Mina bebeu de sua visão, sem fôlego. Os músculos laterais se contraíam e flexionavam enquanto ele torcia a camisa em um nó apertado sobre o riacho. As linhas de suas costas musculosas eram excelentes. Ela não podia imaginar como seria a frente dele. Ela não teria que esperar muito.

— Você seria uma assassina terrível, sua Alteza.

Ele se levantou e retirou o excesso de água com uma última torção da camisa no ar, quando se virou para ela. Foi a vez dele de congelar.

— Não faça isso. — ele avisou.

— Fazer o que? — ela perguntou, incapaz de evitar que seu olhar vagasse pelos músculos duros de seu peito largo, ao longo da linha sinuosa até o centro de seu abdômen esculpido, no topo de um V que desaparecia cruelmente na parte baixa de suas calças.

— Você sabe malditamente bem o que. Não olhe para mim desse jeito.

Ela encolheu os ombros, impotente.

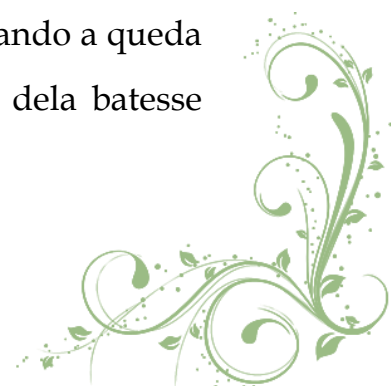
— Você é lindo.

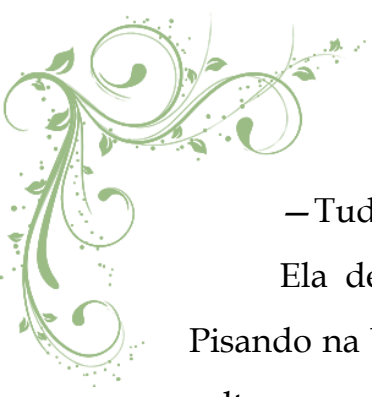
Ele não respondeu, pressionando os lábios, como se o elogio o afligisse. Jogando a camiseta molhada em um dos ombros, ele marchou na direção dela.

— É melhor voltarmos para a fogueira.

Melhor para quem?

— Não. Eu preciso me limpar. Um pouco de sangue ficou nas minhas mãos também. — Ela levantou a palma da mão para mostrar a ele o leve borrão de sangue que manchava sua palma e pulso, onde ela levantou a mão antes que Dmitri cortasse a jugular do vampiro. Engraçado como toda aquela violência não a incomodava. Se qualquer coisa, seus sentidos aumentaram, saboreando a queda daqueles bandidos brutais. Nada parecia fazer com que o sangue dela batesse forte como o homem parado diante dela.





—Tudo bem. — ele rosnou. — Vá se lavar.

Ela desamarrou o manto e pendurou no galho ao lado do casaco dele. Pisando na beira do riacho, ela se ajoelhou no banco de terra. Ela pegou o cabelo solto enquanto deslizava por um ombro em direção à água. A empregada de Irena tecera minúsculas tranças ao longo de suas têmporas, mas deixara o resto em suas ondas naturais. Ela não conseguia impedir que o cabelo penetrasse na corrente enquanto se lavava.

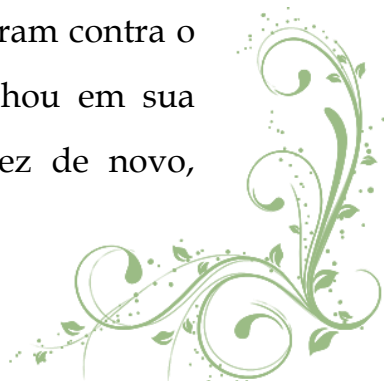
—Capitão, você pode me ajudar? — Ela apontou para o cabelo dela.

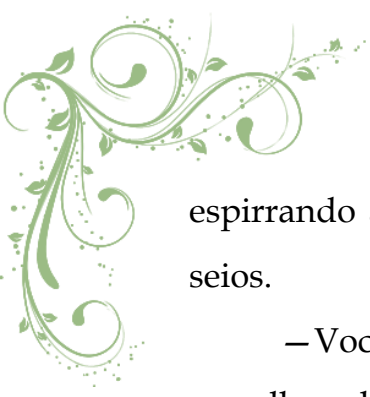
Ele não se moveu no início, a encarando enquanto ponderava acatar ou não seu pedido. Finalmente, ele soltou um suspiro pesado e caminhou para o lado dela. Abaixando-se apenas em um joelho ao lado de seu quadril esquerdo, mantendo a outra perna levantada em suas costas, ele puxou o cabelo para trás com uma mão, seu punho descansando entre as omoplatas dela.

Ela não disse uma palavra, mas levantou as mangas até os cotovelos e começou a limpar as mãos. Ela então se inclinou mais. Ele a ancorou, pressionando o punho ainda segurando o cabelo dela mais abaixo nas costas. Ela jogou a água fria no rosto, respirando com o frio refrescante. Enchendo as mãos, ela bebeu do fluxo claro.

A longa corrida a fez suar, apesar do frio. E, embora soubesse que o que faria em seguida, despertaria o homem às suas costas, era exatamente isso que ela queria.

Lentamente, ela puxou uma manga do ombro, depois a outra. Pegando a água fria com as mãos em concha, ela a deixou escorrer pelo pescoço e o peito. Um profundo rugido reverberou do vampiro atrás dela. O som zumbiu em sua espinha e formigou ao longo de sua pele até que seus mamilos roçaram contra o tecido de seu vestido. Instantaneamente, o calor elétrico se espalhou em sua barriga. Sua respiração acelerou, ela se inclinou para frente e fez de novo,





espirrando ainda mais água sobre os ombros nus e por cima de seus pequenos seios.

—Você não sabe o que está fazendo. — suas palavras rangeram como cascalho sobre pedra.

Ela trouxe outra mão cheia de água para beber e umedecer os lábios, antes de virar a cabeça por cima do ombro, encontrando seu olhar escuro e faminto. Ela não disse uma palavra, seus pensamentos certamente estavam evidentes em seus olhos enquanto ela passava a língua sobre os lábios. Então ela deixou seu vestido deslizar mais para baixo em um ombro.

—Eu retiro o que eu disse. — Sua expressão endureceu, sua voz ficando rouca e suave. — Você sabe exatamente o que está fazendo, não sabe?

—Eu te disse ontem à noite. Há algo mais entre nós. E eu não vou fingir que não existe. Seria uma tremenda mentira.

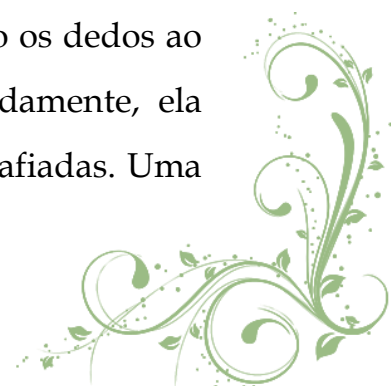
—Então, você resolveu me tentar de propósito?

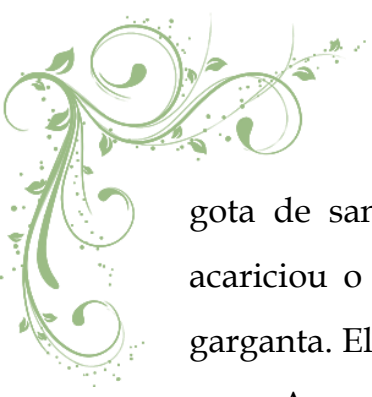
—Sim. — ela respondeu, sem vergonha. — Sempre que for possível.

Ele puxou o cabelo dela suavemente, fazendo com que ela arqueasse o pescoço. Cerrando a mandíbula enquanto inclinava a cabeça para mais perto, ele sussurrou.

—Isso é muito perigoso.

Em vez de se esconder ou sucumbir ao seu rosto tempestuoso e voz ameaçadora, ela leu suas verdadeiras emoções pulsando em um ritmo firme no ar – medo cru e uma poderosa luxúria. Fortalecida por seu próprio instinto, ela se virou e se ajoelhou de frente para ele, que ainda tinha a mão firme em seus cabelos. Ela levou o indicador úmido aos lábios dele, acariciando gentilmente, até que ele abriu os lábios e ela deslizou o dedo para dentro, arrastando os dedos ao longo dos dentes até encontrar seus caninos salientes. Propositadamente, ela segurou seu olhar sombrio e espetou seu dedo em uma das presas afiadas. Uma





gota de sangue dela perolou na ponta do dedo, mas ele não se moveu. Ela acariciou o sangue em sua língua, o calor suave puxando um gemido de sua garganta. Ele fechou os lábios ao redor do dedo dela e sugou profundamente.

A sensação de uma gota de seu elixir fluiu através de seu corpo como um incêndio, lambendo chamas ardentes em todos os lugares certos. Lentamente, ela deslizou o dedo entre os lábios dele. A respiração dele estava ofegante, como a dela, enquanto ela arrastava a ponta do dedo sangrenta ao longo do lábio inferior dele – com fascínio e desejo – até que finalmente seus olhos se ergueram para os dele.

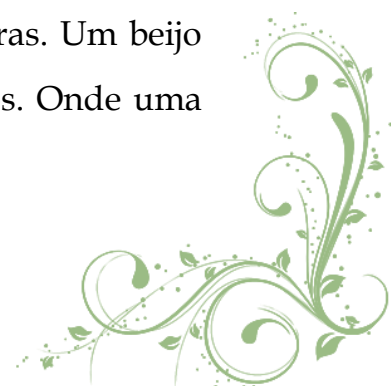
Oh Deus.

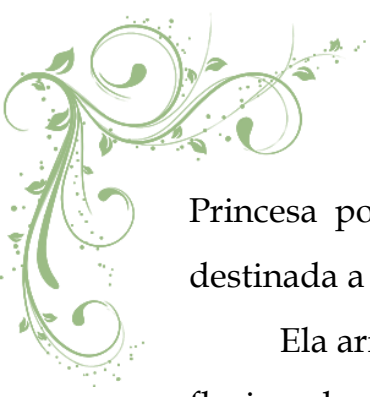
Um desejo feroz e uma necessidade ardente a possuíram. Ele olhava para ela com uma fome tão sombria que o calor queimava através de seu sangue. Aproximando-se dele, suas respirações se misturaram e seus olhos se encontraram.

— Apenas um beijo, capitão. — O calor dele irradiava em seu rosto, bochechas, lábios, seios e barriga, como um inferno furioso. Sim, os batimentos cardíacos dele latejavam com força quanto sua respiração atestava. E seu desejo chicoteava intensamente contra ela. — Eu quero sentir aquilo de novo, agora que estou acordada.

Ela quis dizer mais do que ter os olhos abertos do sono sem sangue. Ela tinha acordado diferente, se sentindo viva, como nunca antes. Havia despertado também para os desejos do seu coração. E do seu próprio corpo.

Ele agarrou o cabelo dela com mais força, o único sinal que ela teve, antes dele fechar a distância entre eles. Suas bocas se encontraram em um choque de dentes, presas e línguas, com uma necessidade desesperada de garras. Um beijo que poderia bloquear o mundo. Ou começar novos mundos inteiros. Onde uma





Princesa poderia ter o que ela desejava, o que ela merecia, o que ela estava destinada a ter. E manter, pelo resto dos seus dias.

Ela arrastou as palmas das mãos até o peito duro e ao longo de seus ombros flexionados, fixando uma mão em sua nuca. A outra, ela apertou o cabelo dele enquanto as bocas beliscavam e sugavam. Os gemidos femininos se misturaram aos masculinos, tecendo-os com mais força até que ele passou um braço forte ao redor de sua cintura e a puxou contra seu corpo, embalando-a perto, ambos de joelhos, os dele separados.

Ele deslizou a boca pela mandíbula e até garganta dela, lambendo um caminho molhado, que se unia às gotas de água na pele dela.

— Você é tão doce. — ele murmurou.

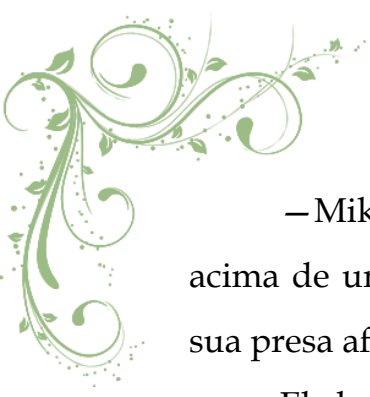
Ela enfiou as duas mãos em seu cabelo curto, pressionando-o mais perto, antes de deixá-las deslizar pelo pescoço, até o peito duro. Seu gemido lhe disse que ele aprovava seus toques de exploração, leves como plumas no abdômen.

— Sim. — Ela sussurrou sua aprovação quando os lábios e a língua dele sugaram seu caminho sobre o volume de seu peito.

Ela não tinha experiência com homens. Nenhuma. Seu primeiro beijo foi o beijo de sangue que a despertou. Ela o ouviu no escuro de sua torre de prisão. Ela sentiu seus lábios, sua boca, sua língua, seu próprio sangue revivendo-a a plena vigília, trazendo-a de volta ao mundo com uma paixão que ela não esquecerá desde aquele momento.

E aqui estava ela, querendo mais. Tão diferente dela mesma. Tão longe da princesa séria e equilibrada que passava seus dias lendo, bordando, tocando piano e cantando músicas, sonhando com uma época em que se sentiria viva. Sonhando com isso. Com um homem como ele.





—Mikhail. — ela gemeu quando ele raspou um canino ao longo da pele acima de um dos seios, sem rasgar a pele, mas marcando sua carne pálida com sua presa afiada.

Ele lambeu a linha ao longo de sua pele.

—Mina. — ele sussurrou.

Ela inclinou a cabeça para trás, em um suspiro de prazer. Seu nome saindo dos lábios dele era puro céu. Ele lambeu até a garganta dela, sua voz áspera deixando-a quase louca.

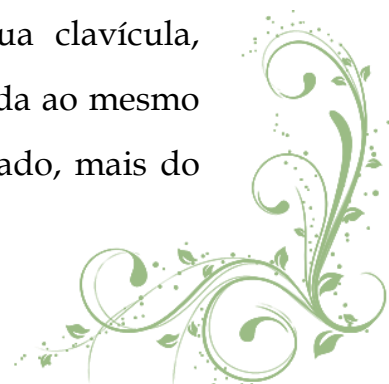
—Mina.

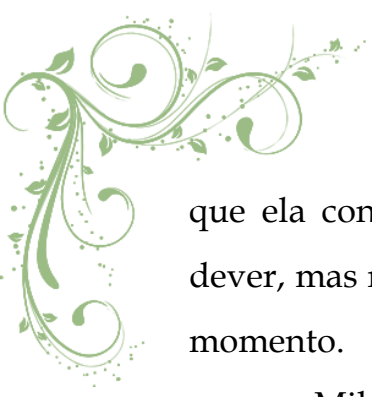
Ele soltou o cabelo dela e soltou a mão ,para segurar a parte de trás de sua cabeça. Ele ergueu a cabeça até que ela encontrasse seu olhar, enquanto seus lábios pairavam perto dos dela, sem se tocar.

—Mina. — Sua voz tinha caído para um timbre tão baixo, tão profundo, tão escuro, com tanto poder e tanta força, que era como se ele a possuísse definitivamente. E, naquele momento, ela sabia que nenhum outro homem jamais teria o direito de beijar seus lábios, acariciar sua pele ou tocar seu corpo. Ele a reivindicou com apenas uma palavra... seu próprio nome.

Seu olhar etéreo ardia no dela quando ele passou os lábios sobre os dela uma última vez, acariciando seu cabelo e ao redor de sua cintura, lambendo sua boca com uma ternura controlada. Ela poderia ter flutuado de prazer neste lugar para sempre, mas o capitão finalmente se afastou. Ofegante, ele se recompôs e a ajudou a ficar de pé.

Com movimentos lentos e precisos, ele endireitou as mangas sobre os ombros dela e apertou as palmas das mãos nas laterais de seu pescoço, apertando os dedos em sua nuca, roçando levemente os polegares em sua clavícula, enquanto simplesmente a encarava. Era um olhar de saudade e perda ao mesmo tempo, de dor e prazer, de esperança e desespero. Algo estava errado, mais do





que ela conseguia decifrar ao sentir suas emoções. Ela entendia seu senso de dever, mas não conseguia compreender por que doía tanto sentir o prazer de um momento.

—Mikhail?

Ele balançou sua cabeça. Sugando outra respiração controlada, ele baixou os braços e marchou para a árvore, segurando seu manto e seu casaco. Com um suspiro pesado, ela o seguiu, sabendo que o momento tinha acabado. Ele já havia se protegido atrás de sua máscara de controle quando a envolveu em seu manto, amarrando-o no pescoço.

Ele vestiu o casaco de couro marrom-escuro, a ponta roçando os joelhos. Todos da Guarda de Sangue tinham casacos semelhantes em diferentes tons de marrom e preto, com capuzes, que ela só tinha visto na noite em que a resgataram.

—Venha. Estamos quase na Floresta de Silvane. Uma vez lá, você estará segura.

Ela assentiu e o seguiu de volta para onde estavam os outros, perguntando-se exatamente de quem ela estaria segura. Ela sabia que ele se incluía entre os perigos que a ameaçavam. O que ele não tinha chegado a entender era que, pela primeira vez em sua vida, ela ansiava pelo gosto do perigo.





Capítulo Oito

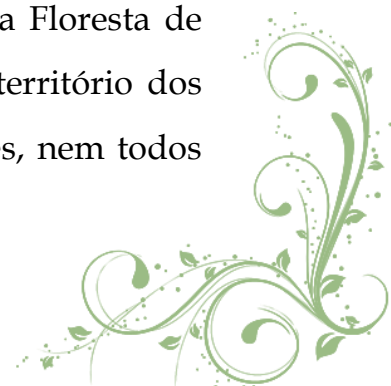
Mikhail tinha estava se repreendendo desde o momento no riacho, onde perdeu a porra do controle. Ele quase não havia conseguido se controlar, chegando perto demais de perder o que restava de sua sanidade, deitá-la no chão e levantar suas saias.

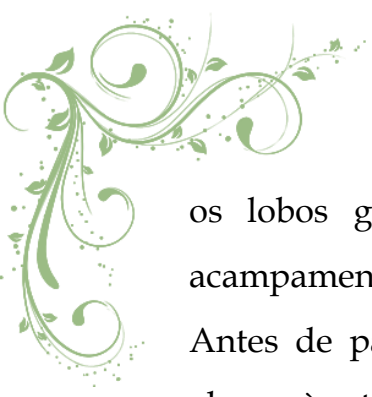
O objetivo desta missão era salvar a Princesa e depois mostrar-lhe o caminho para reivindicar seu trono. Com o apoio do reino do Sul, ela teria fortes e poderosos aliados - e o melhor exército equestre em toda a terra - para enfrentar o exército de vampiros da Rainha Morgrid e do Rei Dominik. O objetivo *não* incluía se envolver com ela de qualquer forma ou maneiras que levassem à intimidade. Protege-la, sim. Possuí-la em um riacho, chupar seus seios perfeitos e fazê-la gozar apenas com os dedos, era definitivamente um NÃO.

Foi o beijo de sangue. Desde que ele a provou, ele ansiava por mais. Ele não estava preparado para lidar com a maneira que ela reagiu a ele, no riacho. O desejo que brilhou naqueles olhos... Ele deveria ter feito outra pessoa despertá-la. Dmitri, talvez.

Porra. Ele sabia jamais teria feito de outra maneira. O pensamento de ter seu irmão, ou a boca ou mãos de qualquer outro homem nela, acendia um inferno de fúria dentro dele. Isso o deixou ainda mais ansioso para colocar uma distância rápida entre eles e os guardas do Rei Dominik. Ele jamais deixaria aquele monstro colocar as mãos em cima dela. Ele morreria antes de deixar qualquer coisa acontecer com ela.

Eles desceram o último declive que levava ao extremo sul da Floresta de Silvane. Não era sábio mover-se em velocidade de vampiro pelo território dos lobos místicos. Mesmo que tivessem firmado uma aliança entre eles, nem todos





os lobos gostavam do fato de que a Guarda de Sangue tinha montado acampamento na fronteira nordeste de Hiddleston, perto da casa de Sienna. Antes de partirem em sua missão, ele aprendeu que a Bruxa de Fogo, como alguns à estavam chamando agora, havia feito amizade com a Princesa uma vez, antes. Arabelle também contava com Mina como amiga, apesar de ter sido prometida a Marius na época. Mikhail ficou feliz em saber que ela teria amigos entre os Black Lily. Isso colocaria sua mente à vontade para que ele pudesse se distanciar. O pensamento provocava uma dor física em seu peito, e ainda assim ele sabia que era o que precisava ser feito.

Ele tinha que permanecer focado. A razão pela qual a Guarda de Sangue fazia um juramento de sangue, abrindo mão de relacionamentos como o casamento, família e qualquer apego a amantes, era para manter sua vantagem letal. A mínima falta de foco poderia significar a morte - para seus próprios homens, para o Black Lily e para os civis. *E para Mina.*

— Você vai me contar sobre sua família? — ela perguntou ao lado dele, trazendo-o de volta ao presente.

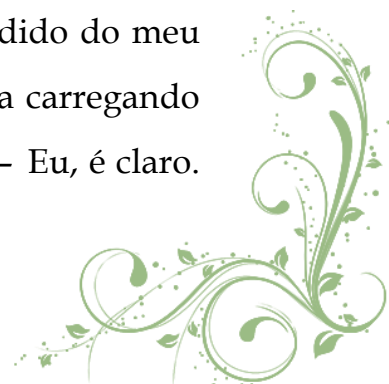
Os outros homens caminhavam para a frente e para trás, ainda vigiando-a de todos os lados. Nenhum bandido passaria pela Floresta de Silvane sem encontrar uma morte rápida pelos lobos, mas eles não iriam se arriscar.

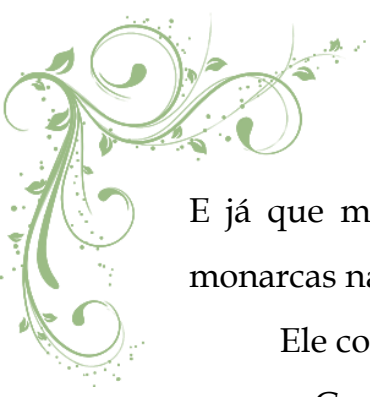
Mikhail olhou para ela. Ele não queria deixá-la entrar mais em sua cabeça do que ela já havia entrado.

Isso era mentira.

Ele queria despir a alma para essa mulher. Aí é que estava o perigo.

— Eu sou o filho de um vampiro e uma plebeia humana. No entanto, meu pai era muito estimado pelo Rei Stephanus. Então, ele honrou o pedido do meu pai para que ele a fizesse vampira, quando descobriu que ela estava carregando uma criança. — ele olhou para ela, colocando ênfase nas palavras. — Eu, é claro.





E já que meu pai era o favorito do Rei de Korinth, ele fez inimigos entre os monarcas na Torre de Vidro.

Ele controlou a raiva que queimava em seu peito.

— Como ele fez inimigos? — ela perguntou suavemente.

— Meu pai tinha ideias radicais. Embora nossa propriedade fosse extremamente pequena, apoiamos alguns inquilinos fiéis a trabalharem nas terras. Mas meu pai discordava da enorme porcentagem do salário dos inquilinos indo para si e para a coroa. Então, um dia, ele parou de pagar o dízimo para a Torre de Vidro, deixando seus inquilinos com uma parcela muito maior de ganhos. Como seus apelos à Torre eram consistentemente ignorados, ele também começou a ignorá-los.

— Eu não acho que isso tenha dado muito certo.

Ele podia sentir os olhos dela nele, mas ele manteve o próprio avanço.

— Receio que não.

— O que aconteceu?

Flashes de memória. *O choro de sua mãe. O corpo mutilado de seu pai.*

— Enquanto estávamos todos longe, exceto meu pai, que estava cuidando da propriedade, um bando de vampiros selvagens infectados com a compulsão do sangue apareceu e o assassinou.

A Princesa ofegou, permanecendo em silêncio por um momento. Então, finalmente.

— Eu sinto muito.

— Já faz muito tempo.

— Como você tem tanta certeza de que os vampiros foram enviados pela Torre de Vidro?

Ele olhou para ela, lembrando-se da cabeça decapitada de seu pai ao lado de seu corpo destroçado.





—Porque depois que eles o assassinaram na porta da nossa casa, eles escreveram com o sangue dele a palavra *traidor*. Apenas a Rainha poderia vê-lo como tal.

Ela não perguntou mais nada. Ele não iria elaborar que as crenças radicais de seu pai resultaram de um antigo mal feito à sua linhagem. Que esta guerra entre sua família e a que estava sentada no trono empírico foi uma que começou há muito, muito tempo. Antes mesmo dele nascer.

Ele precisava mudar de assunto antes que sua raiva o dominasse.

—Arabelle me disse que você conheceu os lobos místicos que Sienna mantinha perto dela, na última vez que esteve aqui.

—Eu não sei sobre conhecê-los, mas sim, eu os vi. Havia um lobo muito gentil, a fêmea branca que Sienna chamava de Duquesa. Você sabe que ela até mesmo a deixou montar nela? Eu me lembro quando Kathleen... — Ela parou de repente, a alegria em sua voz se esvaindo, como se tivesse sido atingida dolorosamente.

Mikhail ouviu falar sobre o destino de sua dama de companhia.

—Eu sinto muito pela sua amiga.

Ela manteve a cabeça erguida enquanto se aproximavam da floresta.

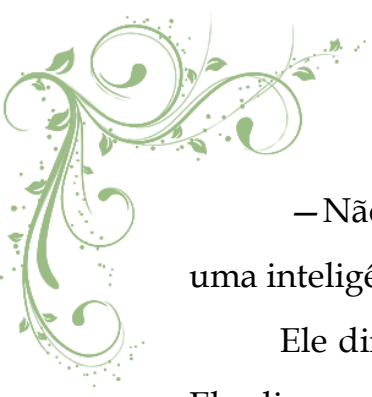
—Obrigada. Foi cruel. Ela não fez nada de errado. A Rainha a matou apenas para me machucar.

—Sim. A Rainha se alegra em trazer dor aos outros. — Ele descartou esse pensamento, concentrando-se no que estava à frente. — Eu mencionei os lobos místicos porque há algo que você não sabe. Bem, ao menos não desde sua última visita aqui. E, provavelmente, estaremos nos reunindo com alguns deles quando entrarmos na floresta.

—Reunindo? — ela deu uma risada curiosa. — O que você quer dizer?

—Os lobos místicos não são simplesmente lobos.





—Não. Eu nunca pensei que fossem. Eles são grandes como ursos e têm uma inteligência notável. Eles também sentem emoções em um nível muito puro.

Ele diminuiu a velocidade e olhou para ela com ironia, depois se lembrou. Ela disse a ele que era sensível, logo antes de dizer que não iria ignorar suas próprias emoções. Ele ficou estupefato por sua declaração no momento, tendo esquecido que ela podia sentir as emoções de cada pessoa, cada ser próximo a ela.

— Faz sentido. — Ele expressou seus pensamentos em voz alta enquanto caminhava mais rapidamente, e ela entrou na fila ao lado dele.

—O que faz sentido?

—Você é tão franca e honesta. Suas próprias emoções são tão óbvias. Isso faz sentido, já que você é sensível.

Ela assentiu com a cabeça e eles ficaram em silêncio enquanto se aproximavam da floresta. Uma fina camada de neve cobria o chão e algumas raízes dos grossos carvalhos negros que se projetavam aqui e ali. Nenhuma folha se agarrava aos galhos agora, onde normalmente eles estariam cheios de folhas prateadas.

—Eu amo essa floresta. — ela sussurrou reverentemente.

—Interessante. A maioria dos vampiros teme esses bosques. A magia daqui.

—Eu não. É por isso que eu os amo. Eu consigo sentir a magia cantando nos galhos. Você não consegue?

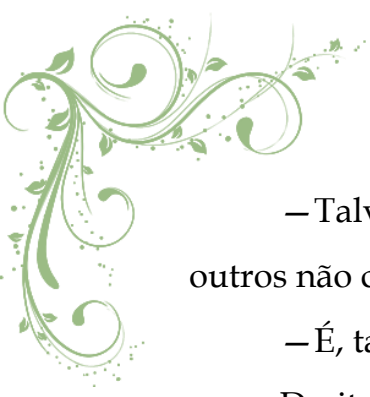
Ele seguiu seu olhar para cima, ouvindo e sentindo nada além de um frio estranho no vento.

—Não. Temo que não.

—Sério? — Ela sorriu como uma criança vendo um presente maravilhoso.

— Eu sinto como se tivesse... voltado para casa.





— Talvez seja porque você tem um dom especial. Você sente coisas que os outros não conseguem.

— É, talvez.

Dmitri correu e parou na frente de Mikhail, o vento soprando o ar ao redor deles.

— Dane, Allora e alguns outros membros do clã aguardam à frente. Eles querem conhecer a Princesa.

— Diga a eles que estamos chegando.

Dmitri relampejou ao redor da curva.

— Quem são Dane e Allora?

— É o que eu tenho tentado te dizer. Os lobos místicos não são apenas lobos. Eles são um clã. Na verdade, existem quatro clãs, pelo que me disseram - de pessoas tocadas pela magia da Hartstone. Eles são guardiões, em forma de lobo.

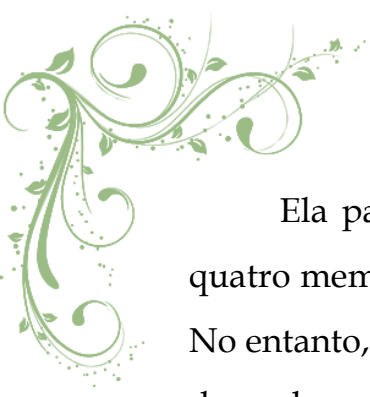
Mina simplesmente balançou a cabeça enquanto eles contornavam a curva em uma pequena clareira ao longo do caminho, onde uma fila de pessoas estava esperando. Os outros quatro do Guarda de Sangue assumiram posições atrás de Mikhail e Mina, flanqueando-os de um modo defensivo. Mikhail viu e sentiu os lobos andando pela floresta, observando.

Mikhail reconheceu Allora primeiro, vestindo calças de pele de gamo, uma blusa de túnica branca e um cinto de couro em sua cintura. Seu cabelo branco-loiro caía em ondas finas até as coxas. As pontas de sua tatuagem tribal chamejavam com uma ondulação na clavícula.

Mina diminuiu a marcha, mas não parou. Ele não sentiu medo dela, apenas curiosidade.

— Oh. — ela finalmente disse assim que pararam diante de Allora. Dane estava à sua direita.





Ela parecia perceber o que ele estava tentando dizer a ela. Uma linha de quatro membros do clã que Mikhail não reconheceu estava à esquerda de Allora. No entanto, sua presença poderosa não deveria ser negligenciada, nem os torques dourados em volta de seus pescoços, coroas denotando seu status como reis de seus clãs.

Com um movimento de cabeça, Mikhail fez um gesto para Mina e disse.

— Gostaria de apresentar Vilhelmina Dragomir, Princesa de Arkadia.

Allora acenou com a cabeça, em vez de fazer uma reverência, enquanto homens e mulheres se curvavam em saudação em sua cultura, explicou Sienna.

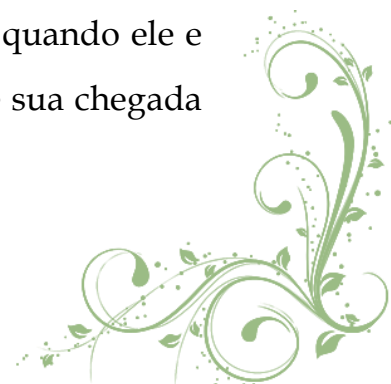
— Eu sou Allora Godric. Sienna uma vez me chamou de Duquesa.

Mina mal conseguia controlar a alegria que brilhava em seu rosto.

— Mas é claro. — Ela fez uma reverência. — É um prazer te conhecer. — Ela lançou um olhar maravilhado para Mikhail. Ela realmente era uma mulher notável, encontrando tanta alegria na descoberta de que os lobos místicos eram shifters, tocados pela magia. A maioria das pessoas franzia a testa em confusão ou se encolhia de medo. Não Mina. Ela recebeu esta estranha notícia como se tivesse ganhado um grande e majestoso presente.

— Este é meu irmão, Dane Godric.

Mikhail inclinou a cabeça e sorriu também para o montanhista que se igualava a Gregoravich em tamanho. Mas, enquanto Gregory parecia perigoso, Dane tinha uma aridez selvagem que nunca deixava seu olhar dourado. Seus cabelos castanho-escuros pendiam por cima dos ombros. Ele usava calças de couro grosseiramente, como os outros. Suas tatuagens envolveram os braços além das mangas até os pulsos e traçavam linhas duras em volta do pescoço. Mikhail tinha visto sua luta em ação no palácio do Rei Dominik em Izeling quando ele e uma comitiva de guerra da Black Lily vieram salvar o dia. Antes de sua chegada





naquela noite aterrorizante, Mikhail não tinha certeza se todos sairiam vivos. Infelizmente, o Rei também fugiu. Vivo.

Mina se dirigiu a Dane.

— Você era o lobo que Sienna chamava de Hugo, não era?

— Sim, Sua Alteza. — o homem disse, com uma reverência respeitosa da cabeça.

Felizmente, ela não questionou onde estava seu irmão mais novo. Aquele que morreu em batalha contra um exército de vampiros da Rainha Morgrid. Foi o fator decisivo para Dane se juntar ao Black Lily contra a rainha do mal.

— Sua Alteza. — disse Allora. — Eu gostaria de apresentar nossos quatro chefes. Este é Bain do clã Fingal, Kiel dos Lochlan, Niall do clã Rodan e, finalmente, meu pai, Hagan do clã Godric.

— É um prazer conhecê-los. — disse ela, como se todos os dias conhecesse os esquivos chefes dos lobos místicos.

Todos eles tinham vários tons de olhos dourados, característicos dos lobos místicos. Enquanto os chefes observavam Mina astutamente, o pai de Allora adiantou-se e levantou a mão.

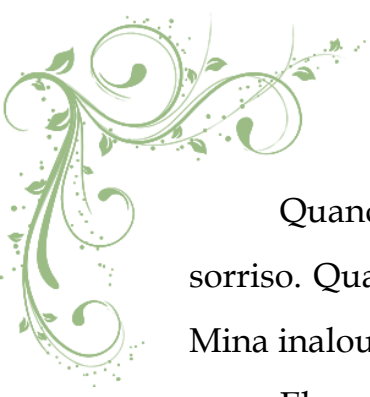
— Posso, Alteza?

Mikhail tensionou cada músculo do corpo. Sua proteção a ela era uma reação instintiva. Ele cerrou os punhos, navegando por uma emoção que não deveria estar sentindo. Como capitão de sua guarda pessoal, é claro que ele deveria se sentir protetor. Mas não a este grau.

— Não tenha medo, capitão. — disse Allora. — Ele não vai fazer nenhum mal a ela.

Mikhail aliviou sua postura, mas manteve-se perto de Mina, que ergueu a mão para o chefe.





Quando ele pegou a mão dela, fechou os olhos. Seu rosto duro abriu um sorriso. Quando ele abriu os olhos, eles queimaram num tom de ouro cintilante. Mina inalou um pequeno suspiro, mas não afastou a mão até que ele a soltou.

Ele se virou para os outros chefes e simplesmente assentiu. A tensão enrijecendo os três remanescentes de repente evaporou como névoa no vento.

— Você já foi tocada pela magia uma vez antes, Alteza — sussurrou o chefe. — Você é bem-vinda dentro da segurança da Floresta de Silvane. Sempre e pelo tempo que precisar.

— Eu te disse, pai. — disse Allora atrás dele.

— Sim, você disse, filha. — Ele e os outros três chefes marcharam de volta para a floresta.

Mikhail notou a forte presença dos lobos diminuindo enquanto se afastavam. Ele sentia seus odores peculiares cada vez mais fracos. Dane e Allora permaneceram por mais um tempo, depois marcharam juntos mais fundo na Floresta de Silvane.

— Você poderia ter me avisado. — O braço de Mina roçou contra o dele quando ela sussurrou perto.

— Eu estava tentando.

— Allora. — ela chamou a mulher andando à frente. — O que seu pai quis dizer? Quando disse que eu já havia sido tocada pela magia antes?

— Ele quis dizer exatamente isso. Você já foi tocado pela magia antes.

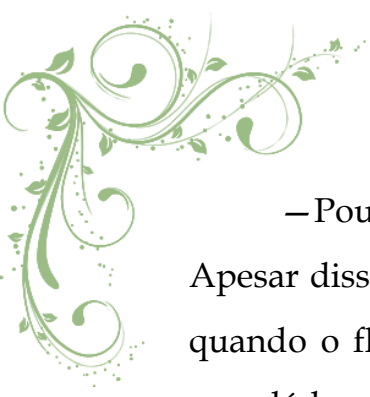
— Mas como? Que tipo de magia?

Allora riu, uma espécie de som tilintante que ecoou nos ramos vazios. Ela olhou por cima do ombro.

— A magia da Hartstone.

— Mas eu nunca estive na Floresta de Silvane antes de Arabelle me trazer aqui. Eu nunca vi a Hartstone.





— Poucas pessoas o fizeram. — disse ela com outro sorriso enigmático. — Apesar disso, *ela* já te viu. Em algum lugar. — Ela saltou em direção ao caminho quando o flash de um lobo negro deslizou entre as árvores. — Dane, você vai guardá-los até o acampamento, eu preciso... — Ela acenou com a cabeça em direção a seu companheiro.

— Vá, Allora. Eu cuido deles.

Allora correu, puxando a túnica pela cabeça, rindo quando Bron a alcançou. Mikhail observou Mina, que tinha parado, incapaz de manter os olhos longe da cena, sua linda boca entreaberta. Mikhail olhou para trás bem a tempo de ver um borrão com a forma de Allora cintilar, muito parecido com o momento em que um vampiro acelera, depois um som estridente e um clarão de luz. Um lobo branco apareceu, saltando atrás do negro.

— Vamos, Mina. — ele pressionou uma mão leve nas costas dela para mantê-la em movimento.

— Você acabou de ver isso?

— Sim. — Ele riu.

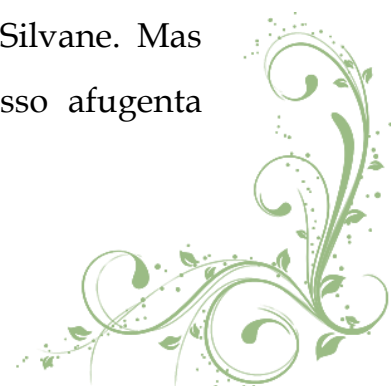
— Oh, não deixe que ele te engane. — disse Dmitri. — Ele ficou tão fascinado quanto você, na primeira vez que os viu fazer isso.

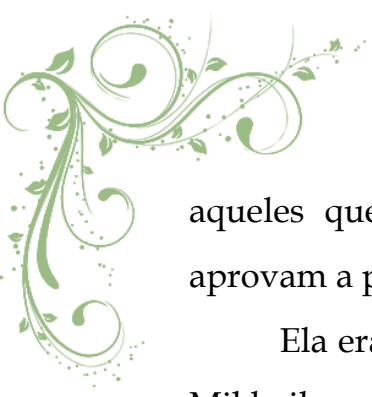
Dane não havia dito nada, uma torre robusta ao lado deles.

— Dane, por que você precisa nos escoltar? — Mikhail perguntou.

Ele exalou um suspiro, olhando para a esquerda e para a direita do caminho arborizado.

— Há uma parte de nós que está com raiva que os vampiros estejam aqui na floresta sagrada. Sabe, por serem o inimigo natural dos lobos místicos. Nós naturalmente sentimos quando vampiros cruzam as sombras de Silvane. Mas agora que os chefes ofereceram refúgio à Guarda de Sangue, isso afugenta





aqueles que preferem não tê-lo aqui. E há alguns que definitivamente não aprovam a presença da Princesa.

Ela era uma figura poderosa no mundo dos vampiros. E, se dependesse de Mikhail, seria ainda mais poderosa. Ele se aproximou dela, mantendo a mão em suas costas, como se o contato a mantivesse mais segura. Na verdade, simplesmente acalmava seus nervos.

— Não há nada a temer. — assegurou Dane.

— Então por que sua irmã parece pensar que sim?

— Os rebeldes não vão contra os chefes. Mas há um ou dois que podem ser estúpidos o suficiente para tentar algo por conta própria, em um esforço para mostrar seu valor. Se eu estiver aqui, eles vão se esconder. — Ele sorriu, fazendo-o parecer mais feroz do que civilizado. — Não se preocupem.

Mikhail nunca se preocupou. Ele tinha total confiança em seus homens e nunca entrou em uma luta que ele sabia que não poderia vencer. E, no entanto, os tentáculos do medo estavam se infiltrando em suas entranhas desde que ele fodidamente pressionou seus lábios contra os de Mina. Uma inquietação que ele não conseguia reprimir só fazia crescer e crescer. Parte dessa inquietação era por causa da mulher caminhando ao seu lado, mas havia mais... algo que ele não conseguia identificar. Uma ave sinistra circulou acima deles e pousou em um galho. Como uma tempestade à distância, ele sabia que o perigo estava chegando. Ele só não sabia quando. Mas ele estaria pronto.





Capítulo Nove

O familiar sussurro de magia a envolveu, tornando-se mais forte quanto mais ela se aproximava da floresta. Como uma velha amiga. Ela não pôde deixar de olhar em volta e sorrir. As palavras enigmáticas do chefe giravam em sua cabeça. Como vampira, é claro, ela foi tocada pela magia. Todos os vampiros foram. Mas ele não parecia estar se referindo à sua linhagem real. Esta não era a primeira vez que lhe diziam que ela havia sido tocada pela magia.

Uma conversa que ela teve uma vez com sua babá, quando era uma menina, surgiu na mente.

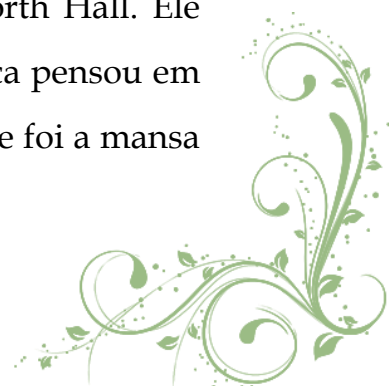
“Doce Mina, seu cabelo e seus olhos brilham tão intensamente. Deve ter sido aquele pó de fada que a bruxa branca lhe deu.”

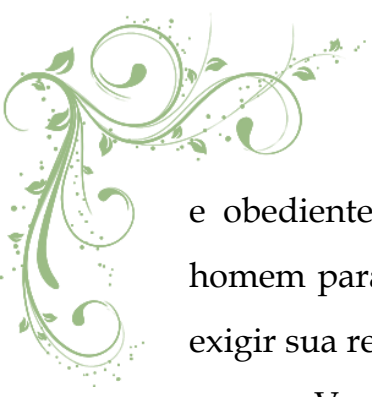
“Que bruxa branca, babá?”

“Aquele que abençoou você quando bebê, minha querida. É por isso que você parece a rainha das fadas.”

Mina lembrou como ela riu de ser chamada de rainha das fadas. Sua babá foi levada pouco tempo depois, substituída por instrutores rigorosos para prepará-la para seu papel de rainha, quando chegasse a hora de se casar com o Príncipe Marius. Steward Thorwald tinha dito a ela desde a tenra idade que ela foi prometida ao mais novo príncipe Varis. Só então ela se tornaria rainha.

Olhando para Mikhail ao seu lado, que permaneceu distante desde o encontro no riacho, ela pensou no que ele lhe dissera em Wentworth Hall. Ele declarou que ela era herdeira do trono de Arkadia. Por que ela nunca pensou em reivindicar o trono por conta própria? Ela sabia o porquê. Ela sempre foi a mansa





e obediente princesa, esperando o dia em que passaria dos cuidados de um homem para o outro. Nunca ela sequer considerou o fato de que era seu direito exigir sua reivindicação.

—Você está bem? — Mikhail perguntou, aqueles olhos que tudo viam percebendo sua mudança de humor.

—Não. Eu não estou, na verdade. — Seu sangue bombeava forte e quente em suas veias. O vento soprava através dos galhos nus acima deles, batendo os membros ferozmente, como se a floresta sentisse sua ira.

—O que houve? — Ela sentiu seu intenso escrutínio, intensificado pelo timbre profundo de sua voz. — Conte-me.

Lágrimas ardiam nos olhos dela. Foi tão repentino e esmagador que a pegou inconsciente. Ela respirou fundo para não soluçar, depois parou debaixo de um dos imponentes carvalhos pretos. Ela se ajoelhou e se atrapalhou com seus laços.

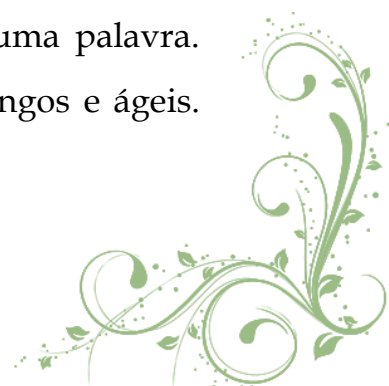
—Meus cadarços estão soltos. — ela murmurou, precisando de uma desculpa para organizar suas emoções. Elas nunca se descontrolaram dessa maneira. Ela puxou os cordões com força, a raiva deixando seus movimentos bruscos e desajeitados.

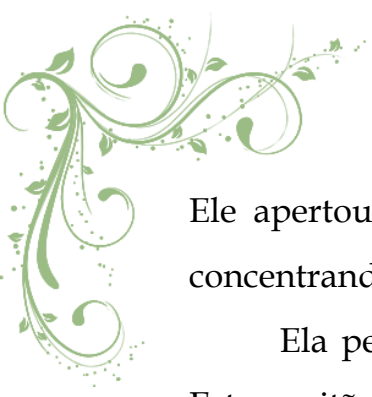
—Vão em frente. — ela ouviu Mikhail dizer aos outros, sentindo que todos pararam quando ela parou. — Nós nos juntaremos a vocês em breve.

Ele se ajoelhou diante dela e colocou as mãos sobre as dela, onde ela estava puxando com tanta força que quase arrebentou os cadarços.

—Deixe-me ajuda-la. — ele a persuadiu suavemente.

Ela se apoiou no outro pé e passou as costas da mão em uma bochecha, depois a outra, soltando um suspiro trêmulo. Mikhail não disse uma palavra. Lentamente, ele desenrolou os cordões agora atados com dedos longos e ágeis.





Ele apertou, depois deu um nó, então deu um nó duplo com precisão lenta, concentrando sua atenção no pé dela. Não nela.

Ela percebeu que ele estava dando a ela um momento para se recompor. Este capitão bruto, chocante e letal estava sendo tão gentil com ela quanto com um gatinho. Quando terminou, ele colocou as duas mãos ao redor do tornozelo dela, segurando seu pé com as mãos firmes, o calor dele atravessando a bota de couro.

— Pronto. — Finalmente, ele encontrou seu olhar, sua expressão serena. — Diga-me o que lhe causou dor.

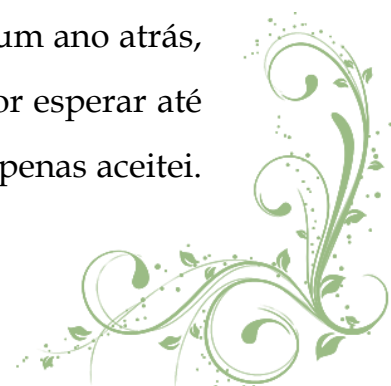
Ele estava implorando para ela, não perguntando. Suas sobrancelhas se arquearam pacientemente.

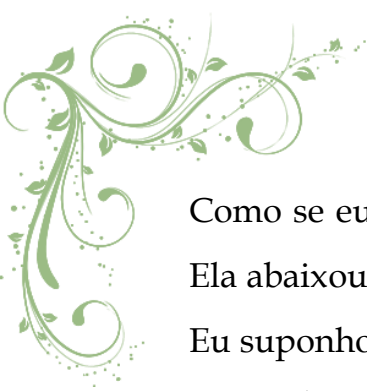
— Eu sou tão idiota. — ela admitiu, a vergonha a fez apertar os olhos fechados por um momento, tentando parar um novo poço de lágrimas. Não adiantou muito.

Ele levantou uma daquelas mãos perfeitas e passou a ponta áspera do polegar pela bochecha dela.

— Você não é idiota. — Seu timbre geralmente mandão e até dominante soava suave, como se estivesse atraindo uma égua tímida para sua mão.

— Eu sou. Você mencionou ontem à noite que eu seria rainha um dia. A verdade é que eu deveria ter sido a verdadeira líder do meu povo há muito tempo. Por que eu nunca exigi essa posição? O mordomo era para proteger o trono até que eu fosse maior de idade. Eu sou maior de idade há algum tempo. No entanto, nunca pensei em exigir meu lugar e liderar o meu povo. — Ela rangeu os dentes por um momento, depois soltou um suspiro de desgosto. — De fato, isso não é verdade. Eu tinha pensado nisso uma vez. Cerca de um ano atrás, mencionei isso a Steward Thorwald, mas ele me disse que era melhor esperar até eu me casar com o Príncipe Marius, então reinaríamos juntos. E eu apenas aceitei.





Como se eu não fosse boa o suficiente, forte o suficiente para liderar sozinha. — Ela abaixou a cabeça, olhando para os dedos no colo, torcendo o tecido da saia. — Eu suponho que não era.

Ele arrastou os longos dedos em volta do pescoço dela e levantou a cabeça dela com o polegar.

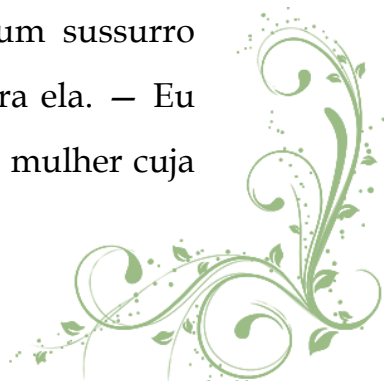
—Ouça-me, Mina. — O domínio estava de volta em sua voz aveludada e sombria. — Você é muito mais forte do que pensa. Você sabia que menos da metade dos vampiros colocados em um sono sem sangue realmente sobrevivem à prisão por até uma semana? Não é a fome que os mata. É o isolamento sombrio. Aqueles que sobrevivem despertam desequilibrados, suas mentes permanecem quebradas.

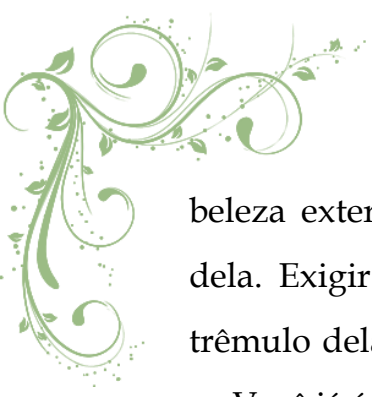
Ele apertou os dedos na nuca dela, passando o polegar sobre a bochecha dela mais uma vez. Um olhar fervoroso endureceu suas feições enquanto ele vagava o olhar pelo rosto dela.

—Você não só sobreviveu por meses, mas você saiu ilesa. — Ele balançou a cabeça, um som agudo de descrença escapou dele. — Não apenas ilesa. — Ele segurou o outro lado do rosto dela, mantendo o olhar fixo nele, como se o que ele disse agora fosse da maior importância. — Você saiu mais forte, mais feroz, mais viva e mais brilhante que a Estrela do Norte.

Uma onda de adoração envolveu seu corpo inteiro, zumbindo com o calor vindo diretamente de Mikhail. Ela não sentiu essa emoção dirigida a ela em toda a sua vida. Não com tanta intensidade e certeza. Seu queixo estremeceu, mas ela mordeu o lábio para não fazer barulho.

—Homens menos nobres morreram, sem conseguir suportar o que você suportou. Mas não você. Não, você não. — Sua voz caiu para um sussurro áspero, como se ele estivesse quase falando para si mesmo, não para ela. — Eu me sinto fraco quando penso na força que está dentro de você. Uma mulher cuja





beleza externa não é nada, se comparada à poderosa deusa que reside dentro dela. Exigir seu lugar no trono? — Ele passou a ponta do polegar pelo lábio trêmulo dela. — Oh, Mina. — Ele balançou a cabeça, como um homem perdido. — Você já é uma *Rainha*.

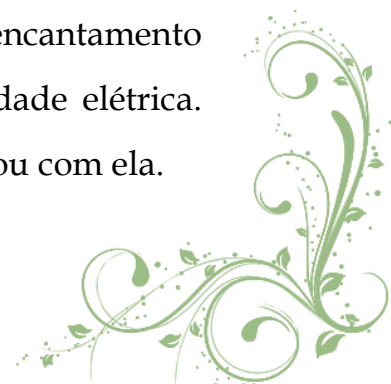
Ela queria chorar novamente por palavras tão amáveis que ninguém, nem uma única alma, jamais falara com ela. Foi um presente. Um presente maior do que seda ou joias luxuosas, terras ou castelos. Um que não poderia ser comprado, nem com ouro. Foi o reconhecimento de que ela valia mais do que o que os outros tinham visto nela. O administrador, os senhores, os Legionários que orbitavam ao redor dela por toda a vida, mantendo-a protegida, mantendo-a desamparada. Eles tinham visto a princesinha cujo único valor estava ligado ao marido que ela podia comprar para o reino. Mikhail os cortou em uma única conversa, limpando-os com um só golpe.

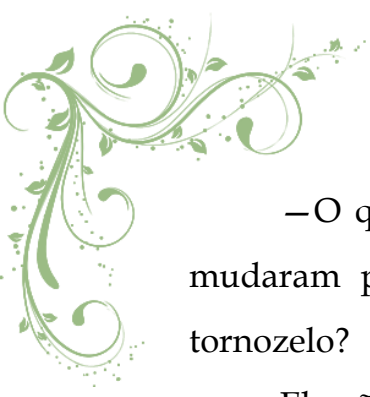
Este homem. Esse guerreiro lindo e feroz não estava apenas puxando seus impulsos primitivos. Ele estava puxando seu coração. Como se ele ouvisse seus pensamentos, aqueles olhos sobrenaturais se arregalaram uma fração antes que ele a soltasse rapidamente e se levantasse. Ele estendeu a mão para ajudá-la enquanto olhava para a trilha.

— É melhor irmos andando.

— Claro. — Ela engoliu o pedaço de emoção ainda a pesando.

Enquanto ela se levantava, ela apoiou uma das mãos no tronco do carvalho negro. No mesmo segundo que ela colocou a palma da mão sobre a casca áspera, um pulso de magia - de onde quer que a Hartstone residisse, no meio dessa floresta - bombeou em uma onda através de sua palma, se arrastando por todo o seu corpo. Ela respirou repentinamente, saboreando o arrepio de encantamento que correu por suas veias, lavando-a novamente com uma serenidade elétrica. Uma mensagem de que tudo ficaria bem. A floresta, a Hartstone, falou com ela.





—O que foi? — ele perguntou, soltando-a, mas ainda de pé, suas feições mudaram para uma que demonstrava preocupação. — Você machucou seu tornozelo?

Ela não podia explicar essa sensação para ele. Era um conhecimento que ela não conseguia colocar em palavras. Ela soltou a mão da árvore e sorriu.

—Não. Estou bem agora.

Com um aceno de cabeça, ele apontou para o caminho.

—Estamos quase no chalé de Sienna.

Uma cacofonia de vozes se sobrepôs à distância. Então, gargalhadas estridentes soaram no ar.

Mina tocou no braço de Mikhail, intrigada.

—Crianças?

Ele sorriu.

—Sim. Lembra que falei com você sobre Friedrich Volya, o Duque de Winter Hill e sua nova esposa, Brennalyn?

—Sim.

—Eles têm uma casa não muito longe da casa de Sienna.

—Um Duque em uma cabana na floresta?

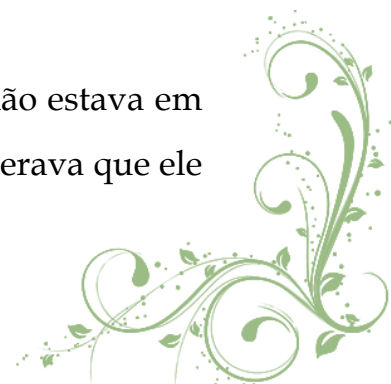
—Positivo. — acrescentou Aleksei, à sua direita, enquanto contornavam a curva onde Dmitri esperava por eles. — E espere até ver o quão cheio de crianças é a casa deles. Ouso dizer que o Duque nunca teve que viver em um espaço tão apertado, com tantas pessoas antes.

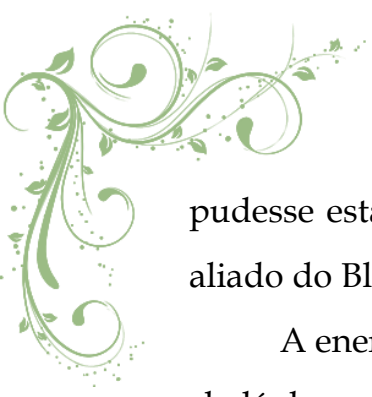
—Nem ele foi mais feliz. — acrescentou Dmitri, andando na frente deles.

Mikhail assentiu com um sorriso largo, mas não disse nada.

—Você é próximo do Duque? — perguntou Mina.

—Sim. Trabalhava para ele em Winter Hill, sabendo que ele não estava em aliança com sua avó, a Rainha ou com seu tio, o Rei Dominik. Eu esperava que ele





pudesse estar disposto a lutar contra eles. O que eu não sabia era que ele já era aliado do Black Lily.

A energia dos vampiros cresceu, provocando o ar com uma aura familiar. O chalé de pedra apareceu, o quintal cheio de soldados - vampiros e humanos. Não exatamente a mesma cena que ela viu na última vez que esteve aqui, quando o Black Lily a manteve cativa na esperança de negociar com a Rainha. Instintivamente, ela se aproximou de Mikhail quando a companhia inteira parou e se virou. Dois homens que lutavam com espadas curtas pararam e olharam em sua direção.

— Está tudo bem. — ele murmurou com uma mão reconfortante em suas costas.

Mina não reconheceu ninguém. A porta da cabana se abriu e saiu uma apressada Sienna, abrindo um belo sorriso brilhante conforme estendia os braços.

— Oh, Mina! — Ela chorou quando ela acolheu Mina em seus braços e abraçou-a perto.

Quando Arabelle sequestrou Mina como um meio de negociar com o Rei Grindal e a Rainha Morgrid para a Black Lily, Sienna a manteve aqui em seu chalé. Sienna tratou Mina como uma amiga querida, em vez de uma prisioneira. Ela ainda sentia aquela afinidade que eles formaram naqueles meses atrás.

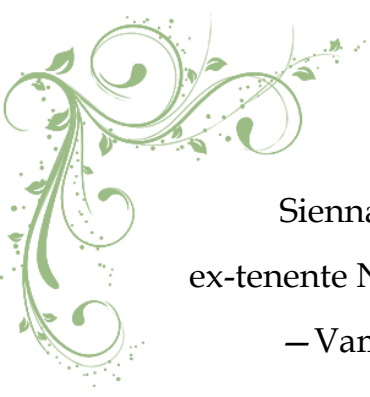
— Nós estávamos tão preocupados com você. — Sienna puxou-a no comprimento do braço, agarrando-a pelos ombros. — Você está linda como sempre.

— Obrigada, Sienna. É tão bom ver você. — O coração dela se derreteu nos braços de uma verdadeira amiga.

— Você parece um pouco cansada também.

— Eu estou. — Mina olhou nervosamente para o séquito de homens de aparência feroz que ainda a olhavam. — Onde está Arabelle?





Sienna passou um braço pelos ombros e guiou-a para a cabana, onde viu o ex-tenente Nikolai encostado na porta aberta.

— Vamos levá-la para dentro e para longe de olhares indiscretos, para que possamos conversar. — Ela lançou um olhar castigante por cima do ombro. — E ouvidos indiscretos. Eu sei que eles parecem duros, mas são inofensivos. Bem, para nós, de qualquer maneira.

Dmitri, Gavril, Aleksei e Gregoravich juntaram-se aos vampiros vestidos de preto com apertos de mão fraternos e tapinhas nas costas, murmurando saudações a velhos amigos. Então, esses homens eram outros membros do Guarda de Sangue.

Mikhail se levantou e a observou ir, uma expressão ilegível fixada no lugar. Parte dela queria convidá-lo a segui-la, insistir, mas muitos olhos os observavam. E numa coisa ela estava certa: Mikhail não tinha certeza do relacionamento deles, se é que eles tinham um.

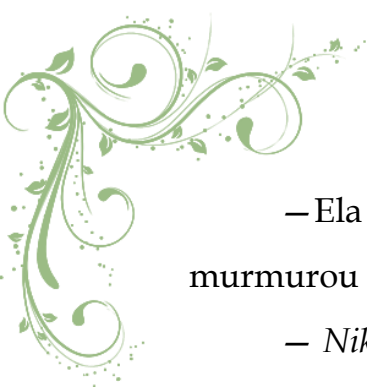
— Esperamos outra nevasca esta noite. — disse Sienna recebendo-a em sua linda casa. — Não tivemos nenhuma por mais de uma semana, mas Nikolai me disse que certamente nevará hoje à noite. Temos uma pequena cabana perto da casa de Brennalyne. Na verdade, é um dos estúdios de arte infantil que Friedrich construiu. O pobre Duque adora essas crianças.

— Ou, ele quer que sua filha mais nova, Izzy, fique mais ocupada. — acrescentou Nikolai, fechando a porta atrás deles e caminhando até um armário.

— Oh, Nikolai. Até parece. Izzy tem aquele homem enrolado em seu dedo mindinho. Você vai adorar os filhos de Brennalyne. Eles são todos tão amáveis. Sete órfãos dos quais ela tomou sozinha. Você pode imaginar? — Sienna pediu que ela se sentasse em seu sofá ao lado do fogo crepitante.

— Sete? — Mina ficou genuinamente chocada. — Não. Não consigo imaginar. Brennalyne deve ser uma mulher muito enérgica.





—Ela tem que ser, para acompanhar todas as exigências de Friedrich. — murmurou Nikolai enquanto servia três taças de vinho tinto.

— *Nikolai*. Pare de dizer essas coisas. Sua Alteza vai pensar mal de você.

Mina riu.

—Não, eu não vou.

Nikolai arqueou uma sobrancelha para Sienna enquanto ele lhes entregava uma taça de vinho.

—Obrigada. — disse Mina, agradecida, tomando um grande gole. —Devo dizer, fiquei surpresa ao ver seu quintal tão cheio.

—Ah, sim. Bem, o acampamento de treinamento está mais perto de Hiddleston. Nós comandamos um amplo prado e vale ao longo dos limites da Floresta de Silvane, mas a Guarda de Sangue sabia que seu capitão estava retornando hoje.

—Eles sabiam? Como assim?

— O capitão Mikhail lhes contou o dia e a hora exatos em que todos voltariam, esta tarde.

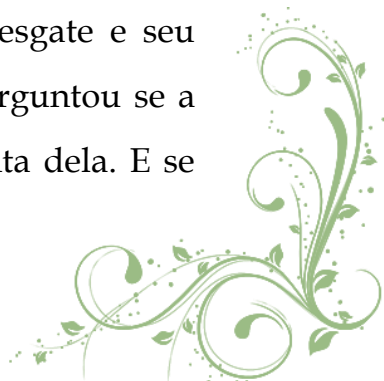
—E ninguém pensou que ele poderia ter sido emboscado ou impedido de retornar a tempo?

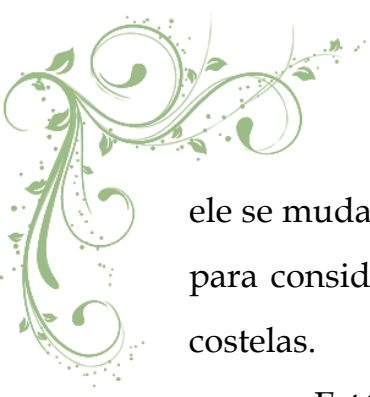
Nikolai zombou, mas não disse nada enquanto bebia seu vinho, encostado no suporte da lareira.

Sienna sorriu e balançou a cabeça.

—Não o capitão. Se ele disser que fará alguma coisa, já considere feito.

Mina compreendeu que o homem era eficiente e engenhoso, mas não compreendia bem a profundidade de sua própria coragem para alcançar um objetivo. Seu coração se aqueceu com sua total devoção ao seu resgate e seu cuidado pela duração de sua missão em trazê-la para cá. Ela se perguntou se a missão dele com ela terminara agora. Um súbito pânico tomou conta dela. E se





ele se mudasse e deixasse o acampamento para outra missão? Ela não teve tempo para considerar isso. A pontada de perda cutucou aquele órgão macio sob suas costelas.

— Está tudo bem, Mina? — Sienna perguntou, colocando a mão na dela.

— Ah, sim. Onde estão Arabelle e Marius? — Ela tomou um gole de vinho, mudando de assunto, embora Nikolai a tenha observado mais intensamente. Ele não deixou passar a ansiedade dela ao pensar em Mikhail.

— Eles devem voltar em breve. Eles saíram em uma comitiva para falar com o Rei Agnar, de Pyros.

— Rei Agnar? — Mina entendeu que Marius era o mais próximo desse irmão que governava o reino ocidental. — Por que eles foram até lá?

Sienna olhou para Nikolai, seu humor ficou sombrio de repente.

— Enviamos um dos guardas com um pedido selado ao Rei Stephanus, há quinze dias. O Leste está infiltrado com Legionários do Rei Dominik. Nós esperávamos que Stephanus se unisse a nós e em troca nós livraríamos suas terras do domínio de Dominik, já que parece que ele tem planos de tomar o Leste.

— Ah não. — Isso era mais perigoso do que Mina havia percebido. — E eu suponho que Stephanus tenha negado sua ajuda.

Nikolai assentiu.

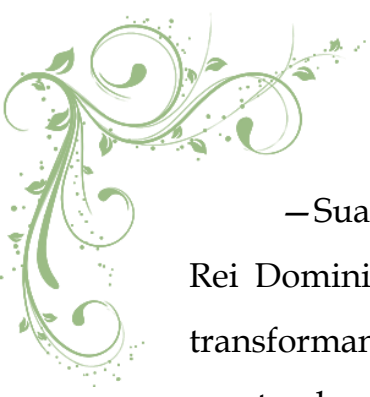
— Ele sempre foi um pouco covarde. Eu não esperava nada diferente.

— E então Marius espera que seu irmão no Oeste se junte a nós. — acrescentou Sienna.

— Quais são os números do Black Lily? — Mina olhou de Sienna para Nikolai. — Não há o suficiente para combiná-los?

Nikolai esvaziou o copo e colocou-o no suporte da lareira, depois endireitou os ombros, colocando as mãos nos bolsos.





—Sua Alteza, enquanto você estava... incapacitada, a Rainha Morgrid e o Rei Dominik estavam invadindo as terras ao Norte, tomando aldeias inteiras, transformando os homens em vampiros e alistando-os em seus exércitos, mantendo as mulheres e crianças como bleeders e como reféns, para forçar os homens a não resistirem, para que lutassem a favor deles.

—Queridos céus. — Mina quase deixou cair o copo, mas Sienna o pegou quando ele se inclinou sobre o colo, depois o levantou.

Ela colocou os dois copos em uma mesa lateral.

—É terrível, de fato. Nós temos um exército forte e bem treinado. Mas não o suficiente. Não contra o tipo de exército de vampiros que eles estão acumulando, muitos dos quais foram infectados com a compulsão por sangue e farão qualquer coisa pela Rainha.

—E o Rei Grindal? Ninguém disse uma palavra sobre ele.

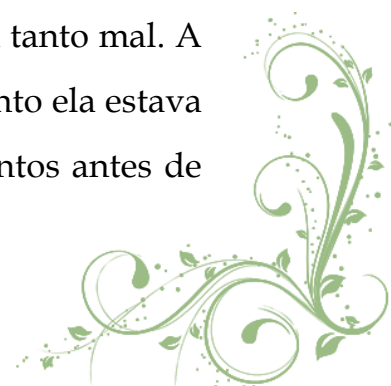
—Ninguém sabe dele. — disse Nikolai. — Meu primo, Riker, foi o último homem que tivemos dentro da Torre de Vidro. Riker disse que o Rei Grindal parecia estar desaparecido desde o momento em que eles começaram a torturar Riker por informações. Eles acertadamente adivinharam que Riker ainda era leal a mim.

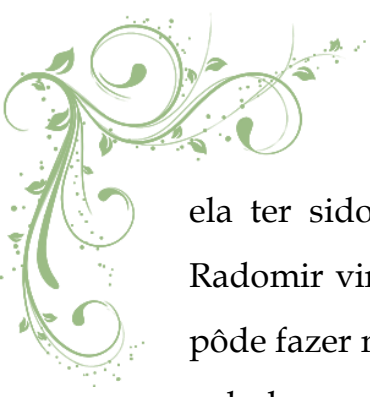
—E seu primo? Ele escapou?

Sienna e Nikolai compartilharam um olhar triste.

—Sim. Por muito pouco. Eles o mutilaram, mas ele está vivo. Ainda se recuperando em nosso centro de treinamento na costa, onde os últimos de nossos recrutas permanecem. Mas ele está mais forte a cada dia e estará pronto para a guerra, quando chegar a hora.

O estômago de Mina se revirou, o ácido girando ao pensar em tanto mal. A Rainha e seu filho estavam causando estragos em todo o país enquanto ela estava deitada em um sono sem sangue. Um flash de seus últimos momentos antes de





ela ter sido presa em sua própria casa surgiu em sua mente. O desdenhoso Radomir vindo atrás dela depois de ter cortado a garganta de Kathleen. Ela não pôde fazer nada para salvar sua amiga ou até salvar a si mesma. Eles a agarraram pelo braço e a arrastaram para a torre superior - fria e úmida, por falta de uso. Quando ela se enrolou no canto, Radomir riu e murmurou "*bons sonhos*", antes de apaga-la para o mundo. A lembrança da perda, da dor e de seu próprio fracasso em impedi-la eram um poço de desamparo.

— Sua Alteza, você está...

Uma batida suave veio na porta um segundo antes de Mikhail entrar. Seu olhar pousou em Mina primeiro quando ele se aproximou do lado dela. Estranho quão rapidamente sua proximidade a deixava à vontade, quase limpando a ansiedade que ameaçara dominá-la segundos antes.

— É bom ter você de volta, capitão. — disse Nikolai com um aceno de cabeça. — Seus homens estavam ficando ansiosos.

— Obrigado por mantê-los na linha.

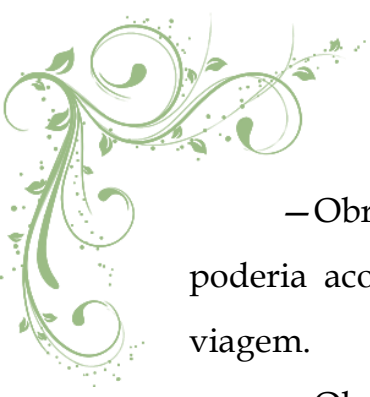
— Não houve necessidade. Eles seguiram suas ordens como se você estivesse aqui. Três treinamentos por dia, alternando as equipes a cada duas horas, aventurando-se a cidade apenas para alimentação, não para beber cerveja ou causar problemas. Foi como se você nunca tivesse saído. Eu devo elogiá-lo por sua disciplina. Eu já tive tropas Legionárias que não seguiram ordens tão bem.

Mikhail afundou o queixo, sua expressão severa focada em Mina.

— Obrigado, Nikolai. Mas eles sabem o que está em jogo aqui. Eles não deixarão nossas chances falharem por causa da ociosidade ou pela mera falta de disciplina.

— Ainda assim, isso diz muito sobre você. Sua equipe é uma vantagem para nós.





—Obrigado. — Ele se aproximou do lado de Mina. — Eu pensei que poderia acomodar sua Alteza em seus aposentos e deixá-la descansar após a viagem.

—Oh, claro. — disse Sienna, saindo do sofá. — Eu posso ajudar e mostrar a vocês onde eu estoquei tudo.

Mina se levantou cansada, as últimas lembranças de sua casa pesando-a. Nikolai se aproximou de Sienna, colocando uma mão ao redor de sua cintura com um aperto firme.

— Acredito que o capitão consiga dar conta de tudo sozinho.

Sienna abriu a boca para dizer alguma coisa. Nikolai apertou a cintura dela.

— Certo. Tenho certeza que sim. Então, todos podemos nos encontrar para o café da manhã depois que você já tiver descansado um pouco. O que você acha disso?

— Isso seria adorável. — Mina abriu os braços para abraçar sua amiga novamente.

Ela retornou o abraço.

— Estou tão feliz por você estar aqui. E segura. Sienna puxou-a no comprimento do braço, seus olhos verdes faiscando com partículas de ouro.

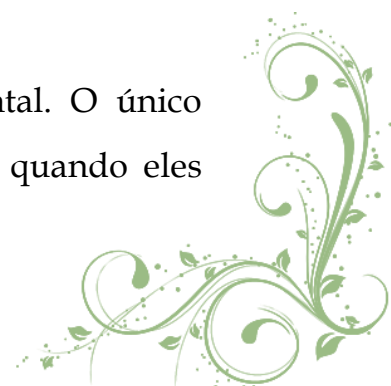
Mina sentiu uma súbita onda de emoção, como se estivesse tocando não apenas uma amiga há muito perdida. Mas uma irmã. *Engraçado*. Elas só se viram uma vez. E ainda assim, ela se sentiu ligada à Sienna.

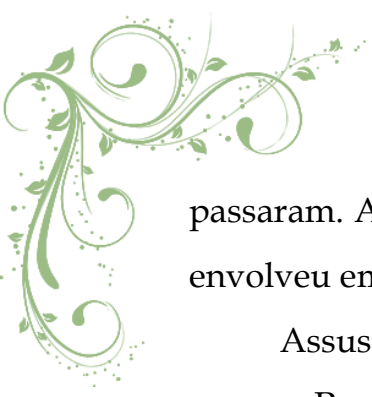
A testa de Sienna se franziu, seus olhos se arregalando.

— Eu acredito que você pertence a nós, Sua Alteza.

— Eu também. — disse Mina, permitindo que Mikhail finalmente a levasse de volta para a porta.

A noite caiu rapidamente. Não havia um homem no quintal. O único movimento era o de uma cabra em um cercado, que resmungou quando eles





passaram. Assim que entraram em um caminho arborizado, Mikhail a deteve e a envolveu em seus braços, balançando-a gentilmente.

Assustada, ela congelou, então afundou alegremente em seu abraço.

— Por que você está me abraçando, capitão?

— Porque você precisa ser abraçada. E eu preciso ser o único a fazer isso.





Capítulo Dez

Ele era um tolo. Um maldito idiota, que perdeu a porra da sua mente e que não parecia se importar com seus próprios comandos. Ele disse a si mesmo para manter uma distância, especialmente após o incidente pelo riacho no início do dia. E aqui estava ele, correndo em seu socorro e confortando-a da única maneira que ele sabia.

Ele sentiu sua ansiedade de onde ele estava no quintal de Sienna enquanto conversava com seus homens. Imediatamente, ele os dispensou de volta ao acampamento e correu para a cabana para ficar perto dela, para resgatá-la. Ele não conseguia se impedir de tentar ser seu herói.

Ele não foi feito para confortar e dar carinho, especialmente quando o relacionamento não podia ir além do físico. Ele foi feito para sangue, ruína e guerra. Ele não podia ter um amante que pudesse distraí-lo de seu objetivo final. No entanto, ali estava ele, abraçando a Princesa Mina como um amante faria, pressionando os lábios nos cabelos dela, sentindo o calor dela se espalhando como um bálsamo para a alma.

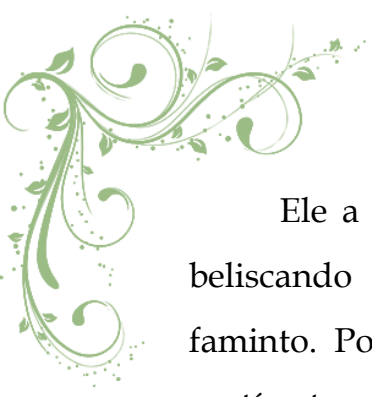
Suas delicadas mãos deslizaram por seu peito para embalar seu rosto enquanto ela empurrava a cabeça para trás, para olhar em seus olhos. A luz das estrelas cintilava ali, atraindo-o para as profundezas condenáveis de seus olhos. Quando ela olhava para ele assim, ele era um homem perdido. Caindo tão rápido que ele mal podia respirar.

— Beije-me, Mikhail. — ela implorou. Sim, aquela deusa implorando por sua boca na dela.

Porra.

Foda-se.





Ele a beijou. Agarrando sua nuca, ele desceu, devorando sua doce boca, beliscando seus lábios, provando de seus beijos como se fosse um homem faminto. Por ela, ele estava morrendo de fome, vorazmente saboreando cada centímetro dela. Ele a esmagou contra ele, inclinando-a para a direita, para que ele pudesse acariciar sua língua mais profundamente. *Um erro.*

Ela se contorceu contra ele. Não para se afastar – mas para esfregar seu corpo contra o dele, deixando-o dolorosamente consciente de sua rígida ereção pressionando contra seu abdômen. Gemendo de prazer, seu corpo macio respondeu ansiosamente ao seu duro.

Com um gemido agonizante, ele a agarrou pelos ombros e se afastou dela.

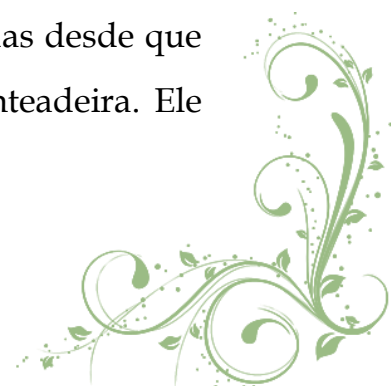
—Qual é o problema?

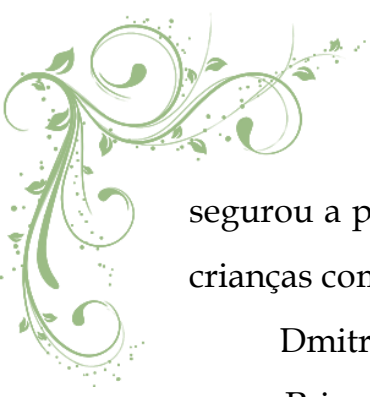
—Putaquepariu, isso foi um erro.

Antes que ela pudesse protestar, ele a pegou nos braços e disparou em direção à pequena cabana de um cômodo que seria sua casa por enquanto. Ele tinha que colocá-la em segurança, depois se afastar dela o mais rápido possível. Para onde fora todo o seu famoso autocontrole? Um olhar dela e ele se tornou um menino enlouquecido e excitado, pronto para devastá-la sem nem pensar sobre isso. Ele entraria e se concentraria apenas em fazê-la se acomodar, depois sairia por aquela mesma porta.

Ele falara com Friedrich antes de ele e seus homens saírem em sua missão. O estúdio de arte que Friedrich construía para a filha mais nova, Izzy, serviria como a morada mais privada para a residência temporária da Princesa.

Colocando-a de pé no degrau da frente, ele abriu a porta. Um fogo crepitante já havia sido aceso. Uma cama tinha sido instalada, coberta com travesseiros e colchas pesadas. Outras comodidades foram mobiliadas desde que ele saiu - um lavatório, uma tigela, uma jarra e uma pequena penteadeira. Ele





segurou a porta quando ela entrou, olhando para a casa principal, onde uma das crianças começou a rir.

Dmitri contou a eles sobre a chegada deles, mas transmitiu a mensagem de que a Princesa precisava de uma noite de descanso antes de mais apresentações. Mikhail queria ter certeza de que ela não estava sobrecarregada.

— Entre. — ele a pediu, mais rudemente do que ele pretendia, enquanto segurava a porta aberta.

Ela entrou e olhou para a sala, observando sua nova casa. Ela caminhou em direção à cama e arrastou os dedos na colcha verde e branca.

— Eu sei que não é bem do jeito que você está acostumada...

— É adorável. — Ela o encarou, uma mão ainda na cama, dando-lhe todos os tipos de pensamentos rebeldes. — Obrigada.

Ele examinou a sala com as mãos nos quadris e acenou com a cabeça.

— Eu acho que servirá por enquanto. Você está a poucos passos da porta dos fundos de Friedrich e Brennalyn.

— Eu não estava me referindo ao quarto.

Confuso, ele olhou para ela da porta aberta, forçando-se a manter a distância.

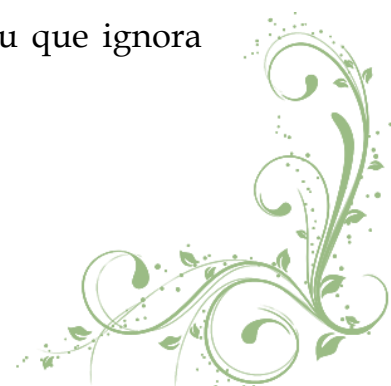
Ela apertou as mãos no colo, as costas retas, parecendo sempre com a dama gentil que era. Seus olhos estavam baixos, cílios roçando suas bochechas pálidas.

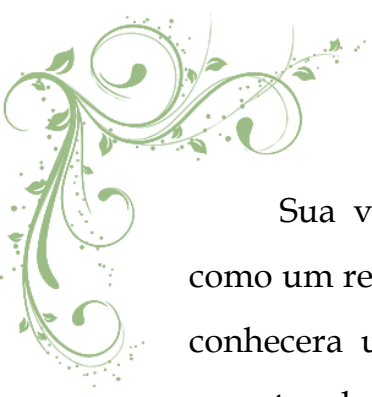
— Eu sou grata por esta hospitalidade, é claro. — Seu olhar se levantou. — Mas eu queria agradecer por hoje... pelo que você disse na floresta.

Mikhail cerrou o queixo, sem saber como responder, além de dizer.

— De nada.

— Capitão, eu não sou o tipo de pessoa que faz joguinhos ou que ignora minhas emoções. Como sou sensível, isso é quase impossível.





Sua voz suave atravessou a pequena câmara, penetrando em seu peito como um remédio hipnótico para uma dor que ele não sabia que tinha. Ele nunca conhecera uma mulher tão sincera, tão descaradamente honesta em todos os aspectos da palavra - em como ela falava, tratava os outros, tratava a si mesma. Quando ele falou de sua força interior na floresta, ela não negou a alegação por trás da falsa modéstia. Isso seria uma mentira.

O fato de que ele teve que viver atrás de uma mentira sobre sua própria família tinha se contorcido dentro dele por tanto tempo. Uma mentira, ele foi forçado a viver assim, porque a Rainha mataria todos com quem ele se importasse se descobrisse a verdade.

Mas esta Princesa não era quem ele pensava que ela seria. Ele pensou em encontrar uma mulher doce que não soubesse nada sobre o mundo, ou uma pessoa cansativa, que pensasse apenas em si mesma. Em vez disso, ela era esse modelo de beleza - da perfeição do rosto, da pele e do corpo até o coração impecável, sem a amargura da traição que vivera em toda a vida. Mesmo com sua própria perda pessoal, ela nunca deixou que isso pesasse seu espírito puro. Ela falava a verdade a todo momento, em todos os sentidos. E o atingia fortemente, em momentos como este. Onde ela se sentava com doçura, docemente, agradecendo-o por algo tão pequeno quanto palavras.

— Não foi nada. — ele finalmente disse.

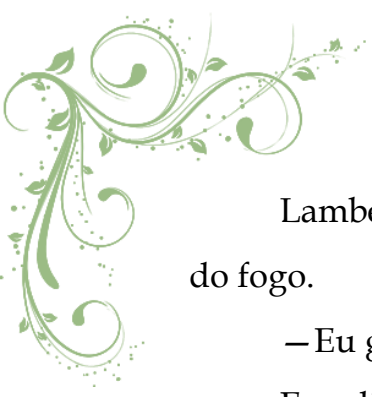
Ela inclinou o queixo, o cabelo fino e lustroso deslizando sobre um ombro. Com um sorriso triste, ela sussurrou.

— Foi tudo. Para mim. — Ela entrelaçou os dedos no colo, apertando com força. — Eu só queria...

Ele deveria ter dito boa noite e se virado. Ele não deveria perguntar, mas foda-se, ele não conseguia se controlar.

— O que você queria?





Lambendo os lábios, ela se sentou mais ereta, os olhos brilhando com a luz do fogo.

—Eu gostaria que pudesse haver mais... entre nós.

Engolindo a pedra irregular alojada em sua garganta, ele falou sua própria verdade.

—Sinto muito. Muito mais do que você imagina. Você acha que me dá prazer te afastar? — ele perguntou, erguendo a sobrancelha como se esperasse que ela respondesse. Ela não se mexeu, nem piscou. Balançando a cabeça, ele continuou. — Não. Isso me *dói*. Fisicamente — Sua voz estava áspera quando ele fechou um punho em seu peito, sobre seu coração. — É uma agonia, se você quer mesmo saber. — Ele balançou a cabeça em uma risada curta, que estava cheia de amargura e não de alegria. — Você não é o que eu esperava.

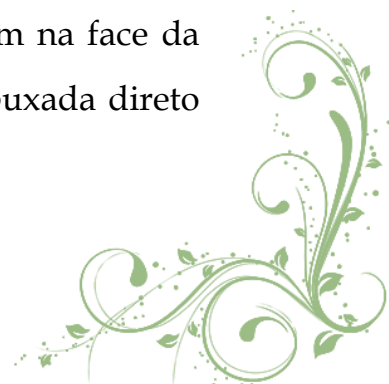
Ela permaneceu em silêncio, observando com aqueles olhos grandes, azuis e honestos, com um poço de compaixão brilhando ali. Ou alguma outra emoção suave e comovente.

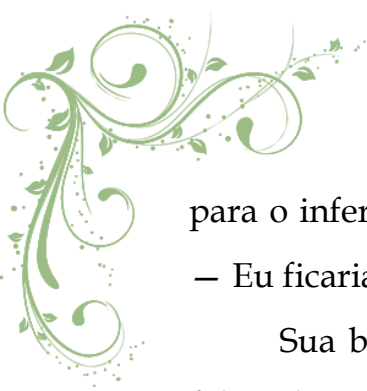
—Eu esperava uma *Princesa*. Um modelo arrogante e perfeito da realeza. Uma soberana fria e distante, que de bom grado aceitaria a minha ajuda para subir ainda mais em direção à sua coroa e o mais longe possível de mim. — Ele deu um passo mais perto, as mãos ao lado do corpo, quase que perdendo o controle de suas emoções agitadas.

Ela engoliu em seco, sua voz quebrada.

—Sinto muito por desapontá-lo.

—Me desapontar? — Ela não entendeu. — O que eu não esperava era *você*. — Ele gesticulou com a mão. — Essa criatura linda e sensual, que me implora para beijá-la e que olha para mim como se eu fosse o único homem na face da Terra. O único homem que *importa*. É como se eu estivesse sendo puxada direto





para o inferno... e, por você? — Ele balançou a cabeça, incapaz de fechar a boca.
— Eu ficaria feliz em queimar por toda a eternidade.

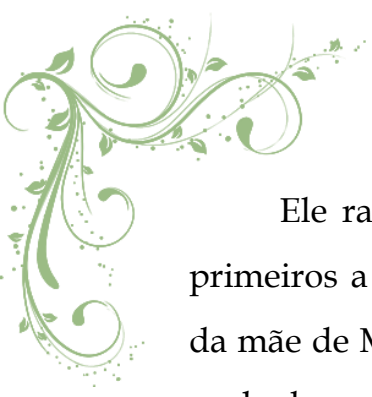
Sua boca se separou em uma inspiração aguda. Ele disse o suficiente. Ele falou demais. Talvez o espírito honesto dela fosse contagiante, pois ele parecia incapaz de manter a própria língua no lugar, quando se tratava dela. Mas, ele teria que tentar. Ele se virou para a porta.

— Boa noite, Sua Alteza. — E poderia muito bem ter sido um adeus. Ele manteria a distância emocionalmente. Fisicamente, ele a protegeria com sua vida. Ele ansiaria por ela, sim. Mas ele era um homem de controle, afinal de contas. Não era?

Ele fechou a porta antes que ela pudesse dizer outra palavra. Ele não confiava em si mesmo para resistir a ela, se ela pedisse para ele ficar. Ele reorganizaria seu pensamento esta noite e lembraria o quão perto ele estava do que ele estava planejando desde que seu pai foi assassinado. Um objetivo que não apenas traria justiça para ele, mas para todo o seu legado. Para a família Romanov e quem eles eram antes, eles foram forçados a se recriar e esconder sua linhagem para se manterem vivos.

Todo o seu plano dependia de Mina tomando seu lugar de direito como Rainha de Arkadia, de ajudar o Black Lily ao lado da Guarda de Sangue, de ganhar essa porra dessa guerra. Mesmo que o Rei Agnar do Oeste juntasse forças com o Black Lily, não seria suficiente. Ele já havia calculado os números da Rainha Morgrid, usando seus recursos para informar o número de Legionários indo e vindo da Torre de Vidro. Seus homens escondidos em Izeling enviavam relatos regulares de que as aldeias do norte eram invadidas - os homens se tornavam vampiros e raivosos com a compulsão, suas mulheres e crianças eram escravas da fortaleza do Rei Dominik, no Olho do Dragão.





Ele rangeu os dentes pensando na casa de sua mãe, Kellswater, um dos primeiros a ser assolado pelo rei açougueiro e seus homens. Rompeu o coração da mãe de Mikhail ao saber que a aldeia onde crescera fora arrasada e as pessoas roubadas como gado. Mikhail agradecera que seus pais não estivessem mais vivendo para testemunhar tal atrocidade, mas era pouco consolo para os pobres bastardos que haviam sido atacados pelo exército de vampiros do rei. Apenas mais uma dívida que o rei e sua bruxa mãe teriam que pagar.

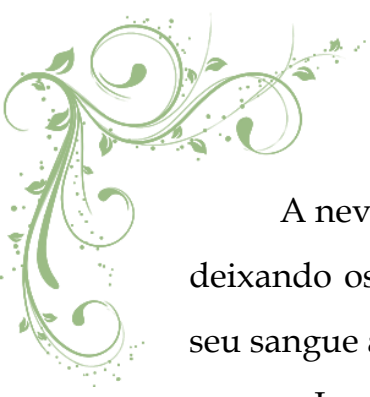
Seus pensamentos saíram do exército de volta para o que o Black Lily e a Guarda de Sangue estavam construindo. Os ocidentais não eram um povo em guerra. Mas os sulistas eram. Linhas aristocráticas que lutaram nas antigas Guerras de Espinhos e derrotaram revolucionários de tempos em tempos, que treinaram e aperfeiçoaram os melhores soldados equestres em toda a terra. Com a força do exército de Arkadia, eles certamente venceriam. Pelo menos, eles teriam uma chance de lutar.

Era por isso que ele precisava manter distância da Princesa, ele disse a si mesmo, enquanto se aproximava do acampamento da Guarda de Sangue. Cada beijo que ele roubava dela, era outra distração de sua causa, que era muito mais importante que encontrar uma amante. Ninguém havia descoberto ainda, mas Mikhail sabia. Seu sucesso dependia da Princesa Vilhelmina. Sua paixão por essa mulher apenas turvou as águas, nublando o que era importante, o principal - o futuro de Varis.

Então, ele manteria seu pênis em suas calças e seus pensamentos tão imaculados e limpos como águas geladas e glaciais em sua presença. Mesmo que a mulher o deixasse louco de desejo, ele ficaria calmo.

—Fique calmo. — ele repetiu para si mesmo, passando a mão pelo cabelo, agitando-o de uma maneira não muito calma.





A neve macia caía do céu. Mikhail parou na trilha e virou o rosto para cima, deixando os flocos baterem e picarem seu rosto. Ele precisava disso para esfriar seu sangue aquecido, seus pensamentos aquecidos.

— Isso está funcionando?

Mikhail tomou sua postura defensiva, com a lâmina na mão, antes de perceber que era Dmitri.

— Não se aproxime tão sorrateiramente de mim, irmão. — Ele embainhou sua adaga.

— Eu não estava fazendo isso. — Ele estava encostado em um tronco, braços cruzados. — Eu só estava esperando por você.

— Por quê? Alguma notícia de Marius? Novidades de Cutters Cove?

— Não. Mas, eu queria saber se você tinha alguma novidade para mim.

— Em relação a que? — Mikhail relaxou os ombros e seguiu pelo caminho. Dmitri ficou ao lado dele.

— Em relação à Princesa.

— Você vai ter que ir direto ao ponto, se é que você tem um.

— Tudo bem. Eu queria falar com você sobre suas intenções com relação a ela.

— Eu acho que minhas intenções estão perfeitamente claras; protegê-la, até que ela tome o seu lugar como Rainha de Arkadia.

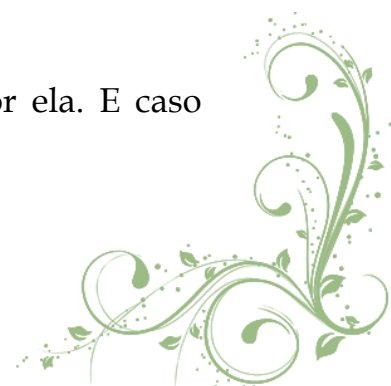
— Protegê-la? Isso é tudo, Mikhail?

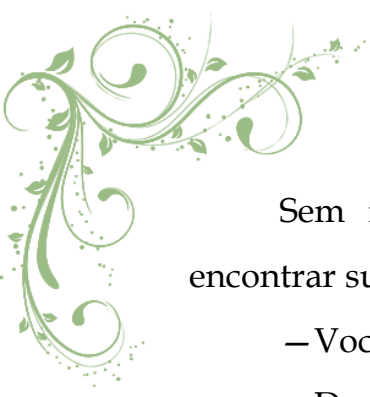
Ele parou abruptamente.

— Que porra você quer dizer com isso, Dmitri?

Imperturbável como sempre, seu irmão mais novo respondeu simplesmente.

— Estou aqui pensando se você não está se apaixonando por ela. E caso esteja, isso significa que você planeja ser Rei ao lado dela?





Sem reação, ele ficou em silêncio por um momento, até finalmente encontrar sua voz.

— Você está completamente louco?

— De jeito nenhum. Eu nunca vi você desse jeito em torno de uma mulher. Você formariam um bom par. Um par perfeito na verdade, com a nossa ascendência familiar. Só me parece que...

— Ela está destinada ao trono real.

— Assim como você, irmão. E você sabe que merece isso.

— Pare com isso. — Mikhail desceu a trilha. — Nós não vamos ter essa conversa. Agora não.

Ele não queria ouvir a lógica de Dmitri, porque ele estava absolutamente certo. Era como se eles estivessem destinados um para o outro. Como se aquele simples beijo de sangue na torre não tivesse sido tão simples assim, mas sim um feitiço vindo direto da varinha mágica do destino, dizendo “finalmente”. Mikhail olhou para cima, incapaz de ver as estrelas acima das nuvens cobertas de neve. Os céus pareciam zombar dele. Ou então estavam forçando-o a descer por um caminho por onde ele nunca planejou viajar. É claro que ele queria reivindicar seu direito de primogênito. Mas isso não fazia parte do plano. *Ela* não fazia parte do plano.

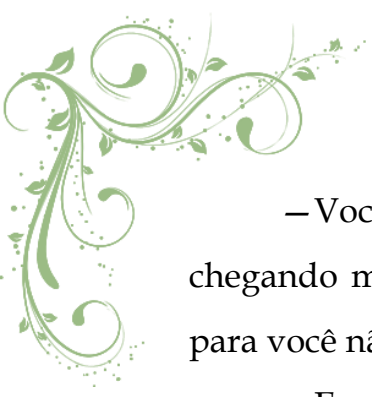
— Por que não? — Dmitri manteve o passo. — Reparar todos os erros. Foi o que você me disse, quando começamos tudo isso. A Guarda de Sangue. Nosso treinamento. Viver longe da nossa casa e lutar contra esses bandidos sangrentos. Nossa aliança com o Duque e com o Black Lily.

— E ainda é. Isso não tem nada a ver com casamento, com se tornar Rei, ou... pelo amor de Deus, se apaixonar.

— Se apaixonar? Eu acredito que você já esteja apaixonado.

— Eu só conheço essa mulher há uma semana.





—Você não consegue tirar os olhos dela. Não tolera nenhum de nós chegando muito perto. Isso é mais que apenas luxúria, Mikhail, e não há razão para você não considerar...

—Eu sou a porra do *Capitão* da Guarda. — ele rugiu. — Eu fiz um maldito voto de sangue.

Dmitri ficou sério, seu sorriso se apagou e ele revelou seu lado mais sensível ao irmão.

—Você está certo. Você não poderia ser os dois. — Ele apertou o ombro de Mikhail em uma rara demonstração de afeto. — Mas um de nós eventualmente terá que deixar a Guarda. — A neve caía em flocos macios, se agarrando ao cabelo preto de Dmitri. — Um de nós deve ter uma família. Não podemos deixar nossa linhagem morrer, meu irmão. — Dmitri raramente falava com uma emoção tão pesada em suas palavras. — É muito importante. Você sabe disso.

Mikhail soltou um suspiro pesado, recusando-se a reconhecer a verdade.

A verdade. Algo do qual Mina não o deixaria se afastar. Isso era demais para ele lidar agora.

—O que *eu sei*, é que preciso de um bleeder e de uma boa foda. E isso é tudo. — Ele gesticulou na direção do acampamento. — Essa noite, o comando é todo seu.

Então, ele partiu em direção a Hiddleston, em busca de alguma coisa - qualquer coisa - que apagasse de sua memória a linda feiticeira de cabelos loiros, que de fato já tinha criado raízes profundas dentro dele. Profundas até demais.





Capítulo Onze

Mina terminou de amarrar a bota, depois se acomodou na frente da penteadeira para cuidar de seu cabelo. Depois de escová-lo completamente, ela fez uma pequena trança de um lado. E do outro lado, ela fez a mesma coisa que ela viu Allora usando no cabelo dela. Uma sensação estranhamente selvagem se agitou em seu peito, florescendo mais a cada dia. Começou no momento em que Mikhail a acordou. No momento em que ele a desafiou a beber dele, como um vampiro natural.

Era isso que estava acontecendo? Ela estava finalmente cedendo a seus impulsos primitivos e a besta interior estava se impondo sobre sua vontade? Ela não tinha certeza.

Nunca tendo tido a vontade de morder ninguém em toda a sua vida e, agora, tudo o que ela mais queria era afundar suas presas nele - em qualquer parte, por todo o corpo dele.

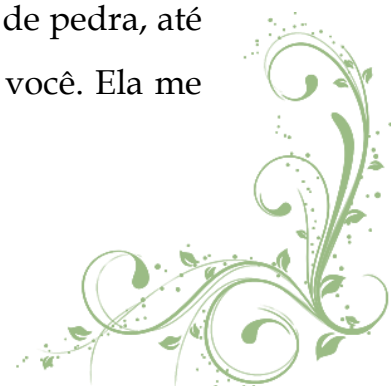
Soltando um suspiro, ela levantou a capa e amarrou-a antes de abrir a porta, encontrando a garotinha mais bonita que já tinha visto sentada em um toco. Ela saltou, com seus cachos loiros saltando, e sorriu para Mina.

— Bom Dia. Você esteve esperando por mim?

— Sim. Você é realmente uma *plincesa*? — perguntou a menininha. Seu problema com as letras trocadas só a deixava ainda mais adorável.

— Sim. E a quem eu tenho o prazer de conhecer nesta bela manhã?

— Eu sou Isabelle. Mas todo mundo me chama de Izzy. Vamos! — Ela agarrou a mão de Mina e a puxou ao longo do caminho em degraus de pedra, até a cabana de dois andares perto dali. — Minha Mimi quer conhecer você. Ela me





fez *plometer* que eu não te acordaria. — De repente, Izzy parou, os olhos azul-celeste arregalando-se de medo. — Eu não te acordei, não é?

— Ah não. De modo nenhum. Eu me sinto bastante descansada. Se quer mesmo saber, eu nunca dormi em uma cama mais confortável do que essa.

E essa era a verdade. Mina não tinha certeza de quem estava arrumando as camas por aqui, mas as colchas quentes e travesseiros confortáveis eram divinas.

Izzy sorriu novamente e puxou Mina pela trilha em direção à porta dos fundos.

— Bem, nós temos tudo pronto para você.

— Isso parece maravilhoso.

— Oh espere. — Izzy parou novamente, um olhar desanimado afundando seus lindos olhos em desespero. — Você toma café da manhã? Você é uma vampira, afinal.

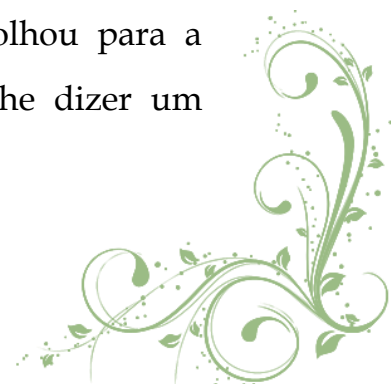
— Eu sou. E sim, tomo café da manhã. — ela assegurou. — Eu amo comida humana. Especialmente bolinhos de canela. — Mina podia sentir o cheiro delicioso de bolinhos de canela saindo da casa. Talvez com aquelas frutinhas silvestres de inverno? — A sua Mimi faz esses bolinhos?

— Oh, minha Mimi não cozinha. É minha irmã, *Beatlice*. E Olog ajuda às vezes, quando não está cozinhando para os soldados perto da fazenda do Sr. *Hallison*.

— Olog? Esse é um dos seus irmãos?

Izzy riu, sacudindo a cabeça, fazendo os cachos balançarem sobre seus ombros.

— Não. Olog era o cozinheiro do meu pai, em Winter Hill. Mas ele veio conosco quando nos partimos. — Ela se virou para a porta e olhou para a esquerda e depois para a direita antes de sussurrar. — Posso lhe dizer um *segredo*?





Mina se inclinou, fascinada pela menininha.

— Claro. Que segredo?

— Nós desaparecemos no meio da noite. Fizemos uma fuga secreta para fora do castelo e os guardas vampiros nos levaram em suas costas. — Ela sorriu quando terminou a última frase.

— Uau. Deve ter sido uma grande aventura.

— Mm-hmm. — Ela abriu a porta e gritou. — Eu trouxe a *Plincesa* Mina, Mimi!

— Céus, Izzy, pare de gritar. — Uma pequena e adorável mulher de cabelos escuros correu para cumprimentar Mina. Quando se aproximou, Mina percebeu que ela era ainda mais bonita de perto. Os ricos olhos castanhos da jovem tinham um tom dourado, que lembrava o ouro. Essa certamente era a bela mulher que fisgou o Duque de Winter Hill, Friedrich Volya, o neto da malvada Rainha Morgrid. Sua mãe era a única filha da rainha.

— Bem-vinda, Alteza. Eu sou Brennalyn Snow. — Ela fechou os olhos com força e mordeu o lábio por um segundo, depois disse. — Na verdade, eu sou Brennalyn Volya agora. Ainda estou me acostumando com isso.

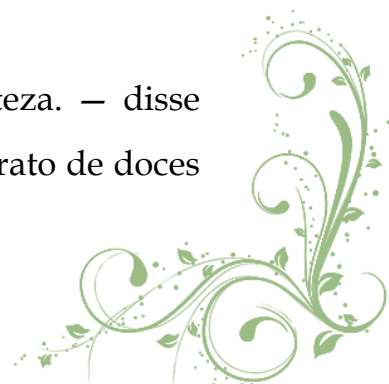
— Oh. — disse Mina, percebendo algo que ela não esperava quando seus olhos brilharam sobrenaturalmente. — Você é uma vampira.

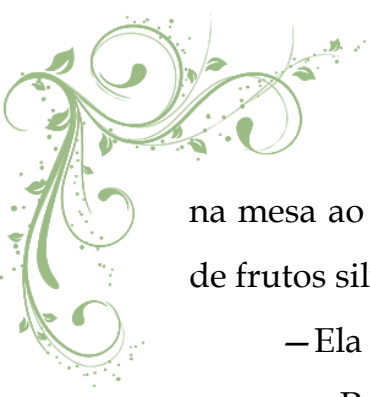
Izzy, que ainda segurava a mão de Mina, disse.

— Meu pai teve que salvá-la do malvado Rei Dominik. Então agora minha Mimi é vampira. Ela até bebe *sangue*. — Izzy estremeceu. — *Nojento*.

— E chocolate quente e chá quente, ocasionalmente. — Ela sorriu. — Você gostaria de um pouco de chá de hortelã? Beatrice acabou de preparar o café da manhã. — Brennalyn acenou com a mão na direção da mesa.

— Eu espero que você goste de bolinhos de canela, Vossa Alteza. — disse uma jovem garota com cabelo louro-mel. Ela colocou um segundo prato de doces





na mesa ao lado de um prato de geleias e outro de fatias de queijo duro ao lado de frutos silvestres roxos maduros.

— Ela gosta! — exclamou Izzy, colocando uma fruta em sua boca.

— Perdoe Izzy. — disse outra garota de rosto bonito à beira da feminilidade, com cabelos negros como Brennalyn. — Ela foi aparentemente criada por lobos selvagens.

— Lobos Místicos! — Gritou Izzy com um punho gorducho no ar.

— Se você tivesse sido criado por lobos místicos... — disse a menina mais nova com o avental. — Você certamente seria mais civilizada.

A resposta de Izzy foi encher sua boca com meio bolinho de canela.

— Meninas, já chega. Sua Alteza, você conheceu minha filha mais nova, Izzy, é claro. Estas são minhas outras duas, Beatrice e Helena. Cada uma delas fez uma reverência educada e depois se sentaram.

Uma confusão de cinco garotos desceu correndo pela escada, fazendo um barulho infernal, como cascos trovejantes.

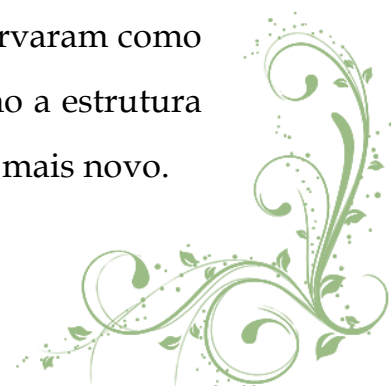
— *Parem.* — A única palavra afiada de Brennalyn parou a fila deles na porta, o mais velho com a mão na maçaneta.

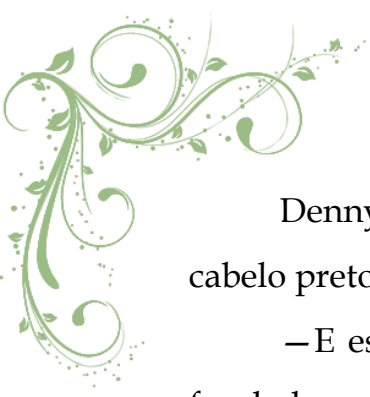
Eles se viraram imediatamente, com os rostos adoravelmente cobertos de culpa.

— Alteza, posso apresentar meus quatro garotos e um quinto, que se juntou ao grupo selvagem? O mais velho, Caden.

Ele fez um arco em reverência, ainda segurando a porta, com seu corpo longo e desajeitado de um adolescente sem os músculos de um homem, embora seus olhos afiados dissessem que ele era mais sábio que seus anos.

— E estes são Emmett e Jack. — Os dois seguintes na fila se curvaram como Caden. Mina podia ver uma semelhança de sangue nesses três, como a estrutura facial familiar e as mechas de cabelo marrom. — E Denny, meu filho mais novo.





Denny estava mais próximo de Izzy, talvez alguns anos mais velho, seu cabelo preto e pele clara o distinguindo dos outros três garotos.

—E esse pequeno sem vergonha é o Nate. O pai dele é um dos membros fundadores do Black Lily.

Nate, um menino de cabelos castanho-avermelhados com sujeira no nariz e travessura nos olhos, fez uma reverência exagerada, quase varrendo a cabeça para o chão.

— Prazer em conhecê-la, é claro.

—Muito prazer em conhecê-lo, Nate. Prazer em conhecer todos vocês.

Brenna se inclinou para perto de Mina.

— Nate é, na verdade, um dos mensageiros disfarçados do Black Lily. Arabelle o considera muito importante.

Nate estufou o peito pequeno e magro.

—Bem, estamos muito gratos pelo seu serviço. — acrescentou Mina com um arco de cabeça.

Ele acenou com a mão.

—Oh, não é nada. Eu gosto de ser sorrateiro. Melhor diversão que existe.

Denny e os outros garotos riram.

—Tenho certeza que sim. — acrescentou Brenna, levantando uma sobrancelha. — Agora, vocês meninos tomam café da manhã? Não quero vocês no campo de treinamento sem comida em suas barrigas.

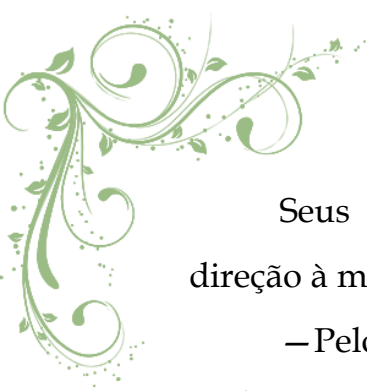
Os quatro mais jovens olharam para Caden, que suspirou.

—Não, Mimi. Mas não podemos nos atrasar. Grant e Dmitri estão nos mostrando como usar um arco e flecha hoje.

Brennalyn apontou para a mesa.

—Comida.





Seus ombros caíram ao mesmo tempo enquanto arrastavam os pés em direção à mesa.

—Pelo amor de Deus. — Brennalyn respondeu. — Basta pegar alguns e podem ir.

Como um bando de animais selvagens, eles pularam na mesa, cada um pegando um punhado de bolinhos e bagas, depois saíram correndo pela porta parcialmente aberta.

—A porta, pelo amor de Deus! — gritou Brennalyn, pegando um bolinho que haviam caído no chão.

Houve um momento de pausa, depois o de rosto amável, Denny, colocou a cabeça pra dentro novamente e sorriu para Brennalyn.

—Obrigada, querido. — disse ela. Ele assentiu e fechou a porta. Seus gritos ecoando o dos outros meninos desapareceram enquanto fugiam para a floresta.

—Eles são bastante ativos, seus meninos. — disse Mina.

—Muito. — concordou Brennalyn.

—São animais. — murmurou Beatrice, varrendo as migalhas que deixaram para um guardanapo. — Assim que voltarmos a Winter Hill e nos afastarmos do campo de treinamento, espero que o papai contrate um professor para ensiná-los a ser cavaleiros.

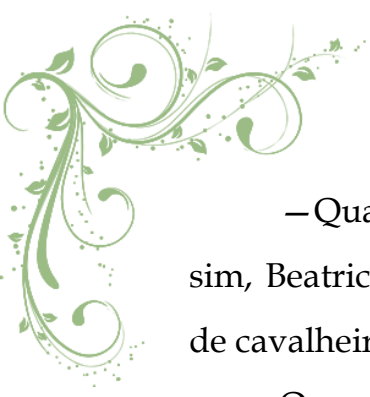
Helena pegou o fumegante bule de chá de Brennalyn, depois de servir uma xícara para Mina e para ela mesma.

— Sair do campo de treinamento não mudará seu comportamento. Eles passarão o dia todo no pátio de treinamento com o capitão Mikhail e seus homens.

O pulso de Mina disparou ao som do seu nome.

Os olhos escuros de Brennalyn olharam na direção de Mina sobre a borda da xícara de chá, antes de direcionar sua resposta para Helena.





—Quando voltarmos a Winter Hill, eles estarão estudando novamente. E sim, Beatrice, suspeito que todos vocês receberão tutores com a devida etiqueta de cavalheiros e damas.

O coração de Mina inchou com o pensamento de Friedrich Volya, o Duque de Winter Hill, vendo esses sete órfãos como seus próprios filhos.

—E eu posso perguntar como vocês se sentem sobre isso? Tornar-se damas da pequena nobreza? — Ela terminou seu bolo amanteigado.

Helena mergulhou seu queixo preparado.

—Estou muito feliz com a perspectiva. Embora eu não esteja tão certa de que Beatrice seja.

Beatrice torceu as mãos no avental no colo e mordeu o lábio antes de olhar para Brennalyn.

—Meu único medo é que eu não seja capaz de cozinhar se eu me tornar uma dama.

—Beatrice, você sabe que o Duque não permitiria que você fosse infeliz. Ele só quer o melhor para você.

Izzy colocou seu copo vazio de água na mesa.

— Você também terá que aprender a ser uma Duquesa, Mimi.

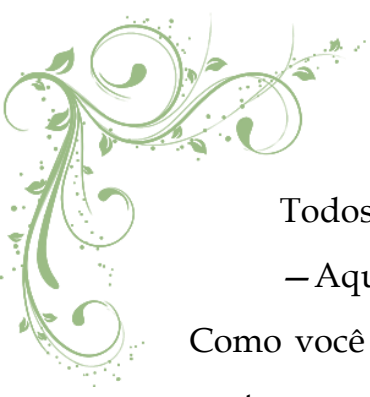
A xícara de chá de Brennalyn sacudiu quando ela colocou no pires.

—Nem me lembre disso. Vamos apenas superar essa guerra primeiro, depois nos preocuparemos com todo o resto. Por enquanto, esta é a nossa casa. E vamos tentar fazer os meninos se comportarem da melhor maneira que pudermos. — Ela limpou as mãos no guardanapo no colo. — Embora seja difícil, quando eles estão vivendo seus sonhos para se tornarem guerreiros.

Helena sacudiu a cabeça com uma risadinha.

— Ou soldados ou piratas ou qualquer ocupação viril que lhes permita empunhar uma espada e enfiar algo em alguém.





Todos eles riram disso. Até Mina.

— Aqui estamos nós, tagarelando sobre nós mesmos. Perdoe-me, Alteza. Como você está se sentindo depois da sua viagem? E depois de... Brennalyne se conteve.

— Está tudo bem. Eu estou indo muito bem, se você quer mesmo saber. Mas, aparentemente, eu estava em boas mãos sob a proteção do capitão Mikhail.

— Ele é o melhor de todos. — disse Izzy com um brilho nos olhos. — Exceto papai, é claro.

— Claro. — concordou Mina, sorrindo para Brennalyne.

— Mimi, podemos ir ver os meninos atirando com arco e flecha? — ela perguntou.

— Eu não acho que a princesa Mina quer ir assistir a um monte de garotos e homens aprendendo arco e flecha.

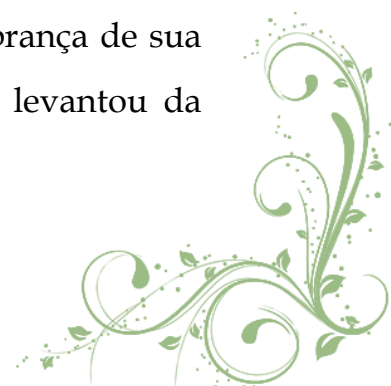
— Na verdade... — disse Mina, colocando o guardanapo no prato. — Eu não gostaria de nada melhor. Arco e flecha era um dos meus passatempos favoritos em Briar Rose.

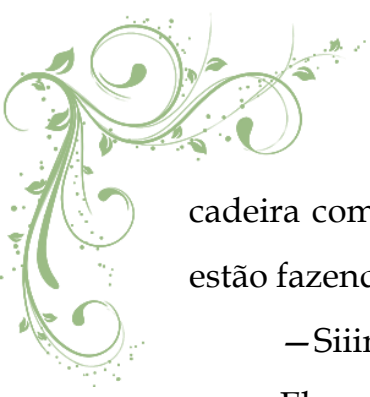
— Uma Princesa, quer dizer, uma dama pode aprender arco e flecha? — perguntou Beatrice, incrédula, de olhos arregalados de empolgação com a perspectiva.

— Ah, sim. Eu era muito boa. — Ela sorriu. — Receio que passei muitas horas aprendendo essas habilidades e poucas na companhia de outras pessoas. Meu mordomo era muito protetor. — Ela franziu a testa com um lampejo de memória.

— Você está bem, alteza? — perguntou Brennalyne.

— Sim. — Ela limpou a carranca do rosto, mas a amarga lembrança de sua vida solitária em Briar Rose ficou grudada em sua mente. Ela se levantou da





cadeira com novo vigor. — Eu digo que devíamos ir ver o que todos os garotos estão fazendo.

—Siiimm! — gritou Izzy, correndo para a porta.

Eles riram e saíram de uma maneira mais comportada. Mina sorriu, mas aquela lembrança ficou espetada como espinhos em sua mente. O administrador Thorwald fingiu mostrar-lhe o maior respeito, apresentando-a à Câmara, mas fazendo todos se curvarem a ele e nunca permitindo que ela tivesse voz. Então, ele a mandava para um baile ou para o teatro, sempre acompanhada pelos Legionários e por Kathleen, antes de arrastá-la de volta para Briar Rose. Pela primeira vez, ela viu a realidade do que ele tinha feito. Tirando-a de cena, calando-a, expulsando-a de seu domínio legítimo. O monarca de Arkadia era o líder da casa. Mas ela só era assim de nome. Steward Thorwald a havia derrubado e tomado seu direito quando ela era uma jovem órfã e nunca lhe permitiu a oportunidade de recuperar esse poder.

Mikhail estava certo. Ela devia reunir suas forças. Preparar-se para o inevitável. O tempo estava próximo, quando ela precisaria que sua voz fosse ouvida, quer Steward Thorwald quisesse ouvi-la ou não. Quer os senhores de Arkadia queiram ouvi-la ou não.

—Sim, senhoras. — Mina pegou a mão estendida de Izzy. — Vamos mostrar aos meninos como é que se atira de verdade com arco e flecha.

Eles sorriram em conspiração feminina, suas risadas rolando nos galhos da Floresta Silvane. Mais uma vez, Mina inalou profundamente a magia aqui, como se estivesse chamando-a para seu destino. Guiando-a para um destino que ela nunca soube que seria dela, mas tinha sido destinado a ela o tempo todo.





Capítulo Doze

—Quando as últimas tropas virão? — perguntou Aleksei.

Mikhail observou os arqueiros de sua posição atrás deles, braços cruzados e mau humor.

—Em quinze dias, imagino. O primo de Nikolai, Riker, os conduzirá pelo Mar Cimmaron e deixará as famílias na segurança de Cutters Cove.

Aleksei acenou com a cabeça, seu próprio rosto sério quando ele olhou para a massa de nuvens ficando pesada.

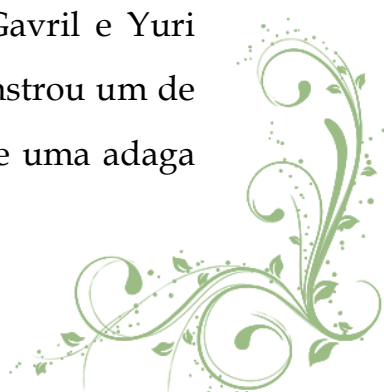
—Riker está curado o suficiente para lutar?

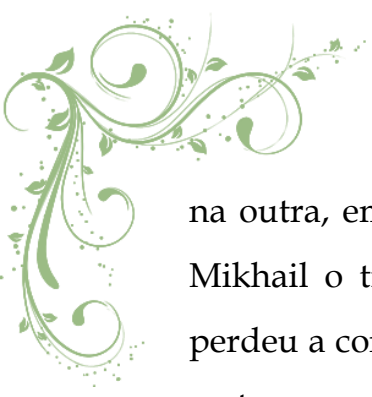
—Nikolai diz que sim.

Mikhail ouviu os garotos de Friedrich atravessarem a floresta antes de vê-los partirem para o campo de treinamento. Nate, o mais aventureiro, cujo pai forjou armas para o Black Lily, estava com eles, como de costume. Caden esticou um braço para impedi-los de correr como tolos na frente da linha de arqueiros. Ele seria um bom líder um dia.

—Aqueles malditos Legionários na Torre de Vidro fizeram um número sobre ele. — continuou ele. — Eles deveriam tê-lo matado quando tiveram a chance. De acordo com Nikolai, ele está cheio de fogo e fúria, pronto para o combate.

Aleksei riu. Mikhail observou os meninos enquanto eles se aproximavam de Dmitri, que liderava o treinamento matinal. Um dos soldados humanos do Black Lily deu um tapinha nas costas de Caden quando ele entregou um arco. O soldado então caminhou em direção ao local onde Gregoravich, Gavril e Yuri estavam treinando em uma variedade de armas. Gregoravich demonstrou um de seus movimentos mais mortíferos com um machado em uma mão e uma adaga





na outra, empurrando animadamente no ar. Ele tinha uma audiência extasiada. Mikhail o tinha visto realizar esse movimento em particular tantas vezes que perdeu a conta. Subjugue o vampiro inimigo com um machado na cabeça, depois corte sua carótida antes que ele possa piscar.

— Bom trabalho, Emmett, mas seu alvo é um pouco mais abaixo. — disse Dmitri, atraindo o olhar de Mikhail para a linha de arqueiros.

Dmitri estava treinando Caden e Emmett a mirar e assumir a postura correta, quando a brisa trouxe o cheiro de sol e jasmim, o cheiro que sempre lhe dava água na boca. Seus caninos se estenderam de uma só vez.

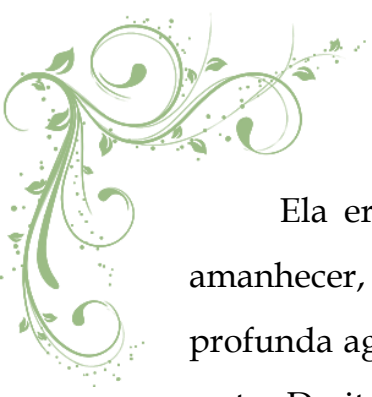
— Bom dia, Dmitri. — disse Brennalyn, com Mina ao seu lado.

Beatrice e Helena andaram por perto, observando Caden e Emmett. Izzy desceu correndo a colina, seguindo Nate, Jack e Denny até o fosso de luta, seus cachos loiros saltando.

A visão de Mina - alta, viva e incrivelmente bela - arrancou o ar de seus pulmões. E também o encobriu em uma sombra de arrependimento. Ele fugiu para Hiddleston na noite passada, procurando uma prostitua bleeder disposta a foder e alimentar sua luxúria, então *talvez* ele conseguisse tirar Mina da sua mente. Ele encontrara uma adorável garçonete no Bull's Eye, que estava mais do que ansiosa para atendê-lo, bem ali em um quarto dos fundos da taverna. Assim que ele afundou suas presas profundamente nela, ela subiu a saia, gemendo e lutando contra o cinto de suas calças.

Quando ele a parou, Mikhail realmente sentiu remorso por enganar a mulher. Ela não pediu pagamento, mas ele deixou três soberanos no barril de cerveja e a deixou no escuro. Ele a ouviu chamá-lo de *bastardo*, um segundo antes de se afastar de novo pela noite. Ele não parou no acampamento, mas continuou pela floresta, subindo nas sombras do lado de fora do pequeno chalé onde Mina dormia.





Ela era um imã, sempre atraindo-o para mais perto. Ele a vigiara até o amanhecer, em paz, sabendo que ele a mantivera segura. Mas também em uma profunda agonia, por querer o que ele não poderia ter. Não *deveria* ter. Ela estava certa. Dmitri estava certo. Ele poderia tê-la. Se ele revelasse a tragédia de sua família e reescrevesse o passado. Tudo o que ele queria agora era corrigir os erros do presente. Perder-se na beleza de Mina foi um erro. Um capitão distraído era perigoso.

No entanto, aqui estava ele, completamente arrebatado à primeira vista da deusa de cabelos claros. Ela se aproximou de Dmitri.

— Posso tentar? — ela perguntou.

Emmett entregou o arco a ela, enquanto Dmitri sorria de maneira encantadora.

— Claro. Agora, fique de pé com os pés virados para essa direção.

Mikhail se absteve de rosnar quando Dmitri colocou uma mão nas costas dela para guiá-la.

— Assim? — ela perguntou.

Ele não pôde evitar, se aproximando enquanto Dmitri dava suas instruções.

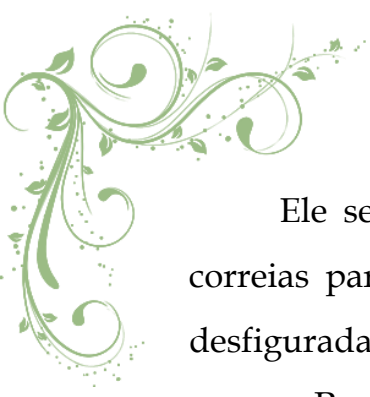
— Sim. Agora segure o arco e...

— Ela precisa da proteção de braço, primeiro. — interrompeu Mikhail, levantando um dos postes onde guardavam aljavas, flechas, protetores e coletes. Dmitri sorriu para Mikhail quando ele se afastou para ficar ao lado de Brennalyne.

Ignorando a acusação implícita do irmão com um olhar, ele ficou na frente dela e levantou seu braço esquerdo. Sem encontrar o olhar dela, ele envolveu o protetor em volta do antebraço dela e afivelou as correias.

— Você já fez isso antes, Alteza?





Ele sentiu o peso do olhar dela, mas permaneceu focado em apertar as correias para que não escorregasse. Ele não queria que sua pele sedosa fosse desfigurada pelo estalo de uma corda de arco.

— Poucas vezes. — ela sussurrou intimamente.

Incapaz de negar a si mesmo por mais tempo, ele ergueu o olhar para o dela enquanto abaixava o braço dela. Por que ele sentia essa necessidade de se torturar, ele não tinha certeza. Ela o segurou lá com a expressão mais serena e gentil que ele já havia visto. Seu exterior calmo só o agitava mais, especialmente quando suas próprias emoções estavam turbulentas com um único olhar.

Ele deu um passo atrás dela e endireitou seus quadris.

— Mantenha seu corpo voltado para essa direção, como Dmitri disse.

— Entendi.

— Desde que você já atirou antes, você sabe manter seu cotovelo na posição certa e seu braço interno esticado, correto? — Ele levantou o braço dela agora segurando o arco, apontando-o para o alvo, um fardo de feno com uma tela do Bull's Eye.

— Desse jeito? — Seu cotovelo ainda estava voltado para o chão, projetando seu braço interior. E embora ela agora usasse a proteção, o sangue dele se agitou com o pensamento dela se machucar enquanto brincava de arco e flecha.

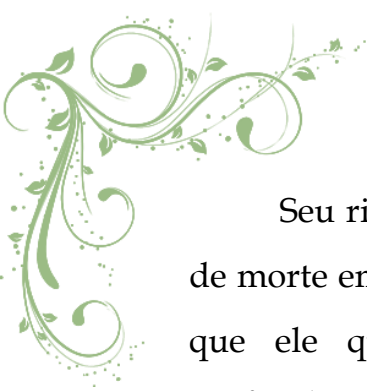
— Não. — ele praticamente rosnou e deu um passo atrás dela.

Ela se concentrou no alvo. Com o corpo alinhado atrás dela, ele espelhou sua postura, segurando sua mão sobre a dela no cabo do arco.

— Olhe para o meu braço. Está vendo minha postura, como a parte mais esticada do meu braço reflete na minha postura? Isso evitará que você seja atingido pela corda quando se soltar. Também lhe dá mais controle de direção.

— Oh. Entendi.





Seu ritmo cardíaco acelerou. Foi quando ele percebeu que tinha um aperto de morte em sua cintura, mantendo seu corpo perfeitamente moldado ao dele. O que ele queria fazer era esfregar o rosto em seus cabelos e respirar profundamente de sua essência. Em vez disso, ele se afastou e cruzou os braços, voltado o corpo em direção ao alvo.

— Eu acho que você entendeu. Apenas posicione a flecha, aponte e solte.

— Aqui está. — disse Dmitri, entregando-lhe uma flecha da aljava no suporte.

— Obrigada. — Ela posicionou a flecha e puxou a corda, inclinando o arco ligeiramente para cima.

— Não. — Mikhail corrigiu gentilmente. — Você está mirando muito alto.

Ela não respondeu, mas apontou em direção ao alvo por mais um segundo, antes de deixar a flecha voar. Ela sibilou pelo ar, arqueando-se em direção à árvore suspensa ao lado de sua alameda, atravessou uma única folha pendurada em seu galho, depois seguiu em frente na curva perfeita, atingindo exatamente o centro do alvo.

Brennalyn riu atrás deles. Mas os olhos dele estavam em Mina, quando ela olhou por cima do ombro.

— É assim?

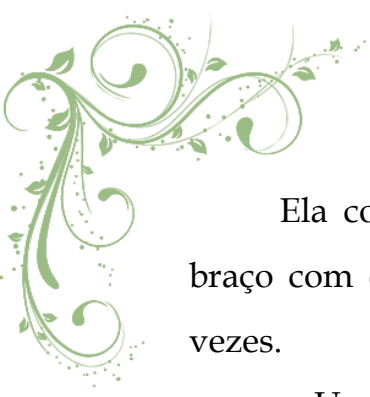
Então, a Princesa podia fingir, depois de tudo. Essa era uma nova descoberta.

— Você não estava exagerando. — disse Brennalyn, com uma expressão confusa iluminando seu rosto.

Ele arqueou uma sobrancelha acusadora para ela.

— Você praticou mais do que apenas *um pouco* de arco e flecha, não é?





Ela colocou o arco de volta em seu suporte de madeira e desafivelou o braço com dedos rápidos e hábeis, como alguém que já tinha feito aquilo mil vezes.

— Uma mulher nunca deve ser vaidosa sobre suas habilidades. — Ela deu um sorriso para ele. — Talvez eu tenha nascido para ser uma guerreira, não uma Princesa.

Você nasceu para ser uma Rainha, ele pensou com convicção. Ele pegou o protetor dela e o jogou para Dmitri, que sorria como o demônio que ele era.

— Você se importaria de dar um passeio comigo, Alteza? Eu vou te mostrar o nosso campo de treinamento.

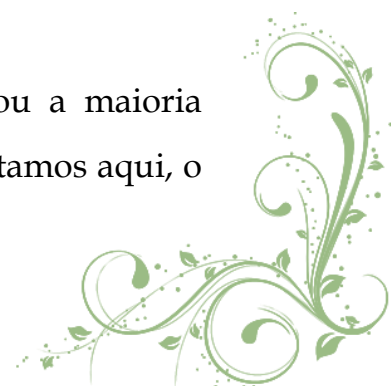
— Eu adoraria.

Ela colocou a mão na dobra do braço dele. Seu toque tanto o balançou como o aterrorizou. A mulher tinha o efeito mais estranho sobre ele. Ele levou-a ao longo do monte, em direção ao fosso de luta. Brennalyne e Dmitri desceram a colina em direção ao círculo onde Helena e Beatrice estavam ao lado. Dmitri se posicionou um metro atrás de Helena, com as mãos nas costas e os olhos bem atentos. Ele tinha se tornado o protetor dela desde que a salvaram da fortaleza da prisão do rei Dominik. Mikhail começou a pensar sobre isso, mas Mina o interrompeu.

— Então, a Guarda de Sangue está treinando o exército humano para o Black Lily.

Ele a fez parar enquanto observavam Gavril empunhando uma espada curta de lâmina fina, demonstrando em câmera lenta em Yuri onde esfaquear um vampiro através da parte de trás do pescoço e no crânio para matar com um golpe. Gavril e Yuri eram dois dos seus melhores homens.

— Não inteiramente. — ele respondeu. — Nikolai já ensinou a maioria desses homens, tanto aos de Cutters Cove quanto aqueles que recrutamos aqui, o





essencial do combate corpo-a-corpo, assim como a estratégia de batalha. Meus homens também os estão treinando com força letal no uso de armas. — Ele apontou para a direita do fosso de luta, onde um grupo o cercava. O corpulento humano, Ivan, teve seu irmão em um estrangulamento enquanto demonstravam movimentos evasivos em câmera lenta para novos recrutas. — Tá vendo os dois homens lá embaixo?

— Sim.

— São Ivan e Evan Barrow.

— Sim, eu os conheço. Eles foram gentis comigo quando Arabelle me sequestrou.

Mikhail deslizou seu olhar para ela. O vento gelado levantava mechas de seu cabelo branco-dourado, uma mecha deslizando sobre seus lábios. Ela a tirou do rosto, então olhou para ele, com uma expressão doce e inocente suavizando seu rosto.

— Você não sabia que Arabelle havia me sequestrado quando fui enviada para a Torre de Vidro, para o meu casamento?

Ele se encolheu ao pensar nela se casando com Marius. *Nela se casando com qualquer outro homem.*

— Sim. Eu sabia. — Ele assistiu a sessão de luta, os meninos de Friedrich se inclinavam na cerca de madeira que cercava a pequena arena. — Eu suponho que seja apenas difícil de imaginar, vendo onde estamos agora.

— Sim, todos vocês têm trabalhado duro desde que eu estava... longe.

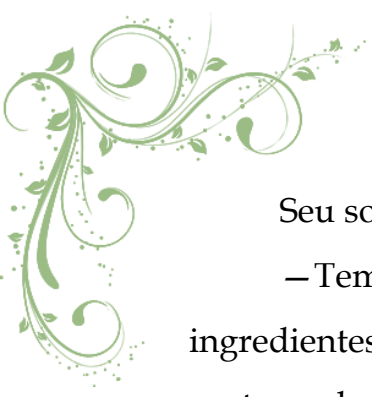
Seu coração se apertou ao se lembrar de onde ela esteve nos últimos meses.

— Então, você aprendeu a atirar com arco e flecha enquanto crescia, em Briar Rose.

— Sim, isso mesmo. — Ela sorriu com confiança.

— E o que mais você aprendeu com tanta competência lá no Sul?





Seu sorriso desapareceu.

—Temo que nada de muito emocionante. — Ela soltou um suspiro. — Os ingredientes típicos de uma dama; Bordado. Dança. Pintura. Música. Embora eu gostasse de cavalgar. Você sabia que os cavalos Arkadian são considerados a raça mais bonita em todos os quatro reinos?

—Eu sei. — Ele gostava de ouvir o orgulho em sua voz. — Friedrich tem dois Arkadians.

—É mesmo? — Ela olhou para os campos, parando o ritmo já lento. Flocos de neve começaram a cair. — Onde ele os guarda?

—Um dos homens é um fazendeiro que tem um celeiro enorme em sua propriedade nas proximidades, perto de Hiddleston. Harrison guarda e cuida de alguns cavalos para o Black Lily. E há outros que estão fazendo o mesmo na vizinhança da floresta.

Ela assentiu.

—Parece que todos vocês estão planejando as coisas há algum tempo.

—Nós estamos.

—E todo mundo está fazendo sua parte. Até mesmo Sienna e os lobos místicos.

—Sim. Nikolai e Sienna arriscaram suas vidas recrutando ao Norte. Foi quando eles ouviram de Friedrich sobre você e onde você estava. E Sienna, ela...

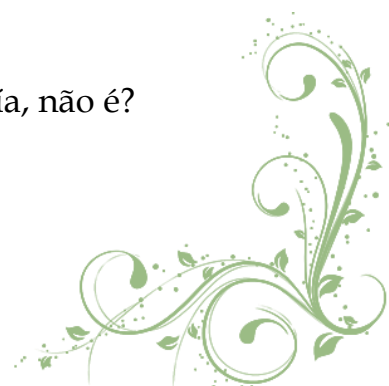
Ela olhou curiosamente para ele.

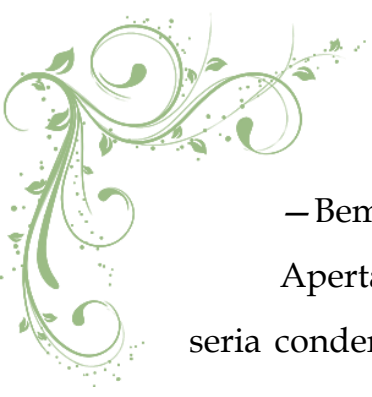
—O que tem a Sienna?

—Ela teve uma espécie de visão, na verdade. Ela... bem, eu não sei como dizer isso. Ela tem um dom, eu acho... Ela tem visões proféticas... entre outras coisas.

—Entendo. E, aparentemente, ela teve uma visão que me incluía, não é?

Ele deu um aceno de cabeça firme.





— Bem...?

Apertando a mandíbula com a visão que Friedrich lhe contou, uma que ele seria condenado ao inferno antes que se concretizasse, ele olhou para baixo do morro.

— A visão completa é perturbadora, para dizer o mínimo. Ela se lembrou de um conto de fadas sombrio que sua avó havia contado, uma vez. Mas desta vez, ela viu claramente os rostos daqueles dentro do conto. E ela viu você.

— Eu?

— Sim. Você estava casada com o Rei Dominik. Você deu a ele um filho. E a Rainha... — ele se forçou a encará-la — Ela pegou seu recém-nascido e o matou. Bebendo todo seu sangue.

Os olhos de Mina se arregalaram de horror, mas Mikhail não lhe negou nada. Ela precisava entender tudo o que estava em jogo. E não era apenas a quebra do sistema de castas e a igualdade entre humanos e vampiros.

— Ela usou um tipo de magia negra e sacrificou uma criança vampira de sangue puro para mergulhar nosso mundo na escuridão eterna, onde ela reinaria suprema, livre de leis ou regras. Onde ela espalharia sua maldade e a compulsão de sangue por toda parte, até que todos os que sobreviverem se tornem escravos dela.

Mina vacilou. Ele agarrou seus ombros.

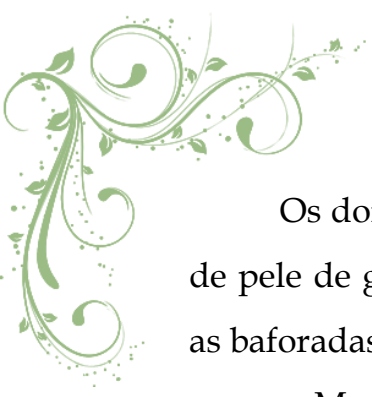
— Mas essa era apenas uma visão de Sienna, como você disse. — O rosto dela empalideceu. — Isso não significa que vá se tornar realidade.

— Não. Isso não se tornará realidade. Eu te prometo.

Ele cheirou um perfume amigável e ouviu alguém se aproximando em uma corrida.

— Sua Alteza! — Allora gritou.





Os dois se viraram para vê-la sair da floresta. Ela correu até eles, seu casaco de pele de gamo com capuz de peles protegendo-a da neve que caía. Ela ofegou as baforadas de branco quando finalmente as alcançou.

—Marius e Arabelle voltaram. Eles chamaram por você assim que chegaram. E você também, capitão. Eles estão com Friedrich na cabana de Brennaly.

—Vamos nos juntar a eles imediatamente. — disse Mikhail.

Allora assentiu e desceu a colina em direção à cabana de caça.

Flocos macios estavam grudados no cabelo de Mina. Ele levantou as duas mãos e levantou o capuz verde-escuro de seu manto. Embora um vampiro pudesse resistir ao frio, ele não suportava a ideia de que ela estivesse desconfortável de alguma forma.

— Espero que tragam boas notícias — murmurou ela.

Enfiando as mãos no bolso, ele curvou um braço para ela levar para acompanhá-la de volta. Ela o fez, inclinando-se suavemente para ele como se tivessem andado lado a lado milhares de vezes. Como se fosse *normal*.

—Eu também. — Ele soltou um suspiro pesado. — Temo que não seja o caso.

—Você não acha que o Rei Agnar apoiará o irmão?

Mikhail sacudiu a cabeça com força.

—Tenho fontes que me dizem que é bastante improvável que o Rei se posicione contra a mãe.

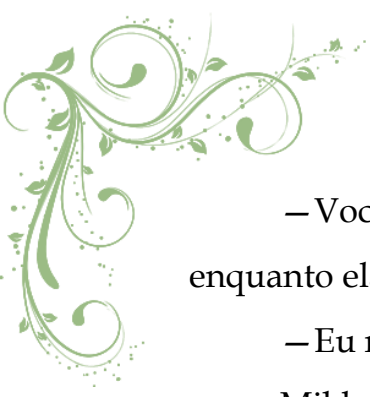
O aperto de Mina se intensificou em seu braço. Seus olhos se estreitaram.

—Aquela bruxa colocou medo em todo mundo, não é? Não apenas nos plebeus em que ela pisoteia. Mas até nos próprios parentes.

—Sim. Ela fez.

Seus passos aceleraram, apressando sua jornada de volta pela Floresta.





—Você não parece estar com medo. — Ele empurrou um ramo pra cima, enquanto ela passava por baixo dele.

—Eu não estou. Estou furiosa.

Mikhail sorriu. Ela o viu sorrindo.

—Você acha isso engraçado?

—Não. — ele respondeu sobriamente, apesar de ainda sorrir. — Eu acho isso maravilhoso. Precisamos de raiva, Alteza, para nos abastecer até o fim. Eliminar seus exércitos e destruir a sua espécie desta terra. Para destruí-la, ela e ao Rei Dominik. E podermos começar de novo.

Ele olhou para ver se suas palavras a assustavam. Pois elas eram palavras honestas. Ele escolheu ser tão franco com ela, quanto ela era com ele. Sua expressão feroz de determinação não vacilou. Se alguma coisa, a fez parecer ainda mais com uma guerreira, pronta para marchar para a batalha.

—Acredito que devemos fazer o que for necessário e pagar qualquer custo para acabar com seu reinado.

Eles contornaram a curva, a cabana de Brennalyn aparecendo ao fundo. Uma nuvem de fumaça saía da chaminé.

—De fato, capitão. Estou pronta para fazer minha parte, seja lá o que isso signifique. — Uma determinação sombria cintilou em sua expressão, quando ela o soltou e se aproximou da porta da cabana. — Qualquer que seja o custo.

O coração de Mikhail saltou ao olhar no rosto dela. Pois era exatamente a mesma expressão que ele tinha visto no espelho por muitos anos, desde que seu pai havia morrido. Tanto ele quanto Mina haviam perdido muito nas mãos da rainha Morgrid. Eles estavam unidos em sua necessidade - não apenas por vingança, mas por justiça. Parecia que o destino continuava a encontrar maneiras de uni-los ainda mais. Mas, pelo menos em relação a esse assunto, Mikhail não tinha objeções.





Capítulo Treze

—Estou tão feliz que o capitão Mikhail e seus homens tiraram você de lá com segurança. — Arabelle tinha acabado de sufocar Mina com um abraço, antes de leva-la uma sala de visitas, onde Friedrich, Sienna e Marius já estavam reunidos. Mikhail seguiu atrás deles. Mina e Arabelle sentaram-se no sofá. Outro homem que Mina não conhecia estava ao lado de Friedrich. Ele usava o uniforme e as armas de um soldado da Guarda de Sangue e tinha um sorriso rebelde no canto de sua boca. Mas ele era humano, não vampiro.

—Sua Alteza. — Friedrich se aproximou dela e se curvou majestosamente. —É um prazer vê-la sã e salva. — Ele lançou um olhar por cima do ombro dela. — Embora eu não tivesse dúvidas de que Mikhail poderia fazê-lo. — Ele acenou para o humano. — Este é meu irmão, Grant.

—Irmão?

Grant deu um passo à frente e fez uma reverência com menos sutileza, embora, de alguma forma, ainda de maneira atraente.

—O mais bonito, Sua Alteza. — Ele piscou.

Mina riu.

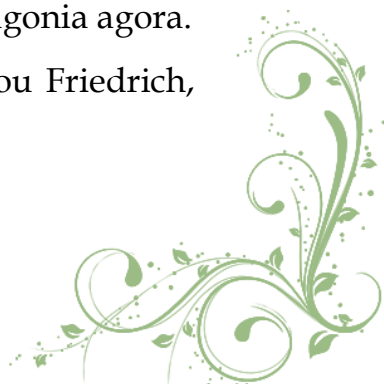
—Comporte-se, Grant. — disse Brennalyne, entrando atrás deles com Helena e Dmitri.

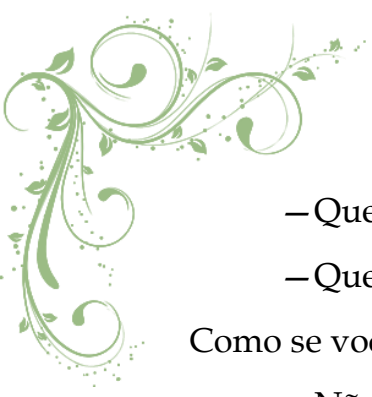
O salão estava cheio, haviam pessoas demais e não havia assentos suficientes. Brennalyne fechou a porta e foi para o lado de Friedrich.

Grant deu um sorriso diabólico para ela.

—Você está com fome, querida? Eu ficaria feliz em aliviar sua agonia agora.

—Você não acha que a piada está ficando velha? — perguntou Friedrich, carrancudo.





—Que piada?

—Que minha esposa precisa se alimentar, toda vez que você está perto.

Como se você fosse assim tão *tentador*.

—Não, essa piada nunca ficará velha, porque sempre atinge você. E ela quer se alimentar de mim toda vez que eu estou perto. Não é mesmo, querida? — Ele bateu um dedo sob o queixo dela.

—Pare com isso, Grant. — disse ela de brincadeira, mordendo de volta um sorriso.

Friedrich ficou atrás dela e passou os braços em volta da cintura dela.

—Eu vou te transformar em vampiro dentro de quinze dias, irmão. Isso resolverá esse problema.

—Promessas, promessas.

Marius se ancorou na parede ao lado do sofá onde Arabelle estava.

—Então, teremos dois novos vampiros em nossa festa em breve.

Arabelle lançou um olhar contundente por cima do ombro para ele.

—Você precisa mesmo anunciar pra todo mundo?

—Não é nada do que precise se envergonhar, querida.

Mina não pôde deixar de perguntar:

—Você vai se tornar vampira, Arabelle?

Ela revirou os olhos para o teto com um suspiro exasperado.

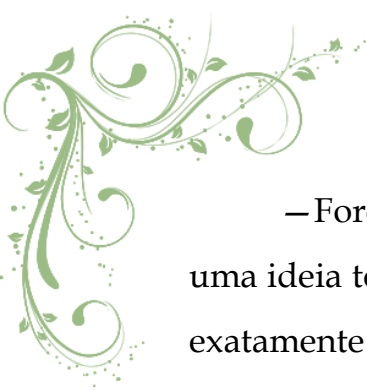
—Sim.

Enquanto seu comportamento mostrava frustração, ela sentiu tanto excitação quanto medo saindo da líder vibrante do Black Lily.

Mina arqueou uma sobrancelha para Marius, o Príncipe ao qual uma vez foi prometida em casamento.

—Você não a está forçando, está?





—Forçando-a? Claro que não. Como se eu pudesse. — Ele riu como se fosse uma ideia tola, cruzando os braços sobre o peito. — Fortemente coagindo? Sim. É exatamente isso que eu estou fazendo.

Mina observou Arabelle por um momento.

—Bem, você será ainda mais forte e mais formidável com a força de um vampiro.

Marius zombou.

—Viu? O que foi que eu te disse?

Ela o ignorou e respondeu diretamente a Mina.

—Essa é a razão pela qual eu concordei com essa ideia. Entre outras coisas.

Marius sussurrou baixo, embora todos os vampiros na sala pudessem obviamente ouvir.

—Não tem nada a ver com a minha ameaça de negar certa...

Arabelle levantou a mão para ele parar e lançou lhe um olhar mortal.

—Segure sua língua, marido. — ela o ameaçou, embora houvesse um sorriso em sua voz.

A porta se abriu. Allora e Dane entraram em cena.

—Oh. — disse Sienna. — Não somos uma grande festa?

—Não grande o suficiente. — disse Marius.

Eles se juntaram ao círculo, Nikolai se movendo para o lado de Marius.

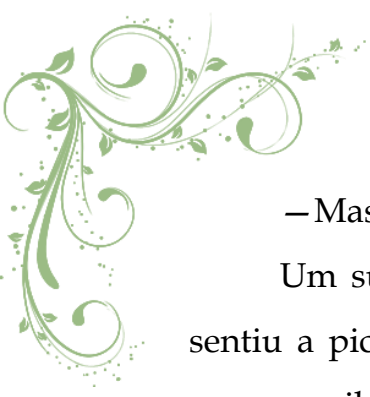
—Diga a todos como foi sua missão.

O humor alegre escureceu de uma só vez. Marius empurrou a parede e deu um passo à frente para que todos o pudessem ver e ouvir.

—Eu trago boas e más notícias do meu irmão, Agnar, no Oeste. Ele enviou recursos na forma de moedas para alimentos, bem como lâminas forjadas pelo mais reverenciado artesão dos quatro reinos.

—Mas? — perguntou Nikolai.





—Mas ele não vai lutar com a gente.

Um suspiro pesado e um murmúrio de dissidência circulou a sala. Mina sentiu a picada aguda, olhando para Mikhail. Sua expressão firme e composta nunca vacilou quando ele se dirigiu a Marius.

—Quanto tempo a ajuda financeira durará, para provisões de comida?

—Isso depende. — disse Marius, olhando para Nikolai. — Quantos soldados temos voltando de Cutters Cove? E quando eles chegam?

Nikolai olhou para o chão, calculando mentalmente antes de levantar a cabeça.

—Eles estarão aqui dentro de duas semanas. Então, teremos aproximadamente dois mil homens. Aqueles que têm famílias que se juntaram à causa acrescentarão mais setecentas bocas para alimentar.

Marius deu um profundo aceno de pesar com a cabeça.

—Então, temos dinheiro para apenas mais dois meses, mesmo com as famílias adicionais. Precisamos definir nosso rumo para Izeling não muito depois de o último navio chegar de Cutters Cove.

—Não é o suficiente. — A voz suave, mas firme de Helena aquietou a todos na sala. Ninguém disse uma palavra, mas todos giraram em sua direção.

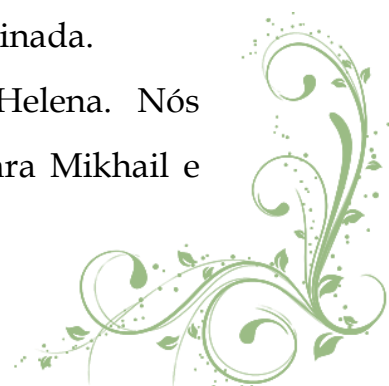
—O que você quer dizer? — perguntou Dmitri gentilmente, ao lado dela.

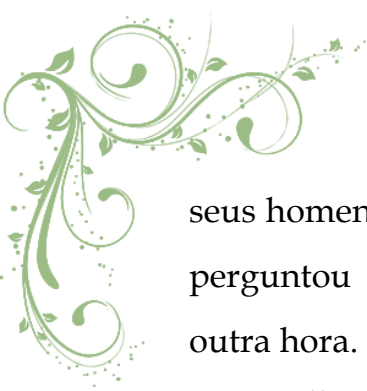
—O número de soldados. — esclareceu ela. Ela olhou para Dmitri, em seguida, de volta para Marius. — Você não sabe o que apenas um dos vampiros do exército do Rei Dominik pode fazer. — Ela engoliu em seco. — Muito menos as centenas, talvez milhares que ele tem agora.

Dmitri se moveu protetoramente para mais perto dela.

Arabelle se sentou no sofá, sua expressão sombria, mas determinada.

—Nós não temos simplesmente os soldados humanos, Helena. Nós também temos a Guarda de Sangue. — Ela acenou com a mão para Mikhail e





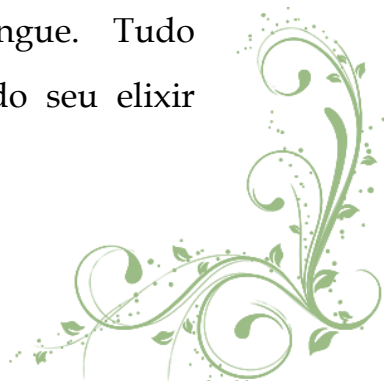
seus homens. — Nós temos a Bruxa do Fogo. — Ela acenou para Sienna. Mina se perguntou o que isso significava, mas pensou em deixar suas perguntas para outra hora. — Nós temos os lobos místicos? — ela perguntou a Allora.

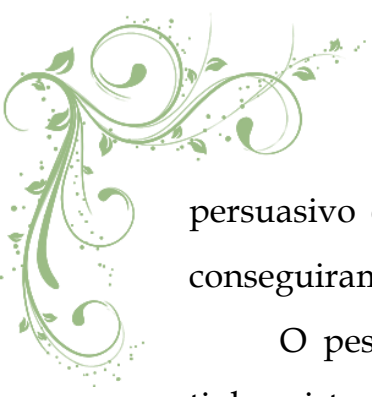
Allora olhou para seu irmão Dane.

— Você terá alguns. Mas os clãs não estão unidos em se envolverem nesta guerra.

Helena deu uma bufada frustrada, com o medo cobrindo cada ruga de sua testa e boca.

— Vocês *não* entendem. — Ela torceu as mãos juntas. — Quando fui mantida em cativeiro na fortaleza do Rei, no Olho do Dragão, não eram aqueles com a compulsão de sangue que eu temia. Aqueles infectados pela Rainha Morgrid estavam fora de controle, sim, até mesmo selvagens com sua necessidade de se alimentar. Mas, eram os homens do Rei, os soldados vampiros que ele havia criado, que eu mais temia. Eles fariam qualquer coisa... *qualquer coisa* que o Rei ordenasse que fizessem. O Rei... — ela engoliu em seco antes de continuar. — Ele foi até o Olho de Dragão. Ele obrigou as pessoas a fazerem coisas inacreditavelmente cruéis... apenas para demonstrar seu poder. E sempre dentro da arena central, onde todos os prisioneiros poderiam ver as atrocidades comandadas, de dentro de suas gaiolas. — Ela respirou fundo, então uma lágrima escorregou de sua bochecha em seu vestido azul. — Eu vi um homem empalar seu próprio filho com uma estaca, porque o Rei ordenou que ele o fizesse. — Ela voltou seu olhar para Arabelle. — Eu vi uma mulher entregar seu corpo a dois homens ao mesmo tempo, enquanto o marido assistia. — Ela engoliu em seco e moveu o olhar para Brennalyn. — Eu vi uma mãe entregar seu filho a três novos vampiros infectados com a compulsão por sangue. Tudo simplesmente porque o Rei Dominik os havia mordido e injetado seu elixir





persuasivo em seu sangue. Tudo porque *ele* ordenou que fosse feito. Eles não conseguiram resistir.

O pesado silêncio invadiu o quarto. As visões impensáveis que Helena tinha visto enquanto ela estava em cativeiro permaneciam na sala como uma premonição sombria de como o mundo seria se o Rei Dominik e a Rainha Morgrid vencessem esta guerra.

Não. Isso não poderia acontecer. Não, isso não aconteceria. Mina se enfureceu com o que a doce Helena testemunhara. Com o que a realeza, que deveria usar sua posição para proteger o povo, o usava para subjugar brutalmente à todos, com violência e terror. Ela não podia permitir que isso acontecesse por mais tempo. Mikhail estava certo. Eles precisavam ser destruídos, fazendo o que quer que eles tivessem que fazer para que isso aconteça.

—Ela está certa. — disse Mina, todos os olhos girando para ela. — Não é o suficiente. O exército do Black Lily, a Guarda de Sangue, os lobos místicos, todos nós aqui, não somos suficientes para derrotar o tipo de mal que Dominik está acumulando no Norte. Precisamos de um exército ainda mais formidável, com a força dos vampiros.

Arabelle balançou a cabeça e disse suavemente.

—Mina, embora eu tenha concordado em me fazer vampira, esta é uma escolha pessoal. Não é o que meu povo escolheria para si. Eles querem apenas se libertar do jugo da monarquia vampírica, para viver suas vidas *humanas* em paz.

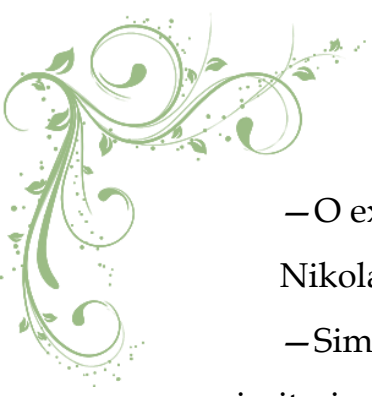
Mina sorriu.

—Sim, e eles vão fazer isso, quando vencermos esta guerra. Mas não é deles que eu falo quando me refiro a ganhar um exército de vampiros.

—Por favor, nos ilumine. — disse Nikolai gentilmente.

De pé, ela avançou até onde todos podiam vê-la e ouvi-la.





—O exército de Arkadian sempre foi conhecido por sua força e habilidade. Nikolai cruzou os braços sobre o peito.

—Sim. Isso é verdade. Mas eles não se aliariam ao Black Lily, um exército majoritariamente humano, contra seus próprios irmãos. O exército de Arkadian serve o reino do sul e somente ao reino do sul. Steward Thorwald garante que seja assim.

—Verdade. — acrescentou Friedrich. — Meu avô costumava reclamar como eles nunca se juntaram ao Norte em guerras passadas, a menos que isso fosse adequado a eles e que respondesse aos seus próprios interesses.

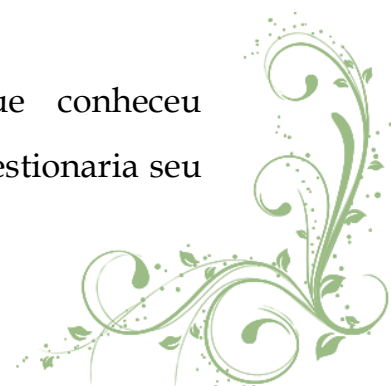
—Eu ouço o que vocês estão dizendo, senhores. Mas eles vão se aliar sim, se assim a Rainha deles comandar.

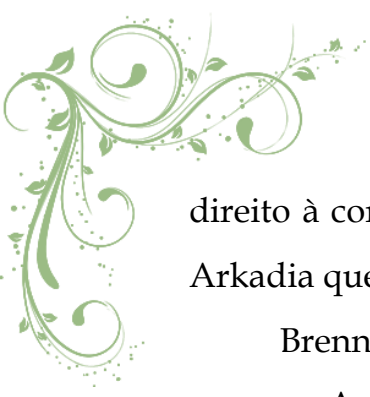
Ela sentiu a resposta apaixonada de Mikhail ondular ao seu lado, mas ela não encontrou o olhar dele. Ela continuou enquanto todos na sala olhavam pra ela em um silêncio atordado.

—Eu dormi mais do que os poucos meses em que estive naquela torre. Eu estive dormindo toda a minha vida, verdade seja dita. — Ela enfrentou Marius. — Eu nunca pensei além do que Steward Thorwald me dizia. Que eu estava destinado a ser Rainha, mas apenas ao lado do Rei Varis que governaria ao meu lado. Eu nunca pensei que poderia governar sozinha. — Ela sorriu, finalmente olhando para Mikhail. — Eu nunca percebi que eu deveria ter sido Rainha o tempo todo.

Ninguém disse uma palavra. Mina prendeu a respiração, esperando que alguém risse ou gentilmente protestasse contra sua ideia grandiosa. Ainda assim, o coração dela aquietou sua consciência. Era isso que deveria ser feito. O que precisa ser feito.

—De fato. — disse Friedrich, o Duque vampiro que conheceu ocasionalmente quando visitou o reino do Sul. — Ninguém aqui questionaria seu





direito à coroa de Arkadian. Mas, imagino que haja alguns senhores na Casa de Arkadia que o fariam.

Brenna assentiu.

— Acredito que Friedrich esteja certo. Pode não ser tão fácil quanto você pensa.

— Não será nada fácil. — Mina pensou por um momento. — Imagino que um dos senhores a quem se refere é Lorde Rathbone, Conde de Devonshire.

Um olhar de surpresa iluminou ambas as expressões.

Brenna saiu dos braços de Friedrich, indo mais perto de Mina.

— Você conhece Lorde Rathbone?

Mina inclinou a cabeça, sentindo uma alteração no ritmo cardíaco de Brenna.

— Claro. Ele é um dos três altos conselheiros da Casa de Arkadia. Minha pergunta é: como você o conhece?

Ela olhou com um sorriso nervoso para Friedrich que não sorria nem um pouco. Mas, ele respondeu antes dela.

— Brennalyn o conheceu no baile do Rei Dominik, há algumas semanas.

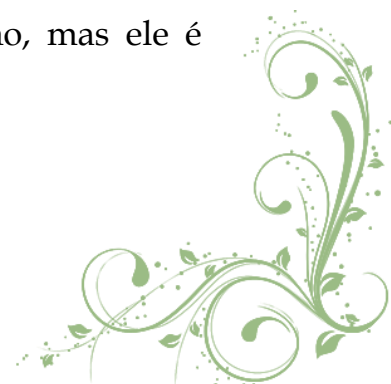
— Oh. Eu imagino que você também tenha conhecido Lorde Maksim e Steward Thorwald.

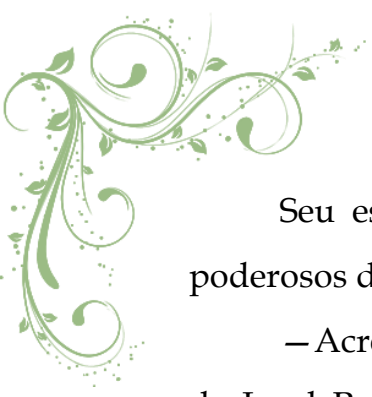
— Sim. — respondeu Brennalyn. — Eles estavam todos lá, juntos.

Mina baixou o queixo.

— Embora eu nunca tenha tido permissão para participar dos assuntos políticos da Câmara, participei de festas e bailes que receberam políticos e diplomatas. Os três altos conselheiros - Rathbone, Maksim e Thorwald - detêm o poder da Câmara. Thorwald acha que ele detém o poder máximo, mas ele é apenas um fantoche de Rathbone e Maksim.

— Você parece ter um plano em mente. — cortou Marius.





Seu estômago se contorceu na ideia de confrontar os três homens mais poderosos de seu reino. *O reino dela.* Ela ergueu a cabeça um pouco mais alto.

— Acredito que o melhor curso de ação seria fazer uma visita à propriedade de Lord Rathbone, em Devonshire. Então... — ela inalou e soltou um suspiro profundo. — E, se tiver sorte, vou informá-lo do meu plano de convocar a Câmara e exigir minha coroação. Também o informarei da ameaça que Dominik e Morgrid representam para Arkadia.

— Isso pode não ser muito convincente. — disse Friedrich. — Maksim e Rathbone estão bem conscientes da ameaça do meu tio para eles. Eles deixaram o baile rapidamente, depois que a Rainha anunciou suas intenções de casá-la com o filho.

Mina engoliu o nó na garganta. Mikhail endureceu ao lado dela.

Nikolai finalmente falou.

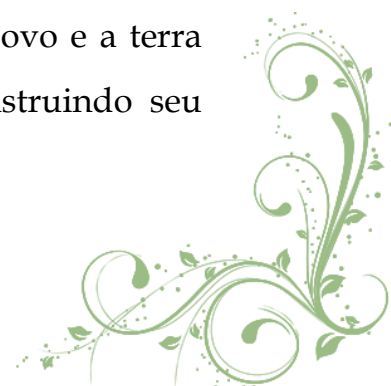
— Isso é porque eles sabem que se Dominik se casar com Mina, ele governaria o reino do Sul, assim como o seu próprio.

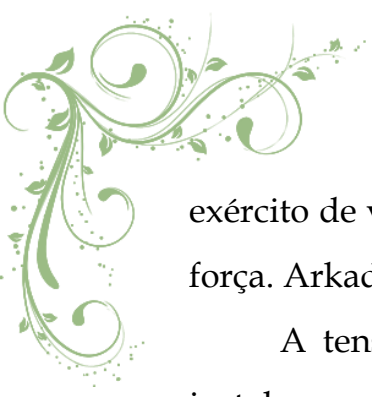
— Certo. — concordou Friedrich. — O que significa que eles podem muito bem ser passíveis de um governante forte que mantenha os interesses de Arkadia no coração. Mas os sulistas são muito teimosos.

— Não para contrariar esse sentimento adorável. — interveio Grant — Mas como eles se aliando ao Black Lily estaria no melhor interesse de Arkadia? Especialmente se, como você disse antes... — ele olhou para seu irmão, Friedrich — Eles sempre desistiram dos conflitos onde não havia vantagem para eles.

Pela primeira vez desde que entraram no quarto, Mikhail falou.

— Porque sem Arkadia, nós perderemos esta guerra. E se perdermos esta guerra, então a Rainha Morgrid e o Rei Dominik irão dominar o povo e a terra com violência brutal, espalhando a compulsão por sangue e construindo seu





exército de vampiros, até que Arkadia não tenha chance de se defender contra tal força. Arkadia cairá se eles esperarem e ficarem sozinhos.

A tensão despertou o ar quando a verdade das palavras de Mikhail se instalou na sala. Marius foi o único a finalmente quebrar o silêncio.

—Você está certo, Mikhail. Mas eu conheço esses homens. Pior ainda, conheço os políticos pomposos da Casa de Arkadia. Eles não serão persuadidos facilmente.

—Para o inferno com eles, então. — Arabelle zombou e bateu a mão ao lado dela. —Vamos direto ao povo de Arkadia.

—Arkadia é uma terra próspera e saudável. — disse Mina. — As pessoas confiam nos nobres senhores da casa.

—E então, como podemos persuadi-los? — perguntou Arabelle. — Obviamente, minha estratégia normal de força bruta não funcionará. O que temos para podermos mostrar a eles que esse é o único jeito de vencermos? Que eles precisam se aliar a nós?

Dmitri saiu do círculo externo e se curvou diante de Mina, batendo em seu próprio peito, sobre o coração.

—Você tem a mim, Alteza.

Nikolai deu um passo à frente também, com uma leve reverência.

—Você tem um antigo tenente dos Legionários da Torre de Vidro.

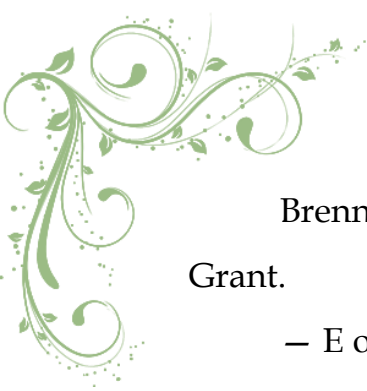
—E uma bruxa de fogo. — Sienna sorriu ao lado dele, com um brilho dourado nos olhos dela.

Mina ainda se perguntou o que isso significava exatamente, mas sentiu a magia girando no ar ao redor de sua amiga ruiva.

Friedrich seguiu o exemplo deles.

—Você tem o Duque de Winter Hill, sobrinho real da coroa de Varis.





Brennalyn fez um arco de assentimento ao lado dele, depois Helena e Grant.

— E o Príncipe de Varis. — disse Marius, entrando na fila.

— E a líder do Black Lily. — Arabelle piscou.

— Você tem o nosso clã de lobos místicos. — Allora prometeu.

Mikhail se virou para ela com uma adoração feroz em seu olhar.

— Você também tem o Capitão da Guarda de Sangue. — ele sussurrou. — Mas você já sabia disso.

Com lágrimas nos olhos, ela examinou a sala, incapaz de processar suas próprias emoções subindo à superfície. Mas foi a emoção que ondulava do homem de cabelos negros mais próximo dela que engoliu seu coração inteiro. Ele tinha esperança e fé suficientes, e determinação também, para construir um novo mundo. Com ele ao seu lado, ela poderia facilmente construir esse mundo. Um onde os humanos não eram pisoteados como inferiores, mas recebiam os direitos, o respeito e a oportunidade que mereciam. Um mundo onde os monarcas não governavam simplesmente com uma mão justa, mas com corações generosos. Um mundo onde ela seria feliz e amada... *e completa*.

Inalando uma respiração entrecortada, ela disse com determinação e confiança:

— Então, nós partiremos para Arkadia imediatamente.





Capítulo Quatorze

Mina tinha pouco para empacotar, a não ser o vestido, a camisola, o espartilho, as meias e os sapatos extras, dados a ela pela irmã de Aleksei em Wentworth. Ela enfiou tudo em uma pequena bolsa e a colocou na porta, pela manhã. Para a viagem, ela usaria um vestido mais prático para montar, que Sienna tinha projetado para ela, e as botas resistentes que Arabelle tinha adquirido de Hiddleston. Ela ficou na frente do pequeno espelho pendurado na parede, admirando seu novo traje.

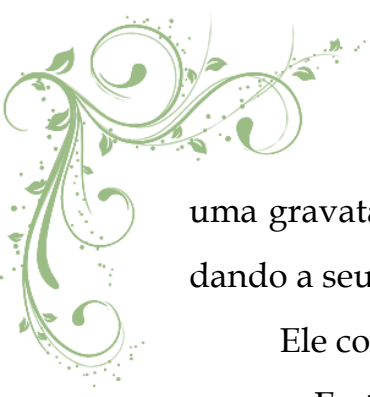
A saia do vestido verde-esmeralda atingiu-a no meio da panturrilha, mas suas botas de couro estavam amarradas até os joelhos, de modo que não havia pele nua. O corpete exterior preto atado na frente, dando-lhe apoio e também conforto, ao contrário dos espartilhos sufocantes que ela usava normalmente.

Helena pediu para pentear o cabelo dela. Mina não podia negar nada a doce menina. Embora tivesse sobrevivido a uma experiência angustiante nas mãos dos homens do Rei Dominik, ela ainda nutria uma doce inocência dentro dela. Ela tecera várias pequenas tranças juntas, afinando de sua coroa para cair livremente com o resto de seus longos cabelos soltos. Ela parecia mais com uma mulher do clã de Allora do que com a Princesa de Arkadia. Sem mencionar o vestido e o penteado convencionais. De alguma forma, isso lhe convinha melhor. Ela parecia a guerreira que havia provocado Mikhail no campo de arco e flecha.

Uma batida suave veio na porta.

Cheirando seu aroma de especiarias e couro, seu coração acelerou, apesar de seus esforços para manter a calma. Ela abriu a porta para dar de cara com a visão devastadoramente bonita de Mikhail em uma camisa preta folgada, com





uma gravata de tecido no decote em V e suas calças de couro preto, a luz da lua dando a seus cabelos uma tonalidade azul-escura.

Ele correu seu corpo da cabeça aos pés, e finalmente disse:

— Eu trouxe um presente para você.

Ele segurava um cinto preto, com uma adaga na bainha.

— Obrigada.

— Posso? — Ele apontou para a cintura dela.

— Claro.

De pé em sua porta, ele o enrolou em torno de seus quadris e apertou a fivela bem firme. Mina se absteve de se inclinar para ele e pressionar os lábios no pescoço dele. A tentação era palpável. Uma vez afivelado, ele se afastou.

— Agora, pegue sua adaga. Eu quero te mostrar algumas coisas.

Ela o fez, depois olhou para a lâmina de oito polegadas finamente trabalhada. Era estreita, fina e afiada. O metal em si era preto, com uma lasca de ouro embutida na ponta afiada. O cabo tinha uma única pedra esmeralda na base perto do punho.

— Notável. Ela é quase linda demais para empunhar.

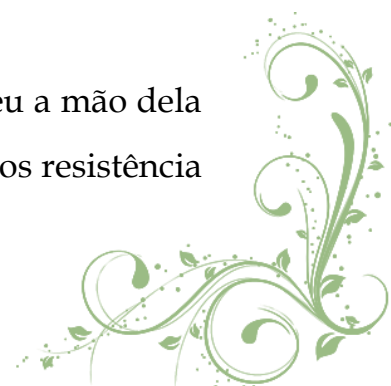
Ele envolveu sua mão ao redor da dela no punho.

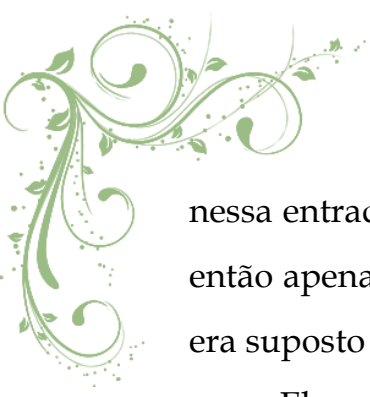
— Coisas bonitas podem ser as mais mortais. — Ele arqueou uma sobrancelha, o que a fez sorrir. — Agora, se você estiver em um combate corpo a corpo com um vampiro, existem várias maneiras rápidas de derrubá-lo com uma adaga como esta.

— Tudo bem.

Ele moveu a mão dela com a ponta da lâmina sob a borda de sua mandíbula.

— Mergulhe para cima, no ângulo do crânio, aqui. — Ele moveu a mão dela e a ponta do punhal em direção a sua orelha. — Bem aqui. Tem menos resistência





nessa entrada. E se você for incapaz de conseguir uma entrada limpa no cérebro, então apenas corte a jugular aqui. — Ele moveu a lâmina para o local exato onde era suposto para ela cortar.

Ela assentiu com determinação, seus instintos primitivos se aproximando, seu vampiro interior gostando muito dessa pequena lição.

— Entendeu?

— Sim.

Ele guiou a mão dela para colocar a adaga de volta na bainha e depois soltou.

— Claro, no que depender de mim, eu não vou sair do seu lado.

— Você acha que eu vou ser obrigada a usar essa força mortal em nossa viagem?

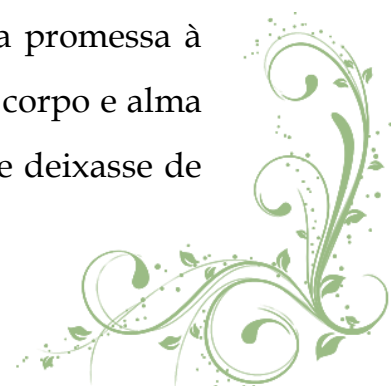
— Não há como dizer quem poderemos encontrar já aliados ao rei Dominik. Já existem boatos em Hiddleston que o Rei Dominik dará dez mil soberanos a quem quer que a entregue a ele, ilesa.

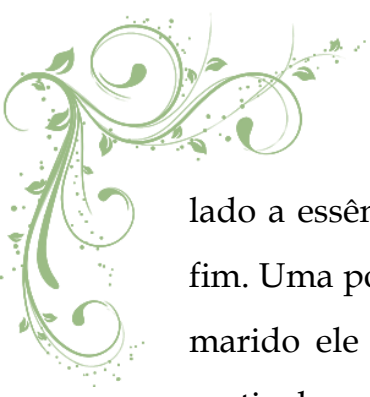
Ela notou sua repentina mudança de temperamento sereno para volátil. Embora sua expressão não tivesse mudado, sua fúria o dominou com força, aguçando suas feições em ângulos assustadores.

— Obrigada, capitão.

Com seu novo fervor para voltar a Arkadia e unir seu povo à causa do Black Lily, ela agora entendia algo que não tinha entendido antes. O senso de dever de Mikhail não era apenas uma parte importante dele, era uma parte *essencial*. Uma árvore seria apenas um monte de galhos e folhas esvoaçantes, sem que o tronco robusto a segurasse. Sua honra era o tronco que o segurava.

Ela sabia que estava errada agora, que, ao tentá-lo a trair sua promessa à Guarda de Sangue - não importava o quanto ela ansiava por ele, de corpo e alma - ela, na verdade, estava pedindo a ele que se partisse ao meio. Que deixasse de





lado a essência de quem ele era como homem. Nobre, bom e determinado até o fim. Uma pontada de remorso a atingiu, sabendo que tipo de amante, que tipo de marido ele seria. Ela ia dizer boa noite, então ele deu um passo mais perto e gesticulou em direção às costas dele.

—Eu tenho outro presente para você. — Ele franziu a testa, seu comportamento se tornando rígido. — Não é um presente, na verdade. É mais um juramento.

—Um juramento?

—Venha comigo.

Ele ofereceu a mão. Ela a pegou e deixou-o guiá-la para longe da cabana e das trilhas naturais, no meio da mata. A escuridão estava envolvida em torno deles, assim como o pulsar de magia que Mina sempre sentiu aqui. O formigamento elétrico vibrou ao longo de sua pele, depois através de sua carne, até seus ossos. Se assentando dentro de seu peito, como se guardasse um segredo para ela, esperando para ser descoberto. Ela engasgou com a exatidão de estar aqui neste momento, segurando a mão de Mikhail enquanto ele a levava mais fundo na escuridão.

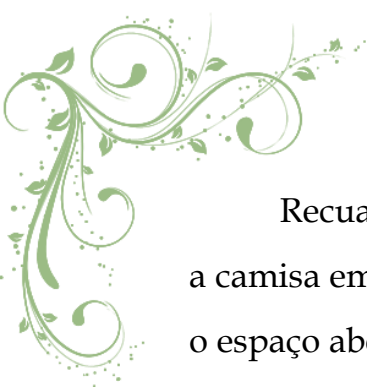
Eles passaram pelo mato em direção a um bosque aberto de carvalhos negros. Antes de entrarem na clareira, ela viu um círculo de homens, e os rostos familiares da Guarda Sangue. Cada um deles sem camisa sob a luz da lua cheia. A visão a fez ficar sem fôlego.

—O que é isso? — ela perguntou em um sussurro, sentindo como se ela tivesse interrompido um rito sagrado.

Ele não respondeu, mas a levou entre Dmitri e Gavril, para o centro do círculo, onde uma taça de prata estava no chão. Ele levantou e envolveu as duas mãos para embalá-la.

—Segure isso. Você saberá o que fazer quando chegar a hora.





Recuando, ele estendeu os braços por cima dos ombros até as costas e tirou a camisa em um movimento rápido. Deixando-a cair a seus pés, ele marchou para o espaço aberto ao lado de seu irmão.

— Guarda de Sangue, *preparem-se*. — ele ordenou, com a voz alta e clara.

Com uma sincronia perfeita, eles se ajoelharam, primeiro o joelho esquerdo e depois o direito. Incluindo Mikhail.

Mina tentou não reagir, mas era impossível. A visão de um círculo de quarenta vampiros guerreiros musculosos e sem camisa de joelhos em volta dela sob o luar, era o suficiente para fazer uma mulher mais fraca desmaiar. Ela fez o melhor que pôde para permanecer equilibrada, mas sua respiração quente e ofegante saía em uma fumaça branca, em contraste com o ar frio.

Mikhail continuou a falar, em seu tom dominante.

— Este juramento de devoção e fidelidade é oferecido por mãos livres e corações abertos. — Ele segurou seu olhar com uma intensidade ardente. — Este ritual é o nossa marca, assim como uma promessa para você, Vilhelmina Dragomir.

Então eles falaram, todos juntos, como se fossem um.

— *Nós somos o Guarda de Sangue. Nobres de nascimento, irmãos por escolha. Nós ferimos os maus. Nós vingamos os inocentes. Nós corrigimos todos os erros. Nós somos a lâmina fria na noite escura. Nós oferecemos nossas espadas, nossos corpos, nossa força e nosso sangue. Nós sangramos juntos. Nós morremos juntos.*

O coro de vozes ecoou no bosque silencioso enquanto Dmitri desembainhava sua adaga e cortava a parte carnuda de sua palma.

— Para Vilhelmina. — Ele esticou o braço, o sangue pingando no chão coberto de neve.





Mina entendeu e se moveu rapidamente para ele, pegando gotas de seu sangue na taça. Ele então passou a palma da mão no peito, sobre o coração, manchando-o em uma linha de carmesim.

— Vilhelmina. — disse Gregoravich à esquerda de Dmitri, cortando a palma da mão da mesma maneira.

Mais uma vez, ela coletou o sacrifício de sangue. Algumas gotas caíram no cálice, então ele marcou sua palma sangrenta sobre o coração.

— Vilhelmina. — Aleksei foi o próximo. Então Gavril.

Mina foi de um guerreiro para o outro, encontrando o olhar de cada um, esperando que eles reconhecessem o quanto o compromisso deles significava para ela. Ela circulou em volta até que finalmente foi deixada em pé na frente de Mikhail.

Com um rápido movimento de sua adaga, ele levantou a mão, fazendo o sangue pingar em uma linha firme.

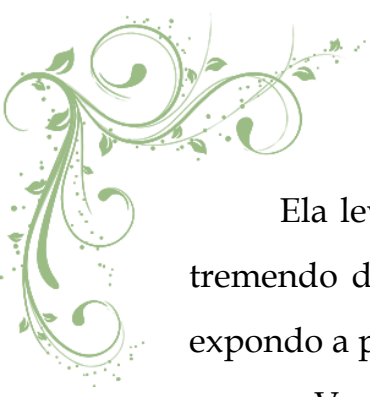
— Vilhelmina. — ele anunciou claramente com sua voz sombria e melódica. A que ela reconheceu da primeira vez, de quando ele a despertou do sono sem sangue. A voz que acordou seu coração indefeso, fazendo-o bater freneticamente.

Ela recolheu sua oferenda, observando fascinada enquanto ele cruzava seu coração, marcando-se com seu próprio sangue. Então, tudo ficou em silêncio enquanto eles permaneciam de joelhos. Observando-a. *Esperando.*

Ela sabia o que se esperava dela, mas não as palavras exatas que costumavam ser ditas depois de um ritual de sacrifício como esse. Ela só podia dizer o que sentia de todo coração, uma vez que ela tomou seu lugar no centro do círculo mais uma vez.

— Eu aceito seu juramento.





Ela levantou a taça em saudação, a luz do luar refletindo a prata, sua voz tremendo de emoção. Com uma mão, ela baixou a manga esquerda do ombro, expondo a pele sobre o coração.

— Vou honrá-lo e apreciá-lo.

Mergulhando dois dedos no cálice, ela espalhou o sangue deles - agora misturados - sob seu próprio coração, circulando-o, para que todos pudessem ver o sinal visível de seu próprio juramento a eles.

— Eu dou a vocês a minha lealdade, assim como vocês me deram a sua.

Erguendo a taça até o céu, ela examinou o perímetro, os olhos pousando em Mikhail, depois inclinou-a para trás e bebeu o sangue dos homens que haviam dedicado suas vidas à sua segurança.

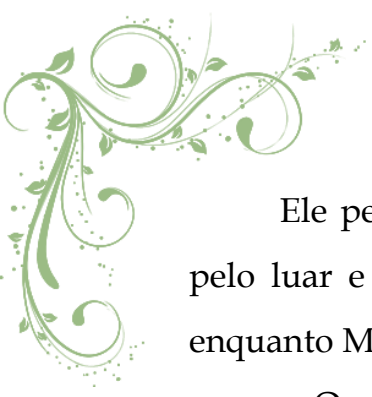
Para um humano, isso poderia ser difícil de suportar, mas para ela, era como beber o néctar dos deuses, a essência e a força de cada homem energizando seu corpo. Ela os aceitou não apenas como sua guarda pessoal, mas como seus cavaleiros devotados, pela duração de sua vida e da deles mesmos.

Quando o cálice estava vazio, uma gota escorreu do canto de sua boca, enquanto ela segurava a taça entre as duas mãos e observava quando eles silenciosamente se levantaram um a um, desapareceram na escuridão da Floresta de Silvane. Até que, finalmente, restou apenas Mikhail, de pé onde ele se ajoelhou, olhando para ela com seus olhos sobrenaturais, pensando profundamente em algo que ela não sabia o quê.

Mina tremeu pela emoção do ritual, pelo poder que emanava dele, da devoção dele.

— Por quê? — ela perguntou, limpando o sangue em sua boca com as costas da mão.





Ele permaneceu parado, como uma estátua, esculpida em linhas perfeitas pelo luar e sua sombra. Seu peito nu quase não subia com a respiração rasa, enquanto Mina sentia como se tivesse dado uma volta ao mundo.

—O que você quer dizer? — ele perguntou, ainda sem se mexer.

Ela caminhou em direção a ele.

—Por que eles fizeram isso? — Sua voz tremeu. — Porque você pediu que o fizessem?

—Não. — ele respondeu calmamente, embora o brilho de seus olhos dissesse que ele estava tudo, menos calmo. — A Guarda de Sangue é uma ordem de irmãos. Não uma ditadura militar.

Ela finalmente chegou a ele, seu corpo vibrando com a energia de seu sangue e a beleza absoluta de seu juramento. O fogo bombeava com força em suas veias enquanto o frio da noite de inverno esfriava sua pele. Mais uma vez, ela se sentiu tão magnificamente viva. Ela queria agradecer a Mikhail, mas as palavras eram insuficientes para tal ato de devoção.

Sua boca ficou tensa, como se ele soubesse seus pensamentos.

—Está na hora de você entrar. — Ele pegou a mão dela e levou-a de volta pela floresta escura.

Trabalhando para acompanhar seu passo rápido, pois seus membros ainda tremiam da cerimônia mágica na clareira, ela disse:

—Você deve achar que eu estou em grave perigo, se pensa que eu vou precisar da fidelidade de toda a Guarda Sangue.

—Essa não é toda o Guarda de Sangue, se você quer mesmo saber. Há mais de nós.

—Há?

—Sim.

—Onde eles estão?





—Não aqui.

—Por que não?

—Eles são necessários em outro lugar.

Ela suspirou, balançando a cabeça ante a resposta vaga dele, depois tropeçou em um galho caído. Ele girou e pegou-a em seus braços, sem uma palavra, em seguida, acelerou rapidamente para sua cabana.

Ele empurrou a porta e a colocou de pé, mas ela manteve as mãos trancadas em seu pescoço.

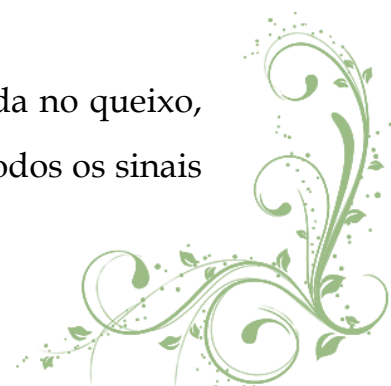
Ele deslizou os dedos pelos braços dela, agarrou seus pulsos e puxou suavemente, mas ela segurou firme, olhando para as linhas fortes de seu semblante sombrio. A devoção da Guarda de Sangue trouxe a percepção de que ela não tinha a devoção *dele*. Ainda assim, ela não podia pedir mais. Ela não era uma criatura egoísta, mas seus instintos de vampiro ainda a empurravam para beijá-lo, tomá-lo, mantê-lo para si mesma. A contradição entre saciar sua própria necessidade e fazer a coisa mais honrada, torceram seu coração.

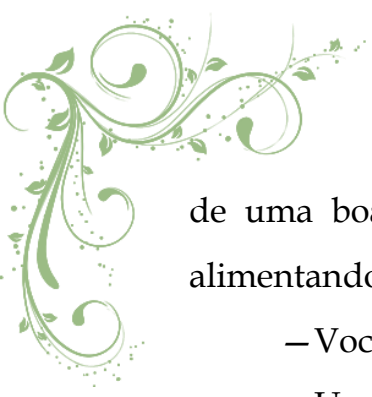
Tirando as mãos do pescoço dele, ela girou e se afastou, envolvendo os braços em volta de si mesma. De pé diante do fogo, ela olhou para as brasas que estavam morrendo, as brasas douradas e alaranjadas não lhe trazendo nenhum calor.

—O que houve? — ele finalmente perguntou.

Ela não queria contar a ele. Mas, ao mesmo tempo, queria. Como este homem a torcia em tal turbilhão de emoções tempestuosas? Ela sempre foi quieta e composta, até mesmo sábia com os outros. Seus dons empáticos a ajudaram a estabilizar a balança, mantendo o equilíbrio do mundo ao seu redor. Mas não desde que o capitão Mikhail entrou em sua vida.

Olhando de lado, ela notou mais uma vez sua cor avermelhada no queixo, seus olhos brilhando mais intensamente, sua palidez menos dura. Todos os sinais





de uma boa alimentação. Ela ignorou isso antes, mas o pensamento dele se alimentando, *estando* com outra mulher, arrancou suas entranhas.

— Você se alimentou recentemente.

— Um vampiro precisa se alimentar.

— Hoje cedo, você me contou que ouviu rumores de Dominik oferecendo uma recompensa ao meu retorno. Você ouviu isso em Hiddleston? — Seu coração batia violentamente em seu peito, não querendo a resposta, mas precisando dela, mesmo assim. — Onde você se alimentou, de um bleeder?

Sua expressão escureceu, não com raiva, mas com algo próximo à culpa.

— Sim.

Ela voltou seu olhar para o fogo, não querendo que ele visse a mágoa em seus olhos. Engolindo o nó inchado em sua garganta, ela soltou o cinto e a adaga que ele lhe dera e jogou no chão. A porta se fechou.

— Você sabe que eu *preciso* me alimentar. — ele disse cautelosamente, entrando mais na sala.

— Sim. Claro. — Ela levantou o atizador e apunhalou as brasas, fazendo pouco mais do que causar faíscas no ar. — Você é um homem com outras necessidades também, então... — Ela encolheu os ombros e deixou que o pensamento morresse, antes que ele pudesse cruzar os lábios, colocando o atizador de volta em seu lugar contra o suporte de pedra.

Ele se aproximou com passos pesados. De frente para ele, ela forçou o olhar para encontrar o dele, dando dois passos para trás.

— Sim. — ele respondeu. — Eu tenho *necessidades*. Mas eu não... não é o que você está pensando.

O calor atingiu seu pescoço e suas bochechas. A besta dentro de seu peito exigia voz, e ela não conseguiu se conter.

— Ela tinha um gosto bom?





— Pare com isso. — Com passos longos e constantes, ele diminuiu completamente o pequeno espaço entre eles.

Cruzando os braços em defesa, ela acompanhou os passos dele até que a parte de trás de suas coxas bateu na cama.

— Você se alimentou antes ou depois de... se deitar com ela?

Ele a agarrou pelos braços, pressionando o peito contra o dela, apesar de seus braços cruzados formarem uma barreira entre eles.

— Eu não fui atrás de uma foda. — ele disse, com uma intensidade sombria.

— Você nem ao menos desejou fodê-la?

— Não. — Ele inclinou a cabeça para baixo, até seus lábios pairarem dolorosamente perto dos dela. — Eu queria foder você. — Sua voz tremia de paixão. — Eu ainda quero.

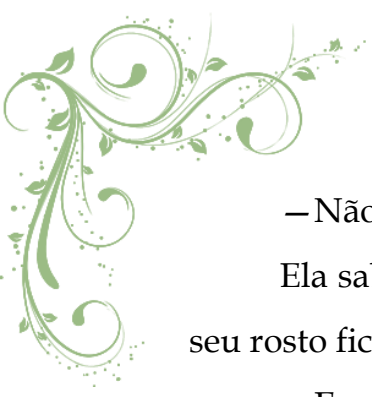
Seu corpo tremeu mais uma vez com a necessidade desesperada desse homem, seus olhos se fecharam com o pensamento feliz de tê-lo dentro dela.

Ele era honrado, leal e verdadeiro, ansioso para seguir o caminho mais nobre. Mas ele também era forte, apaixonado e sensual. Embora ele possa não saber, seu comportamento agressivo e sua força tentadora eram um farol para a mulher recém-despertada em seu peito. Ele mantinha tudo tão controlado... A besta dentro dela queria que ele se soltasse... nela.

— Você está me matando lentamente, Mikhail. — ela sussurrou em um suspiro trêmulo, inclinando-se mais perto, seu lábio inferior roçando o dele. — Eu não vou pedir para você trair sua irmandade. Eu não ousaria. Não depois desta noite. Depois do que todos vocês fizeram por mim. — Sua voz falhou, mas ela se manteve firme, sugando uma inspiração profunda enquanto pressionava as palmas das mãos sobre o abdômen dele. — Mas dói, Mikhail. — Uma lágrima escorreu pela bochecha dela. — Me machuca muito.

Ele prendeu as mãos grandes ao redor dos braços dela.





—Não. — ele ordenou.

Ela sabia que ele estava se referindo às lágrimas, observando os ângulos de seu rosto ficando mais afiados pela luz da fogueira à beira da morte.

—Eu não consigo evitar. — Como se sua confissão abrisse a represa, as lágrimas caíram livremente.

—*Foda-se*. Eu também não. — ele respirou fundo antes de jogá-la de costas na cama. Então, ele estava de joelhos, acariciando a cintura dela, enquanto tirava o cinto com um estalo de couro e um tilintar de fivela.

Surpreendida pela explosão da ação, ela sentiu a tensão sexual chicoteando do homem em cima dela.

—Mas o que...

Agarrando-lhe os pulsos, ele os enrolou duas vezes no cinto, deslizando o corpo para cima e afivelou o cinto em volta da cabeceira da cama de madeira.

—*Mikhail!*

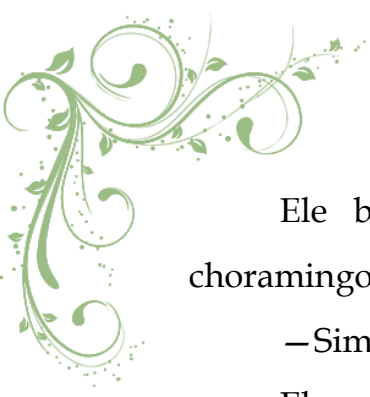
Seus lábios estavam nos dela. Não foi um beijo doce e tímido. Mas um beijo transbordando controle e poder. Antes mesmo que ela sentisse o corpete afrouxar, ele foi desamarrado e aberto, então a mão grande de Mikhail envolveu seu seio e o apertou. Ela arqueou ao seu toque e gemeu, alto e forte. Ele interrompeu o beijo, olhando para baixo com a selvageria de um animal selvagem, que esteve enjaulado por tempo demais. Com uma necessidade extrema de dominar sua presa.

—A dor nos seus olhos rasga meu coração. — Sua voz estava áspera. — Eu vou cuidar de você. — Ele murmurou essa promessa sombria contra os lábios dela, arrastando a língua ao longo de seu lábio inferior.

—Como antes? — ela perguntou, em um suspiro aliviado.

—Melhor do que antes.





Ele beliscou o mamilo através do tecido fino de seu vestido. Ela choramingou e assentiu.

—Sim.

Ele soltou o cordão entre os seios e puxou a blusa para baixo, para expor seus seios, a parte inferior do corpete fazendo-os subir ainda mais. O ar frio aumentou sua sensibilidade e seus mamilos endureceram sob seu olhar faminto. Abaixando a cabeça, mas segurando seu olhar, ele lambeu ao redor de um mamilo, antes de deslizar para baixo do decote, indo de seu peito para seus ombros.

—É isso que você quer? — ele ficou de pé.

Ela assentiu e mordeu o lábio para não gemer alto demais.

—Me responda. Eu quero ouvir você dizer.

A mão dele estava sob as saias dela, levantando-a mais, os dedos calejados roçando o interior da coxa dela.

—Você quer meus lábios em sua pele? — Ele perguntou em tom autoritário, soando mais como um comando do que como uma pergunta.

Ela assentiu, com a respiração ofegante.

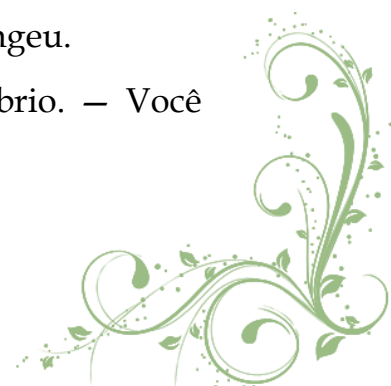
—Sim.

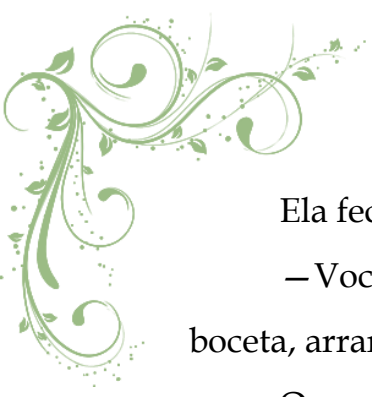
Seus longos dedos encontraram a pele sensível entre suas pernas e provocaram seu clitóris inchado.

— *Foda-se*. Você está encharcada por mim. — Ele baixou a boca para o mamilo novamente, cobrindo-o e chupando com força antes de ordenar. — Abra mais suas pernas.

Ela fez, então balançou os quadris quando ele enfiou os dedos em sua boceta. Quando ela puxou os braços, o cinto de couro se esticou e rangeu.

—Não. — disse ele, olhando para cima com um sorriso sombrio. — Você vai manter suas mãos para si mesma.





Ela fechou os olhos e empurrou os quadris para cima, ansiando por mais.

—Você quer meus dedos dentro de você? — Ele provocou ao redor de sua boceta, arrancando um som sufocante da garganta dela.

Os caninos dela estavam longos e afiados, forçando-a a manter a boca aberta, então cada pequeno som sensual que escapava de sua garganta, enchia a sala com sua necessidade desesperada.

—Diga-me, Mina, e eu vou te dar o que me pedir.

—Sim. — ela disse, mais violentamente do que pretendia.

Ele abaixou a cabeça e perfurou a parte de cima de um dos seios com uma presa, liberando uma gota de seu elixir em seu corpo. A sensação foi exatamente a mesma em relação ao homem que a possuía – o elixir estava queimando agressivamente através dela, como uma avalanche incontrolável e poderosa. Apenas uma gota fez o corpo dela estremecer em uma onda de êxtase. Ela mal podia imaginar como seria tê-lo com suas longas presas cravadas em sua garganta, liberando todo o poder de seu elixir.

—Oh, meu Deus. — ela gritou quando ele brincou e circulou sua boceta, deslizando ao redor do clitóris.

—Você terá que falar claramente, Mina.

—Sim, Mikhail. Coloque seus dedos dentro de mim.

Fechando a boca sobre um mamilo, ele empurrou um dedo longo para dentro, sua carne firme cedendo à sua intrusão. *Doce felicidade.* Ela empurrou para cima e apertou seus músculos ao redor do dedo dele. Ele se levantou e olhou para baixo.

—Maldito inferno. — Ele se retirou.

—Não. — ela protestou. — Por favor, Mikhail. *Por favor*, não pare.

—Calma.





Ele deslizou dois dedos para dentro, bombeando lentamente, deixando seu corpo receber e se acostumar com a invasão. Sem retirar os dedos, ele desceu pelo corpo dela, levantando suas saias. Ela estava nua para ele, seus joelhos dobrados, seus quadris fazendo pequenas investidas enquanto ele bombeava dentro dela. Ela fechou os olhos, incapaz de vê-lo olhando para ela tão intimamente.

— Não, Mina. Olhe para mim.

Ela teve que obedecer. Quando ela o fez, viu que ele estava entre as pernas dela, apoiando o corpo com o antebraço, mantendo o rosto logo acima de seu sexo.

— Eu quero que você me veja te dar prazer.

Não era um pedido. Ela assentiu. Então, ele abaixou a cabeça e abriu a boca quente e úmida sobre seu clitóris, bombeando os dedos em um movimento longo e lento. Ela cerrou as mãos, puxando ainda mais o cinto, pressionando a pélvis na direção de sua boca cruel e perversa.

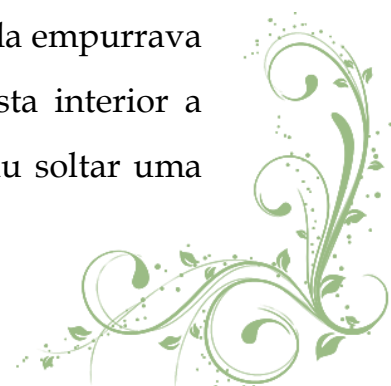
— *Por favor...* — ela implorou.

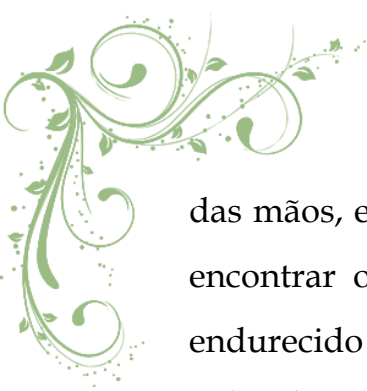
Ele a enlouqueceu ainda mais quando a lambeu ferozmente e enfiou os dedos mais fundo, mais forte, mais rápido. Ela rebolou seus quadris contra sua boca quente e sua língua perversa, sentindo sua própria necessidade selvagem a estimulando. A outra mão dele deslizou sob sua bunda, apertando-a, enquanto usava o polegar para acaricia-la com mais vigor, fazendo-a se abrir mais para que pudesse desfrutar plenamente de seu banquete.

Ele levantou a cabeça, ainda a acariciando com seus longos dedos, olhando para ela com calor e desejo palpáveis.

— Tão linda. — ele murmurou.

Sua própria sensualidade a tinha dominado agora, enquanto ela empurrava seus quadris contra os golpes impiedosos de seus dedos. Sua besta interior a queria livre. Usando uma onda de força sobrenatural, ela conseguiu soltar uma





das mãos, enquanto a outra permaneceu presa no cinto. O olhar dele subiu para encontrar o dela, enquanto ela apertava o próprio seio e beliscava o mamilo endurecido com o polegar e o indicador. O gemido gutural de Mikhail fez sua pele vibrar, com aquela resposta em um tom tão erótico.

Ele inclinou a cabeça novamente para baixo, lambendo com novo vigor.

— Mikhail. — ela sussurrou, batendo mais forte contra a boca dele.

Ele apertou os dedos em torno da bunda dela e bombeou os dedos mais fundo, mais forte. Seu vampiro interior a guiava agora, ela se abaixou com a mão livre e cerrou o punho no cabelo dele, segurando-o no lugar enquanto se esfregava contra sua boca quente.

— Sim. — ela ofegou, sua voz estranhamente baixa e sombria, seus gritos agudo acelerando, ficando cada vez mais alto e mais forte.

— Goze para mim, Mina. — ele sussurrou, antes de apertar os lábios sobre seu clitóris e rosar, o que a levou ao limite.

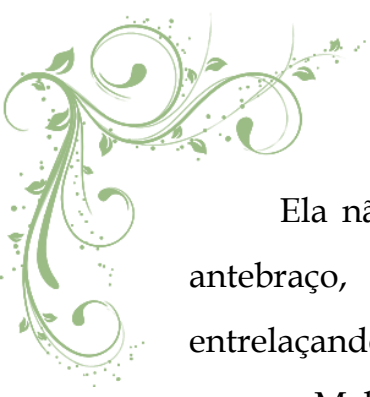
— Mikhail! — ela gritou.

Ondas de prazer ondularam em torno de seus dedos. Ela soltou pequenos gemidos de êxtase com cada pulsação latejante, mesmo quando ele lambeu seu clitóris sensível, enquanto ela descia de sua liberação febril.

Manchas brancas apareceram em sua visão. Ela quase ficou inconsciente com o prazer violento que a atravessava. Ele deslizou e retirou os dedos lentamente, e ela choramingou em protesto. Ele a beijou delicadamente na coxa, arrastando sua mandíbula barbeada em uma carícia suave.

— Fodidamente linda. — ele murmurou, quase que para si mesmo. Então ele estava sobre ela, pressionando o corpo dela no colchão com o seu próprio. A ereção dele - grande e dura - pressionava seu quadril.





Ela não tinha soltado a mão do cabelo dele. Segurando seu peso em um antebraço, ele colocou a outra mão em cima da dela em seus cabelos, entrelaçando os dedos com os dela.

— Melhor? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

Uma alegria vertiginosa surgiu dentro dela.

— Muito. — Ela deixou a sensação ganhar liberdade dentro dela, até o riso se transformar em uma gargalhada. O quadril dele pressionou a ereção contra o dela, e o riso cessou.

Seus olhos se arregalaram, o olhar dele caiu para seus lábios mais uma vez. Ele baixou a boca para a dela. Como um pincel de nuvens finas, ele a beijou de maneira leves e descontraída. Tão gentil, que ele poderia muito bem estar acariciando seus lábios com uma pena.

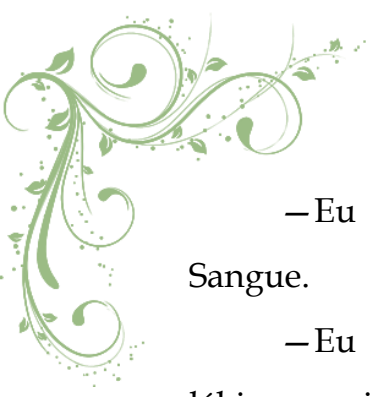
— Você foi honesta comigo, Mina. — Outro toque tentador de lábios, com apenas um vestígio de língua. — Então, eu também vou ser honesto com você.

Ela manteve os olhos abertos, assim como ele, e ela viu seu vampiro interior queimando brilhantemente em cada linha tensa de seu rosto.

— Eu quero você. — Ele soltou a mão de seus dedos, em seguida, agarrou a nuca dela, apertando-a suavemente. — Eu te quero tanto, que eu sinto que se eu não te fizer minha em breve, então uma parte de mim vai se partir e desaparecer no desconhecido. Então outra se romperá e mais outra, até que não haja mais nada de mim, além de um enorme vazio. Apenas a sombra de um homem. — Então ele arrastou a língua ao longo de seus lábios ligeiramente abertos. — Eu não imaginei que um dia teria que escolher entre uma mulher e a Guarda de Sangue. — Ele passou o polegar pela bochecha dela. — Mas eu também não sabia que conheceria você.

Com o coração na garganta, ela sussurrou:





—Eu não quero que você tenha que escolher entre mim e a Guarda de Sangue.

—Eu também não, Mina. — Ele pressionou um beijo mais forte em seus lábios, acariciando-os docemente com a língua, antes de se afastar. Um pulso de fervorosa adoração vinda deste homem viril penetrou dentro dela. — Mas eu também quero me sentir *inteiro*. Às vezes, acho que os céus me colocaram naquela torre, em Briar Rose, e selaram meu destino com aquele beijo de sangue. Como se o destino estivesse contra mim.

—Não. — ela sussurrou fervorosamente, afastando uma mecha de seu cabelo escuro de sua testa. — Eu senti o mesmo desde aquele momento. O destino está *com a gente*. Você foi destinado a ser o único que poderia me despertar.

Ele pressionou a testa na dela.

—Nós vamos encontrar um jeito, Mina, nós vamos...

Sem aviso, ele se afastou dela e correu para a janela.

—O que foi? — Mina tentou escutar, mas não ouviu nada. Não a princípio.

Então, um grito de gelar o sangue perfurou a escuridão da casa de Brennalyn. Soava como Beatrice ou Helena. Mikhail bateu as persianas internas sobre a janela e apertou-as com força. Essa foi a primeira vez que Mina percebeu que eles eram feitos de ferro e não de madeira. Pintado apenas para parecer madeira.

Ele puxou a adaga e correu para a porta, mas virou antes de abri-la.

— *Rápido*. Feche a porta quando eu sair e se esconda atrás da cama. Mantenha sua adaga perto, apenas no caso. Eu estarei de volta em breve.

Então, ele foi embora.





Capítulo Quinze

Mikhail passou pela porta dos fundos, mas estava trancada. Houve um estrondo no chão e alguém grunhiu.

— Pegue Izzy e Denny! — Gritou Brennaly, pânico e medo tão vivos em sua voz, que ele podia sentir o gosto através da parede.

Sem hesitar, ele quebrou a janela, o vidro estilhaçando ao seu redor. Brenna estava bloqueando o corredor onde Izzy e Denny dormiam, empunhando uma adaga com ponta de ouro. Ouro, o único elemento venenoso para os vampiros. Ela mostrou suas presas, apesar de seus dois atacantes terem o dobro de seu tamanho. Sua manga estava cortada, com marcas de garras sangrentas no ombro.

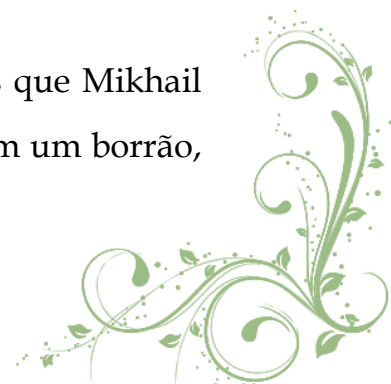
Os dois vampiros enormes se viraram ao som de vidro quebrando. Seus olhos eram negros, um sinal claro de *furorem sanguínea*. A compulsão os tornaria fortes e letais, mas não tão mortais quanto ele.

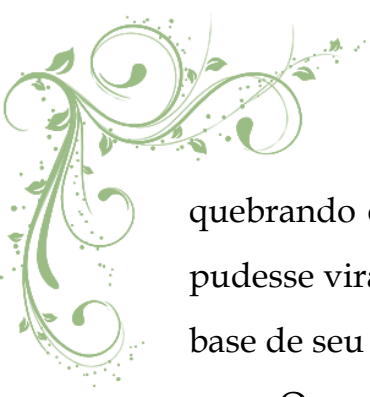
— Bem, olhe quem é. O capitão da Guarda de Sangue. — disse o maior deles, estufando o peito e rastejando para frente.

— Pegue-o, Jeb. — Ele se virou para Brenna. — Eu vou cuidar dessa linda e pequena vampira.

Mikhail não teve tempo para se perguntar como eles sabiam quem ele era, mas ele levou cerca de dois segundos para processar que esses eram plebeus transformados em vampiros, um dos milhares tomados à força de aldeias através de Varis, para o exército da Rainha Morgrid. Estes dois eram aparentemente rebeldes, estavam perdidos e procurando presas fáceis. Eles ameaçaram Brenna e seus filhos. *Eles eram homens mortos.*

Mikhail se lançou para o grande que agarrou seu pulso antes que Mikhail pudesse cortar sua garganta. Se esquivando, Mikhail se contorceu em um borrão,





quebrando o aperto do vampiro e subindo em suas costas. Antes que o vampiro pudesse virar a cabeça, Mikhail agarrou sua garganta por trás e enfiou a adaga na base de seu crânio, em um ângulo elevado, com uma entrada satisfatória.

Quando Mikhail se virou para o segundo, Brenna saltou para fora e o golpeou, marcando o rosto do intruso, um jorro de vermelho pulverizando o ar, carne chiando do corte com ouro.

— Vadia!

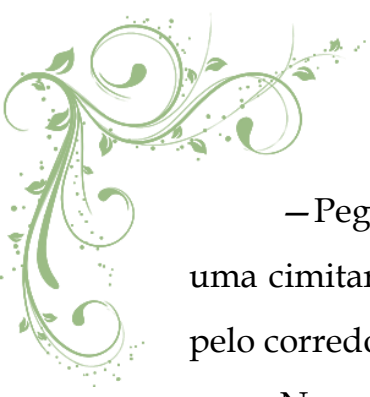
Mikhail estava nele antes que ele pudesse pular nela. Eles caíram de lado contra um aparador, um vaso de flores se despedaçando enquanto rolavam. Mikhail montou seu peito, cerrou os cabelos desgrehados e bateu a cabeça no chão. O vampiro era magro, mas a força bombeava com ferozmente em suas veias recém-nascidas, a compulsão por sangue estava fazendo seu trabalho. Ele agarrou a lâmina de Mikhail antes que ela deslizesse em sua jugular. Espremendo a lâmina, seus dedos pingavam sangue. A criatura farejou o ar, mostrando suas presas ao cheiro do próprio sangue.

A porta se abriu. Mikhail vacilou. Lá, a silhueta da porta era a figura assustadora de Radomir, o consorte da Rainha e seu guarda pessoal, a cabeça careca brilhando ao luar. O vampiro que matou a dama de companhia de Mina, então a aprisionou em um sono sem sangue. Fúria acendeu no peito de Mikhail. Vários homens da guarda da Rainha, vestindo cores reais, azul e prata, entraram com Radomir. A súbita distração foi suficiente para o vampiro magro aproveitar seu peso e empurrar Mikhail para fora.

Mikhail saltou para uma postura defensiva. Brenna correu pelo corredor em direção ao quarto das crianças.

O olhar de Radomir a seguiu, antes que ele pronunciasse um comando ameaçador e calmo.





—Pegue-a. — Quatro vampiros se lançaram pelo corredor. Radomir tirou uma cimitarra curvada do cinto e, em vez de se aproximar de Mikhail, disparou pelo corredor atrás dos Legionários.

Naquele exato momento, Friedrich, Grant e Gregoravich entraram na casa.

Um baque soou contra a parede do quarto.

—Nããão! — Gritou Brennalyn.

Friedrich, com a morte em seus olhos, correu na direção deles. Grant e Gregoravich se embolaram com os dois Legionários ainda de pé na sala. Mikhail seguiu Friedrich.

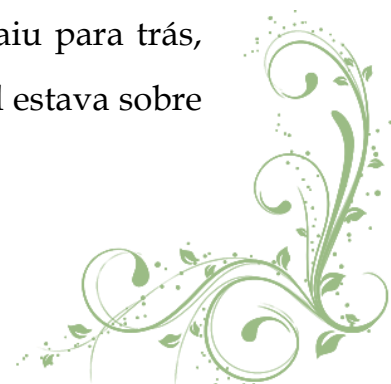
Friedrich já havia quebrado o pescoço de um, nos três segundos que levaram para Mikhail para chegar até lá. O Duque balançou a espada e partiu em duas a cabeça de outro Legionário, que estava perto demais de Brenna, que pairava e sussurrava para a forma mole e inconsciente de Beatrice.

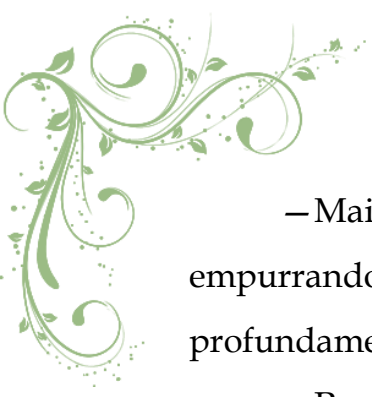
Radomir aproximou-se de Izzy e Denny, as crianças agarradas umas às outras em uma cama no canto, com os olhos arregalados e congelados de terror. Mikhail lançou-se em Radomir apenas para sentir uma pontada aguda no meio das costas.

Mikhail rugiu e girou em seu atacante. Não era um recém-nascido, mas um oficial aparentemente habilidoso da guarda da Rainha, com seus cabelos loiros e finos brilhando ao luar que entrava pela janela do quarto.

—Vamos lá, traidor. — ele acenou, sorrindo, seus caninos afiados, mas a espada em sua mão mais afiada ainda. —Vamos ver o que você pode fazer com sua pequena adaga.

Num piscar de olhos, Mikhail tirou duas lâminas do tamanho de um dedo do cinto e atirou-as no ar. Eles acertaram os olhos do oficial. Ele caiu para trás, berrando e sangrando. Antes que ele pudesse atingir o chão, Mikhail estava sobre ele.





—Mais do que você pode fazer com sua linda espada. — ele respondeu, empurrando a lâmina serrilhada em sua artéria carótida e cortando-a profundamente.

—Parem! — gritou Radomir.

Mikhail estava de pé, ombro a ombro com Grant, cujo rosto estava salpicado de sangue - não o dele. Friedrich estava na frente de Brenna e do corpo caído de Beatrice, com o punho no dorso da espada manchada de sangue.

Mas nem uma alma se mexeu. Radomir elevou Izzy do chão, com um braço preso na cintura e a cimitarra na garganta dela, pálida e minúscula. Aquele que havia se afastado de Mikhail tinha Denny com suas garras enfiadas na pele macia de seu pescoço, uma faca suja posicionada sobre seu coração. Em um segundo, eles poderiam matar os dois.

—Radomir. — Friedrich chamou sua atenção para ele, Brennalyn parado a apenas um passo atrás dele. Ela olhou para os dois filhos que estavam feitos reféns, o medo irradiando pela sala em seu pulso acelerado. — Tudo o que você pensa que pode ganhar prejudicando meus filhos, é melhor pensar novamente. Você vai morrer no segundo em que o fizer.

O consorte de olhos estreitos da Rainha sorriu, seus caninos mais grossos e mais longos que os da maioria dos vampiros, fazendo-o parecer muito mais um monstro que um homem.

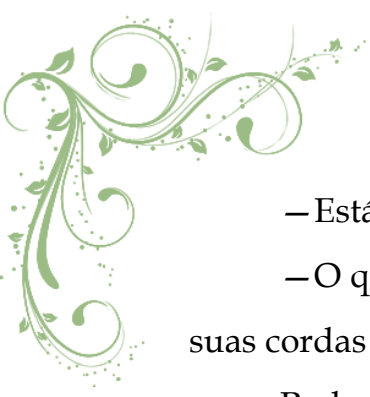
—Você não entende, Sua Graça. — Seu olhar foi para cada um deles, parecendo avaliar suas chances. — Eu não vim aqui para matar as crianças.

Friedrich deu um passo à frente, mas Radomir apertou a mão e forçou a lâmina mais perto de Izzy, que chorou quando uma única gota de sangue deslizou por sua garganta.

—Mimi. — ela chorou, lágrimas caindo de seus olhos azul-claros.

Brennalyn apertou as mãos, sua voz tremendo.





— Está tudo bem, querida.

— O que você veio fazer aqui, então? — Friedrich exigiu, sua fera montando suas cordas vocais.

Radomir sorriu, seu olhar misterioso varrendo a sala, aterrissando em Mikhail, depois trancando de volta com Friedrich.

— Nem mesmo a Guarda de Sangue pode ajudá-lo agora, Sua Graça.

Ele olhou para o homem que segurava Denny, e com um quase imperceptível aceno de cabeça, ele atravessou a janela de vidro, levando Izzy com ele. No mesmo segundo, o vampiro desgrenhado apunhalou sua adaga no peito de Denny, os olhos castanhos do garoto de rosto doce ficaram arregalados, depois vítreos, antes mesmo que ele caísse no chão.

O grito ensurdecador de Brenna encheu a sala, enquanto ela saltava para o seu filho caído. O assassino já havia desaparecido atrás de seu mestre.

— Vá atrás deles! — Friedrich gritou para Grant, caindo no chão para puxar o corpo flácido de Denny em seus braços.

Mikhail o seguiu, acelerando pela noite, tomada de gritos pavorosos e pelo som do metal tinindo, além do cheiro insuportável de fumaça negra. Não apenas fumaça de lenha, mas o distinto odor fétido de carne queimada. Foi quando Mikhail percebeu que isso não foi apenas um ataque à casa de Brennalyn. Este foi um ataque em grande escala ao Black Lily. Grant seguiu rápido no rastro de Radomir e Mikhail no do assassino da criança.

Pegando sua presa conforme Mikhail saltava um tronco coberto de neve, eles pararam. Novamente, Mikhail ficou por cima do peito dele. Mas, desta vez, ele não perdeu tempo e cortou sua artéria carótida, encontrando uma enorme satisfação ao ver seu sangue espirrando sobre a neve branca.

— Apodreça no inferno, seu filho da puta.

Ele riu em um gorgolejo.





—Você não deveria ter levado a Princesa, capitão. — Ele sorriu, engasgando com seu próprio sangue. — Ela não era sua para levar.

Uma sensação crua de medo atravessou a espinha dele, como a lâmina do ceifador. Ele ergueu sua adaga e com uma força poderosa a forçou uma vez, depois duas, até conseguir decepar a cabeça do assassino.

Mina.

Ele fugiu de volta para a casa dela, com horror em seu coração, fazendo uma breve oração para as estrelas, caso alguém estivesse ouvindo nesta noite fria e escura.





Capítulo Dezesseis

Gritos e choros encheram a noite. Mina aconchegou-se atrás da cama segurando sua adaga, sentindo o medo e o tumulto ocorrendo na cabana de Brennalyn, e ainda mais longe. Ao longe, ela sentiu a raiva enchendo o ar. Homens furiosos e suas armas, em cima uns dos outros, em uma batalha por sangue. O uivo de um lobo místico rompeu o estrondo da morte, uma chamada assustadora para o bando deles. O peso das emoções escuras e sinistras ameaçava enfraquecê-la.

Então, alguém sacudiu a maçaneta. Ela não gritou. Se fosse Mikhail, ele teria se anunciado.

— Yasha! Traga seu machado. — latiu uma voz dominante. — Ela está aí dentro. Eu posso sentir o cheiro dela.

Então o medo era dela, aumentando a adrenalina através de seu corpo, chamando sua besta interior para fora.

Crack.

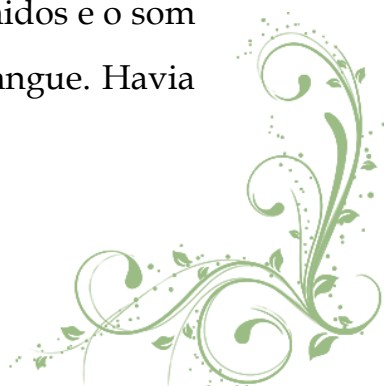
A madeira ao redor da porta se despedaçou. O quadro se desintegrou sob os golpes viciosos do vampiro chamado Yasha do outro lado.

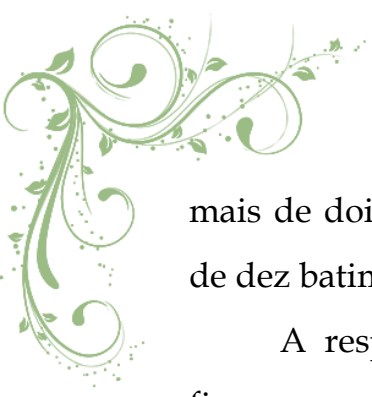
Crack.

Mina se recusava a ser encurralada como um cordeiro indefeso. Eles sabiam que ela estava aqui.

Crack.

A bota de alguém chutou a porta já arruinada. Mas, antes que alguém entrasse, sons de um intenso combate ecoaram em seu quarto. Grunhidos e o som de metal batendo em metal, ossos esmagados e derramamento de sangue. Havia





mais de dois ou três homens brigando fora do chalé. Mina percebeu a pulsação de dez batimentos cardíacos. Então nove... seis... cinco... e, finalmente, dois.

A respiração ofegante dos vencedores se aproximou. Mina se manteve firme, suas garras de vampiro escorregando pela ponta dos dedos pela primeira vez. Ela recordou os ensinamentos de Mikhail, onde empurrar a adaga da maneira mais fácil, enquanto eles se esgueiravam pela porta.

O oficial usando as cores dos Legionários da Rainha Morgrid entrou confiante na sala, com uma espada curta manchada de vermelho na mão. Então, entrou um animal corpulento em forma de homem, com roupas comuns, olhos negros como o coração do diabo, com o machado na mão.

— Muito bem, Alteza. — cantou o oficial, levantando as mãos de uma forma calmante. — É melhor vir por bem, docinho.

Quando eles atravessaram a lareira, agora apenas alguns metros os separando, o oficial parou e respirou fundo.

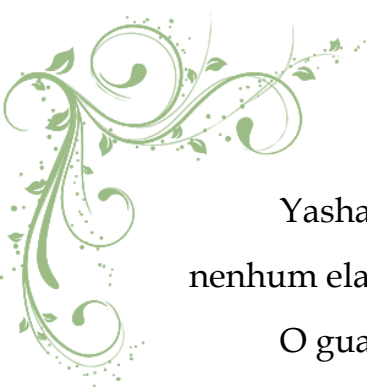
— Oh, não. — Seus olhos azuis se dilataram, suas presas se alongaram mais, engrossando seu discurso. — Parece que nossa *princesinha* foi desobediente. — Ele balançou um dedo para ela, como se ela fosse uma criança. — Tsk, tsk. Não acho que o Rei Dominik vá gostar muito disso.

A besta chamada Yasha grunhiu, as narinas dele queimando. Mina sabia que a compulsão tornava os homens selvagens. Não apenas como animais, mas como monstros enlouquecidos. Almejando o sangue acima de tudo, mas seus instintos primitivos de dominar. Nesse momento, os sentidos empáticos de Mina sentiram o ar mudar ao redor da criatura que estava empunhando o machado.

Seu olhar negro deslizou pelo corpo dela em uma carícia ameaçadora. Suas emoções eram uma mistura sinistra de malícia, fome, ódio e luxúria.

— Yasha! — O oficial colocou a mão no peito da criatura. — Espere lá fora. Eu vou lidar com ela.





Yasha não se moveu quando o oficial avançou. Mina se preparou. De jeito nenhum ela seria levada sem uma briga. Ela sibilou um aviso para os dois.

O guarda sorriu, um segundo antes de se aproximar dela.



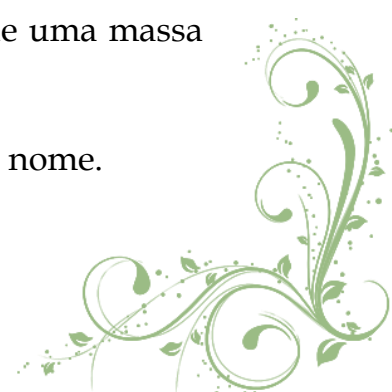
Mikhail sentiu o cheiro pungente do sangue antes mesmo de avistar a pequena cabana. Corpos jaziam na neve do lado de fora da porta quebrada. Os dois mais próximos da entrada fizeram o coração de Mikhail acelerar e seu estômago contrair de dor. *Não, agora não era hora pra isso.*

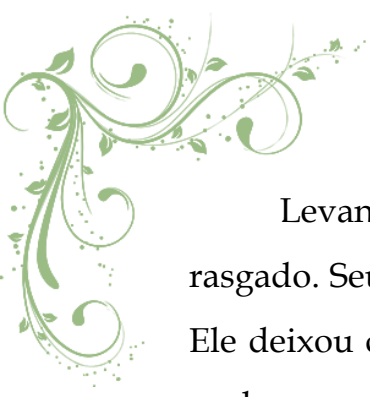
Alguém estava sofrendo por dentro. Ele passou por cima dos corpos e entrou no quarto escuro. Um Legionário jazia morto no chão, a adaga cravejada de esmeralda de Mina se sobressaía sob o queixo.

Então, o corpo inteiro de Mikhail ardeu em fúria. Um vampiro gigante segurava Mina pela garganta, e com a outra mão tentava rasgar a saia dela, enquanto ela lutava e resistia ferozmente. Em uma sequência incrivelmente rápida de movimentos, Mikhail ergueu um machado do chão, agarrou o bastardo pelos cabelos, tirou-o de cima de Mina e o jogou de costas no chão, subindo em cima dele para, então, começar a fatiá-lo.

A cabeça dele rolou depois de quatro golpes, mas não foi suficiente pra ele. Mikhail perfurou onde estava o coração da fera. Ainda podia estar batendo. E ele queria que parasse. Ele queria que essa maldita fera não passasse de uma massa irreconhecível de carne e osso mutilados.

No que deve ter sido o vigésimo golpe, ele a ouviu chamar seu nome.





Levantando, ele se virou. Ela estava de pé, seu vestido ensanguentado e rasgado. Seus olhos de estrelas estavam cheios de dor, mas brilhantes e ardentes. Ele deixou cair o machado e a envolveu em seus braços, temendo que ela ainda pudesse ser arrastada para longe dele.

— Você está machucada? — ele murmurou. — Ele te machucou?

— Não. — Ela balançou a cabeça e envolveu os braços ao redor do pescoço dele, apertando-o com tanta força quanto ele.

Um lamento triste ecoou em um soluço do chalé de Brenna. Mina engasgou e o empurrou de volta.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

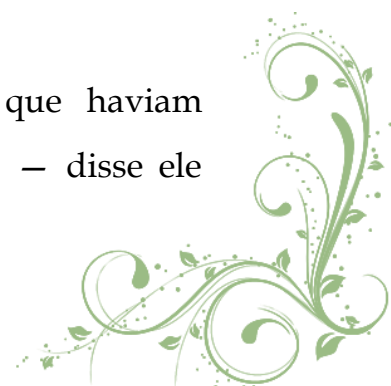
— Vamos. — Tomando a mão dela, ele a guiou para fora da porta.

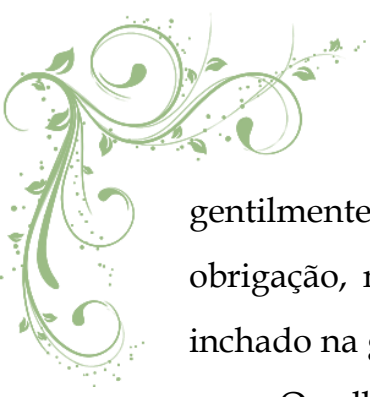
Na porta, Mikhail parou, a fúria esfriando, substituída por uma dor de vazio na alma. Ajoelhado ao lado de seu irmão de sangue, ele olhou nos olhos sem vida de Aleksei uma última vez, antes de fechá-los para sempre. Seu corpo já estava frio. Ele sentiu a acidez amarga do momento, de ver um homem que o fez rir tantas noites ao redor do fogo, que lutou ao lado dele e derramou sangue com ele uma e outra vez, sem vida. Em seu último ato como guerreiro, ele deu sua vida pela Princesa. Então, ele passou por cima dele e foi para o soldado do Black Lily, Ivan.

Aleksei e Ivan sempre se deram bem, compartilhando seu amor por uma boa cerveja, belas mulheres e risadas honestas. A visão de seu guarda vampiro e do soldado humano lado a lado na morte lembrou a ele o que era essa guerra e por que eles estavam lutando nela. E quanto eles tinham a perder.

— Oh meu Deus. — Mina se ajoelhou ao lado de Aleksei. — Eles vieram para me proteger.

— Sim. — ele concordou, olhando para os seis corpos que haviam derrubado, antes de serem mortos. — Eles cumpriram seu dever. — disse ele





gentilmente, não querendo que a magoasse, embora fosse inevitável. — Não por obrigação, mas porque é quem eles são. — Ele olhou para baixo, com um nó inchado na garganta. — Quem eles eram.

Os olhos de Mina se encheram de lágrimas, mas não caíram até que ela se inclinou sobre Aleksei e deu um beijo em sua testa. Então, ela se virou para Ivan e fez o mesmo.

— Venha. — ele murmurou, ansioso para encontrar seu irmão. Mas primeiro, ele precisava assegurar que Mina estivesse em boas mãos.

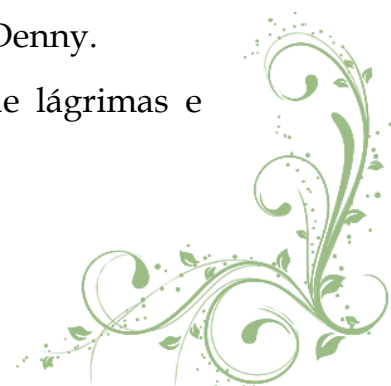
Eles correram pelo mato, saíram da trilha, o caminho mais curto até a porta da frente. Eles rapidamente passaram pelos cadáveres e seguiram o som triste de Brennalyn, vindo do quarto das crianças.

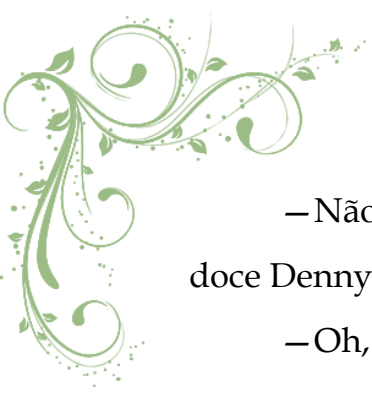
Brenna estava sentada no chão ao lado de Beatrice, com o corpo flácido do pequeno Denny em seu colo, a cabeça escura contra o peito enquanto ela penteava os dedos pelo cabelo dele. Gregoravich permaneceu sobre ela, guardando-a. Os dois Legionários mortos estavam empilhados contra a parede mais distante, perto da porta.

Mikhail se ajoelhou ao lado de Beatrice, checando seu pulso, quando dois pares de passos leves e um conjunto de botas pesadas soaram pelo corredor. Helena, Sienna e Nikolai correram para o quarto, todos os três vestidos para a batalha. O rosto pálido de Helena tinha uma contusão na bochecha, o cabelo preto caindo em desalinho. Os olhos de Sienna cintilavam em um tom dourado, com sua magia de fogo, o cheiro residual de sua magia enchendo o ar com um odor de mel queimado. Nikolai segurava sua espada, pingando o sangue das mortes que ele causara, seu rosto torcido em uma máscara de raiva.

— Oh, Mimi! — Helena caiu de joelhos, embalando o rosto de Denny.

Brenna engoliu a dor que ela estava derramando através de lágrimas e soluços enquanto Helena chorava em seu lugar.





—Não, Denny não, Mimi. — ela chorou, balançando a cabeça. — Não o doce Denny.

—Oh, minha querida. — Brenna passou a mão sobre a cabeça dela e a puxou para perto. Elas se agarraram uma a outra com o corpo sem vida do menino entre elas. — Ele está com os anjos agora, meu amor.

A voz de Brenna falhou quando ela tentou consolar sua filha com palavras que nunca poderiam aliviar a dor da morte prematura do garotinho inocente.

—Onde está o Friedrich? — Mikhail perguntou a Gregory.

O gigante sombrio acenou com a cabeça para a janela aberta.

— Fui atrás de você e Grant, depois que ele deu a Denny seu elixir.

Mikhail se ajoelhou ao lado de Brenna, notando que o elixir de Friedrich não era forte o suficiente. Sem sequer pensar, ele gentilmente afastou Helena de volta e passou os braços ao redor de Denny.

—Deixe-me pegá-lo, Brennalyn.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não. Eu preciso de mais um momento com ele.

—Eu ainda posso *salvá-lo*. Deixe-me pegá-lo.

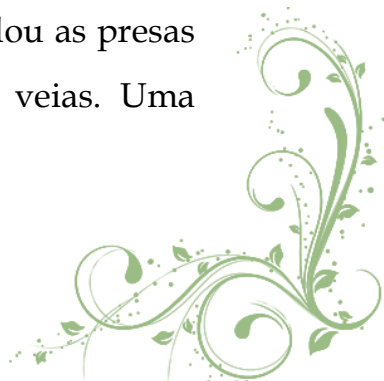
Os olhos escuros como a noite de Brenna, cheios de lágrimas, fixaram-se nele. Balançando a cabeça suavemente, ela sussurrou:

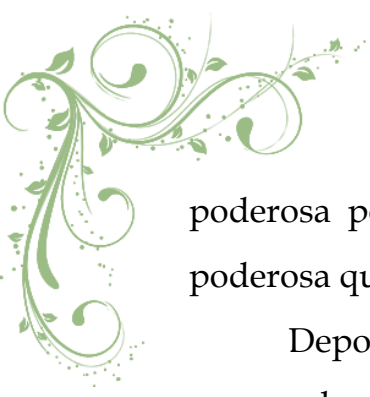
—Você não pode. Friedrich já tentou. O coração dele já parou.

Mikhail enfiou a mão por baixo da nuca do menino e depois firmou a voz.

—O sangue ainda está quente. Dê a criança para mim, Brennalyn.

Ela o soltou imediatamente. Com a criança frágil em seu colo, o sangue escarlate manchando seu peito, Mikhail ignorou o silêncio tenso enquanto todos o observavam. Rasgando a camisa de Denny, ele se inclinou e afundou as presas na jugular dele, liberando o potente elixir que jorrava por suas veias. Uma





poderosa poção que ele carregava da linhagem secreta de sua família - mais poderosa que a de Friedrich, que era neto de um vampiro Varis original.

Depois de um momento agonizante, ele ouviu e sentiu contra seus lábios uma onda suave, pulsando como as asas de passarinho. Ele puxou suas presas, selando a ferida com uma lambida rápida, em seguida, pressionou os dedos contra a garganta dele. E lá estava, a suave vibração de um batimento cardíaco. Erguendo a cabeça, ainda ofegando pela intensidade do momento, seu olhar percorreu a sala e ele notou que todos o observavam com admiração.

Mikhail evitou o olhar interrogativo de Mina e olhou para Brenna.

— Ele está vivo.

Ela engasgou e chorou, puxando Denny em seus braços suavemente.

— Oh, capitão. Como? Como você...?

— Melhor levá-lo para outro quarto, mantê-lo aquecido. Eu vou ver Beatrice.

Brenna ficou de pé, carregando o menino para seu próprio quarto com Helena atrás dela.

— Deixe-me ajudar. — disse Mina, correndo com elas.

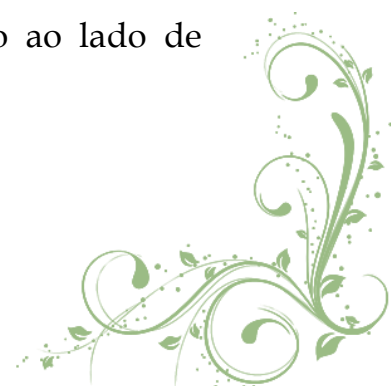
Mikhail pegou Beatrice em seus braços para levá-la até o quarto ao lado.

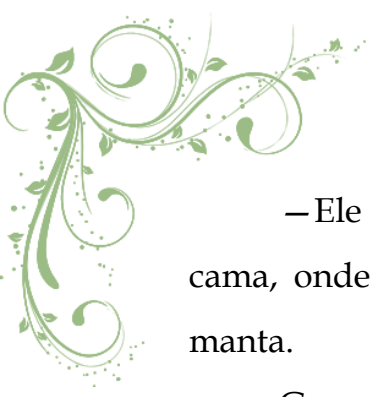
— Oh, Helena. E os meninos? — Brenna perguntou do quarto ao lado, o pânico aparecendo novamente.

— Eles estão bem. Estão todos bem. Eles estavam comigo e Dmitri. Marius e Arabelle também.

— Marius, Arabelle e alguns outros membros dos Black Lily estão com os meninos em nossa cabana. — acrescentou Nikolai, agora em pé na porta.

— Onde está Dmitri agora? — perguntou Mikhail, parando ao lado de Nikolai e olhando para o quarto.





—Ele foi procurar por você. — Helena respondeu, sentando-se na beira da cama, onde Brenna tirou o cabelo de Denny do rosto e Mina o cobriu com a manta.

Gregoravich pigarreou atrás dele.

—Capitão, ele veio aqui com Yuri e Gavril. Eu disse a ele que você, Grant e Friedrich foram atrás de Radomir. E... da menina.

Mikhail notou que sua amiga do tamanho de um urso não conseguia nem dizer o nome dela. Ele gostava de Izzy. Todos gostavam. A garotinha envolveu todos os membros da Guarda de Sangue em torno de seu dedinho doce e rechonchudo. *Por que, em nome dos céus, a Rainha a sequestrou?*

Helena ofegou.

—Menina? Onde está Izzy?

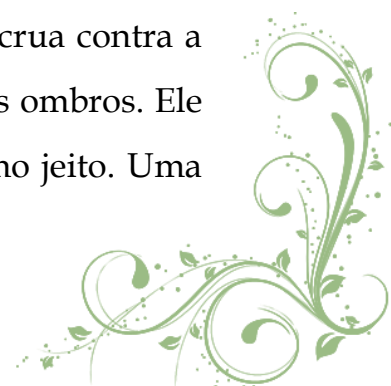
Brenna apenas balançou a cabeça, incapaz de falar em voz alta por um momento.

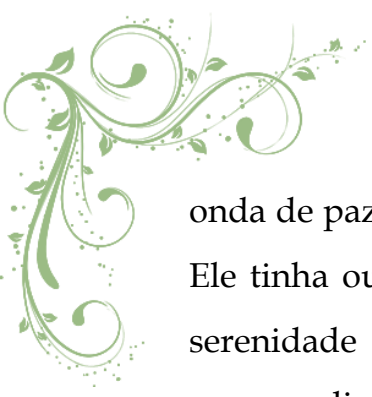
—Eles a levaram.

—Não. Não. *Não*. — Helena sacudiu a cabeça, como se pudesse mudar a realidade se negasse o suficiente. Brenna a puxou de volta em seus braços.

Todos sabiam o que Helena tinha sofrido nas mãos dos homens do Rei Dominik quando ela foi aprisionada no Olho do Dragão. O abuso constante como bleeder deles, a negligência, o terror. Mas uma menininha não poderia ser usada como bleeder por muito tempo, antes de morrer. Se esse fosse o caso, eles teriam levado Beatrice. Ela duraria mais como escrava de sangue. Não, tinha que ter algum outro motivo.

Mina permaneceu em silêncio o tempo todo, até agora, quando ela respirou fundo. A dor que emanava nesta sala era palpável, uma raspagem crua contra a pele. Mina ficou ao lado de Helena e Brenna, colocando as mãos nos ombros. Ele não podia ver ou cheirar nada diferente, mas o ar mudou do mesmo jeito. Uma





onda de paz entorpecente irradiava dela, espalhando-se como a névoa da manhã. Ele tinha ouvido falar de alguns empatas com o dom de transmitir um tipo de serenidade de cura. Brenna e Helena continuaram a chorar, mas a tristeza pareceu diminuir a uma dor suportável quando Mina envolveu as duas em seus braços. Ela murmurou palavras baixas e suaves de compaixão, para tentar aliviar esse peso insuportável.

Mikhail tinha que sair de lá e encontrar Dmitri. Ele olhou para Gregory.

— Você vai ficar aqui.

— Sim, capitão.

— Eu também. — acrescentou Nikolai.

— Eu vou ajudá-lo. — disse Sienna, seguindo Mikhail para a próxima sala.

Sienna puxou a colcha de rosa para que Mikhail pudesse deitar Beatrice.

— Marius e Arabelle estão bem?

— Sim. — A testa de Sienna franziu quando sentiu o caroço ao lado da cabeça de Beatrice. — Arabelle ficou gravemente ferida. Eles quebraram o braço dela, expondo seus ossos, e quebraram sua caixa torácica. Ela não conseguia respirar, um dos ossos deve ter perfurado seu pulmão. Marius deu a ela seu elixir, mas não foi o suficiente. O sangue estava saindo da boca dela, e nós sabíamos... — ela engasgou, olhando para ele — Nós sabíamos que ela morreria se ele não agisse rapidamente.

Mikhail não precisava ouvir o resto para saber o que aconteceu em seguida.

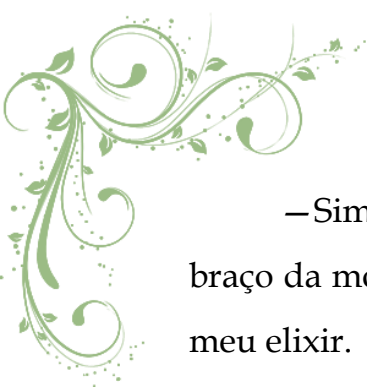
— Ele a transformou em vampira.

Sienna assentiu, afastando o cabelo de Beatrice do rosto.

— Então ela vai ficar bem.

— Beatrice realmente se recuperará?





—Sim. — Ele se sentou na beira da cama ao lado de Sienna e levantou o braço da moça, enrolando a manga de seu vestido azul. — Depois que eu lhe der meu elixir.

—Como, capitão? Como o seu elixir é mais poderoso que o de Friedrich? Ele é um Varis.

O mais potente elixir da cura bombeava nas veias de um puro sangue Varis. Quanto mais próximo da fonte original, a Rainha Morgrid, mais potente é o poder de cura.

Ele pegou a expressão curiosa de Sienna.

—Eu vi o que você fez por Denny. Você o trouxe de volta dos mortos.

—Seu sangue estava quente e seu espírito ainda perto. Teria sido tarde demais se tivéssemos esperado outro segundo.

—Mas não foi tarde demais. Como, capitão?

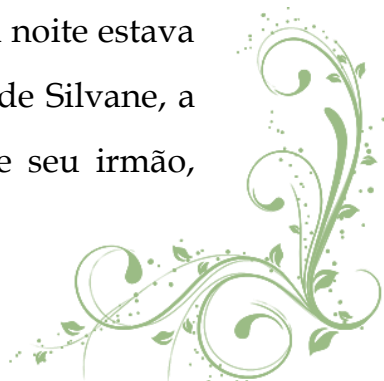
—Essa é uma longa história, pra ser contada depois, com mais calma.

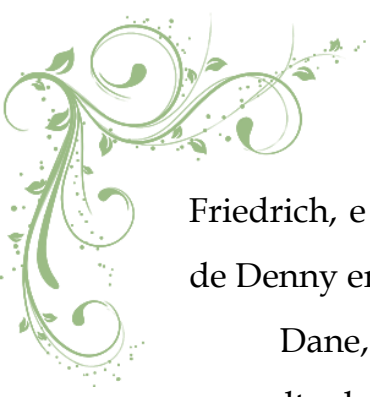
Ele inclinou a cabeça e mordeu o antebraço fino da menina. Ele não aspirou o sangue dela, mas permitiu que seu potente elixir fosse liberado das glândulas finas de agulha em suas presas. Ele contou até dez, depois se afastou, ouvindo o fraco pulso dela acelerar em uma batida forte e saudável. Ela virou a cabeça para o outro lado do travesseiro, dando o primeiro sinal de consciência.

Sienna olhou para Mikhail interrogativamente. Mas ele não lhe diria o que ela desejava saber. Como e por que seu elixir era tão poderoso quanto o de um príncipe Varis.

—Eu preciso encontrar meu irmão e Friedrich.

Ele se acelerou em velocidade de vampiro através da sala e se afastou para a floresta, na direção em que ele tinha ido antes, atrás de Radomir. A noite estava iluminada com o brilho alaranjado de um inferno além da Floresta de Silvane, a oeste. A ansiedade o dominou quando sentiu o cheiro familiar de seu irmão,





Friedrich, e dos lobos místicos. Ele passou rapidamente pelo corpo do assassino de Denny em direção às vistas e sons daqueles que ele conhecia.

Dane, nu em forma humana de um turno recente, tinha o braço de Friedrich em volta do ombro enquanto o ajudava a andar. Allora e seu companheiro, Bron, em forma de lobo, os flanqueavam, assim como Dmitri, Yuri e Gavril. O casaco branco de Allora brilhava ao luar. A pele negra e lustrosa de Bron ajudou-o a fundir-se com as árvores. Seus olhos dourados de lobo cintilando no escuro.

Os olhos de Dmitri se arregalaram de alívio quando pousaram em Mikhail. Os dois correram um para o outro. Dmitri segurou seu ombro, apertando-o com força.

— Eu não sabia onde você estava. — Que era o mais próximo que ele chegaria de dizer; “eu pensei que você poderia ter morrido.”

Mikhail agarrou a nuca do irmão e apertou-a, agradecido aos céus por tê-lo poupado. Pois ele tinha certeza de que haveria uma alta contagem dos mortos desta noite.

— Eu sou difícil de matar, irmão. Você sabe disso.

— Você quer dizer que você é teimoso demais para morrer.

— Sim. Isso também.

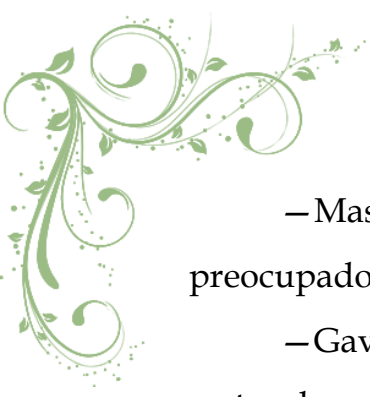
Eles compartilharam um sorriso íntimo, mas breve. Não havia necessidade de dizer o que certamente estava em ambos os corações - puro alívio. Os outros os alcançaram.

Mikhail se afastou para andar no lado oposto de Friedrich.

— Você está gravemente ferido?

— De jeito nenhum. Os filhos da puta quase cortaram minha perna, mas está curando. — Ele agarrou sua coxa, as calças encharcadas de sangue cortadas de uma lâmina onde um corte profundo remendava lentamente.





—Mas eu não pude segui-los. — acrescentou amargamente. — Estou preocupado com Grant. Ele foi atrás deles sozinho.

—Gavril, Yuri. — retrucou Mikhail. — Siga o rastro de Grant. Se estou certo, eles estavam preparados para serem seguidos. Ele precisará de ajuda.

Gavril e Yuri responderam juntos:

—Sim, capitão.

E desapareceram na escuridão. Bron e Allora correram atrás deles, uma faixa de preto e branco sumindo na escuridão da floresta invernal.

—Vá para casa, Sua Graça. — disse Mikhail. Haveria tempo para planejar a estratégia para trazer Izzy de volta mais tarde. Por enquanto, eles precisavam acabar com esta noite profana, lamentar seus mortos e rezar pelos moribundos.

— Denny está vivo.

—O que!? — Os olhos de Friedrich se arregalaram. — Vivo?

Mikhail assentiu, não pronto para explicar que foi ele quem o trouxe de volta.

—Brenna está precisando de você lá, agora.

O olhar de Friedrich espreitou na direção do chalé, como se pudesse ver a esposa e os filhos sofrendo, precisando dele.

—Mais rápido, Dane. — Ele acelerou o passo com a ajuda de Dane.

—Dmitri. — disse Mikhail. — O acampamento?

—Sim. Vamos lá.

Eles correram, o vento gelado se tornando mais frio a cada segundo, como se o inverno se aprofundasse com a perda de tantas almas para manter a floresta aquecida. A floresta cheia de magia que abrigava humanos e vampiros igualmente, irmãos de armas, contra um mal sombrio. Sua perda diminuiu seu pulso, como se ela chorasse com eles.





O fedor de carne queimada tornou-se mais forte quando saíram dos limites da floresta para a fazenda de Harrison - o centro das tendas e do arsenal de armas dos soldados. Eles estavam na encosta da colina, perto do local de treinamento de arco e flecha.

A fazenda estava em chamas, bem como o celeiro e todas as tendas ao longo da fronteira da floresta. O campo estava cheio de corpos, dos guerreiros deles próprios e Legionários, apenas seus uniformes os separando. Os soldados ainda em pé tinham uma corrente de baldes do poço para o celeiro. Alguns da Guarda de Sangue se moviam em velocidade vampírica, apagando as chamas o mais rápido que podiam.

A forma vigorosa de Harrison estava no leme. Sua esposa e filhos estavam de pé ao lado do menino Nate, segurando as rédeas dos cavalos Arkadians de Friedrich. Nate olhou para o celeiro em chamas, onde seu pai trabalhava e os dois dormiam a cada noite. Mikhail não viu a silhueta do pai de Nate, o ferreiro que forjou muitas armas para o exército. Por mais horripilante que a visão fosse, não eram os homens mortos que queimavam aquele cheiro profano na noite.

— Santo Deus. — murmurou Dmitri ao seu lado.

Ao longe, uma névoa infernal brilhava no céu invernal como se o mundo dos mortos se abrisse exatamente onde ficava a cidade de Hiddleston.

— Eles queimaram toda a porra da aldeia.

Hiddleston tinha sido um território amigo do Black Lily. E, sendo assim, era também um território inimigo da Rainha Morgrid.

Dmitri correu em direção aos gritos que vinham da aldeia, que pediam por ajuda. Mikhail estava bem atrás dele. Ele olhou para cima, observando como sua esperança de que eles escapariam da maldade da Rainha se desfazia, junto com a fumaça e as cinzas que subiam de Hiddleston.





Capítulo Dezessete

O bosque de carvalhos negros estava quieto, a não ser pelo leve sussurro do vento. Folhas de zibelina caíam sobre o chão coberto de neve. Uma pilha caíra delicadamente no monte de terra de quase dois metros por dois onde estava o pai de Nate, desde que o enterraram ontem. As folhas prateadas cobriram seu túmulo, como se a floresta desejasse manter o homem aquecido. Mas ele não estava mais aqui.

Mina andou em silêncio, não querendo perturbar Brenna e Nate. Brenna ficou ao lado do menino, um braço esbelto envolvendo seus ombros. O corte da morte atingiu a todos profundamente, incluindo os aldeões de Hiddleston. Mas nada doía mais a um menino do que a perda de seu pai.

Brenna falava palavras gentis para o garoto ao seu lado.

— Eles estão andando juntos, Ivan e seu pai. — ela estava falando como se estivesse contando uma história para dormir. — Lembre-se de como Ivan admirava o trabalho de forja de seu pai. Ninguém poderia criar uma espada ou adaga tão forte ou tão bonita quanto ele.

— Papai amava esses bosques. — A voz de Nate estava enferrujada, mas orgulhosa.

— Eu sei. — Ela apertou-o mais perto. — É por isso que os lobos místicos acharam melhor que ele descansasse aqui. Eu acho que ele ficaria orgulhoso disso. Não é?

— Sim, ele ficaria. — Ele limpou a manga do nariz e soltou um grande suspiro. — Melhor voltar ao acampamento. Estamos limpando as armas que ainda temos.

— Sim. É melhor você se manter ocupado.





Nate se afastou, correndo em direção à fazenda Harrison – ou melhor, ao que restava dela. Brenna não pareceu surpresa ao encontrar Mina atrás dela. Independente de qualquer coisa, ela a teria ouvido ou sentido seu cheiro, sendo uma vampira.

—Friedrich está perguntando por mim? — Seus olhos estavam vermelhos, embora nenhuma lágrima se destacasse em suas bochechas. Ela deve ter chorado tudo o que podia agora. Pelos os mortos, por seus filhos feridos, por Izzy, que estava desaparecida.

Brenna a encontrou na trilha e olhou em seus olhos com ternura.

—Na verdade, fomos convidados para o ritual funerário dos homens da Guarda de Sangue. Todo mundo já está lá.

Brenna parou no meio do caminho e encontrou seu olhar. Um sorriso triste curvou seus lábios.

—Isso vai ser uma honra, pois sei que eles são muito privados. Eu ainda nem sei de onde eles vieram. Onde eles nasceram, se eles têm pais, irmãos, alguém... será que deveríamos escrever pra eles?

Mina uniu seu braço com Brenna e a levou mais para dentro da floresta, onde ela sabia que a cerimônia estava acontecendo. O lugar exato onde os quarenta guardas juraram fidelidade a ela, restando apenas trinta e quatro, agora.

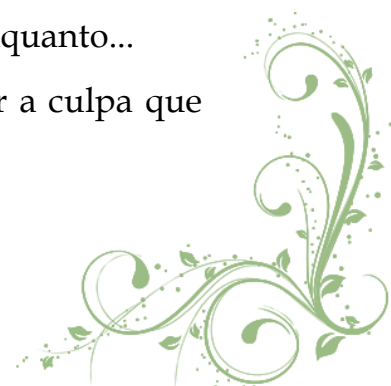
—Alekssei tem uma mãe e uma irmã. — pensou Mina, com uma pontada no peito ao pensar em como essa perda seria dolorosa para elas. — Irena é um lindo espelho de seu irmão. Temo que elas vão sofrer demais com isso.

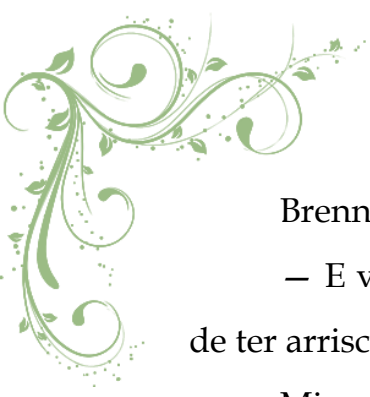
Brenna levantou o queixo.

—Eu preciso visitá-las e agradecer pessoalmente pelo serviço dele.

—Eu sinto que deveria ter sido eu. Afinal, Alekssei foi morto enquanto...

O resto ficou preso em sua garganta. Mina não podia admitir a culpa que sentia porque os homens tinham morrido para protegê-la.





Brenna se aproximou mais dela, enquanto caminhavam de braço dado.

— E você acha que, se Aleksei tivesse sobrevivido, ele teria se arrependido de ter arriscado a própria vida para proteger você?

Mina sacudiu a cabeça, sabendo que ele não o faria.

— Claro que não.

O olhar de Brenna caiu para frente quando Mina a guiou ao redor de um espesso arbusto que ela reconheceu. Elas estavam se aproximando.

— Aleksei foi quem levou Izzy em segurança até Winter Hill. — A voz de Brenna soou distante quando ela tropeçou de volta para aquela memória. Então, ela riu. — Eu me lembro dela comentando que eles tinham a mesma cor de cabelo.

Foi a vez de Mina apertar o braço de sua amiga.

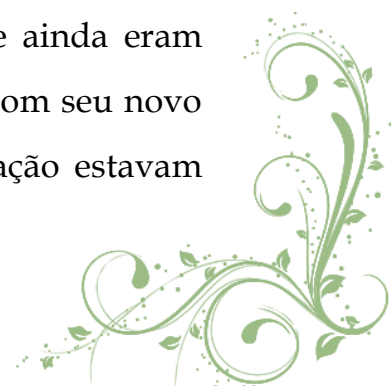
— Vamos pegá-la de volta.

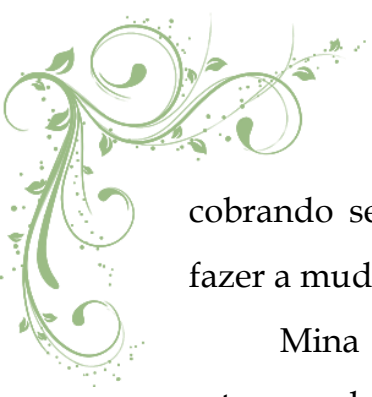
Os lábios de Brenna se apertaram, mas ela tentou sorrir de qualquer maneira, então elas estavam fazendo a curva até o prado que Mina lembrava.

A Guarda de Sangue – completamente encapuzada e vestida de preto – estava em um círculo perfeito em torno dos seis corpos em piras. Seus irmãos mortos estavam vestidos exatamente como eles, como se estivessem indo para a batalha, cada um segurando sua arma de escolha em seu peito, prontos para o combate.

Vampiros normalmente tinham túmulos familiares onde seriam enterrados, mas a Guarda de Sangue seguia um antigo ritual. Um onde o guerreiro era levado honrosamente pelas chamas.

Arabelle e Marius estavam lado a lado perto do centro, Marius com o braço em volta da cintura dela, segurando-a. Os ferimentos de Arabelle ainda eram extensos. Os círculos escuros sob seus olhos, que agora brilhavam com seu novo vampirismo, revelavam que as feridas e o processo de transformação estavam





cobrando seu preço. Os recém-nascidos precisavam de descanso para o corpo fazer a mudança. Mas é claro que ela jamais aceitaria ficar na cama para isso.

Mina andou à frente de Brenna para onde Friedrich, Helena e os meninos estavam, do outro lado de Nikolai e Sienna. Tudo em uma linha na frente das piras, onde Aleksei estava. Grant estava ao lado de Caden, com um braço ao redor do ombro do adolescente desengonçado. Grant foi subjugado em sua busca por Radomir e Izzy por uma dúzia de Legionários. E, embora não estivesse drasticamente ferido, ele perdeu a chance de pegá-los antes de cruzar a fronteira da Torre de Vidro, onde centenas de recém-nascidos infectados com a compulsão por sangue guardavam o terreno. Sua testa tinha um corte profundo e sua mandíbula e olhos exibiam contusões desagradáveis, mas ele não parecia afetado, extremamente concentrado nos homens deitados nas piras.

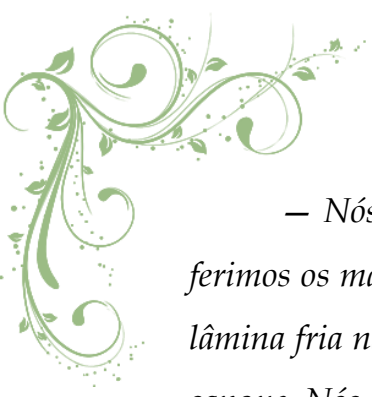
A respiração de Mina ficou presa em Mikhail, com a tocha na mão. Ele não olhou para ela quando ela se aproximou, mantendo os olhos apenas em seus homens, com uma máscara sombria de calma.

O único som audível era o crepitar da tocha e seus passos silenciosos pelo prado. Friedrich puxou Brenna para perto dele quando elas chegaram até eles, dando um beijo em cima da cabeça dela. Ele deixou Olog, seu chef de Winter Hill, em casa com Beatrice e Denny. Mina deveria ter ficado surpresa com o coração mole do homem rude para com a jovem Beatrice e os filhos do Duque, mas nada a surpreendia mais, com relação a essas pessoas. Eles se importavam uns com os outros do jeito que as pessoas deveriam, especialmente em um mundo frio onde o mal lavava a terra em sangue e cinzas.

—Irmãos! — A voz estrondosa de Mikhail atraiu a atenção de todos para ele. — Nosso lema.

Em uníssono, eles empunharam as mãos direitas sobre seus corações e recitaram com vigor.





— *Nós somos a Guarda de Sangue. Nobres de nascimento, irmãos por escolha. Nós ferimos os maus. Nós vingamos os inocentes. Nós corrigimos todos os erros. Nós somos a lâmina fria na noite escura. Nós damos nossas espadas, nossos corpos, nossa força e nosso sangue. Nós sangramos juntos. Nós morremos juntos.*

Lágrimas picaram os olhos de Mina, ouvindo essas palavras de todos eles, inclusive dos seis homens deitados em cima de suas piras, que não falavam mais. Ela sabia os nomes dos outros cinco homens agora, querendo saber quem tinha dado tudo o que tinha pela causa, prometendo nunca esquecê-los. O Black Lily começou como uma causa humana lutando contra a igualdade. Os vampiros poderiam simplesmente sentar-se impassivelmente e deixar a Rainha Morgrid e o Rei Dominik governarem a terra se assim o desejassem, especialmente crianças de nascimento nobre como esses homens. Mas eles não o fizeram. Eles pegaram em armas, à sua maneira, entre seus irmãos. Eles entraram nessa busca contra o mal, contra a Coroa, sabendo que a morte poderia ser o seu provável fim. E ainda assim, eles o fizeram. A palavra coragem adquiriu um novo significado enquanto ela olhava para aqueles guerreiros imóveis.

Mikhail deu um passo à frente, ao lado do guarda morto, que Mina reconheceu como o que brigou com Yuri em seu primeiro dia aqui.

Com uma voz bastante clara, Mikhail disse:

— Adeus, Anton. — E acendeu a pira a seus pés.

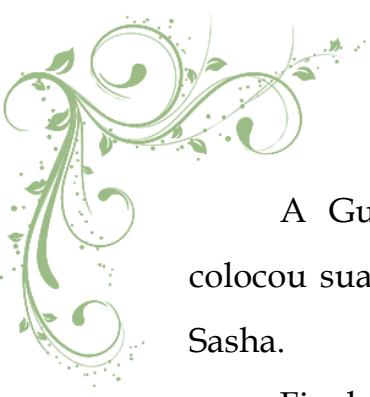
A Guarda de Sangue repetiu em voz baixa.

— *Anton.*

Mikhail foi até o próximo homem, quieto e despretensioso, mas que cuidava dos cavalos no celeiro de Harrison.

— Adeus, Ilya.





A Guarda de Sangue novamente repetiu seu nome, quando Mikhail colocou sua pira em chamas. Então o próximo homem, Petyr. Então Stanislav e Sasha.

Finalmente, Mikhail parou diante de Aleksei. Seu semblante sério e anguloso se suavizou por um breve segundo. Ninguém podia sentir o que Mina podia - o coração desse guerreiro orgulhoso e inabalável havia se partido em dois - e, pela primeira vez em sua vida, ela desejou não possuir mais este dom. Para não ser capaz de sentir o homem que ela amava - sim, *amava* - desmoronando por dentro, sem poder nem ao menos correr para ele e aliviar sua dor.

Mikhail levantou a tocha.

— Adeus, Aleksei.

O coro final ecoou no ar cristalino da manhã.

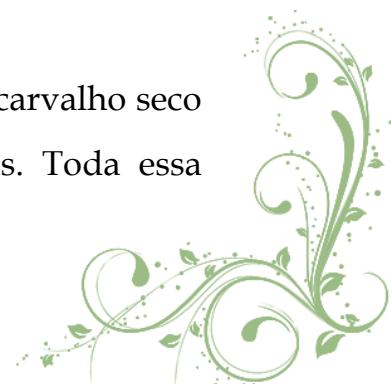
— *Aleksei.*

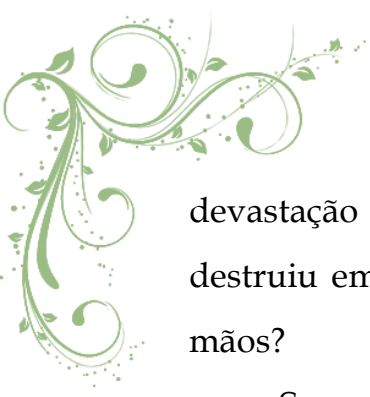
Mikhail jogou a tocha em sua pira, as chamas o lambendo com um estalo agudo, subindo em uma conflagração, o calor pressionando Mina como o peso da emoção de cada pessoa aqui, empurrando-a com necessidade de liberação.

— Vão em paz, irmãos. — A voz profunda de Mikhail ressoou as últimas palavras de despedida da Guarda de Sangue. — Descansem nas estrelas, aonde vocês pertencem. Até nos encontrarmos novamente.

Os membros remanescentes da Guarda de Sangue bateram os punhos uma vez contra o peito e depois lentamente partiram, um por um, não muito diferente da noite em que fizeram o juramento a Mina. Helena e Dmitri caminharam solenemente para longe com Caden, Emmett e Jack em direção à cabana, até que os que restaram foram apenas Arabelle, Marius, Sienna, Nikolai, Brenna, Friedrich, Mikhail, Grant e Mina.

O silêncio se estendeu. Nada além do barulho dos troncos de carvalho seco queimando e o zumbido do vento dançando através das chamas. Toda essa





devastação recaiu unicamente sobre a Rainha Morgrid. Quantas vidas ela destruiu em sua busca pela tirania? Quantos mais cairiam e sofreriam em suas mãos?

Seu exército não marchou para a batalha contra a Black Lily, mas se esgueirara por trás deles em Hiddleston, como ladrões na calada da noite. Ninguém havia ouvido ou sentido que eles estavam vindo. Todos assumiram que a Rainha usara suas artes de magia negra de alguma forma para contornar as sentinelas sem detecção. No entanto, ela tinha conseguido, tinha funcionado. O exército do Black Lily estava devastado, Hiddleston havia sido arrasada, mulheres e crianças inocentes estavam mortas e Izzy tinha sido sequestrada.

A fúria que agitou a besta interior de Mina quando ela acordou naquela torre subiu dentro dela, mais uma vez.

O olhar de Friedrich passou dos guardas em chamas para Mikhail.

— Grant e eu estamos saindo hoje para encontrar Izzy.

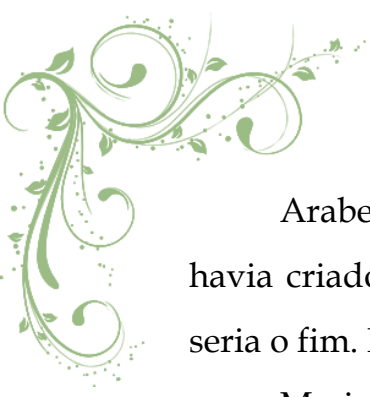
— Não tenho certeza se eles a mantiveram na Torre de Vidro. — acrescentou Nikolai. — Eu fui a Sylus secretamente para ver o que uma das minhas fontes na taverna local, a Coroa de Prata, poderia me dizer. Ele viu o movimento de muitas tropas, indo para o Norte, incluindo a carruagem real da Rainha.

— Isso não me surpreende. — suspirou Friedrich. — Provavelmente, vão leva-la até a Izeling Tower. — Brenna fez um som pequeno e asfixiante. Friedrich puxou-a para perto. — Ele não vai machucá-la, gatinha. Ele vai usá-la para negociar conosco.

— Mas negociar o que? — perguntou Brenna. — Rendição? Eles já derrotaram nosso exército.

A expressão de Friedrich se apertou. Brenna foi a primeira a dizer em voz alta o que ninguém mais conseguia admitir.





Arabelle virou o rosto para o ombro de Marius. Esta era a revolução que ela havia criado, e que pareceu morrer ontem à noite com os caídos. Mas esse não seria o fim. Não se Mina pudesse ajudar.

Marius a ergueu em seus braços.

— Preciso levar Arabelle para a cama. Ela ainda está muito fraca. — Então ele fugiu com ela em seus braços.

Mikhail deu um passo em direção a Friedrich, sua expressão pensativa.

— Eu vou trazer Gregoravich. Ele pode detectar onde eles poderiam ter levado Izzy, se pudermos encontrar suas pegadas.

— Não. — Todos os olhos giraram para Mina. — É exatamente isso que eles querem.

— Sua Alteza... — disse Mikhail, mantendo-a a distância, usando de seu título para afastá-la. — Independentemente do...

— Não. — ela disse em um tom mais agudo. — Não faremos o que a Rainha quer. Ou o que o Rei Dominik quer.

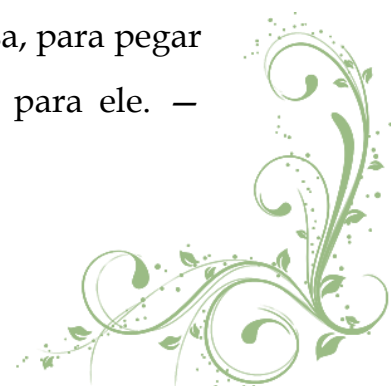
— O que você quer que façamos então, Alteza? — perguntou Friedrich. — Desistir? Nós já perdemos...

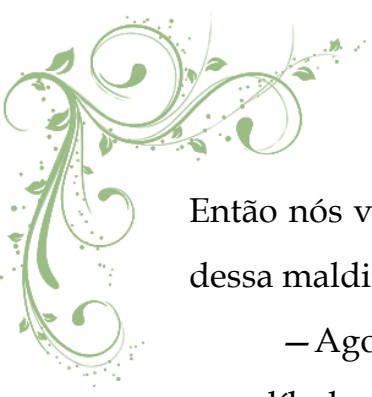
— *Muito.* — Sua voz quebrou com fúria, quando ela olhou nos olhos de Brenna. — Nós já perdemos muito. Hiddleston. Metade do nosso exército. As preciosas vidas daqueles que amamos. — Ela gesticulou de volta para a pira ardente.

Ninguém disse uma palavra, o ar crepitando com a ira de Mina. Mikhail não tirou os olhos dela.

Seu tenor vibrava ao enunciar claramente.

— Eu sou a legítima Rainha de Arkadia. Eu estou indo para casa, para pegar meu exército. — Ela sentiu seu olhar penetrante, mas não olhou para ele. —





Então nós vamos para Izeling Tower e *pegaremos* Izzy de volta. E nos livraremos dessa maldita Rainha e de seu filho, de uma vez por todas.

— Agora sim, é isso que eu gosto de ouvir. — Grant finalmente falou, sua mandíbula apertada.

— Sim. — concordou Brenna.

— De fato. — acrescentou Friedrich.

Mina se virou para Sienna e Nikolai, que assentiu. Sienna sorriu como uma mulher que entendia a profundidade da necessidade de justiça de Mina. Finalmente, Mina voltou seu olhar para Mikhail, que se aproximou ao seu lado. Ela levantou a sobrancelha em questão.

Sua expressão cansada de pesar - rugas profundas, aparentemente fixas em sua testa - se transformaram em uma emoção que ela não esperava ver nele. Esperança. Hesitante, mas ainda assim, esperança. Sua boca ensaiou um pequeno sorriso de lado, antes de sua voz rouca e suave sair e acelerar seu pulso.

— Ok.





Capítulo Dezoito

Os cavalos diminuíram a marcha enquanto se dirigiam para estradas mais planas e suaves. Estavam no vale, mais perto da casa do Lorde Rathbone em Devonshire. Mina se lembrou de sua propriedade palaciana de uma visita há muitos anos atrás, com Steward Thorwald. Mikhail liderou a fila de cavaleiros da estrada principal e atravessou o portal banhado em prata e sob o nome da casa de Rathbone, *Sommersby*, em perfeita escrita.

Mina cavalgou sobre a égua Arkadiana de Friedrich, Asphodel, uma beleza branca, lembrando-lhe quantos recursos seu reino poderia oferecer ao Black Lily. Uma vez que ela realmente reivindicasse isto, é claro.

— Não conte isso a Brennaly... — disse Friedrich, enquanto cavalgava ao lado dela em seu garanhão preto — Mas você parece mais natural naquele cavalo do que qualquer um que já a tenha montado.

Mina sorriu, inclinando-se para frente para escovar o pescoço da égua.

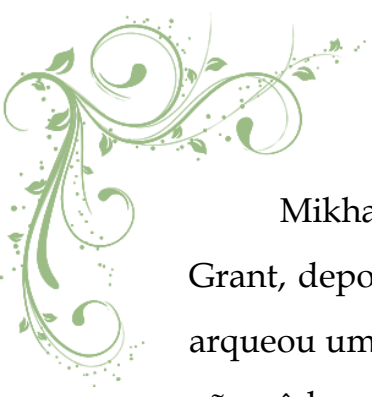
— Ela é extraordinariamente linda. E tão dócil.

— De fato.

A conversa de Yuri continuou alguns passos atrás, enquanto Gavril permaneceu em silêncio, apenas ouvindo, ao seu lado. O tom de barítono de Gregoravich entrava de vez em quando, mas era principalmente o tagarela e calmo Yuri que mantinha a conversa animada.

— É a montaria perfeita para você, Princesa. — adicionou Grant com uma piscadela, cavalgando do outro lado de Mina. — Embora eu ouse dizer que sua beleza excede a da doce Asphodel aqui. Ver você cavalgar nos últimos três dias tem sido um prazer por si só.





Mikhail lançou um olhar breve, mas sombrio, por cima do ombro para Grant, depois galopou à frente enquanto eles se aproximavam da mansão. Mina arqueou uma sobrancelha para Grant, tentando não rir de sua impropriedade. Ele não pôde se conter. Ele parecia se gloriar em quebrar a etiqueta das formas mais diabólicas.

— Não tenho certeza se devo agradecer a esse elogio.

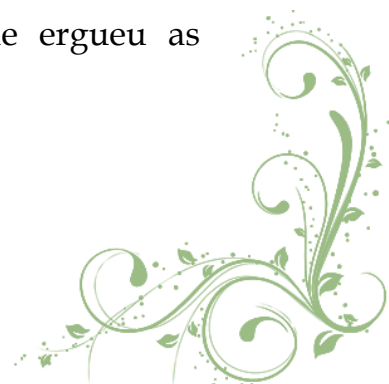
— Não, você não deveria. — Grant colocou a mão livre das rédeas sobre o coração. — Eu quem deveria estar agradecendo a você. Pois sou a apreciar a vista.

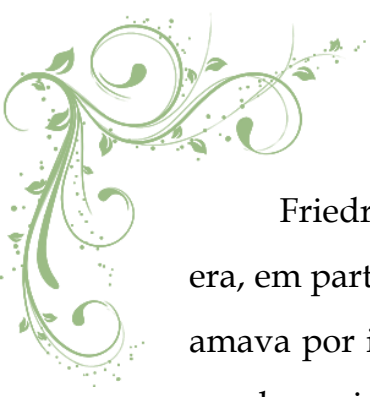
Friedrich riu pela primeira vez, desde a noite em que Denny quase morreu e Izzy foi levada.

— Melhor se vigiar, irmão. Você vai acabar irritando o capitão. Não acredito que ele aprecie muito você flertando com a mulher dele.

O pulso de Mina acelerou ao ouvir isso. *Ele sabia?* Não que ela se sentisse como *mulher dele*. Desde o ataque, ele não havia ficado sozinho com ela nenhuma vez. Nem lhe dera qualquer garantia de que a frágil ligação que haviam forjado pouco antes do ataque ainda estava intacta. Ela se perguntou se Mikhail se arrependeria de dizer tais palavras agora, se ele se sentia culpado por estar com ela naquela noite, quando ele poderia estar em guarda. Ninguém poderia estar preparado para o que aconteceu, mas ela sentia intensamente sua distância.

— Hmph. O capitão se alimenta de irritação, se você quer minha opinião. — Grant inclinou o rosto bonito em direção a Mina. Mesmo ferido da batalha, o homem poderia fazer uma freira desmaiar com aqueles olhos. — Além disso, a Princesa vai ser uma Rainha em breve. Ela pode querer contratar um guarda-costas pessoal. Ou, melhor ainda, um bleeder particular. — Ele ergueu as sobrancelhas no final dessa frase.





Friedrich riu mais alto. Mina percebeu que o mau comportamento de Grant era, em parte, para entreter e reviver seu irmão de sua profunda melancolia. Ela o amava por isso, então seu olhar foi para Mikhail. Ele desacelerou o passo de seu cavalo mais adiante, mas ainda assim ela percebeu o endurecimento de suas costas.

Grant inclinou o tronco para ela, com uma mão apoiada na coxa, e sussurrou conspirativamente.

— Vamos lá, Alteza. Brenna diz que eu tenho um gosto muito bom.

— Eu juro pelas estrelas, um dia desses ainda vou bater em você. — o Duque acrescentou casualmente.

— Você pode tentar... Mas todo mundo sabe que sou o melhor guerreiro.

Mina encontrou sua voz, finalmente.

— É mesmo? Melhor que a Guarda de Sangue?

Grant se endireitou com confiança, não que ele nunca parecesse menos que confiante.

— Eu sou tão bom quanto qualquer um deles. Pergunte a Friedrich.

O Duque soltou um suspiro e revirou os olhos.

— Mesmo como humano? — perguntou Mina.

— Bem, eu não tenho velocidade sobrenatural. Inferno, quando eu for um vampiro, serei melhor que o seu capitão.

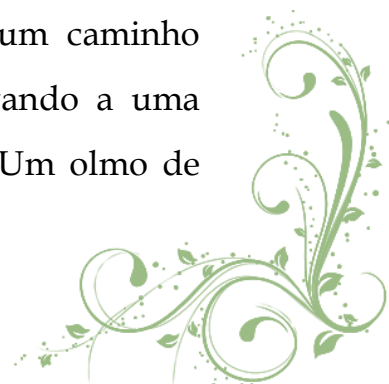
Mina olhou para ele.

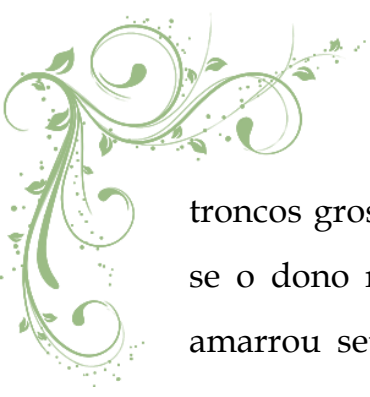
— Ele não é *meu* capitão. — disse ela, baixo.

Grant riu com um aceno de cabeça.

— Oh, sim, ele é. Quer o desgraçado goste ou não.

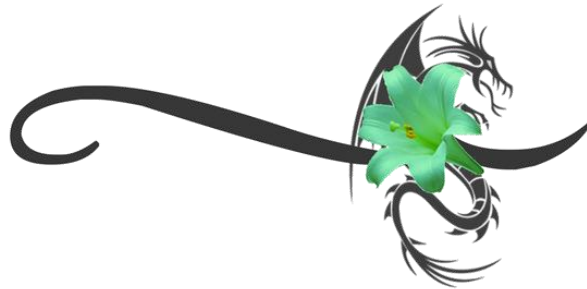
Mina não respondeu enquanto a passagem se abria para um caminho circular, o cascalho mais fino do que na estrada de entrada, levando a uma mansão imaculada de pedra branca, que se estendia larga e alta. Um olmo de





troncos grossos e folhas de ouro ficava estranhamente sozinho a um lado, como se o dono não pudesse suportar derrubá-lo quando construiu a casa. Mikhail amarrou seu cavalo em um galho baixo e aproximou-se do pórtico quando o grupo se dirigiu para a entrada. Sua expressão severa revelou que seu temperamento não havia suavizado em sua jornada. Ela se perguntou se ele havia endurecido seu coração para ela também. Ela ansiava por falar com ele sozinha. Mas, isso teria que esperar.

Agora, ela precisava se encontrar com Lord Rathbone e torcer para que ele apoie sua reivindicação.



Mikhail observou Friedrich segurar as rédeas do garanhão Ramiel, dizendo alguma coisa para Mina, enquanto ela balançava a cabeça e acariciava o focinho com a mão. Seus dedos esguios e pálidos contra o casaco preto-carvão eram uma bela visão.

Ela sempre era uma bela visão.

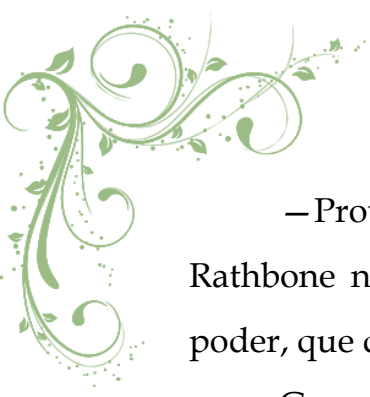
— Vamos levar os cavalos para os estábulos e depois cercar a propriedade.
— disse Gregoravich ao seu lado.

— Bom. Certifique-se de explorar a propriedade de Rathbone em busca de ladinos. Ou espiões.

Grant se aproximou.

— Você acredita que Rathbone já pode estar aliado ao Rei Dominik?





—Provavelmente. Mas, pelo que nós reunimos de informação em Izeling, Rathbone não estava ansioso para ir para se aliar com um tirano sedento por poder, que quer se expandir sobre seu território.

Gregory grunhiu.

—Mas você disse que ele assinou um contrato com o Rei.

Mikhail deu-lhe um olhar irônico.

—Contratos podem ser quebrados.

—Sim, muito bem então. Vamos ficar atentos aqui. Gregory seguiu o resto da Guarda de Sangue em direção aos estábulos.

—Onde está Dmitri? — perguntou Grant, sempre observador.

Ele desejou que o bastardo parasse de observar Mina tão de perto. Mas ele também sabia que o maldito homem só gostava de provocar e atizar as pessoas. Tornou-se evidente para ele, assim como para todos os outros, que a proteção de Mikhail a respeito de Mina se estendia além do simples dever.

Ele realmente tinha a ideia de convidar Grant para se juntar à Guarda de Sangue quando Friedrich o transformasse em vampiro, o que aconteceria em breve. Friedrich confienciara que ele resistira em manter seu irmão humano por tempo suficiente. Tempo demais. O Duque queria cuidar disso antes de viajarem para Arkadia, deixando Grant para trás. Mas ele não aceitou nada disso.

—Dmitri foi à nossa frente.

—Tudo bem. — Grant soltou um suspiro. — Não me diga onde ele está de verdade... Então, eu vou configurar um perímetro com Gregory. E vou deixar as reverências e apertos de mãos aos seus cuidados.

—Meus cuidados?

—Você é um cavalheiro, capitão.

—E você é o filho de um Duque. — Embora o pai de Friedrich nunca tivesse reivindicado seu filho bastardo, ele ainda tinha sangue nobre.





Grant sorriu como um gato que pegou o rato.

— Isso não faz de mim um cavalheiro.

— Diga-me, o que você sabe dos pais de Izzy?

Parecendo confuso com a mudança na conversa, Grant permaneceu pensativo por um momento.

— Na verdade, não sabemos nada sobre eles. Brenna disse que alguém que conhecia em Korinth encontrou uma criança abandonada fora da cidade, então ela fez arranjos para que a criança fosse trazida para sua casa no Norte, onde ela a manteve, desde então. — Grant desviou o olhar de Mina e Friedrich para ele. — Por quê? Você suspeita de alguma coisa?

— Não exatamente. Apenas racionalizando os motivos da Rainha Morgrid.

— Você não acha que ela foi levada para forçar Friedrich a se render?

— Não é provável. Eles não precisam mais dele. Eles construíram um exército forte sem seu sangue Varis para ajudar a criá-lo. — Cerrando a mandíbula, ele voltou sua atenção para Grant, sabendo que o cérebro do homem raciocinava da mesma maneira que o dele. — Por que uma Rainha toda poderosa, que pratica magia negra, precisa de uma criança inocente e intocada?

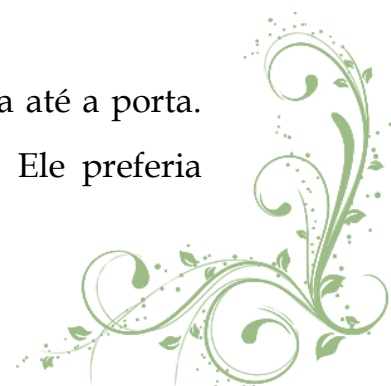
A expressão pensativa de Grant escureceu para uma carranca assassina.

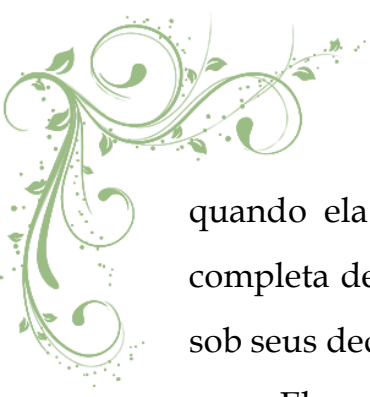
— Sacrifício de sangue. — ele sussurrou com desgosto.

— Sim. — concordou Mikhail, voltando a olhar para Mina e Friedrich enquanto eles se aproximavam. — Não mencione isso para Friedrich.

— Nunca nessa vida. — Com o rosto tempestuoso, agora que ele viu o que o inferno poderia esperar se eles alcançassem Izzy, ele apontou para Mina e o Duque. — Divirta-se. Friedrich diz que Rathbone é um homem bastante *interessante*. — Ele se afastou, indo atrás de Gregoravich.

Mikhail seguiu atrás de Mina, enquanto Friedrich os conduzia até a porta. Ele não pôde deixar de admirar a linha esbelta do pescoço dela. Ele preferia





quando ela usava o cabelo solto, mas ele também gostava de ter uma visão completa de sua pele branca como a lua, lembrando-o muito bem como se sentia sob seus dedos e seus lábios.

Ele estava completa e inegavelmente envolvido. Com o abatimento do exército do Black Lily - em uma noite em que ele deveria estar mais em guarda, e menos em Mina - ele tentou manter o foco em seu objetivo. E, no entanto, ele sabia que isso era impossível. Ele não podia mais olhar para ela e ver qualquer coisa além de uma mulher que ele ansiava ainda mais do que ele queria vingar a traição de sua família, que se estendia muito antes de ele nascer. Nada disso parecia ter significado quando ela estava dentro da visão dele. Tudo o que importava era... Mina.

A porta se abriu, tirando Mikhail de seu transe. Um homem de cabelo ralo e nariz grande, o mordomo, curvou-se para a reunião da pequena nobreza na porta, embora Mikhail tenha optado por permanecer em seu traje mercenário. Ele queria que o conde entendesse imediatamente seu propósito nessa reunião.

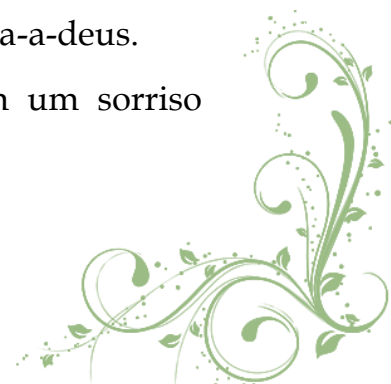
—Boa tarde, meu senhor. Posso dizer a Lord Rathbone quem está chamando por ele?

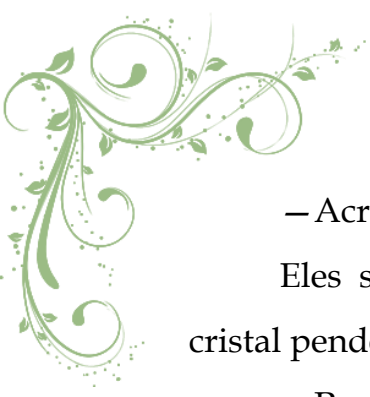
—Sim. — Friedrich assumiu a posição dominante na frente, carregando-se com a confiança arrogante de sua posição. — Você pode dizer a Rathbone que Friedrich Volya, Duque de Winter Hill, está à sua porta.

Os olhos apertados do mordomo se arregalaram, conforme ele ofegava ao ouvir o nome do Duque.

—Perdoe-me, Sua Graça. — ele se curvou profundamente, em seguida, abriu a porta. — Por favor, por favor, entre. Você pode esperar no salão azul. — Ele andou em suas longas pernas, dando-lhe a aparência de um louva-a-deus.

Friedrich arqueou uma sobrancelha em nossa direção, com um sorriso torto, e sussurrou.





— Acredito que não estávamos sendo esperados.

Eles seguiram o mordomo através do vestíbulo com um candelabro de cristal pendente, onde ele apontou para a primeira sala à esquerda.

— Por favor, fiquem à vontade.

— Obrigado, hum... — Friedrich fez uma pausa com a mão no alto, esperando que o homem preenchesse o espaço com seu nome.

— Graves, Sua Graça. A seu serviço. Eu informarei a Lorde Rathbone que você está aqui imediatamente, Sua Graça. E qual o nome de sua adorável acompanhante?

Ele não reconheceu Mina por quem ela era.

— As apresentações serão dadas pessoalmente. — disse Mikhail, não querendo que o Conde soubesse quem estava em sua sala, só para o caso de ter pensamentos de enviar secretamente um sinal aos inimigos.

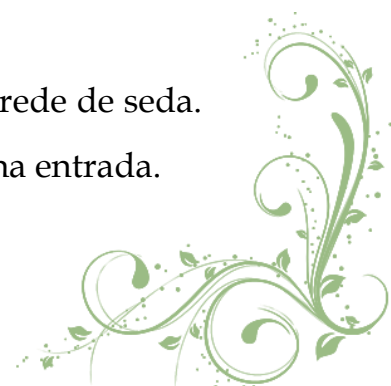
Embora os homens de Mikhail tivessem toda a propriedade cercada e interceptassem qualquer um que tentasse sair ou entrar na mansão do Conde, ele não se arriscaria. Quando o mordomo saiu para encontrar seu mestre, os três observaram o ambiente.

— Você nunca esteve aqui antes, Alteza? — perguntou Friedrich. — Eu achei que você tivesse dito que o visitou uma vez.

— Sim. Uma vez. — ela confirmou. — Mas eu era bem jovem. — Ela ficou parada por um tempo, como a Princesa perfeita, acenando para a porta. — Embora Graves possa parecer estar a um passo da cova, ele é humano e não estava vivo na minha visita de infância à Sommersby.

— A sala azul não é muito azul. — observou Friedrich, batendo um dedo na cortina amarela da cor do sol.

— Ela já foi, uma vez. Era azul do chão ao teto, em papel de parede de seda. — veio ao fundo a voz de barítono do Conde de Devonshire, em pé na entrada.





Sua aparência graciosa e bem-disposta demonstrava um vampiro inteiramente inabalado pela visita surpresa. Embora seu olhar fixo em Mina tenha irritado Mikhail imediatamente. O Conde sorriu de um jeito que incomodava à todos de uma vez, ao invés de aliviar a tensão.

—Oh meu... Então os rumores eram verdadeiros. — Ele entrou na sala em direção à Mina e fez uma reverência real. — Estou feliz em ver você segura, Sua Alteza.

—Está? — ela perguntou.

Sua expressão suave vacilou.

—Por que eu não estaria?

—Vendo que eu estava presa em um sono torturante e sem sangue, aprisionada em minha própria casa, Briar Rose, e nem você nem nenhum outro lorde do Sul me ajudou, só estou curiosa para saber se você está realmente feliz. Ou, se está apenas bancando o diplomata na sua sala não tão azul. — Mina nunca tinha falado com tal ousadia, mas ela não conseguiu afastar a mágoa da traição de sua voz.

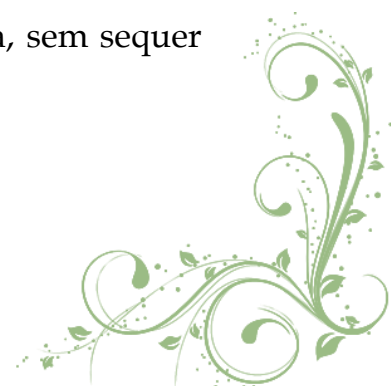
—Sua Alteza. — Ele se aproximou, levantando um braço para tocá-la.

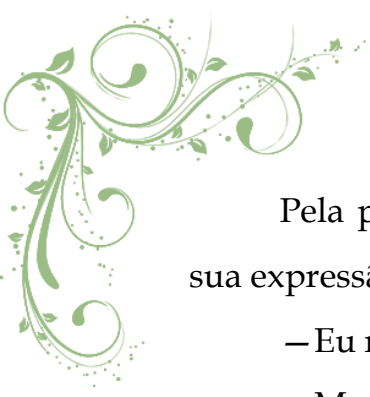
Mikhail assumiu uma postura protetora nas costas dela, com a mão no cabo da adaga. O Conde notou. Rathbone levantou as mãos em um gesto de rendição.

—Não há necessidade de violência. — Ele recuou. *Movimento inteligente.* — Eu nunca machucaria a Princesa Vilhelmina.

Ela fechou as mãos na frente de seu corpo e disse em seu tom autoritário e régio.

—Isso é muito reconfortante, meu senhor. — Sua voz ainda afiada. — Mas o fato é que você permitiu que sua soberana fosse detida pela força, sem sequer ligar para a Câmara e, não sei, providenciar um resgate.





Pela primeira vez, a compostura do Conde escorregou. Em vez de medo, sua expressão demonstrava dor.

— Eu não sabia.

— Mentiroso. — disse Friedrich. — Como eu poderia soube disso lá em Winter Hill, mas você não tinha conhecimento desse fato aqui em Arkadia?

— E como *você* soube dessa atrocidade? — perguntou Rathbone.

Friedrich abriu a boca para dar uma resposta furiosa e fez uma pausa antes de dizer.

— Meu tio.

— Certo. — Rathbone deu um firme aceno de cabeça. — Bem, ele não nos informou que mantinha nossa Princesa inconsciente, aprisionada e passando fome. Ele disse que ela estava sob sua proteção e guarda, por causa do Black Lily, que já havia sequestrado uma vez. Steward Thorwald então nos disse que os homens do Rei foram massacrados em Briar Rose, onde a Princesa foi acordada de seu sono sem sangue e sequestrada por um bando de bandidos. E que o Rei e sua mãe, a Rainha, estão vasculhando a terra em busca dela.

— Entendi. Bem, este é o líder do bando *heroico* de bandidos. — Rathbone acenou para ela. Mina gesticulou para a direita. — Lorde Rathbone, permita-me apresentar o Capitão Mikhail Romanov, líder da Guarda de Sangue. — Mikhail foi para o lado dela.

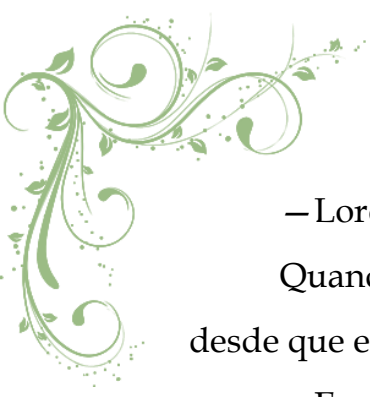
— Capitão Mikhail? — Seu olhar examinador mudou para um tom de admiração. — Nós ouvimos muito sobre você.

— Oh, é mesmo? — Ele permaneceu em sua postura de soldado, ilegível, mas com o tom letal em sua voz. — Coisas boas, tenho certeza.

Rathbone riu levemente, observando os três por um momento.

— Hoje à noite, pela primeira vez, o jantar será interessante. — Ele caminhou em direção à porta. — Graves.





—Lord Rathbone, temos notícias urgentes para discutir com você.

Quando ele girou na porta, ele deu a primeira expressão de gravidade desde que eles entraram na sala.

—Eu já ouvi sobre Hiddleston e os rumores da dizimação do Black Lily. Portanto, também sei que você viajou sem escalas para chegar até aqui. E com o Duque de Winter Hill e a Princesa de Arkadia em pé na minha sala, só posso supor que você veio com a intenção de fazer um pedido de alguma relevância. Eu entendo. Mas, primeiro vocês descansarão da jornada e jantaremos todos juntos. Então, discutiremos os assuntos em questão. — Ele repetiu o chamado da porta.
— *Graves.*

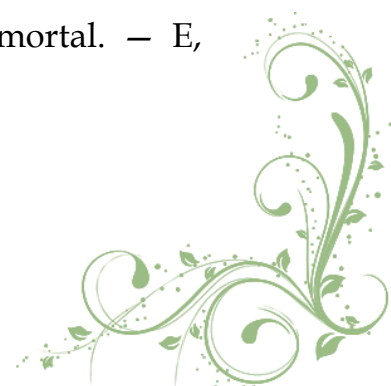
—Sim, meu senhor. — O mordomo quase saltou para dentro da sala, aparentemente ouvindo cada palavra.

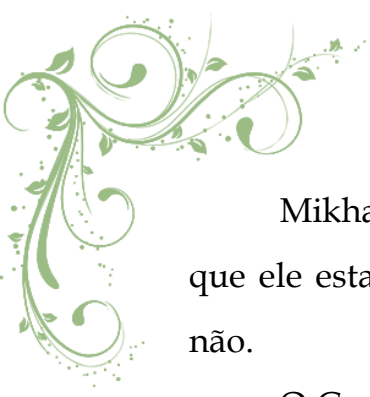
— Você pode mostrar aos nossos convidados seus aposentos para esta noite? Tenho certeza de que todos precisam descansar depois de uma longa jornada de... bem, de onde quer que eles tenham vindo.

—Sim, meu senhor. — O mordomo se curvou em obediência, como se sempre recebesse diretivas estranhas como esta. — Imediatamente.

Friedrich franziu a testa, mas seguiu o mordomo. Mikhail permitiu que Mina continuasse andando. Ele se aproximou do Conde e o deteve, colocando a mão entre o peito dele e a porta.

—Lorde Rathbone, já que você aparentemente sabe da reputação da Guarda de Sangue, eu acho que não há razões para eu te avisar que, se você tentar enviar uma mensagem para fora desta casa sobre quem está residindo sob seu teto, meus homens vão destruí-los antes que eles atinjam suas fronteiras. — Mikhail encarou-o e pronunciou cada palavra com uma ameaça mortal. — E, então, eu vou matar você.





Mikhail não se afastaria da presença dele até que ele entendesse claramente que ele estava olhando para sua própria morte, caso saísse da linha. Conde ou não.

O Conde não piscou, nem recuou diante de tal promessa de derramamento de sangue em sua casa. Ele colou um sorriso amável no rosto, um que ele provavelmente usava com os homens mais arrogantes de sua classe.

— Não há necessidade alguma de avisos, capitão. Eu entendo muito bem o que isso significa.

— Mikhail? — Mina tinha retornado, o medo estava estampado nas rugas de sua testa e na tensão de sua boca. — Está tudo bem?

— Oh, sim, Sua Alteza. O capitão e eu estávamos apenas chegando a um entendimento. — Rathbone se afastou.

— Sim, claro. — respondeu ela, desconfiada.

— Eu estarei no meu escritório, caso Graves ou minha governanta, a Sra. Ward, não consigam encontrar o que vocês precisam. — Ele se virou como se lembrasse de algo. — Meu pai ficará feliz em vê-la novamente, Alteza.

— Seu pai?

Mikhail notou sua surpresa.

— Sim. — Rathbone riu. — Ele ainda está vivo, acredite ou não. Vamos ver todos vocês no jantar. Ele se virou para o que parecia ser seu escritório, do ponto de vista de Mikhail. — Noite interessante, de fato. — O Conde riu para si mesmo.

Mikhail andou ao lado dela, enquanto subiam as escadas acarpetadas.

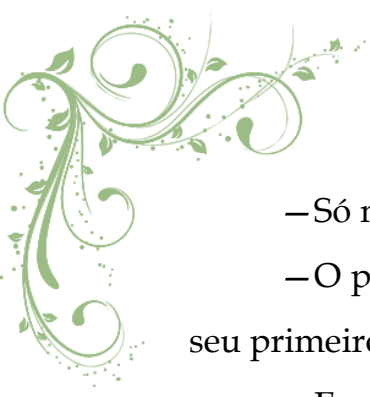
— Por que você ficou tão chocada em saber que o pai dele ainda está vivo?

Mina sorriu.

— Quer dizer que eu sei de algo que o grande e temeroso Capitão Romanov não sabe?

Ele soltou um suspiro.





—Só me responda, Princesa.

—O pai dele o gerou quando já tinha mais de mil anos de idade. O Conde é seu primeiro e único filho.

—Espere. Então, por que Rathbone é o Conde enquanto o pai ainda vive?

Mina tropeçou em suas saias. Mikhail pegou-a pelo braço. Sua respiração engatou, mas ela continuou subindo as escadas. Ele não a soltou, segurando-a até chegarem ao patamar.

— O ex-conde desagradou a Rainha Morgrid por não sei o quê, mas foi o suficiente para que o Rei Grindal e a Rainha Morgrid o despojassem de seu título. Eles permitiram que ele vivesse apenas se permanecesse aqui na Sommersby, pelo resto de seus dias. Você vê, o ex-conde estava lá quando o Rei e a Rainha reivindicaram pela primeira vez a soberania da Torre de Vidro.

—Você quer dizer quando a Rainha assassinou seu irmão gêmeo a sangue frio, usurpando seu trono para que ela pudesse governar.

Mina continuou andando devagar pelo corredor, onde Graves levava Friedrich.

—Sim. Eu vivo esquecendo disso.

—Eu não. — ele respondeu, mais rudemente do que pretendia.

Ela fez uma pausa e se virou para ele.

—Você está bem?

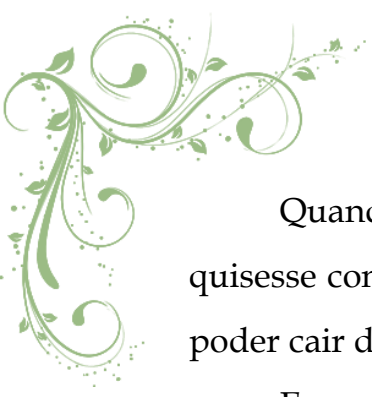
Ele passou a mão pelo cabelo, sentindo a ansiedade pela mudança da conversa.

—Eu não sei.

O leve toque em seu braço o acalmou e o agitou.

—Mikhail. Você está bem?





Quando ela olhava para ele assim, como se ela fosse sua mulher e só quisesse consertar tudo que havia de errado no mundo dele, ele apenas desejava poder cair de joelhos e se render, de uma vez por todas.

Em vez disso, ele repetiu.

— *Eu não sei.* — Então subiu o corredor e se afastou da mulher que ele desejava mais que a própria vida. Mais do que a justiça que ele tanto perseguiu... mais até que sua própria vingança.





Capítulo Dezenove

Lorde Rathbone não mentiu. O jantar *tinha* sido interessante. A conversa foi leve. A refeição foi mais pesada, terminando com uma taça de sangue quente em vez da sobremesa. Típico de uma refeição formal na casa de um aristocrata vampiro. O que Mina achou mais interessante foi o modo como o pai de Rathbone, o ex-conde, que agora atendia pelo nome de Lorde Petrov, manteve a maior parte de seus comentários para si mesmo e seus olhos para Mikhail. Ele o observou como se estivesse tentando lembrar de algo. Ou, talvez, tentando lembrar de *alguém*.

Na aparência, o pai de Lord Rathbone era uma imagem espelhada de seu filho, apenas menos formidável em estatura e largura de peito. Enquanto seus olhos ostentavam todo o fogo de um jovem, seu rosto e comportamento eram frágeis. Ele era um dos poucos vampiros que restaram, dos que estavam lá no começo, quando a Rainha Morgrid se tornou a governante do reino.

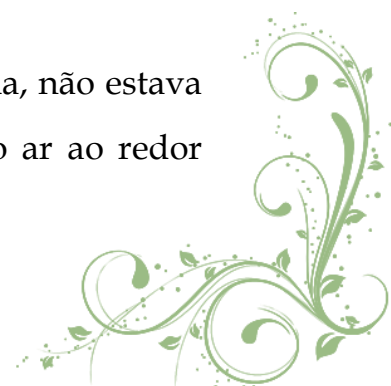
O riso alto de uma das três concubinas de Rathbone, que se juntou a elas para o jantar, interrompeu seus pensamentos. A ruiva deslumbrante colocou uma mão delicada no braço de Mikhail.

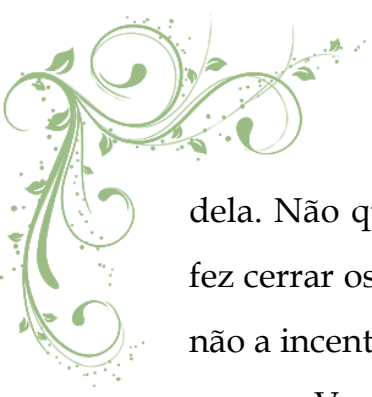
—Oh, vamos lá, capitão. Aposto em sua linha de trabalho que você tem mil histórias fascinantes.

—Eles podem ser um pouco ásperas para o seu gosto, minha dama. — ele respondeu calmamente, embora Mina tivesse notado a tensão em torno de seus olhos.

—Eu não me importo com um pouco de aspereza, capitão.

O dom empático de Mina mostrou-lhe que a ruiva, Lady Sasha, não estava apenas fingindo. Sua luxúria por Mikhail praticamente zumbia no ar ao redor





dela. Não que Mina pudesse culpá-la, mas o pensamento dela nos braços dele a fez cerrar os punhos no colo. Não havia razão pra isso, no entanto, já que Mikhail não a incentivou a avançar com o flerte.

—Vamos nos retirar para a sala de estar? — Lorde Rathbone ficou de pé, a luz das velas dourando seu cabelo ruivo dourado. — Eu acredito que algum entretenimento musical nos fará bem. — Ele sorriu para suas concubinas. Todas as três em pé, com ensaiados acenos da cabeça, conduziram a festa até a grande sala de estar, com o grandioso piano preto feito de laca no canto.

Mina não tinha pais, então ela nunca tinha experimentado uma casa onde o dono e a senhora tivessem haréns de sangue. Embora as três damas de nobreza de Lorde Rathbone não pudessem ser chamadas de harém, ainda eram damas de moral questionável. Elas a lembraram das mulheres que ela encontrou quando Steward Thorwald mandou Mina para a ópera, para os bailes ou para os musicais. Diziam uma coisa, mas significavam outra, manipulando homens com um lampejo de chicotadas e cortando mulheres que ficavam no caminho.

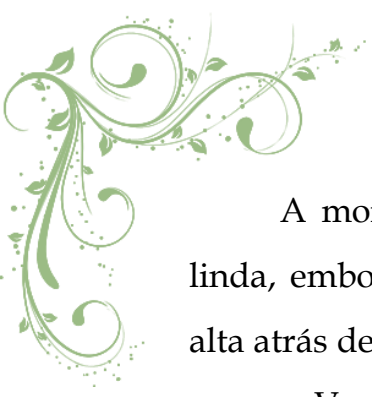
Felizmente, eles não estavam em um baile ou uma ópera. E ela não era mais uma dama qualquer no recinto.

Ela olhou para Mikhail, imaginando se ele já tivera um harém. Não. Ele poderia ter nascido na nobreza, mas ele não era de sangue real. Mesmo assim, ela não imaginava que ele tivesse uma coleção de mulheres ao seu bel prazer.

Mina se juntou a Friedrich no sofá. Mikhail permaneceu de pé, ao lado deles. Lorde Rathbone se posicionou ao lado de Mina. Seu pai se aproximou e sentou-se em uma poltrona de couro bem gasta, com as pregadeiras nos braços há muito perdendo o brilho.

—Você tem um pedido em particular, meu senhor? — perguntou Sasha, com os cabelos ruivos reluzentes pendendo sobre um ombro.





A morena sentou-se ao piano, folheando partituras de música. E a loira, linda, embora não tão cativante quanto Lady Sasha, sentou-se em uma cadeira alta atrás de uma harpa.

— Vocês, senhoras, sempre escolhem melhor que eu.

Lady Sasha sussurrou algo para a morena, que assentiu e começou a tocar uma melodia melancólica. A loira se juntou com um dedilhado melodioso da harpa. Então Lady Sasha cantou, e Mina entendeu por que Lorde Rathbone queria manter uma mulher assim em sua posse.

No entanto, quando ela começou a cantar sobre amantes separados no mar e sua ardente reunião nas areias macias durante a noite, e enquanto o olhar de Mina permanecia abertamente sobre Mikhail, seus pensamentos se voltaram para a última vez que estiveram sozinhos. As mãos dele em sua pele, os lábios em seu peito, a boca entre suas pernas...

— Sua Alteza, você parece um pouco corada. — Lord Rathbone sussurrou perto de seu ouvido. — Posso acompanhá-lo até a varanda para tomar um pouco de ar fresco?

Ela disparou sem uma palavra, permitindo que ele a levasse através das portas abertas para a noite escura e fria. O que ela precisava era falar com Mikhail sozinho, mas ainda mais urgente era a necessidade da ajuda de Lorde Rathbone. E agora era um momento tão bom quanto qualquer outro para adquirir essa ajuda.

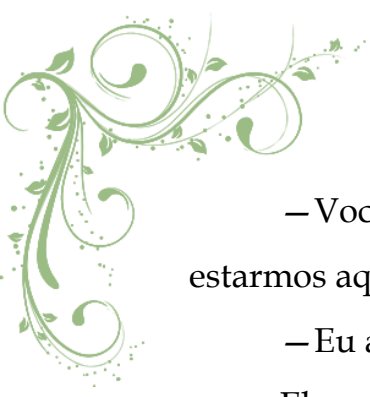
Ele imediatamente tirou o casaco e envolveu-o nos ombros dela. Ela cruzou os braços e segurou as lapelas para mantê-lo apertado ao redor dela, embora a noite gelada fosse bem-vinda em suas bochechas aquecidas.

— Estou feliz por conseguir falar com você a sós, meu senhor.

— Bem, então somos dois.

Ela ignorou seu flerte.





—Você sabia que não chegou a perguntar nem sequer uma vez o porquê de estarmos aqui? Ou, pelo que viemos?

—Eu acho que posso adivinhar isso.

Ela se inclinou contra o corrimão de pedra, a meia lua espreitando através de nuvens finas.

—Então, por favor, me diga o que pensa.

—Como eu mencionei antes, o exército do Black Lily foi destruído. Eles perderam um grande número de soldados . A Guarda de Sangue resgatou você de um destino horrível, então você se sente na obrigação de retribuir a eles. Como a Princesa de Arkadia, você procura ajuda em recompensa.

Seu comportamento não mudou nem um pouquinho, seu tom de flerte sempre presente, assim como o sorriso que lhe deixava com os joelhos fracos. Ele se debruçou contra o corrimão, de frente para ela. Ele inclinou a cabeça, suas feições perfeitas parecendo ainda mais deslumbrantes com a luz pálida do luar, mas ele não a interrompeu. Simplesmente esperou.

—Você ainda é o principal conselheiro da Casa de Arkadia, não é?

—Eu ainda compartilho esse papel com Lord Maksim e Steward Thorwald.

—Eu posso ter parecido apenas um tipo de enfeite ou troféu, todas as vezes que visitei a casa, mas observei muito bem. Nós dois sabemos que não importa o que seja decretado em pergaminho, você é o principal conselheiro.

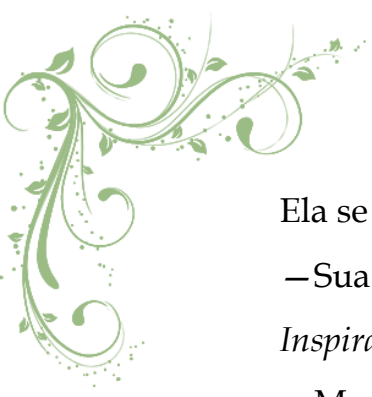
Sua boca se transformou em um sorriso.

—Isso eu não vou negar.

Ela tirou a mão do casaco e segurou o corrimão frio, precisando da sensação tangível da pedra sob seus dedos, de segurar em algo robusto e verdadeiro. Aquela flor desabrochando dentro de seu peito pressionou mais, buscando a luz que finalmente a abriria para o mundo.

Lorde Rathbone colocou sua mão grande sobre a dela.





Ela se encolheu, mas não tirou a mão da dele.

—Sua Alteza... — ele começou, gentilmente — Fale comigo.

Inspirar. Expirar.

—Meu senhor, pretendo me apresentar à Câmara e exigir meus direitos como Rainha de Arkadia. O regente Thorwald manteve meu trono aquecido por tempo suficiente. Pretendo exercer meu poder como herdeira legítima do trono de Arkadian e estou solicitando seu apoio. Não só para mim, mas para todos os Varis.

Seus olhos azuis de inverno cintilaram com um fogo sobrenatural.

—E você o terá.

Ela piscou, não esperando que fosse tão fácil assim.

—Você entende o que estou pedindo? Do povo e do exército de Arkadia?

—Deixe-me ver se eu entendi direito. — Ele ergueu a sobrancelha diabólica.

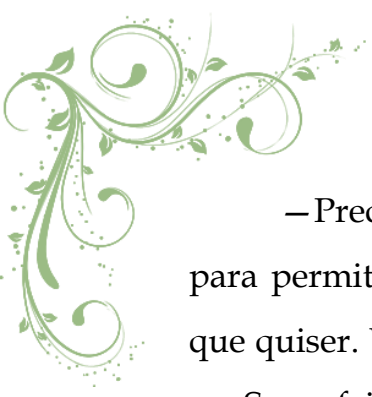
— Você veio completamente acompanhada de uma guarda armada, pretendendo reivindicar seus direitos como Rainha - como deveria - para, então, reunir os recursos do Sul contra o Rei Dominik, já que ele está tentando forçar uma aliança involuntária de casamento entre os dois. *Com você.* Além disso, você se aliará ao exército do Black Lily, já que está tão confortável na companhia do exilado Duque de Winter Hill, para derrubar a Rainha Morgrid e iniciar algum tipo de nova ordem mundial.

Mina só pôde olhar por um momento, completamente sem palavras.

—É essa a sua intenção, Alteza? — Ele sondou suavemente, roçando o polegar sobre os nós dos dedos dela.

—Sim. — foi a única resposta que ela poderia pensar em dizer. — A punição por traição é a morte. Apoiar minha reivindicação iria contra os desejos da Rainha Morgrid. Você tem muito a perder.





—Precisamente. — ele concordou, seu tom grave. — Tenho muito a perder para permitir que o Rei Dominik, sedento por poder, entre e leve tudo do jeito que quiser. Você sabe o que aconteceria com Arkadia, se você se casasse com ele?

— Suas feições perfeitas se endureceram, e ela viu a fachada encantadora desaparecer e o vampiro tomar a frente. — Ele governaria com mão de ferro, e as liberdades e a prosperidade que desfrutávamos nas províncias do Sul desapareceriam da noite para o dia.

— Então, por que você assinou contratos com ele em Izeling?

Sua compostura escorregou por um segundo. Ele olhou pela porta da sacada entreaberta, onde Friedrich estava sentado, batendo palmas ao final de outra música.

— Porra, aquela mocinha que virou a cabeça do Duque ouviu tudo, não é?

— Sim. — Mina se absteve de sorrir. — Ela ouviu.

Ele se adiantou, como se aquilo não importasse de maneira alguma.

— Os contratos eram para apaziguar o Rei e mantê-lo fora de nosso território. Nós tínhamos nos aconselhado com os senhores da Câmara e todos concordaram em assinar alguns de nossos recursos. Recursos para os soldados equestres e cavalos da arca de Arkadian. Então a Rainha fez aquele maldito anúncio, e nós abruptamente mudamos de ideia. Saímos imediatamente, sem envolver o Rei sobre o assunto até que pudéssemos descobrir o que precisaria ser feito. — Ele sorriu e, dessa vez, Mina sentiu seu coração disparar ao receber um sorriso tão divino. — E aqui está você, um anjo enviado direto do céu para salvar a todos nós.

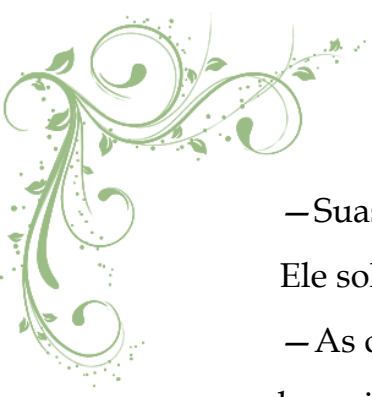
— Eu não teria tanta certeza sobre ser um anjo.

Ele avançou para perto dela.

— Você certamente se parece com um. Você é de tirar o fôlego, Alteza.

Risos brotaram da porta, agora mais aberta.





—Suas concubinas não desaprovaram você flertando com outra mulher?
Ele soltou uma gargalhada, seu hálito visível no branco do ar.

—As concubinas de sangue não são *minhas*. Eles são livres para entrar e sair quando quiserem. Se eles decidirem deixar a Sommersby, eles podem ir sem aviso prévio. E eu não estou flertando com outra mulher, estou tentando chamar a atenção da minha futura Rainha. Princesa Mina, uma aliança de nossas casas fortaleceria sua reivindicação do trono.

Olhando para Lorde Rathbone, ela se concentrou no que ele tinha acabado de dizer.

—Nossas casas? Tipo, nós dois juntos, você e eu?

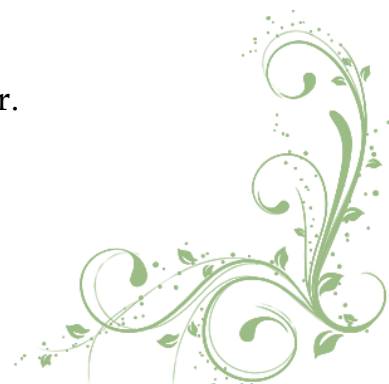
—É tão improvável assim? Você já sabe que eu tenho mais influência na Câmara. Meu apoio é uma coisa, mas minha palavra como homem ao lado de sua futura noiva seria outra completamente diferente. Não haveria nada a perder com os senhores rabugentos da Câmara, que gostam de levar três meses para tomar uma decisão. E há o outro dilema de Steward Thorwald. É verdade que ele é apenas um mordomo, mas é apoiado pela Rainha e fez muitos aliados ao longo dos anos.

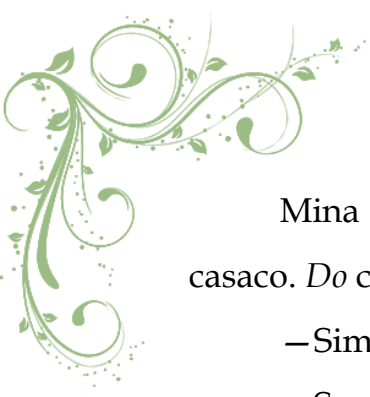
—Então, você está me propondo casamento como uma aliança política, para garantir que eu receba meu direito de nascimento?

—Estou lhe propondo casamento porque você é uma mulher bonita, inteligente e sedutora, com quem eu me sentiria honrado em casar. E cujo os direitos, como monarca de *nossa terra*, eu protegeria com minha própria vida.

Ele enrolou a mão grande ao redor dela e puxou-a para o peito. Ela tentou puxar de volta, mas ele a segurou, abrindo a boca para falar quando os passos de alguém soaram atrás deles.

—Sua Alteza. — O timbre áspero da voz de Mikhail rolou no ar.





Mina tirou a mão da de Lorde Rathbone, colocando os braços por baixo do casaco. *Do casaco dele.*

— Sim, capitão?

— Sua Graça está se retirando. Lorde Rathbone, solicitamos uma audiência particular com você, no início da manhã.

— Particular? — perguntou Mina, franzindo a testa.

— Restrita ao nosso pessoal. — Mikhail esclareceu, ou seja, sem as concubinas e Lorde Petrov.

— Concedido. — disse Lord Rathbone.

O olhar de aço de Mikhail mergulhou no chão quando ele se curvou e recuou para dentro.

Mina deveria ir até ele. Ele confundiu o que estava acontecendo na sacada. Ou não? O Conde acabara de propor casamento.

— O capitão Mikhail é certamente empenhado quando se trata da sua proteção, Sua Alteza. — Seu tom a estava acusando. Como se ele soubesse.

— A Guarda de Sangue é muito dedicada a mim.

— O capitão, acima de tudo. — Sua expressão selou seu conhecimento com um sorriso. — Eu acredito que eu sei a resposta para a minha proposta.

Ela sorriu com simpatia.

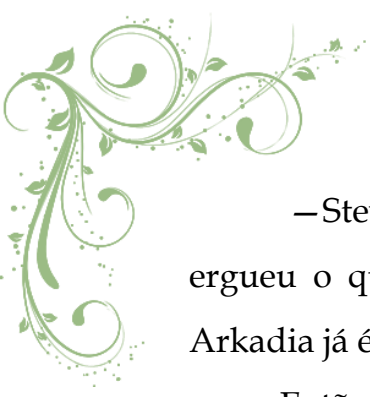
— Sinto muito, meu senhor. Não posso aceitar.

— Tarde demais, eu vejo. — Ele sorriu e levantou a mão em um beijo de despedida. — Ele é um pouco ranzinza para alguém tão gentil como você, mas eu vejo em seus olhos que já estou em desvantagem. — Com uma profunda reverência, ele retornou pela porta da varanda, mas ela o deteve antes que ele cruzasse a soleira.

— Meu Senhor?

— Sim?





—Steward Thorwald não é um dilema. Nem os outros senhores. — Ela ergueu o queixo, a força de sua coragem fortalecendo sua espinha dorsal. — Arkadia já é minha. Eu apenas vou reivindicá-la, como sua legítima Rainha.

Então ela salvaria Izzy e o resto do mundo, mostrando à Rainha Morgrid como é que se derrotava de verdade um inimigo.

Lorde Rathbone a estudou por um momento, sua boca larga deslizando em um sorriso contagiante.

—Talvez você seja um bom par para o capitão, depois de tudo. — Então ele foi embora pela sala vazia.

Com uma inspiração profunda do ar cristalino, ela apreciou a paixão que agitava seu sangue, desejando que ela tomasse o que era dela. Então, ela caminhou de volta para a sala e colocou o casaco de Lorde Rathbone sobre o sofá.

—Eu sei quem ele é, sabia?

Mina se virou e ofegou, seu coração pulou em sua garganta, apenas para encontrar Lorde Petrov ainda sentado em sua cadeira no canto, olhando para o fogo.

—Perdão, meu senhor? Você sabe quem é *quem*? — Talvez tenha sido o início da demência, sentado em uma sala sozinha, adivinhando coisas estranhas das chamas.

Então ele virou o olhar para ela, seus olhos tão afiados e inteligentes quanto qualquer vampiro que ela conhecia.

—Mikhail Romanov. Eu o conheço. — Ele sorriu como se tivesse guardando um segredo. — E ele não é apenas o filho de um senhor humilde de Korinth.

Com o coração martelando, ela perguntou.

—Quem ele é, então?

—Sente-se, minha querida. Eu tenho uma história para te contar.





Capítulo Vinte

Mina se sentou na cadeira em frente ao antigo conde. A luz do fogo dançou em seu rosto, iluminando seu nariz afiado e sua testa larga. Ele parecia muito mais velho, embora mais uma vez seu olhar aguçado se fixou nela vibrando uma onda forte de inteligência.

—Uma vez, há muito tempo, houve um Rei muito bom, que governava a terra de Varis.

Sua voz era rouca pela idade. Mina não achou que ele pretendia contar a ela um conto de fadas. Talvez ele não estivesse tão lúcido assim. Ainda assim, ela permaneceu sentada, com as mãos no colo.

—Seu nome era Rei Rodin. As pessoas estavam em paz e elas o amavam. Então, um dia, sua irmã gêmea retornou depois de uma longa ausência. Ela havia deixado o reino no ano anterior com uma raiva rancorosa e se tinha um estranho interesse pelas artes negras. Ainda assim, o Rei Rodin a recebeu em sua casa. Em troca, sua irmã, transformada em uma criatura da noite, mordeu sua garganta tão violentamente que ele caiu prostrado diante de seu trono.

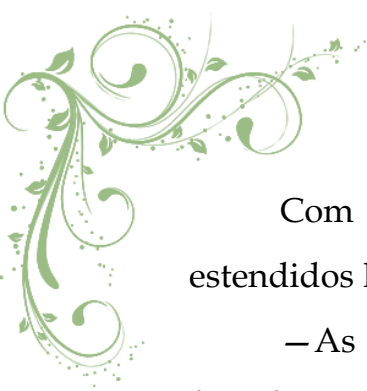
Mina engasgou. Ele estava contando a história de suas origens, o começo da era dos vampiros. Não era um conto de fadas qualquer. Ele virou o olhar penetrante para ela, parecendo sair do passado por um momento.

—Eu sei que isso é verdade, minha querida, porque eu estava lá quando aconteceu.

Mina tinha tantas perguntas para fazer a ele. Então, poucos vampiros ainda viviam desde os primeiros dias. Na verdade, além da Rainha Morgrid e do Rei Grindal, Mina nunca havia falado com nenhum deles.

—Por favor, meu senhor. Continue.





Com um aceno sutil de cabeça, recostando-se na cadeira com os braços estendidos languidamente, ele olhou de volta para o fogo.

— As histórias transmitidas falam do Massacre na Torre de Vidro. E, de fato, foi um massacre. — Sua voz grave rolou escura e amarga de memória. — A Rainha Morgrid imediatamente exigiu por lealdade. Qualquer um que lutou contra ela foi morto. Eu perdi muitos amigos naquele dia. — Seus olhos ficaram embaçados. A tristeza se acumulava ao redor dele, como um manto de luto que se erguia a seus pés. — Mas, há uma pessoa que todos os contos esquecem, principalmente porque Morgrid achou que ela estava morta.

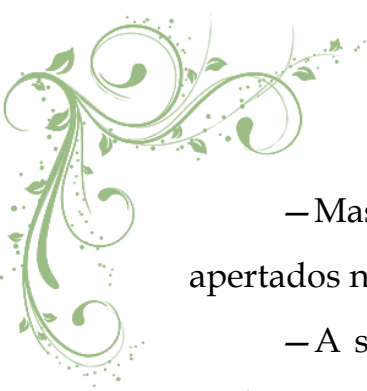
— Que? — perguntou Mina, sem fôlego de tanta ansiedade.

— A Rainha Tamora, a jovem esposa do bom Rei.

— O Rei Rodin tinha uma esposa?

— Ele tinha uma Rainha. — ele corrigiu. — Ela era tão linda e gentil. Cabelos cor de ébano e um lindo sorriso. — As feições frágeis do rosto dele suavizaram na luz do fogo, conforme ele buscava dentro de si a imagem há tanto perdida na memória. — Morgrid perambulou pelo castelo e infectou um homem após o outro com a compulsão por sangue, mas apenas aqueles que juraram lealdade a ela. Matando todo o resto. Ela não sabia que a Rainha Tamora usara as passagens secretas para chegar à sala do trono, até o marido. A pobre Rainha segurou a cabeça do marido no colo, pensando que ele estava morto. — Os olhos afiados encontraram os de Mina. — Ele não estava. Morgrid apenas o tinha infectado com a compulsão por sangue e, embora tivesse se tornado selvagem, o Rei Rodin era um Varis. Ele absorveu o poder de sua irmã gêmea no sangue que compartilhavam, dando a ele o mesmo poder de criação que ela possuía. Se ele tivesse vivido e sobrevivido à compulsão, acredito que ele teria governado a nova terra com justiça.





—Mas o que houve? — Mina sentou-se na beira da cadeira, com os punhos apertados nas dobras do vestido.

—A sede de sangue falou mais alto, a compulsão foi forte demais. O Rei Rodin não sabia quem estava debruçada sobre ele, ele só sentia a doce pulsação garganta dela, latejando, provocando-o a ir e prova-la. Então, ele a mordeu. Ela gritou quando o Rei ameaçou atacá-la. Então, seu cavaleiro se adiantou e cortou a cabeça do Rei para salvá-la. Pois o Rei certamente a teria matado no meio de seu frenesi. O cavaleiro era muito dedicado a ela e a levou para um esconderijo. E é aí que a história fica interessante, minha querida.

—Já não estava?

Ele riu, e com um piscar pesado de ambos os olhos, ele disse:

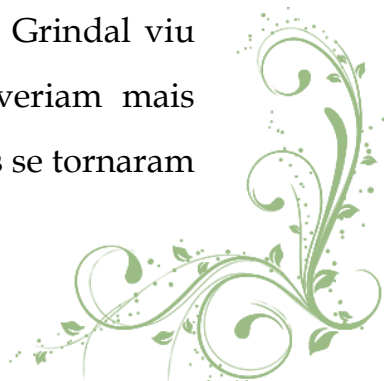
—Ouça bem. — Ele entrelaçou os dedos no colo. — O cavaleiro da Rainha a escondeu ao longe, na floresta, onde ninguém a encontraria e onde ela poderia dar à luz a seu filho em segurança.

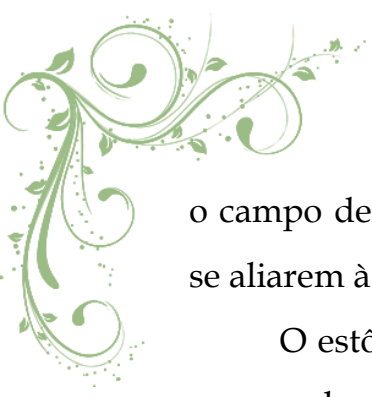
—Ela estava grávida do Rei?

—Ela estava. — Seus olhos de vidro brilharam. — A criança, filho dela e do Rei, foi o primeiro vampiro nascido. O primeiro e legítimo Príncipe da linhagem de Varis.

—Oh, por todas as estrelas!

—Seu filho, a quem ela chamou Rodin, em homenagem ao seu pai, o Rei, cresceu em força e beleza. Quando se tornou um homem, a Rainha Morgrid havia estabelecido todos os seus leais vampiros como aristocratas, por toda a terra. Ela também criou os Legionários, seu próprio exército de vampiros. E ela havia escolhido o Rei Grindal como seu marido. Foi ele quem a encorajou a estabelecer leis para que seus vampiros não ferissem os humanos sem pensar. Grindal viu que, se não houvessem leis para proteger os humanos, não haveriam mais humanos para os alimentar. E assim, a classe camponesa e os plebeus se tornaram





o campo de alimentação, os aristocratas humanos ajudando a impor as leis para se aliarem à monarquia vampírica.

O estômago de Mina revirou completamente. A brutal escravização de um povo ao longo do tempo se tornou uma prática comum e aceita. Sim, haviam leis que protegiam os humanos de massacres irracionais, mas ainda assim eles ocorriam. E os camponeses foram mantidos nas trevas da pobreza para garantir sua obediência continuada à vontade do vampiro e confiança neles. Quando Mina fosse Rainha e quando eles finalmente ganhassem esta guerra, ela iria garantir que ninguém mais seria forçado a servir um ao outro - humano ou vampiro.

— Mas que fim levou o filho de Tamora, Rodin?

— Estou chegando a isso, minha querida. — Apertando os olhos como se quisesse ver melhor as lembranças, ele disse. — Tamora criou seu filho e viveu em paz. Em paz, até morrer por causa de problemas resultantes de sua saúde frágil. Embora ela fosse vampira, nunca se recuperou da perda do marido.

— Então é verdade que alguém pode morrer de coração partido?

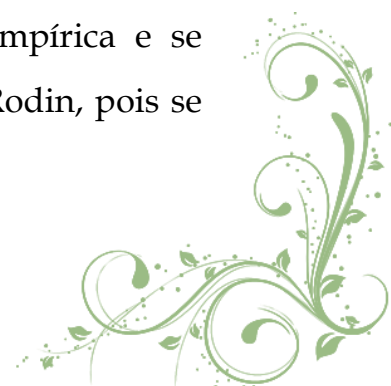
Seu sorriso triste disse o suficiente.

— Também é verdade que se pode viver muito tempo com um coração partido.

Mina implorou por mais.

— Por favor, continue, meu senhor.

— O cavaleiro que a tinha ajudado levou o jovem rapaz para o Leste, longe dos olhos da Torre de Vidro. Ele fingiu ser o pai do menino e inventou um novo nome. Ele tinha soberanos suficientes para configurá-los como nobres locais. Lá, o jovem Rodin conheceu uma mulher adorável da aristocracia vampírica e se casou. O cavaleiro foi embora, achando que era mais seguro para Rodin, pois se





ele encontrasse o Rei ou a Rainha, ou qualquer um que estivesse lá no Massacre, eles o reconheceriam imediatamente.

— Isso é tão triste.

— Talvez. Mas, era necessário. E assim, Rodin e sua esposa tiveram um filho que eles chamaram de Christov. Rodin viveu por muito tempo, mas ele morreu em uma batalha durante a guerra dos espinhos. Christov conheceu uma dama, uma humana, em um feriado da Colheita, no Norte, enquanto visitava uns amigos. Não tenho certeza se você está familiarizada com o Dia da Colheita, mas é uma noite de alegria... e paixão. — Seus olhos azuis brilhavam.

— Então, Christov e sua dama...? — Mina não conseguia afirmar o óbvio para um senhor daquela idade.

— Sim. — Ele riu, levemente. — Ela ficou grávida e Christov a amava, apesar do fato de ela não ser uma vampira ou mesmo uma aristocrata. É um caso muito raro, mas Christov era amado pelo Rei de Korinth, Stephanus Varis, e assim ele deu o dom do vampirismo à noiva de Christov. Portanto, seu filho, um menino, nasceu vampiro.

O coração de Mina vibrou descontroladamente em seu peito, começando a perceber onde essa história estava indo.

— De onde você disse que a esposa de Christov era?

— Eu não disse, Alteza. Mas, se você quer mesmo saber, ela era de Kellswater.

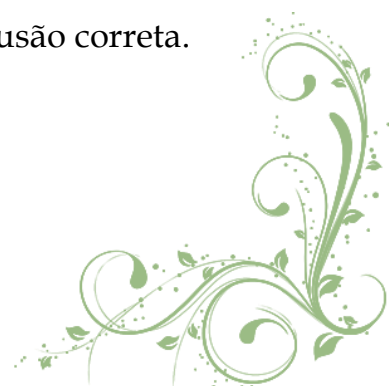
Uma onda febril de calor percorreu seu corpo quando ela apertou os punhos em seu colo, sua respiração ofegante mais pronunciada.

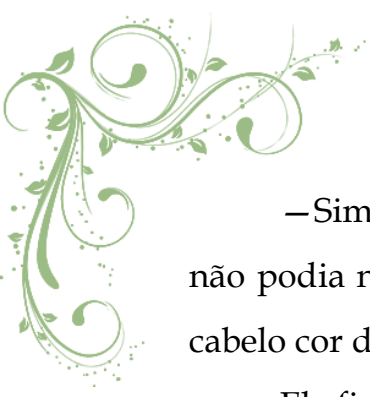
— E qual foi o novo nome que o cavaleiro da Rainha deu a Rodin?

Ele sorriu, aparentemente satisfeito por ela ter chegado à conclusão correta.

— Romanov.

— O filho de Christov era... é... Mikhail Romanov.





—Sim, minha querida. Eu nunca pensei em colocar os olhos nele. Mas ele não podia negar os genes de sua bisavó, Tamora, nem se ele tentasse. O mesmo cabelo cor de ébano. Os mesmos olhos.

Ela ficou zonha diante de tudo o que acabara de descobrir.

—Meu Senhor. Você conhecia a Rainha Tamora?

Seu olhar permaneceu no fogo, agora pouco mais que brasas vermelho-ouro.

—Muito bem.

—Você era o cavaleiro que a salvou, não era?

Ele sorriu para ela e Mina viu o jovem nobre cavaleiro, que tantos anos atrás salvou uma Rainha e seu filho não nascido. E, portanto, o filho de Rodin, Christov, e os filhos de Christov, Mikhail e Dmitri.

Inclinando-se para frente, ele segurou as mãos dela nas dele, enrugadas.

—Não é apenas uma coincidência que você tenha vindo à minha casa, em busca da ajuda do meu próprio filho, em sua missão de ser Rainha. Mikhail Romanov age como eu agi, como seu protetor, seu cavaleiro. O homem que teria sido Rei. Que *deveria* ter sido Rei.

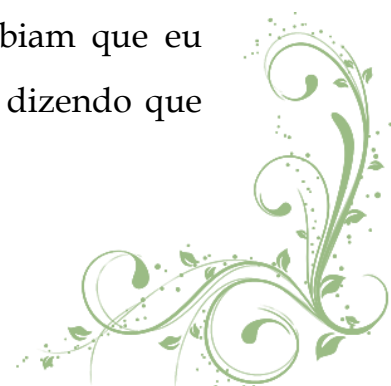
A mente de Mina recuou diante dessa revelação, com seu coração acelerado de alegria. Mas, então, ela se perguntou:

—Você acha que ele sabe da herança dele?

—Ele sabe. — Ele apertou as mãos dela. — Embora ele não saiba que eu era o cavaleiro que salvou a Rainha Tamora. Ninguém mais sabe, além da Rainha Morgrid e o Rei Grindal.

—E é por isso que você ficou preso em casa todos esses anos, não é?

—De fato. Eles me reconheceram aqui em Arkadia. Eles sabiam que eu havia desaparecido naquele dia, com a Rainha. Eu confessei tudo, dizendo que





ela tinha morrido por conta de seus ferimentos, depois da mordida do Rei. E eles acreditaram em mim.

— Estou surpresa que eles só lhe tiraram seu título e não o mataram.

Ele arqueou uma sobrancelha, com um sorriso arrogante.

— Naquela época, eu tinha muitos aliados na Casa de Arkadia, incluindo o Rei, seu pai. Foi ele quem me ungiu antes do meu casamento com minha falecida esposa. Me matar teria prejudicado a diplomacia. Quando meu filho nasceu, muitos anos depois, eles permitiram que ele recuperasse o título que haviam tirado de mim. Isso tudo foi muito antes de você nascer, e eles tinham planos de aliar o reino deles com o do seu pai.

— Você o conhecia?

— Eu o conheci. Ele era um bom homem. Quando você nasceu e sua mãe morreu no parto, ele realizou uma reunião para celebrar o seu nascimento. Ele te amava tanto... Quando a Rainha Morgrid a visitou e declarou que seu filho Marius se casaria com você um dia, seu pai recusou. Você sabia disso?

Uma sensação nauseante invadiu o estômago dela.

— Não. Eu não sabia. Mas eu *estava* noiva de Marius.

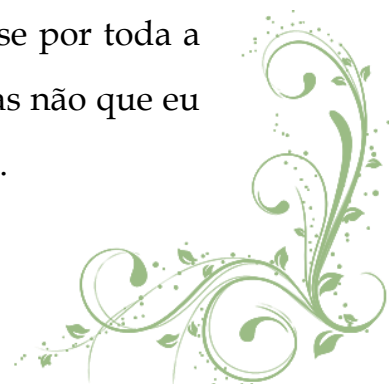
— Hmph. Depois que seu pai foi morto, claro.

Mina saltou de pé, afastando-se e voltando.

— Ela matou meu pai, não foi?

— Nunca houve qualquer prova. Mas foi logo depois que seu pai foi emboscado na estrada por vampiros rebeldes que ela instalou Steward Thorwald em seu lugar.

— Steward *Thorwald*. — ela cuspiu a palavra, como se fosse veneno saindo de sua boca. — O homem que me manteve prisioneira em Briar Rose por toda a minha vida, se certificando de que eu fosse mantida em conforto, mas não que eu desfrutasse do meu livre arbítrio, tomando minhas próprias decisões.





— Isso certamente soa como ele.

— Bem, dane-se ele. *Danem-se* todos eles. Eu serei a Rainha. E ninguém mais terá controle sobre mim.

— Bem, talvez apenas seu coração. — ele brincou, parecendo muito com seu filho.

— Provavelmente. O que você sabe, meu senhor, que você não está dizendo? Pois eu posso ver um brilho de alegria em seus olhos?

— Aquela celebração em seu nascimento, a Rainha Morgrid ameaçou se vingar da sua família. Porque ela lidava com as artes das trevas, todo mundo temia que ela tivesse realmente colocado uma maldição sobre você e o Rei. Mas então, uma mulher apareceu, toda vestida de branco. Ela era uma bruxa branca, com certeza.

— Uma bruxa branca? Eu nunca ouvi falar de uma mulher assim.

— Elas são raras e vivem isoladas, por medo de serem queimadas como bruxas.

Mina estremeceu.

— Mas minha babá me falou de uma mulher assim, uma vez. Antes que ela fosse levada embora. O que essa bruxa branca disse ou fez?

Ele levantou e caminhou lentamente até a prateleira mais distante, seus dedos longos e ossudos percorrendo as lombadas de livros antigos.

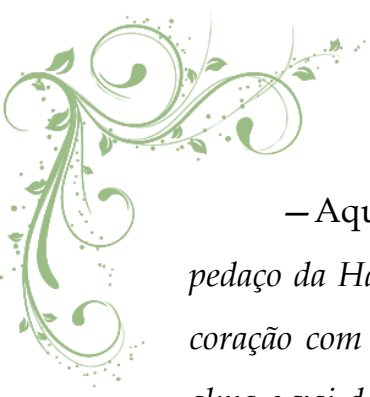
— Ah. Aqui está. — Ele pegou o livro esfarrapado da prateleira e se arrastou de volta para a luz da fogueira.

— O que é isso? *Grimmstone* ?

— Sim. Uma primeira edição. Eu escrevo muitas coisas nos rodapés, enquanto minha memória se desvanece. — Ele folheou as costas.

— Bem, você é um homem de muitos anos. — Mina se perguntou que outras memórias interessantes ele tinha escrito.





— Aqui está. — Ele limpou a garganta e leu. — *A bruxa branca jogou um pedaço da Hartstone no rosto da pequena Princesa e disse: “Um príncipe despertará seu coração com um beijo de sangue. Não muito tempo depois, você vai beber fogo em sua alma e vai despertar a besta da vingança e da justiça. Da coragem e da esperança. Você, abençoada criança, despertará a Rainha Branca com olhos de esmeralda e ferirá o maligno com uma única mordida. Você será a salvadora de todos eles.”* — Ele fechou o livro.

Mina olhou para ele.

— Eu fui despertada com um beijo de sangue.

Ele assentiu.

— E, em breve, você se transformará na Rainha Branca que vai salvar a todos nós. — A voz dele falhou, algumas lágrimas transbordando.

Mina jogou seus braços ao redor deste velho que era um mero estranho até uma hora antes. Seu coração se derramou de amor por ele, esse vampiro que arriscou sua vida para salvar sua Rainha e que viveu uma vida de exílio por isso. Pois foi pela bravura dele, e por sua inteira devoção, que Mikhail veio ao mundo.

Ele a apertou com força e sussurrou.

— Você precisa ser nossa Rainha Branca, Alteza. Precisa ser você.





Capítulo Vinte e Um

Mikhail estava esperando no escuro de seu quarto há muito tempo. Tempo suficiente para Mina aceitar a proposta de Lord Rathbone e selar seu compromisso com beijos longos e prolongados. Talvez, mais que beijos. Ele cerrou as mãos nos braços da cadeira de canto.

Finalmente, ele ouviu o som *baixo* de sua porta abrindo e fechando. Ela entrou em pés silenciosos, carregando um único candelabro, que aureolou seu rosto, fazendo-a parecer ainda mais angelical. Seu coração doeu ao vê-la. Ela colocou no aparador perto da janela e olhou para fora. Ela estava pensando nele? Ou em Lorde Rathbone?

Mikhail engoliu a bile amarga, pois isso era tudo que ele fazia. Ele estava confuso sobre como lidar com seus sentimentos inegáveis por ela, com o massacre de seu exército e seus irmãos de sangue na Floresta de Silvane. Ele a estava mantendo a distância, tentando resolver tudo isso. *Bem, não mais.*

Ele a observou tirar os sapatos e as meias com um suave farfalhar de seda, depois soltar o corpete do vestido. Ela poderia usar alguma ajuda, mas ele permaneceu lá nas sombras, apenas observando e desejando. Antes que ela pudesse deslizar a última peça de seus ombros, ele falou.

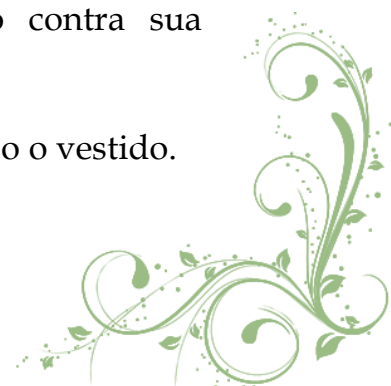
— Você aceitou?

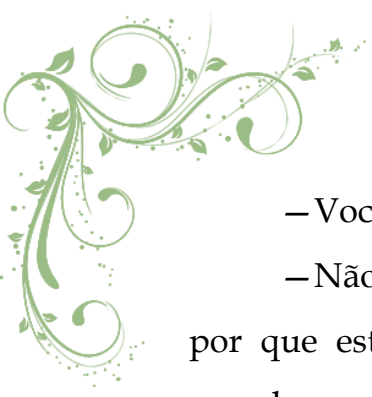
Ela engasgou e gritou ao mesmo tempo, girando em direção a ele.

— Pelo amor de Deus, Mikhail. Não me assuste assim. O que você está fazendo aqui, sentado no escuro?

— Você aceitou? — Ele perguntou, as palavras raspando contra sua garganta.

Ela fez uma pausa, os braços cruzando o peito, ainda segurando o vestido.





—Você ouviu a proposta de Lord Rathbone?

—Não. Mas conheço homens como ele e como eles pensam. Ele deduziu por que estávamos aqui no momento em que entramos em sua sala azul e percebeu que uma aliança de sua casa com o trono de Arkadian seria forte. E benéfico para ele.

—Entendo. — Ela continuou a se despir, empurrando o vestido para baixo sobre os quadris e saindo de dentro dele, ficando em pé apenas com a camisa transparente, amarrada com fitas brancas de seda nos ombros. — E o que você acha?

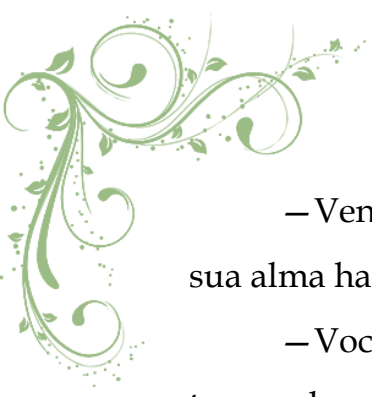
Começando por seus tornozelos nus, o olhar dele percorreu todo o corpo dela - das curvas esbeltas de suas coxas, até os pelos escuros entre suas pernas, a sua cintura, a sutil curva de seus seios, mamilos rosados endurecidos contra o tecido transparente, seu braços esbeltos ao lado do corpo e pescoço esbelto, com o queixo erguido. Um paradigma de beleza e realeza. Uma mulher pura. Uma onda de possessividade agarrou seu peito e cutucou sua fera interior, murmurando no escuro: *Minha*.

Suas presas pulsaram em suas gengivas, estendendo-se e forçando a boca a se abrir. Ele queria afundar dentro dela de todas as maneiras possíveis, e entrar no doce esquecimento que era Mina.

—Eu acho que ele está certo. — A verdade disso o rasgou ao meio. — Ele seria um parceiro e um aliado muito forte, para ganhar o favor da Câmara, assim como o povo de Arkadia. — Ele deveria parar de falar, apenas o pensamento de perdê-la era como uma faca cortando sua espinha. Mas ele tinha mais a dizer, para fazê-la entender. — Mas isso nunca vai acontecer. Você não *pertence* a ele.

Após um momento de pausa, ela soltou os cabelos e sacudiu as ondas ao redor dos ombros.





— Venha até mim, Mikhail. — ela acenou, e ele tinha quase certeza de que sua alma havia saído de seu corpo, em obediência a ela.

— Você aceitou? — ele perguntou mais uma vez, mais suave, mas tremendo, segurando os braços da cadeira.

— Venha até mim e eu lhe responderei.

Lentamente, ele se empurrou para fora da cadeira e levantou, então caminhou em direção a ela com passos longos e duros, parando apenas quando ele estava a poucos centímetros de distância. Ela não chegou a tocá-lo. E ele não estendeu a mão para tocá-la.

Ele não conseguia entender a expressão em seu rosto, adorável e sombria ao mesmo tempo.

— Eu não aceitei, porque você está certo... Eu pertenço a outro homem.

Ele não conseguiu se mover, sentindo a onda de alívio caindo sobre ele tão rapidamente, que sua visão embaçou.

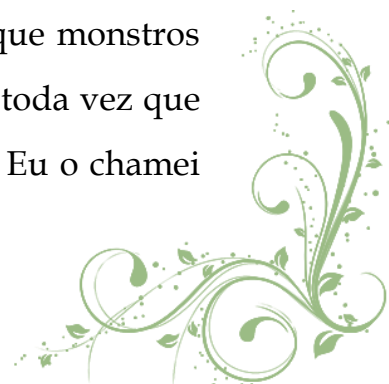
— Você me perguntou uma vez como era quando eu estava no sono sem sangue. — Ela lambeu os lábios, sentindo a emoção fragilizando sua voz.

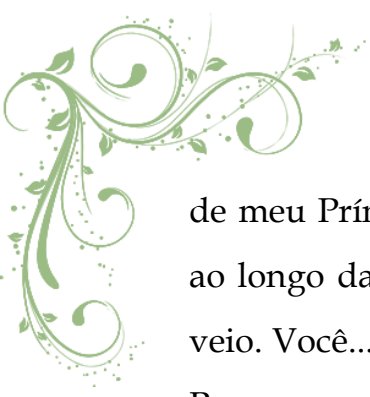
— Sim.

— Houve momentos em que eu podia ouvir as pessoas se movendo na sala ao meu redor, até falando como se eu não estivesse lá, como se eu fosse invisível. Enquanto eu estava lá deitada, me retorcendo de dor.

Mikhail queria quebrar os ossos e cortar as gargantas de todos os homens daquela torre. *Novamente*. Ele manteve as mãos em punhos ao seu lado enquanto ela continuava.

— Outras vezes, eu flutuava por um lugar nos meus sonhos, onde o sol brilhava e os pássaros cantavam. E depois eu tinha pesadelos, em que monstros me perseguiram, tentando me puxar para baixo e me devorar. Mas, toda vez que eu tinha um dos pesadelos, um homem sem rosto vinha me salvar. Eu o chamei





de meu Príncipe das trevas. — Ela estendeu a mão e roçou as pontas dos dedos ao longo da bochecha dele e abaixo de sua mandíbula esculpida. — Então você veio. Você... meu Príncipe das trevas... filho de Christov Romanov, neto de Rodin Romanov e bisneto de Rodin Varis, o legítimo e bom Rei da Torre de Vidro. Do Império Varis.

Ele não conseguia respirar conforme ela sussurrava seu segredo e traçava as linhas de seu rosto com as pontas de seus dedos, deslizando sobre seus lábios. O segredo que ele e Dmitri tinham guardado, para que não fossem assassinados como seu bisavô, o irmão gêmeo e a primeira vítima da Rainha Morgrid.

— Como você sabia? — O timbre de sua voz soou como o baixo estrondo do trovão, antes de uma tempestade.

— Enquanto você estava aí pensando que eu estava lá embaixo cortejando Lord Rathbone, eu estava mesmo era conversando com o pai dele.

— O velho que não parou de me encarar a noite toda?

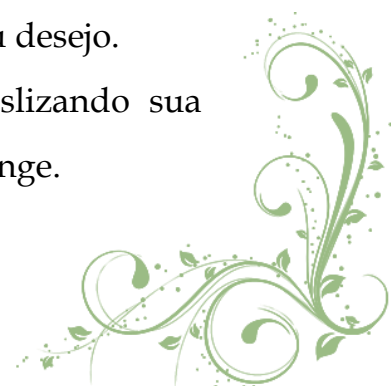
— Sim. — Ela sorriu, a mão deslizando pela garganta dele, onde começou a abrir os botões da camisa que ele usava. — Ele estava olhando pra você porque ele te reconheceu.

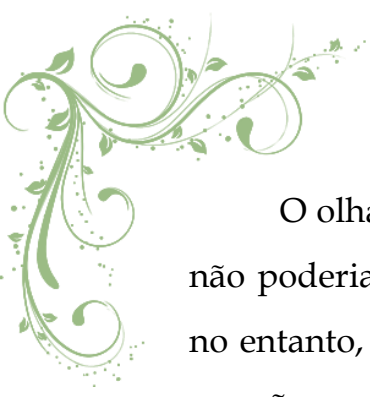
— Eu? Eu nunca esqueço um rosto. E eu nunca o vi antes. — Sua atenção mudou para o que os dedos dela estavam fazendo. — O que você está fazendo?

Ela abriu a camisa dele e deslizou as mãos delicadas sobre os cumes do abdômen e os músculos do peito dele. Ele se contraiu sob o toque dela, segurando a respiração e se mantendo imóvel, como uma estátua.

— Eu preciso de você, Mikhail. — ela sussurrou, hesitante. O som de seu desespero quebrando sua concha de pedra. — Por favor, seja meu Príncipe sombrio novamente. Seja o homem que eu preciso... o homem que eu desejo.

Mina arrastou as mãos por cima de seus ombros nus, deslizando sua camisa até que ela caiu no chão, suavemente. Mas ela não foi mais longe.





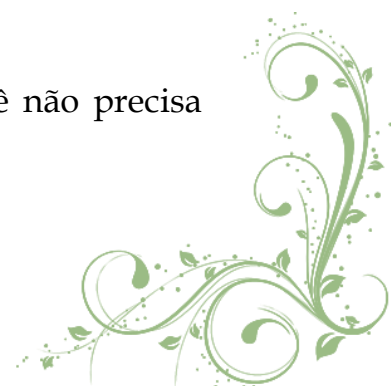
O olhar de anseio naquelas piscinas etéreas de azul o deixou de joelhos. Ele não poderia mais se afastar do que sentia, sem arrancar seu próprio coração. E, no entanto, era exatamente assim que ele se sentia. Como se estivesse tendo seu coração rasgado para fora de seu peito, expondo a parte vulnerável e crua que ele mantinha atrás de uma parede de vingança e raiva. Onde só havia espaço para seu irmão, para a Guarda de Sangue e para a vontade fervorosa de aniquilar a Rainha Morgrid e sua ordem, por tantos longos anos. Para o grande desapontamento de sua mãe, ele raramente voltava para casa. Como ele poderia? Quando seu pai ainda não estava vingado?

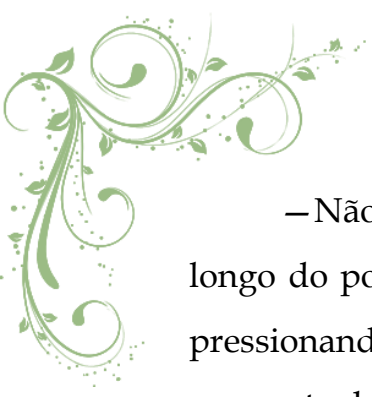
Mas agora o mundo havia desmoronado. Seu corpo e alma estavam exigindo que ele tomasse o que era dele – o que havia sido concedido a ele pelo destino, desenhado por estrelas auspiciosas em um caminho fascinante, que o tentava a quebrar todos os votos e promessas... Apenas para ter essa mulher como sua.

Em um movimento rápido, ele a ergueu pela cintura e a pressionou contra a parede. Deslizando as mãos por cima de suas costelas, alisando seus seios, levantando os braços dela e acariciando suas mãos, até que estavam palma a palma. Então, ele entrelaçou os dedos com os dela e os pressionou contra a parede.

—Estou acho que você me arruinou. — Ele pressionou os lábios nos dela, mas não a beijou, apenas arrastou sua boca através de sua mandíbula até seu ouvido e acomodou seu peso contra ela, deixando-a sentir cada centímetro duro de seu corpo pressionado contra o dela. — Quaisquer que sejam os planos e ambições de justiça para a Guarda de Sangue, para minha família... qualquer plano que eu já tive, agora não existe mais.

—Eu não tiraria isso de você. — disse ela, ofegante. — Você não precisa desistir de nada por minha causa.





—Não importa. É tarde demais. — Ele raspou as pontas de suas presas ao longo do ponto sensível abaixo de sua orelha até o local onde sua veia pulsava, pressionando com força suficiente para marcá-la, mas não o suficiente para tirar uma gota de sangue.

—Não, Mikhail. Não é.

Dobrando a perna para deslizar entre as dela, ele pressionou a coxa contra a boceta dela. *Quente.*

—Eu tentei me afastar. Tentei não tocar em você. Mas é *impossível*.

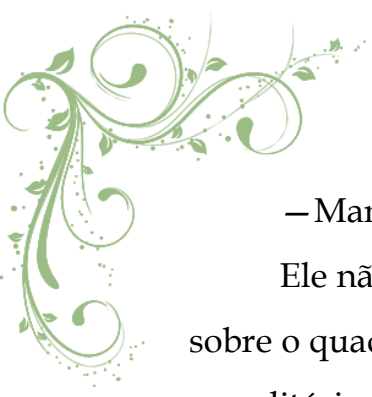
Ele arrastou a língua do pulso dela pela curva, até o ombro. Apertando os dentes no final de sua fita, ele a desatou. A fita caiu, a aba sobre um dos seios caindo com ela. Ele se virou para olhar para o mamilo rosado, enrugado e excitado, o movimento alterado de sua respiração fazia seu peito subir e descer de maneira ofegante, fazendo-a arregalar os olhos cheios de desejo. Por ele.

—Mas eu estou cansado, Mina. Eu vou tocar e provar cada pedacinho de você. — Abaixando a cabeça, ele chupou seu mamilo em um gemido, então levantou de volta até que seus lábios sussurraram rudemente contra os dela. — Eu vou me enterrar tão fundo dentro de você, que você vai esquecer tudo, menos de mim... — ele acariciou a língua ao longo de seus lábios, separando-os com uma lambida erótica — E quando você gozar na minha língua e no meu pau pela quarta ou quinta vez, você vai finalmente entender como eu me sinto. Entender como é ser totalmente devastado pela necessidade.

Ele esmagou a boca contra a dela, tirando os dedos dos dela para agarrar seu rosto e segurá-la com força. Ele a beijou selvagememente. *Completamente, totalmente, profundamente.* Suas presas afiadas ficaram expostas, ela recuou e mordiscou os lábios dele, com os olhos brilhantes e cheios de luxúria. O perfume dela encheu suas narinas, endurecendo dolorosamente seu pênis.

Ele a virou e a colocou com as mãos espalmadas na parede.





— Mantenha-as assim.

Ele não perdeu tempo mexendo na bainha de sua camisa, deslizando a mão sobre o quadril dela, mergulhando os dedos entre os lábios de sua boceta, sobre o seu clitóris inchado. Ele envolveu o outro braço sobre o peito e deslizou a mão sob a camisola dela, para apertar seu seio e provocar seu mamilo.

— Por favor... — ela sussurrou, pressionando seus quadris contra a mão dele, roçando a bunda em seu pênis ainda preso dentro das calças.

— A quem você pertence, Mina? — ele rosnou no ouvido dela.

Com as mãos plantadas na parede, ela empurrou para trás com mais força, arrancando dele um gemido, quando rebolou contra sua virilha.

— A você, Mikhail.

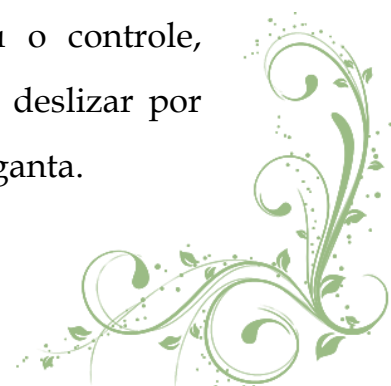
— Sim. — Ele apertou o mamilo dela entre o indicador e o polegar. Sua necessidade de posse ateou fogo em seu sangue, seu corpo endurecendo em resposta, pronto para prova-la e marcá-la profundamente. — *Minha*.

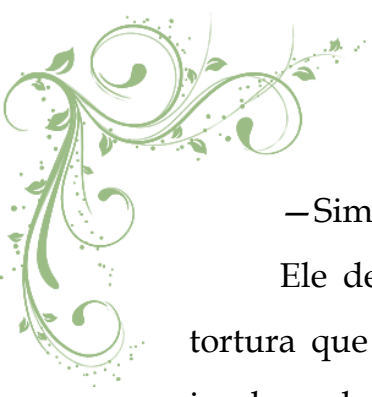
Ela gemeu em resposta.

Ele empurrou um dedo dentro dela.

— Tão apertada. — Ele disse, deixando um rastro de beijos ásperos ao longo de seu pescoço. — Tão molhada, Princesa. — Ela inclinou a cabeça para o lado, seu cabelo deslizando para longe para que ele pudesse ver, ouvir, sentir seu pulso rápido zumbindo no ar. Ele estava se afogando no cheiro almiscarado de sua excitação e no chamado de seu sangue. — *Foda-se*.

A necessidade de estar dentro dela desligou seu cérebro e apagou qualquer outro pensamento. Desfazendo rápida e habilmente os nós eu prendiam suas calças, ele agarrou seu pau grosso e acariciou a cabeça em sua boceta, apenas uma vez, sem penetrá-la. Ela era virgem, com certeza. Ele retomou o controle, lubrificando-a com sua excitação quente e escorregadia. Um lento deslizar por sua boceta foi o suficiente para arrancar um gemido doce de sua garganta.





—Sim. — Ela arqueou a coluna, levantando a bunda ainda mais alto.

Ele deslizou o pênis apenas o suficiente para dentro dela. A agonizante tortura que ele sentiu ao se conter quase o quebrou. Sua besta interior estava implorando por liberdade, querendo apenas se empurrar totalmente para dentro dela. Mas ele não cederia tão fácil assim.

Ele se retirou e ela soltou um grito queixoso, arqueando-se para oferecer mais de si mesma. Ele ficou inteiramente nu em um piscar de olhos, em seguida, a pegou em seus braços. Ela soltou um suspiro de surpresa, envolvendo os braços em volta do pescoço dele, e ele sentiu o hálito quente em sua bochecha.

Colocando-a na cama, ele rasgou a camisola dela e a jogou fora. Ela se deitou, espalhando o cabelo dourado sobre a colcha cor de safira, com os olhos semicerrados e brilhantes, arranhando o tecido debaixo dela com os dedos, expondo sua pele clara como a lua... um deleite delicioso para os olhos dele.

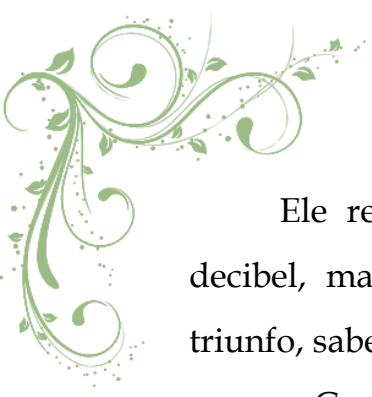
Ele se ajoelhou acima dela, olhando seu corpo nu, completamente arrebatado por sua beleza erótica. Ela olhou para ele como se ele fosse um Rei, finalmente pegando o que era dele por direito. Talvez ele fosse. Os olhos dela passaram pelo rosto dele, seu peito e torso, parando em seu pênis duro, que endureceu ainda mais sob seu olhar arregalado. Agarrando seu pênis, ele se acariciou enquanto ela o observava, sentindo sua excitação, o cheiro almiscarado era como um afrodisíaco, que ele inalava prazerosamente e profundamente.

—Veja o que você faz comigo.

Arrastando o polegar sobre a cabeça de seu pau, ele se alisou mais, por toda a extensão de seu pênis. Não haveria preliminares hoje à noite. Ele a provaria sim, mas só depois de gozar dentro dela. Isso era o mais importante.

—Eu tenho estado assim desde o momento em que toquei seus lábios naquela torre.





Ele reconheceu que sua voz tinha caído para um perigoso e gracioso decibel, mas ela não demonstrou medo quando seu vampiro se ergueu em triunfo, sabendo que este momento finalmente havia chegado.

— Completamente *duro* por você. — Ele se acariciou mais, seu pênis ficando incrivelmente mais grosso. — Como uma maldita tortura.

Ela ergueu os olhos, passando a língua rosada pelos lábios enquanto erguia os braços na direção dele.

— Então venha até mim e deixe-me aliviar a sua dor.

— Abra as pernas, Mina.

Ela obedeceu e ele enlouqueceu de desejo. Caindo para frente, apoiando uma mão ao lado da cabeça dela, ele ergueu a perna direita dela sobre seu quadril. Posicionando seu pênis em sua entrada, o calor dela o puxando lentamente. Ele gemeu como um homem agonizante, apoiando seus antebraços na cama, enjaulando-a.

— Isso pode doer um pouco, no início.

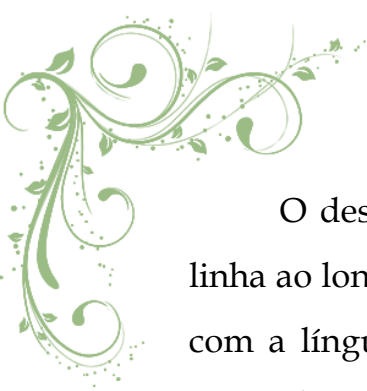
— Perfeito. — Seus olhos brilhavam com uma malícia sensual, seus dedos agarrando seus ombros largos. — Eu quero que doa. — Ela acrescentou, ofegante. — Eu quero me lembrar desta primeira vez, do primeiro homem a entrar no meu corpo.

Um rosnado gutural retumbou do fundo de peito dele, quando ele falou, aproximando a boca da dela, pressionando levemente seus lábios.

— Eu sou e serei o *único* homem a fazer isso, Mina. — Então ele empurrou dentro de seu corpo, rompendo a última barreira com uma força brutal.

Ela gritou, arqueando o pescoço, fincando suas garras de vampiro nos ombros dele. Seus seios perfeitos e pequenos incharam, seus mamilos endurecidos raspando contra o peito dele.





O desejo primitivo o fez arrastar a boca até seu pescoço. Ele lambeu uma linha ao longo da curva entre o pescoço e o ombro, encontrando seu pulso rápido com a língua. Segurando seu pênis profundamente, sem se mover, sua boceta apertada se estendeu ao redor dele.

—Mina. — Ele colocou o nome dela para fora como uma maldição para os céus ou uma prece para o inferno, esperando que sua sanidade não findasse quando ele mordeu sua carne macia, afundando suas presas com força.

—Ah! — Ela cavou suas garras mais profundamente até que Mikhail farejou seu próprio sangue. Uma possessividade primitiva exaltada na beleza de sua besta se levantando para encontrar a dele. Essa não era uma entrega sexual gentil, mas uma em que uma Rainha vampira e um Rei vampiro se fundiam como um, com suor e sangue, celebrando a conquista primitiva um do outro.

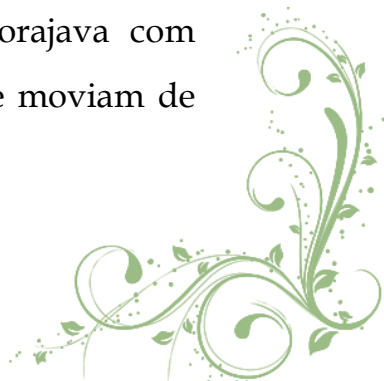
Mikhail gemeu em prazer extasiado, sugando o sangue dela em sua boca. O doce toque inundou seus membros, enviando um pulso de energia através de todo o seu corpo.

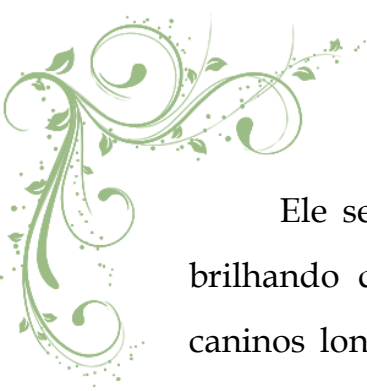
Enquanto bebia do sangue dela e derramava seu elixir em suas veias, ela balançava os quadris para cima, desejando que ele se movesse. Ele obedeceu, puxando até o limite e deslizando de volta, gemendo. Finalmente soltando suas presas de sua carne, seus lábios encontraram os dela.

—Você me desfaz, mulher. — ele respirou, segurando a parte de trás da cabeça dela com a palma da mão, acariciando lentamente dentro dela.

—E você me faz inteira. — ela sussurrou, então ele abriu a boca sobre a dela e começou a se mover.

Bombeando para dentro dela em um ritmo lento, mas constante, ele engoliu seus gemidos, acariciando sua língua ao longo dela. Ela o encorajava com suspiros suaves quando suas bocas se separavam, enquanto eles se moviam de um jeito que ele nunca havia experimentado com outra mulher.





Ele se afastou, pairando perto para ver o olhar de êxtase em seus olhos brilhando de volta para ele, sua boca entreaberta, lábios carnudos inchados, caninos longos, curvos e afiados. Mantendo seu corpo imóvel com o peito, ele acariciou mais profundamente, com mais força, batendo dentro dela furiosamente com seu pau grosso, bebendo do som erótico que o levava ao limite.

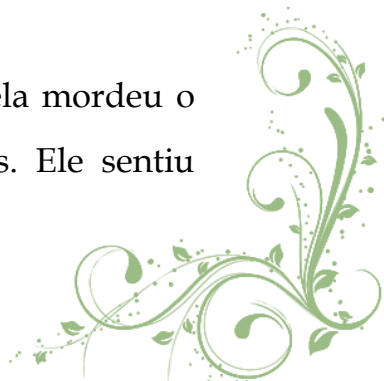
Um olhar feroz de determinação cruzou seu rosto quando ela colocou as mãos em seus ombros e o empurrou. Ele a deixou seguir seu caminho, rolando com o impulso até que ele estava deitado de costas e ela estava montada em cima dele, como uma deusa dourada em seu trono. Um riso escorregou de sua garganta, derretendo-se em um gemido áspero quando ela apertou seus quadris com força.

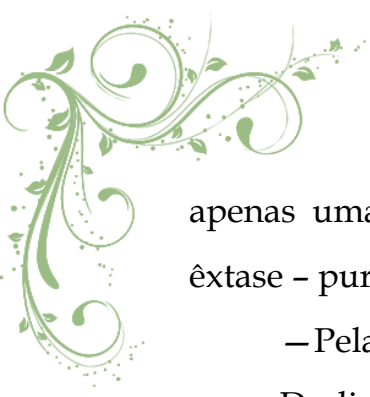
—Muito bem, então. — ele murmurou, espalhando as mãos em seus quadris estreitos. — Faça do jeito que quiser. — Ele empurrou os quadris para cima e os olhos dela se fecharam. — Me foda. — ele comandou.

Suas mãos em seu peito, empurrando seus seios juntos, mamilos rosados se projetando, ela o montou, aceitando o ritmo que ele colocou debaixo dela. Ele se inclinou para lambar e chupar um mamilo, o que a estimulou a balançar mais rápido. Sentindo que ela estava perto do orgasmo, ele se deitou e apenas assistiu - o olhar de prazer carnal que se apoderava do rosto dela, a beleza de seu corpo se movendo em cima dele, o erotismo de seu pênis entrando em seu calor.

Então ela gritou, abrindo a boca em puro êxtase. Segurando seus quadris para baixo, ele gemeu quando sua boceta apertada pulsou em torno de seu pênis, até que a ondulação finalmente diminuiu e seu olhar saciado encontrou o dele. Ela deitou seu doce torso sobre o dele, seu cabelo sedoso arrastando em seu peito, e inclinou a cabeça para frente, aproximando a boca da orelha dele.

—Eu quero sentir você gozar dentro de mim. — Sem aviso, ela mordeu o pescoço dele perto do ombro, com suas presas esbeltas e afiadas. Ele sentiu





apenas uma alfinetada, até que ela liberou seu elixir em seu sangue. O doce êxtase – puro e sensual.

—Pelas estrelas, você vai me matar.

Deslizando as mãos para segurar a bunda dela, cravando os dedos em sua carne, ele a moveu com mais força, retomando o controle do ritmo, molhando todo o seu corpo de suor.

—*Isso.* — ele gemeu, ainda bombeando com força. — Beba de mim, Mina. É tudo seu. Meu coração... e a porra da minha alma, se você quiser.

Ele estava perdido. Entregue. Desfeito. Cavalgando em pura felicidade erótica. E uma outra emoção também, mais forte e intensa. Uma que ele sabia que só poderia ser uma coisa... E saber disso o encheu de uma espécie de alegria aterrorizante.

Ela tirou a boca da carne dele, embora tomando cuidado para não estragar sua pele. Ela jogou a cabeça para trás, balançando seu cabelo dourado, fazendo com que suas madeixas deslizassem sobre as costas das mãos dele, que estavam apertando a bunda dela. As ondas de seu segundo orgasmo apertavam seu pênis ao ponto de ele não conseguir mais se conter. Com um golpe mais longo e forte, ele a penetrou profundamente, enterrando o rosto em seu pescoço enquanto seu pênis bombeava sua semente, quente e poderosa.

Por um longo momento, ele simplesmente a segurou ali, enquanto ela se desfazia no peito dele.

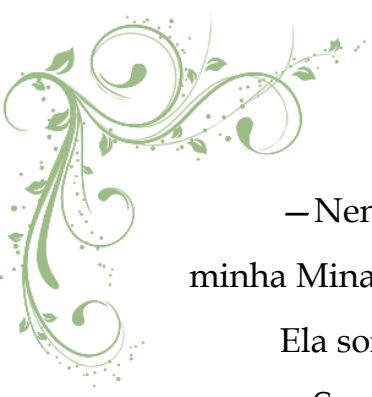
Quando ele finalmente conseguiu respirar devagar o suficiente para falar, ele admitiu.

—Eu sou um idiota.

Ela apoiou a bochecha na mão, cotovelo no peito dele.

—Por quê?





—Nenhum homem vivo deveria negar-lhe qualquer coisa. Eu prometo, minha Mina. Eu nunca mais vou me negar a você.

Ela sorriu, um lindo rubor rosado subindo pelo pescoço, até as bochechas.

—Se eu soubesse que isso era tudo o que precisava pra ter você, eu teria te seduzido naquela caverna, nas Montanhas Novak.

Ele riu, um riso que ecoou a alegria absoluta que florescia dentro dele. Sim. Esta mulher certamente poderia comandar um reino. Assim como ela agora comandava seu coração.





Capítulo Vinte e Dois

Mina não sabia que era capaz de sentir essas coisas. Ela se deitou com a cabeça no peito nu de Mikhail, seus dedos languidamente traçando linhas de seu quadril até suas costas, indo e voltando, sem pressa. Fazer amor com ele era inebriante, mas tê-lo assim? Era fascinante. Hipnotizante. Como se ela tivesse caído sob o mais doce dos feitiços. E, desta vez, ela não queria acordar.

Mas mais do que isso, esse homem, essa emoção que queimava através dela até os ossos, parecia estar sendo alimentada pelas mãos aventureiras do destino. Ela estava focada apenas no que as estrelas consideravam importante. E, nesse momento, o mais importante era estar com seu príncipe sombrio. Não a guerra. Não seu confronto próximo com os senhores da Casa de Arkadia. Nada. Apenas esse momento precioso, onde esse homem a acariciava de maneira tão sensual.

A pele áspera das pontas de seus dedos arranhavam suavemente enquanto giravam sobre sua pele. Ela estava sentindo a suave subida e descida de seu peito enquanto ele respirava, o forte batimento de seu ritmo cardíaco pulsando sob sua orelha - era ali que estava seu destino. Ela tinha certeza disso.

— No que você está pensando tanto? — ele perguntou, com a voz rouca.

— Em você.

Seus dedos pararam e começaram a andar novamente.

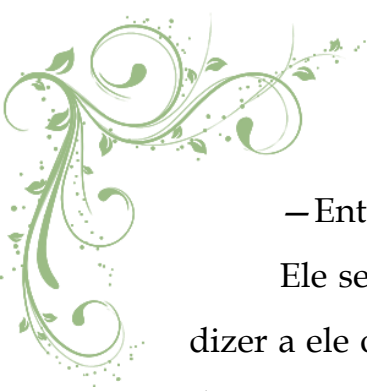
— Coisas boas, espero.

Ela se levantou em um braço, o cabelo solto caindo sobre o peito dele.

— As melhores. — Ela sorriu.

Ele estendeu a mão e segurou a bochecha dela, alisando seus cabelos com os dedos.





—Então, o que te preocupa?

Ele sempre parecia saber quando tinha algo errado com ela. Ela não podia dizer a ele o que a estava preocupando. Que agora que ela havia encontrado seu destino – encontrado ele – temia que ele fosse desaparecer. E ela voltaria para aquele sono onde profundo, onde tudo estava sempre frio e quieto. Sem vida. Ela não queria governar sem ele ao seu lado.

—Você pode me dizer. — ele pediu. Mas ela não estava pronta para expressar esses medos.

Voltou a pensar em Lorde Petrov, deslizando os dedos ao longo do peito e dos ombros dele, preguiçosamente subindo e descendo entre seus músculos fortes.

— Você sabe, Lorde Petrov me contou de uma bruxa branca que esteve na celebração do meu nascimento. Eu me lembro quando eu era uma garotinha, minha babá costumava dizer que uma bruxa branca havia me visitado quando eu era um bebê e que por isso eu me parecia tanto com uma fada. Então ela foi tirada de mim e eu esqueci disso. Ou, eu achei que era apenas um conto para me fazer rir. Não parecia importante, e eu nunca mais ouvi ninguém falar sobre isso, desde então. — Ela parou sua exploração com os dedos, encontrando o olhar dele. — Você já ouviu sobre essa história?

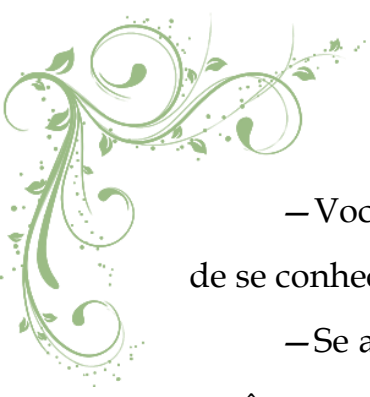
—Sim. Eu soube de algumas pessoas que se atreveram a falar dessa bruxa. Mas muitos não se lembram mais dessa história. É como se a Rainha Morgrid tivesse feito um feitiço, ordenando à todos que esquecessem.

—Como você sabe disso?

Ele sorriu.

—Eu fiz questão de descobrir tudo o que pude sobre você, quando a Rainha começou a te usar como um peão em seus planos.





—Você fez? — Ela ficou surpresa por ele ter investigado seu passado antes de se conhecerem. — Porque você fez isso?

—Se a Rainha estava fazendo tanta questão de que seu filho se casasse com você enquanto a guerra estava assolando a terra, eu sabia que havia outro motivo além de um casamento feliz. Razões nefastas.

—Entendo. E o que você descobriu?

—Eu descobri que uma bruxa branca visitou você em seu nascimento e proclamou que você seria a Rainha de Arkadia e iria governar à todos nós. É por isso que *eu sei* que você foi feita para ser Rainha.

Mina franziu a testa e sacudiu a cabeça.

—Não foi exatamente isso que ela disse. Não de acordo com Lorde Petrov, que chegou até a escrever as exatas palavras da bruxa branca.

Sorrindo, algo que ele estava fazendo mais do que o habitual ultimamente, ele perguntou.

—Você se importaria de me dizer quais foram as palavras exatas, então?

Sorrindo com sua provocação, ela pensou por um momento, lembrando as palavras exatamente como elas estavam rabiscadas no livro.

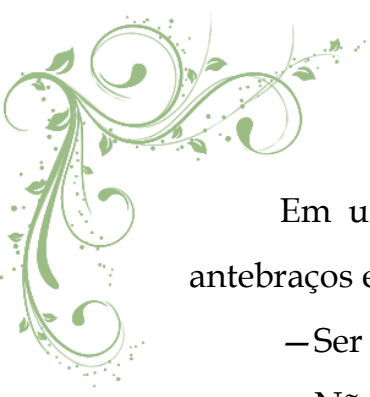
— Você vai beber fogo em sua alma e vai despertar a besta da vingança e da justiça. Da coragem e da esperança. Você despertará a rainha branca com olhos de esmeralda e ferirá o maligno com uma única mordida. — Ela fez uma pausa, hesitante sobre dizer as últimas palavras. —Você será a salvadora de todos eles.

—O que te assusta? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros, o cabelo deslizando sobre o peito com o movimento.

—Tudo isso, na verdade.





Em um piscar de olhos, ela estava abaixo dele. Ele se apoiou em seus antebraços e colocou uma coxa pesada entre as pernas dela.

—Ser Rainha te assusta?

—Não. Não exatamente. O que tudo isso *significa*? — Ela deixou as mãos vagarem para os ombros dele. — Beber fogo? Besta da vingança? Destruí-lo com apenas uma mordida?

Ele riu, dando um beijo na testa dela.

—É uma metáfora. O exército do Sul nos ajudará a vencer a Torre de Vidro.

—Mas eu não serei esse tipo de Rainha. Eu não sou esse tipo de pessoa.

—Que tipo? O tipo que luta pelo que é bom e certo neste mundo? — Quando ela abriu a boca para falar, ele abaixou a boca sobre a dela, silenciando seus protestos com a língua. Sua invasão pegou-a desprevenida, derretendo suas preocupações. Ela apertou as unhas em seus ombros musculosos em um gemido suave. Quando ele interrompeu o beijo, seus olhos cintilaram de forma brilhante. — Você será a Rainha que nós precisamos.

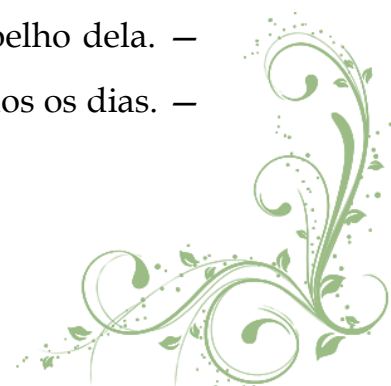
—Eu não sou uma fera. — ela sussurrou.

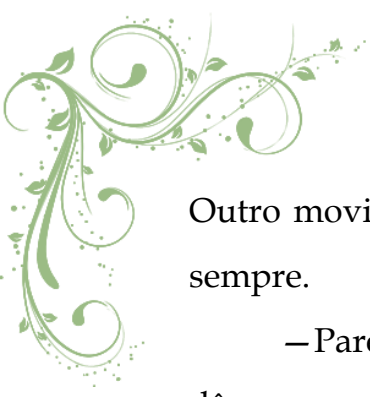
—Eu não tenho tanta certeza disso. — Ele abriu as pernas dela com a coxa e se acomodou mais baixo, empurrando dentro dela com um lento movimento de seu quadril. Ele segurou o olhar dela, apenas alguns centímetros acima. — É o que eu posso ver agora, uma Rainha – feroz - olhando para mim.

Ela plantou os pés na cama e se balançou para encontrar cada deslizamento sinuoso dele dentro dela.

Ele sorriu, as presas afiadas e prontas.

—Uma vampira do mais alto reino. — ele falou. Seu olhar desceu por seus corpos. Ele deslizou a mão por sua coxa, roçando os dedos sob o joelho dela. — Com um trono que eu anseio por montar todos os momentos, de todos os dias. —





Outro movimento lento de seus quadris. — Eu poderia adorar neste trono para sempre.

— Pare de me torturar, Mikhail. — ela apertou a mão em seu cabelo — Me dê o que você prometeu.

Sua testa franziu em uma carranca quando ele parou em seu ritmo muito lento.

— E o que foi que eu prometi?

— Eu acredito que você disse que eu gozaria quatro ou cinco vezes... Foram apenas duas. — Ela puxou a boca dele para a dela, sentindo como se houvesse de fato uma fera dentro dela, ansiando por sair. — Mais, Mikhail. — Ela beliscou seus lábios. — Me ame com força.

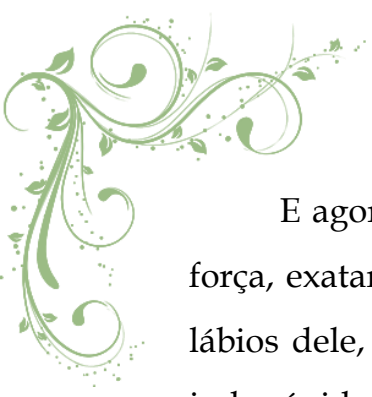
Ele levantou a perna dela, deu um beijo no lado interno do joelho e colocou-o por cima do ombro.

— Tudo o que você ordenar, minha Rainha.

Então ela experimentou o poder do homem, do vampiro, cobrindo seu corpo com o dele, consumindo-a de dentro para fora, pressionando sua força masculina com tal intensidade que ela ouviu um sussurro no íntimo de si mesma.

É ele. Era ele que lhe faltava a vida toda. Essa sensação vibrante de estar viva. De descobrir que ela amava a força dentro dela, a força ela manteve escondida por tanto tempo, com muito medo de deixar suas qualidades vampíricas subirem à superfície. Mikhail despertou seus instintos mais primitivos, de maneiras belas e deliciosas. Enquanto a ideia de ser uma criatura menos do que gentil uma vez a assustara, Mikhail adorava cada parte dela, inclusive o animal que havia acordado na noite em que lhe dera um beijo de sangue, na torre. Na noite em que os destinos deles se juntaram, cumprindo a profecia desse amor vibrante e feroz.





E agora, enquanto ele penetrava profundamente dentro de seu corpo, com força, exatamente como ela lhe pedira, ela só podia repetir um mantra contra os lábios dele, olhando em seus olhos; “*sim*”. Junto com seus corpos, eles estavam indo rápida e intensamente em direção um ao outro, alcançando aquele momento de êxtase juntos... e algo mais. *Algo mais.*

Quando ela abriu a boca em um grito silencioso, seu orgasmo colidindo através dela como um violento maremoto, ele fundiu a boca com a dela, gemendo quando se derramou dentro dela. Ela cravou as unhas nas costas dele, saboreando o peso dele, enterrado profundamente nela, enquanto encontrava sua própria liberação, gemendo roucamente sua satisfação.

Mesmo enquanto ele a beijava de volta, do auge de seu orgasmo, a necessidade ardente ainda permaneceu. Como um fogo inextinguível.

Ela interrompeu o beijo, ofegante.

—Será que um dia essa sensação vai embora?

A boca dele se abriu em um meio sorriso. Não exatamente um sorriso. Mais uma expressão de aceitação.

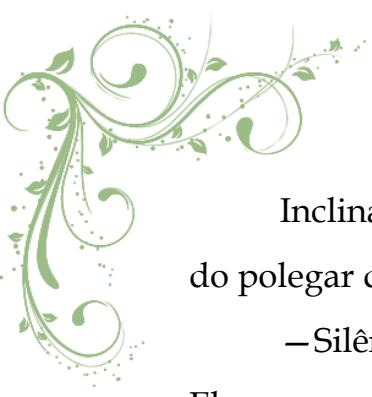
—Não. Eu acho que não. — Ele afastou uma mecha de seu cabelo grudado na umidade de seu pescoço. — Não para mim.

Ela segurou suavemente o queixo dele, passando o polegar pelo canto de sua boca.

—O que vai acontecer conosco? Depois da guerra, será que... você é o bisneto de Rodin Varis. Você é um Príncipe, a mais alta patente que um pretendente com o qual eu poderia me casar pode ter.

Ela não conseguiu esconder a esperança em seus olhos, desejando que ele fizesse aquele sacrifício por ela. Ela não podia suportar a ideia de governar sozinha, pois ela nunca aceitaria outro homem além dele ao seu lado.





Inclinando a cabeça apenas o suficiente, ele pressionou um beijo na ponta do polegar dela.

—Silêncio agora, minha Mina. Não vamos nos preocupar com o amanhã. — Ele se aproximou, passando os lábios nos dela, deslizando a língua por eles enquanto ondulava o corpo, acariciando dentro dela. — Apenas relaxe e me deixe cumprir minha promessa.

Ela riu, sua respiração presa em um suspiro quando ele bateu uma vez, profundo e duro.

—Sim, Capitão.

Ele pressionou um beijo desesperado em seus lábios, usando a língua rapidamente antes de se afastar. Sua expressão ficou tempestuosa, como a tormenta da meia-noite, uma gravidade escura pairando sobre ele enquanto ele se expressava com seus olhos sobrenaturais e corpo magnífico. Ela não conseguia ouvir as palavras, mas sentia a emoção com seus sentidos empáticos e com seu próprio coração. A emoção mais profunda e reverente de todas, transbordando do homem enterrado profundamente dentro dela.

Ela fechou os olhos e sussurrou seu mantra mais uma vez... *"sim"*... aceitando sua promessa não dita, de que haveria um futuro além do véu de sangue e morte que surgia à frente.





Capítulo Vinte e Três

De pé no topo dos degraus de pedra que levam ao Grande Fórum - um edifício circular feito de pedra branca, o chão também de mármore branco - Mina exalou uma respiração profunda.

— Como dissemos, eu vou primeiro, para convocar a reunião e organizar a casa. — disse Lord Rathbone, inclinando-se perto do ouvido dela. — Então, vou relatar que houve uma nova proposta para a Câmara, uma que não está em seus registros atuais. É quando você vai entrar.

— Certo. — Ela assentiu.

— Sorria, Alteza. — Ele ficou de pé, alisando o colete. — Tudo ficará bem. — Então ele piscou e caminhou com passos largos e imponentes para o corredor, onde as vozes sobrepostas dos muitos senhores caíam em silêncio em sua entrada.

— Não fique nervosa. — disse Friedrich à sua direita.

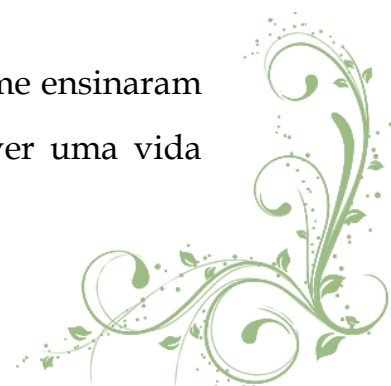
— Eu não estou nervosa.

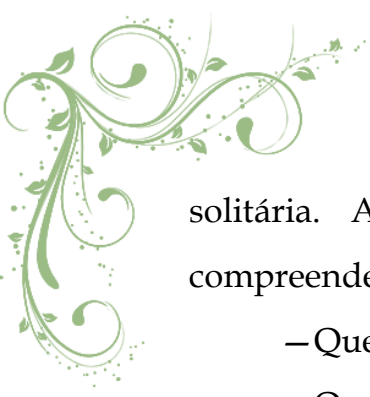
E, estranhamente, era verdade. Ela sempre ficara nervosa com suas visitas anuais ao Grande Fórum. Mas agora ela entendia por quê. Steward Thorwald a exibia como um enfeite, ela ia apenas para mostrar seu rosto e jamais abria a boca. Ela sempre se sentiu deslocada, porque não tinha lugar ali. Mas não hoje. Hoje, ela seria vista e ouvida.

— Nós estaremos bem atrás de você. Para ter certeza que eles entendem que você não está sozinha.

Mina virou-se para Friedrich e deu-lhe um sorriso caloroso.

— Eu estive sozinha toda a minha vida, Sua Graça. Foi o que me ensinaram desde cedo. Uma Princesa é uma entidade solitária, que deve viver uma vida





solitária. Até que acordei do sono sem sangue e finalmente consegui compreender a verdade.

—Que verdade, Alteza?

—Que uma Princesa sozinha é uma flor moribunda na videira. — Ela desviou o olhar para frente, ouvindo o som oco do martelo batendo, levando ordem a casa. — E uma Rainha forte nunca está sozinha.

—Muito bem, Majestade.

Ela sorriu ao seu título de Rainha.

— Ainda não, Friedrich. Vamos passar por isso primeiro.

Ela marchou para frente, sentindo a presença de sua comitiva às suas costas, sentindo Mikhail mais próximo à sua esquerda, atrás dela.

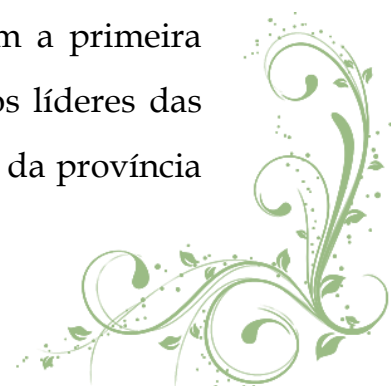
—Que nova proposta? — Ela ouviu a voz estridente de Steward Thorwald quando atravessou das sombras do arco para a luz do anfiteatro. O óculo no centro da cúpula deixava entrar a luz do sol, a borda da cúpula também rodeava com grandes janelas, banhando a sala de mármore branco em um ar vibrante.

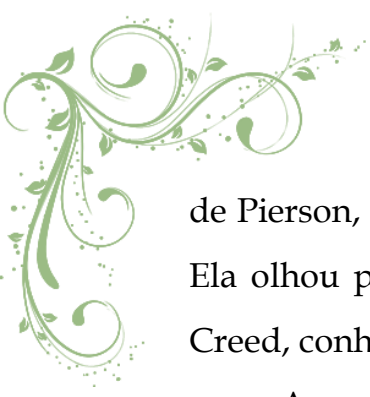
Rathbone arqueou uma sobrancelha superior do elmo do corredor no banco elevado, gesticulando na direção dela.

—Uma que a Princesa Vilhelmina Dragomir nos apresentará.

Uma onda de suspiros e murmúrios ecoou na grande câmara, enquanto ela atravessava o corredor com Friedrich e a Guarda de Sangue às suas costas. Grant entrou como um dos soldados da Guarda. Mina viu homem boquiaberto e aturdido, que abusou de sua posição como seu guardião por toda a vida, e então subiu ao pódio diante do anfiteatro.

Todas as fileiras dos senhores viraram os olhos para ela. Eles foram separados por província. Suas bandeiras e cetros únicos marcavam a primeira fileira de cada província. Ela examinou todos eles, reconhecendo os líderes das províncias, com os olhos fixos nela. Ela assentiu para Lorde Grable, da província





de Pierson, conhecidos como os maiores criadores dos belos cavalos Arkadianos. Ela olhou para a direita, chamando a atenção de Lorde Steele, da província de Creed, conhecida por sua habilidade superior em armaduras e armamentos.

Aguçando a força de seus sentidos empáticos, ela não sentiu nenhuma ameaça - exceto a que emanava do mordomo de costas, no banco com Rathbone e Lorde Maksim - mas sentia emoções mistas de surpresa e curiosidade. E talvez um pouco de medo, quando algumas cabeças se viraram nervosamente para a entrada, muitos olhando para a Guarda de Sangue vestida de preto em pé em duas linhas voltadas para lados opostos do salão. Os rumores certamente haviam se espalhado por todos os lados de que ela fora prisioneira do Rei Dominik e que agora ele estava na guerra para reconquistá-la.

— Saudações, meus senhores. — Sua voz subiu para o teto abobadado facilmente em uma câmara tão acústica. — Eu venho hoje com uma petição real, mas primeiro devo fazer uma digressão para dissipar quaisquer relatórios errôneos circulando por todo o *meu reino*.

Thorwald fez um protesto contra a menção de posse de Arkadia. Porque ela nunca havia falado assim antes.

— Isso é absurdo. O que ela pode possivelmente...

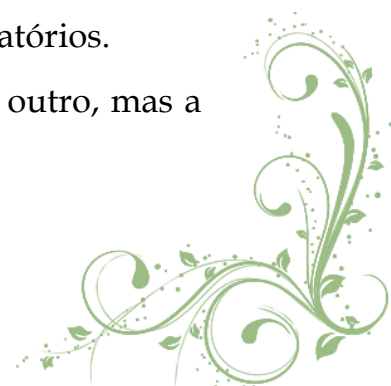
— Feche a boca, Thorwald. — disse Rathbone, com tal malevolência que Mina se virou para encontrá-lo olhando para o homem. — Ou eu vou fechá-la para você.

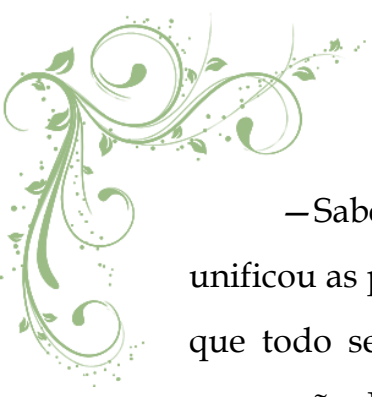
Thorwald desviou o olhar, seu rosto manchado de vermelho.

Mina olhou para frente, inalou uma respiração profunda, ergueu o queixo e endireitou a postura, ficando de costas retas.

— Eu também preciso atestar a veracidade de alguns desses relatórios.

Ela esperou enquanto alguns lordes murmuravam um para o outro, mas a maioria deles permaneceu presa a ela.





—Sabe-se que meu pai, o Rei Holland, era um Rei bom e justo. Foi ele quem unificou as províncias sob a Casa de Arkadia e construiu este Grande Fórum para que todo senhor pudesse ter voz para seu povo. — Houve alguns acenos de aprovação. Ela esperou até que tudo estivesse em silêncio novamente. — Se você estava na comemoração do meu nascimento, então está ciente de que ele rejeitou a exigência da Rainha Morgrid de que eu, sua única filha, estivesse comprometida com o filho dela, Marius.

Ninguém fez um som. Nem mesmo Thorwald, nas costas dela, cuja raiva fervendo ela sentia fortemente, como uma bola de fogo ardente.

—Curiosamente, essa verdade foi mantida de mim até bem recentemente. Tudo o que eu sabia do meu querido pai era que ele me amava. E que foi morto pelas mãos de bandidos, quando eu ainda era bem jovem. Eu nunca mais senti esse amor, depois que ele morreu. Fui colocada sob os cuidados de Steward Thorwald.

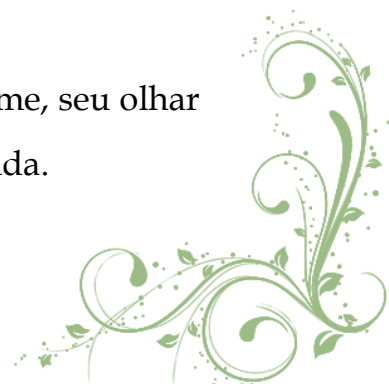
Ela passou a mão por cima do ombro, sem se virar.

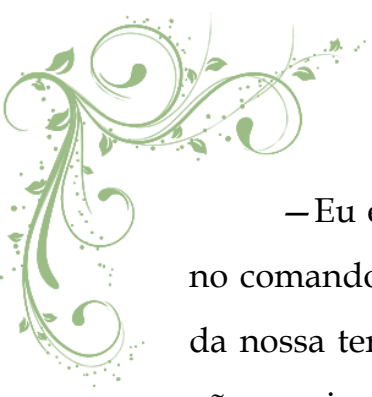
—Ele se certificou de que eu tivesse o melhor dos cuidados, através de diversas babás, e eu fui mantida longe... *muito* longe do resto do *meu* reino. Para minha proteção, ele me assegurou.

Ela ouviu o toque cínico de suas palavras, mas não se importou. Eles ouviriam tudo. Bem aqui. Agora mesmo.

—Então, eu fui criada para ser a Princesa perfeita. Obediente. E silenciosa. Aguardando a época em que eu me casaria com o Príncipe Marius, já que Steward Thorwald sustentava a vontade da Rainha de que eu deveria casar com o filho dela. Lembrando que isso era contra os desejos do seu Rei, antes que ele fosse assassinado.

Ela não pôde deixar de olhar para Mikhail. Ele permaneceu firme, seu olhar direto para a direita do salão, mas sua mera presença a fortaleceu ainda.





—Eu entendo porque nenhum de vocês desafiou a colocação de Thorwald no comando de Arkadia. A Rainha Morgrid é uma força poderosa, a imperatriz da nossa terra. Mas, quero lembrar a todos que o seu verdadeiro e legítimo Rei não queria uma aliança com a Torre de Vidro. Por quê? Porque *meu pai* sabia que o mal infectaria nossa terra, assim que ela tivesse poder sobre ele. — Ela fez uma pausa, passando o olhar pelo auditório silencioso. — E assim, compreensivelmente, todos vocês o aceitaram como seu governante.

Ela gesticulou nobremente por cima do ombro.

—Mesmo que ele estivesse em aliança com a Rainha Morgrid. Quando o Príncipe Marius fugiu da Torre de Vidro para se casar com sua esposa humana, Arabelle, líder do Black Lily, desafiando sua mãe porque descobriu que ela era a única infectando a terra com a *furorem sanguine*, a compulsão por sangue, nos vampiros ao redor da Torre de Vidro, que mataram cruelmente os camponeses e trabalhadores das redondezas. Ela me culpou por essa traição. Meu castigo?

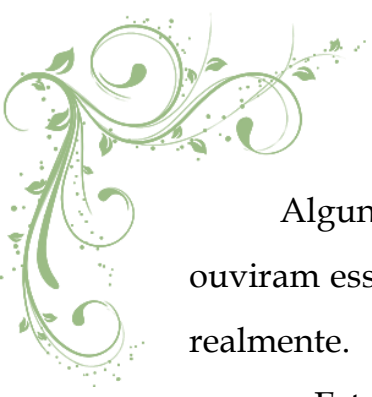
Ela arrastou o olhar de um lado para o outro. Ninguém se mexeu.

—Eu fui arrastada de volta para Briar Rose, onde minha dama de companhia, minha amiga e hospedeira de longa data, foi assassinada diante dos meus olhos. Minha única amiga até esse ponto da minha vida. Sua garganta foi cortada pelo braço direito da Rainha Morgrid, um Legionário chamado Radomir. Então, ela foi jogada a seus homens, para que eles se alimentassem dela como faziam com o gado.

Sua voz rachou de pesar por Kathleen, mas ela conteve todas as lágrimas, se agarrando a raiva em seu lugar.

—Eu fui trancada em minha própria torre, em minha própria casa, e fui colocada no tomento de um sono sem sangue, passando fome até quase morrer, sendo alimentada com apenas o suficiente para não morrer.





Alguns senhores olharam e sussurraram baixinho, assentindo. Muitos ouviram esse boato. Não era nenhuma novidade. Mas eles não sabiam como era, realmente.

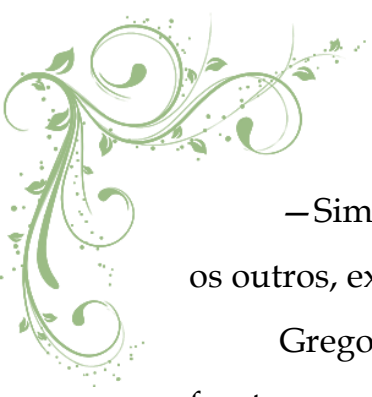
—Estar em um sono sem sangue está além de sua imaginação. Além de qualquer pesadelo que você possa ter. A constante dor que ardia no meu estômago, por causa da fome, não foi a pior parte. A paralisia também não. Mas, os momentos em que eu podia ouvir os oficiais se movendo e conversando no meu quarto, provocaram um novo tipo de medo em mim. Vocês conseguem imaginar como foi pra mim, ser capaz de ouvir os homens falando sobre os modos vulgares que eles poderiam e gostariam de usar seu corpo, enquanto eu estava prostrada e indefesa? Não, esqueçam o que eu disse. Vocês conseguem imaginar suas próprias esposas nessa situação, indefesas? Suas filhas?

Movimentos nervosos e incomodados ondulavam ao longo das fileiras de homens. Os ombros de Mikhail se enrijeceram, mas ele não girou e nem moveu a cabeça um centímetro. Mina suavizou sua voz, mas não a força de suas palavras.

—Felizmente, o medo que eles tinham da Rainha impedia que eles me usassem profanamente, mas apenas porque eu deveria ser entregue futuramente como prêmio ao seu filho, o Rei Dominik. Caso contrário, tenho certeza que não teria sobrado muito de mim para salvar, quando a Guarda de Sangue veio em meu socorro.

Mina ergueu a mão para a fila de vinte homens que a acompanharam nessa missão. Os senhores os examinaram mais de perto, percebendo que esses eram os mercenários de que se falaram em muitos cantos escuros, mas poucos haviam visto com seus próprios olhos. Eles eram de fato uma força formidável, mesmo quando apenas metade estava de pé aqui. Suas expressões e comportamentos mais ferozes que qualquer tropa de Legionários.





—Sim. Cinco homens da Guarda de Sangue me salvaram e mataram todos os outros, exceto alguns dos Legionários do Rei Dominik.

Gregoravich se virou para ela e ergueu três dedos, piscou, depois encarou a frente novamente. Ela sorriu.

—Correção. Todos, menos três homens. De lá, fui levada em segurança até a casa de Sienna, na Floresta de Silvane.

—Ela é uma bruxa! Queima homens vivos! — gritou Steward Thorwald.

Houve um estalo agudo. No momento em que Mina virou a cabeça, Rathbone estava de pé sobre Thorwald, caído para frente no banco, Rathbone segurando seu punho.

Seu olhar varreu as fileiras dos senhores.

— Declaro que Steward Thorwald, que está a serviço da Rainha Morgrid e não está a serviço desse reino de Arkadia, é inadequado para sua posição de conselheiro-chefe. Você concorda, Lorde Maksim?

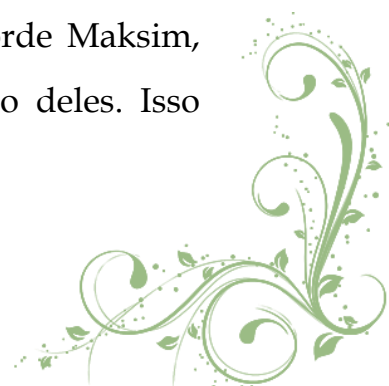
A resposta rouca do homem de olhos de aço à direita de Rathbone foi rápida.

—Concordo.

Com um aceno rígido, Rathbone disse.

—Por favor, continue, Alteza. — Ele endireitou o colete e retomou seu lugar.

Mina engoliu em seco, percebendo o que Rathbone acabara de fazer por ela. Ele denunciara publicamente o administrador de suas terras, para não mencionar que o deixou inconsciente com apenas um soco. Ele, o homem cuja voz e opiniões todos respeitavam acima de todos os outros, acabara de declarar que o mordomo não era mais digno de confiança. E o segundo alto conselheiro, lorde Maksim, concordara, retirando o administrador da confiança e do conselho deles. Isso





significava que quaisquer aliados que Thorwald tivesse na sala estariam cometendo suicídio político, se optassem por ficar com ele agora.

Limpando a garganta, ela continuou.

—Sienna foi tocada pela Hartstone e abençoada com um dom, é verdade. E ela não queimou um homem inocente vivo, apenas os vampiros que invadiram sua floresta para causar danos, prejudicando aqueles que ela amava. Isso inclui Nikolai, o ex-tenente da Guarda Real da Torre de Vidro. Eu também estava sob a proteção do Black Lily. Eles todos se aliaram juntos contra o exército que a Rainha e seu filho estão acumulando.

—Sua Alteza. — disse Lord Maksim, profundo e grave, atrás dela. — Somos gratos por toda essa informação, mas que petição você tem?

Seu semblante era tão sombrio e tempestuoso quanto sua voz. Ele e Lorde Rathbone eram amigos queridos, além de conselheiros da Casa. Ele era um homem de bom senso, o que também tornava sua lealdade inestimável. Ele não era um homem para ser persuadido a outra coisa senão o que era certo e melhor para a terra de Arkadia. Não podia ter certeza, mas esperava que Rathbone o informasse dos procedimentos de hoje e que ele estivesse totalmente a bordo.

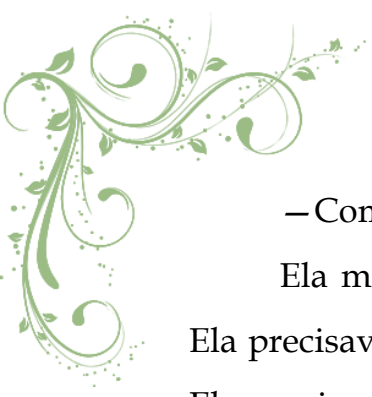
—Obrigada, Senhor Maksim. Aqui está. — Erguendo os olhos para as fileiras de senhores que seguravam seu destino em suas mãos - o destino de todo mundo, na verdade - ela disse. — Eu peço a esta casa que me conceda o direito da primogenitura. Que me aceitem pelo que sou, me coroando como a Rainha soberana de Arkadia.

Altos murmúrios e resmungos varreram a câmara. Lorde Rathbone martelou várias vezes quando um dos senhores do nível mais baixo se levantou.

—Lord Hanson, você tem a palavra. — disse Rathbone.

—Sua Alteza... — ele começou respeitosamente. — Com que direito você pede esta petição agora?





— Com que direito você acha que pode impedir minha coroação?

Ela manteve seu tom de voz firme, mesmo quando seus joelhos tremiam. Ela precisava desses homens unidos a ela. Reivindicar a coroa não era suficiente. Ela precisava ter um reino atrás dela ou tudo isso seria em vão. Não estava na hora de se esconder, mas de mostrar força.

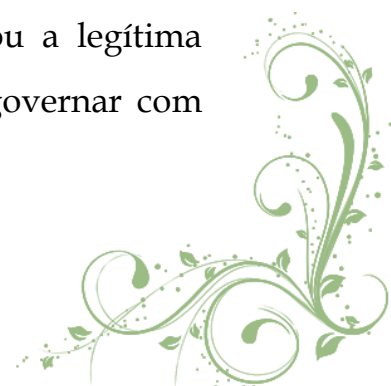
— Eu imploro seu perdão. — prosseguiu Lorde Hanson — Mas a senhora expôs diante de nós que se aliou tanto ao Black Lily, quanto ao Príncipe exilado e a Guarda de Sangue.

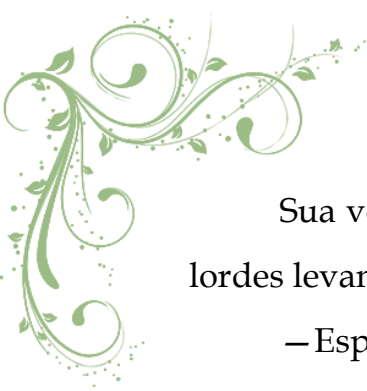
Friedrich levantou a mão.

— Não se esqueça do exilado Duque de Winter Hill.

Agora os murmúrios aumentaram para novas alturas. Eles obviamente viram Friedrich e entenderam o motivo de estarem aqui, e, no entanto, só quando ele deixou claro onde estava ele reagiram.

— Como você pode ver, Lorde Hanson. — continuou ela, afastando-se do pódio, mas permanecendo no estrado, com as mãos cruzadas, diante de si — As facções da família Varis estão se afastando da Rainha. Mas, deixe-me responder sua primeira pergunta. — Sua voz subiu, e ela sentiu um fogo interno ganhando vida, formigando ao longo de sua pele como um manto mágico para protegê-la, para guiá-la. — Tenho o direito de pedir minha coroação imediata, porque sou Vilhelmina Dragomir, filha do justo e legítimo Rei Holland Dragomir. O sangue que flui em minhas veias fluiu no de nosso pai fundador, meu tataravô, o Rei Thormand Dragomir, que conquistou esse território e o reivindicou para seu povo, o *único* reino que ainda não está sob o domínio tirânico da Torre de Vidro. — Ela falou sobre trair a Rainha e, no entanto, soou como mais uma vitória. — Como a última descendente viva de Thormand Dragomir, eu sou a legítima soberana desta grande terra e eu prometo dar minha vida para governar com justiça, como meu pai fez antes de mim.





Sua voz havia chegado a um pico febril, rugindo até a altura da cúpula. Os lordes levantaram seus cetros e os golpearam na pedra, com altos aplausos.

— Espere! — Lorde Grable, da Província de Pierson, se levantou e ergueu a mão.

Lorde Rathbone bateu com o martelo novamente.

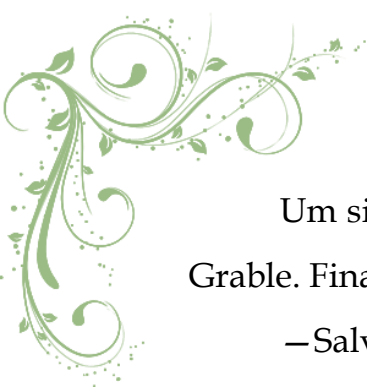
— Sua Alteza! — A batida dos cetros no chão diminuiu, dando a esse vampiro um respeito particular. — Você está certa. Você é nossa legítima soberana. Mas sua intenção é nos forçar a ir à guerra contra a Torre de Vidro? Eu admiro o coração ousado do exército humano do Black Lily e desses poucos homens da Guarda de Sangue, mas a força do exército de vampiros da Rainha unida ao do Rei Dominik é muito formidável.

— Meu senhor, eu não posso e não vou forçar ninguém a fazer nada. Eu *não* sou tirana, como a Rainha Morgrid. — Ela enfatizou a última frase com veemência. — Mas preste bastante atenção no que eu vou dizer agora: A guerra está vindo. Se você ignorar este chamado, você cairá, assim como o Black Lily, sem a ajuda dos Arkadianos. Você perderá mais que sua Rainha nas mãos do Rei Dominik, pois posso prometer que morrerei antes de me tornar sua esposa.

Ela pegou o movimento mínimo que Mikhail fez abaixo dela, suas mãos em punhos ao lado do corpo. E continuou.

— A Rainha não ficará satisfeita até que ela nos tenha sob o véu escuro que ela planeja espalhar sobre nossas terras. Até que nosso solo esteja encharcado com o sangue de suas esposas, filhos e filhas. O sangue do *meu* povo. — Ela apertou a mão em punho sobre o coração. — Você realmente quer esperar até que a escuridão caia sobre a sua casa? Pois, sem ajuda, o Black Lily falhará. E então você se perguntará por que não lutou quando teve a chance... Por que não lutou quando sua Rainha te pediu.





Um silêncio caiu sobre todos eles. Ela esperou, segurando o olhar de Lorde Grable. Finalmente, ele pegou o cetro e ergueu-o no ar:

—Salve a Rainha Vilhelmina!

Uma cacofonia de aplausos e ecos ressonantes de Lord Grable reverberaram no fórum, com cetros batendo no chão. O coração de Mina inchou, com tanto amor e orgulho, que ela mal podia suportar. Então o Lorde Rathbone estava ao pé do estrado, oferecendo a mão perto dos degraus. Ele tinha um quadrado de pano debaixo do braço. Ela deixou que ele a levasse até o chão do corredor enquanto os aplausos continuavam.

Ele se inclinou para perto.

—Bom trabalho. Você quase me fez desmaiar a seus pés.

—Eu acho isso altamente improvável.

Ele riu antes de ficar sóbrio com o rosto para a multidão com uma mão no ar. Quando todos tomaram seus assentos, ele continuou.

—Devido ao terrível estado da terra no exterior e porque uma coroação formal colocaria em risco a vida de nossa soberana, não podemos permitir uma cerimônia formal como Sua Alteza merece. Portanto, procederemos imediatamente.

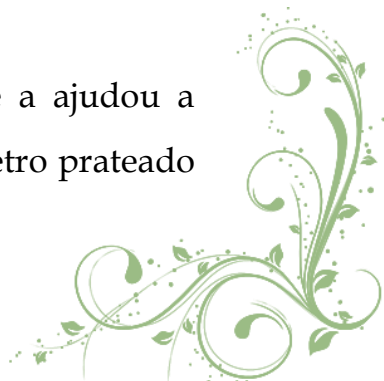
Ele desdobrou um pedaço de seda verde, bordado com o símbolo deles, o dragão branco, com as bordas desgastadas pelo tempo.

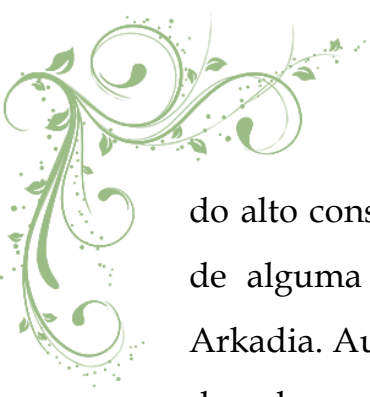
—Aqui está a bandeira carregada pelo exército do Rei Thormand para a batalha nestas terras do Sul. A bandeira original, que balançou nos campos com a vitória do nosso povo.

Ele a desdobrou e colocou no chão de mármore.

—Por favor, ajoelhe-se, Alteza.

Ela engoliu a emoção alojada em sua garganta, quando ele a ajudou a ajoelhar. Lorde Maksim estava de repente atrás dele, segurando o cetro prateado





do alto conselho da Casa. Aparentemente, ele havia sido informado desse plano de alguma forma. Lorde Maksim segurou o cetro sagrado para o povo de Arkadia. Automaticamente, ela abaixou a cabeça enquanto recitava uma ladainha de palavras do Livro da Ordem de Arkadian. Ele detinha as leis e os direitos do povo, bem como o papel de seu governante soberano.

Ela não ouviu quase nada daquilo, tremendo sob seus joelhos, percebendo o que ela tinha feito, depois de tudo. Mikhail estava certo. Ela era forte. Sua voz foi ouvida. E eles acreditavam nela. A responsabilidade de seu novo papel era esmagadora e maravilhosa ao mesmo tempo. *O destino sorriu para ela.* Ela retrucou ao que estava acontecendo quando sentiu o cetro tocar seu ombro direito.

— Você promete respeitar o Livro da Ordem de Arkadian, governar pela lei, pela justiça e com misericórdia em todos os seus julgamentos?

— Eu prometo solenemente.

Ele tocou o ombro esquerdo dela com o cetro.

— E você vai manter seu juramento de lealdade ao povo de Arkadia, devotando seu coração e alma a eles?

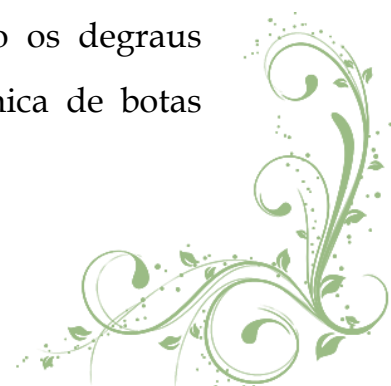
— Eu vou.

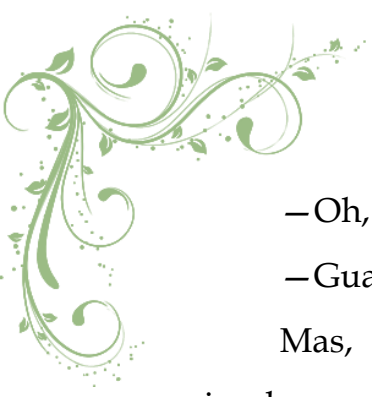
Ele tocou seu ombro direito novamente.

— Pelos céus acima, sob este teto sagrado e diante dos olhos da Casa de Arkadia, eu te declaro Vilhelmina Dragomir, filha única do Rei Holland, a Rainha soberana de Arkadia. — Ele bateu no cetro com um pesado *golpe* no chão. — Salve a Rainha Vilhelmina!

Mais uma vez, vozes alegres surgiram. Lorde Rathbone a levantou de pé. Friedrich estava ao seu lado, curvando-se profundamente.

Um estrondo de pés marchando podia ser ouvido subindo os degraus externos. A repentina alegria no ar foi sufocada pela batida rítmica de botas entrando nas portas duplas do salão.





—Oh, inferno. — Rathbone sussurrou, agarrando o braço de Mina.

—Guarda de Sangue! — Mikhail berrou. —Preparem-se.

Mas, em vez de se prepararem no modo de ataque, as duas filas simplesmente giraram e se enfrentaram, deixando o espaço entre as partes abertas, como estivessem dando as boas-vindas ao exército, que só podia ser o da Rainha ou o do Rei se aproximando.

Através da arcada e do vestíbulo sombrio, marcharam três linhas de homens vestidos de preto. Espere, e havia uma mulher na primeira fila. Eles não eram Legionários. Eles eram soldados da Guarda de Sangue. Dmitri estava à frente da linha. E os soldados não paravam de chegar. Mina se virou para Mikhail, que ainda não a olhara durante todo esse interlúdio.

Eles marcharam em suas colunas de arquivo único até que a primeira linha parou onde Mikhail e Gregoravich fizeram a frente da linha. Mina olhou com admiração. Tinha que haver pelo menos duzentos deles dentro da câmara, e ela não podia ver o fim deles desaparecendo do arco do fórum.

Foi quando Mikhail se adiantou para ficar em frente a ela. Ele se abaixou em apenas um joelho.

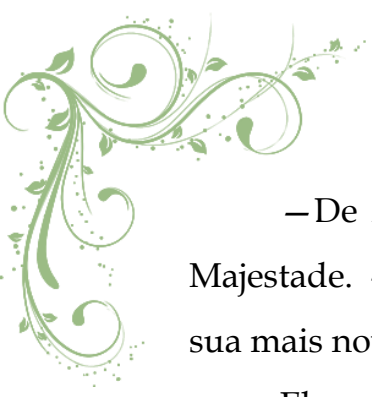
—Rainha Vilhelmina. Como Capitão da Guarda Sangue, eu, por meio deste gesto, ofereço formalmente os serviços de *toda* a nossa força.

Em uma sincronia perfeita, toda a Guarda Sangue se ajoelhou ao mesmo tempo. Quarenta dos homens dele tinham jurado fidelidade a ela, na Floresta de Silvane. Mas isso era completamente diferente, ele estava oferecendo tudo o que tinha. Sua força total.

Ela sorriu para Mikhail.

— Capitão, precisamos conversar.





—De fato. — Ele sorriu de volta e se levantou, olhando para ela. — Sua Majestade. — Ele apontou para eles. — Venha comigo e permita-me apresentar sua mais nova tropa?

Ela assentiu. Com as mãos cruzadas nas costas, ele a levou para a fila da frente. Eles se separaram com um movimento suave, dando um passo para o lado, depois girando para dentro, ficando frente a frente uns com os outros. Dmitri piscou quando ela passou. A guarda feminina parecia familiar, de alguma forma. Com uma saudação, onde eles batiam os punhos em seus corações, eles curvaram suas cabeças em respeito enquanto ela e Mikhail caminhavam lado a lado, Rathbone, Friedrich e Maksim atrás deles. Quando saíram pela arcada e pelo vestíbulo, pelas portas duplas abertas, o queixo de Mina quase caiu. A Guarda de Sangue vestida de preto se estendia em uma perfeita linha quádrupla, descendo os degraus de pedra do Grande Fórum. Além dos degraus, havia uma fileira de guardas a cavalo, circulando pelo fórum e se estendendo pela principal rua de paralelepípedos de Arkadia.

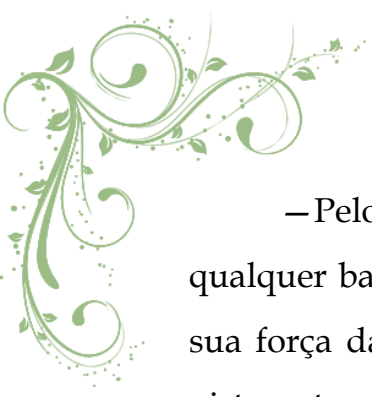
Lojistas colocavam suas cabeças para fora de suas lojas. Mulheres da aristocracia, a caminho de algum lugar, haviam parado em suas trilhas, apontando e sussurrando. Uma se abanava furiosamente, balançando seus cachos loiros.

—Quantos? — Mina perguntou, ainda em descrença. Embora não soubesse exatamente o porquê. Mikhail sempre conseguia surpreendê-la.

—Quinhentos dos meus melhores homens, Sua Majestade.

—Quinhentos dos melhores homens da Guarda de Sangue? — perguntou Friedrich ao lado de Mikhail, incrédulo. — Droga, Mikhail. Apenas um dos seus guardas vale por cinco Legionários. *No mínimo*. Este não era um segredo que você precisava esconder de nós.





—Pelo contrário, Sua Graça. *Informação* é a arma fundamental para vencer qualquer batalha. Mas, já estava na hora. — Ele se afastou da vista magnífica de sua força da Guarda Sangue, olhando para eles com um olhar que ela já tinha visto antes. Uma mistura inebriante de necessidade, adoração e algo mais forte.

— Estamos prontos para enfrentar a Rainha Morgrid, Sua Majestade.

O toque dos sinos de uma torre distante atraiu todos os olhos para as colinas. Ele ecoou na praça em uma repetição distinta de *gongos*. Dois curtos, um longo. Mina se virou para Lorde Rathbone.

—Como a cidade poderia saber da coroação? — ela perguntou.

Ele deu um passo à frente.

—Isso não é por causa da coroação. — Sua testa franziu em uma carranca.

Todos eles seguiram seu olhar. Além das colinas ao norte, as nuvens avançavam juntas em uma massa escura e pesada, girando violentamente.

—Uma nevasca está chegando.





Capítulo Vinte e Quatro

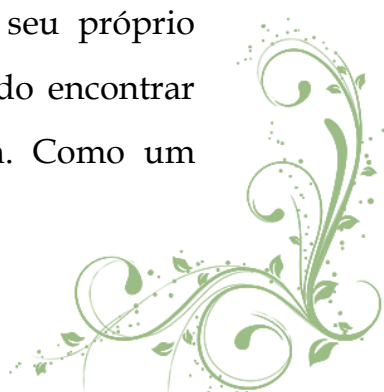
Mikhail estava dentro da sua tenda, o mapa do norte espalhado pela mesa. Friedrich e Grant se inclinavam sobre o mapa com ele. O Duque usava uma expressão sombria de determinação e de medo, em igual medida. Ninguém precisava dizer que os pensamentos de todos pesavam muito em encontrar Izzy com segurança. Mas ninguém mais do que Friedrich.

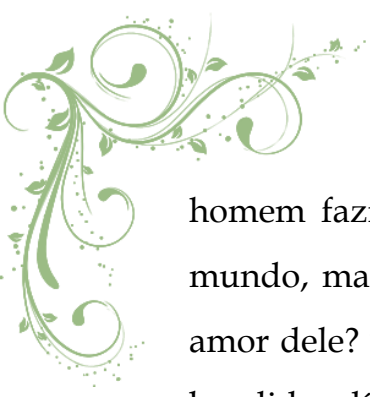
Mikhail conseguira evitar conversas privadas com Mina desde a coroação. Ele estava encarregado de organizar toda a força da Guarda de Sangue para a jornada até Izeling, todos os quinhentos deles, então ele esteve ocupado. Lorde Rathbone ficou para trás para montar o exército de Arkadian, incluindo sua força de elite de cavaleiros. Agora que a notícia da coroação de Mina se espalharia, a Rainha Morgrid e o Rei Dominik começariam a agir mais rapidamente. Mikhail teve que empurrar suas forças para se mover imediatamente para reunir o que sobrou do exército do Black Lily para a marcha ao Norte. A grande batalha estava próxima.

Não que ele não quisesse falar com ela sozinho. Ele só não sabia o que dizer. Ele não sabia que ele se sentiria assim, depois que seu objetivo fosse alcançado, depois que ela enfrentasse a Casa de Arkadia e exigisse que eles a coroassem. E então eles a coroaram. Ele não sabia que poderia amá-la ainda mais.

Put a que pariu!

Sim. Ele a *amava*. Deus o ajudasse. Ele a amava com cada fibra do seu ser. Ela ganhou, depois de tudo. Ele não podia mais permitir que ela aceitasse outro homem em sua cama ou ao seu lado, isso seria como arrancar seu próprio coração. Eles seriam um do outro. E então, aqui estava ele, tentando encontrar uma maneira de dizer isso sem parecer um completo um idiota. Como um





homem fazia para declarar seu amor? Isso era feito todos os dias, em todo o mundo, mas ele não conseguia encontrar as palavras. E se ela não retribuísse o amor dele? Sim. Mikhail Romanov, o Capitão da Guarda de Sangue, matador de bandidos, líder de mercenários, o guerreiro cruel que estava sempre pronto para a batalha, estava com medo ... do amor.

— Algo engraçado, capitão? — perguntou Grant.

— Não. — Ele limpou a garganta e apontou para o mapa. — Há apenas uma maneira de sair ou entrar no Olho do Dragão. É onde as forças deles estarão. Embora não saibamos se eles estão mantendo Izzy lá ou em Izeling Tower.

— Essa planície aqui será ideal para a batalha. — disse Friedrich. — As montanhas de Belaya Noch não permitem nenhum movimento secreto.

— Hmph. — grunhiu Grant. — A intenção do Rei era esconder seu forte do resto do mundo. Fazendo isso, ele efetivamente se isolou de rotas de fuga.

Friedrich olhou para baixo, de braços cruzados.

— Isso é porque ele nunca achou que seria encurralado.

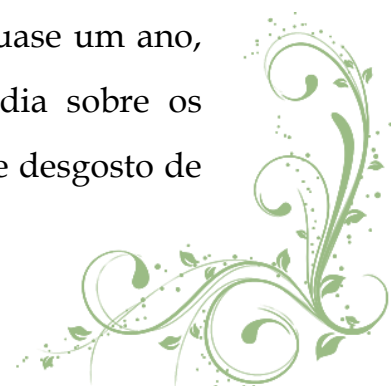
— É exatamente por isso que esse é o melhor local de ataque. — acrescentou Mikhail. — Uma força separada pode varrer o castelo ao mesmo tempo e descobrir se Izzy está sendo mantida lá.

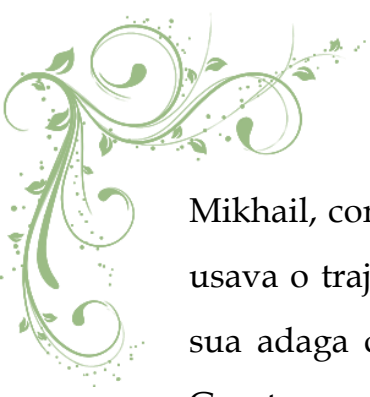
— É com essa tropa que eu estarei. — disse Friedrich, sua expressão sombria.

— Claro.

Todos eles suspeitavam que Izzy havia sido levada para algum propósito especial, que nenhum deles poderia prever, mas era mais certo que ela seria mantida perto e não longe na fortaleza.

A aba da barraca se abriu e Katya entrou. Ele não a via há quase um ano, enquanto ela trabalhava no oeste de Pyros, relatando o que podia sobre os movimentos da Rainha dentro do regime do Rei Agnar. Para grande desgosto de





Mikhail, como a única mulher da Guarda de Sangue - especialmente quando ela usava o traje de couro preto justo, como o de qualquer soldado, com o arnês de sua adaga cruzando o peito - ela chamava muita atenção. Especialmente a de Grant, aparentemente.

—Capitão. — Ela parou na frente de Mikhail com um aceno de cabeça firme. Puxando o capuz para trás e sacudindo um pouco da neve empilhada em seu manto, sua trança escura caiu para frente, por cima do ombro.

Grant cruzou os braços e sorriu.

—Capitão, se eu soubesse que você estava deixando mulheres se alistarem à Guarda de Sangue, eu já teria pedindo para participar.

Ela ficou tensa e girou a cabeça na direção dele.

—E o que faz você pensar que nós iríamos *aceitar* seu pedido, humano?

Ele colocou a palma da mão sobre o coração.

—*Ouch!*

—Senhores... — Mikhail os interrompeu, tentando esconder o sorriso. — Esta é Katya Romanov. Minha irmã.

Grant ficou surpreso, encolhendo os ombros em um pedindo silencioso de desculpas a Mikhail. Friedrich riu, encarando o chão.

—Katya, esta é a Sua Graça, Friedrich Volya e seu irmão, Grant.

Ela acenou brevemente na direção deles.

—Lady Katya. — disse Friedrich, dando-lhe o título que ela merecia como filha de um nobre.

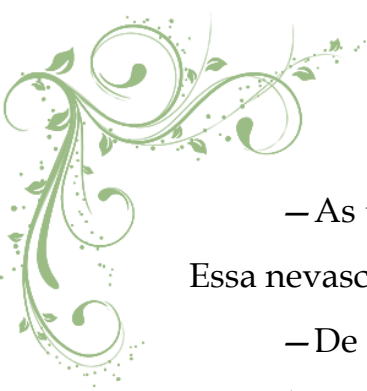
—Apenas Katya, por favor.

Grant piscou.

—Encantado.

Katya estreitou o olhar e se virou para Mikhail.





— As tendas e barracas estão prontas. Bem como os abrigos para os cavalos. Essa nevasca foi um tanto inesperada.

— De fato. — Mikhail ficou satisfeito por Katya ter retornado de Pyros com mais de cem cavalos, como prometido. Eles precisariam de uma cavalaria forte para liderar o avanço. Com as tropas que Lord Rathbone estava montando, eles teriam uma força poderosa. — Vamos dar aos cavalos uma noite de descanso e depois prosseguiremos.

— Sim, capitão. Alguma outra ordem?

— Eu quero ter certeza de que temos um perímetro seguro. Verifique com Dmitri sobre o dever de patrulha.

Ela revirou os olhos.

— Mikhail... — reclamou ela, depois se corrigiu. — Quero dizer, capitão. Ele vai me dar o pior turno, na pior posição possível.

— Ele quer desafiar você.

— Você quer dizer me matar.

— Mamãe iria matá-lo se ele o fizesse.

Ela soltou um suspiro.

— Se ao menos eu tivesse essa sorte... — Então ela se virou para a porta e saiu com um estalo da abertura da tenda, uma rajada de ar gelado entrando em seu lugar.

Friedrich se virou para Grant.

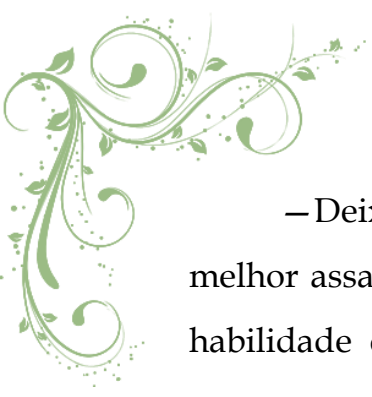
— Você pode ter ficado encantado com ela, mas não acredito que o sentimento seja mútuo, irmão.

— Oh, só dê um tempo a ela. Espere até ela me ver em ação com uma adaga. Mikhail riu.

— Espere até *você* vê-la em ação com uma adaga.

— Ela é boa? — ele perguntou.





—Deixa eu explicar de um jeito que você entenda. Gavril é, de longe, o melhor assassino com uma espada em toda a minha guarda. *Exceto por ela.* — A habilidade de Gavril com uma adaga havia se tornado lendária ao redor do acampamento do Black Lily. — Ela sempre o vence. Ela venceria você também.

—Oh céus... — Ele colocou a mão em cima do coração. — Acho que estou apaixonado.

Friedrich e Mikhail riram, quando a aba da tenda se abriu novamente e Dmitri entrou, sacudindo a neve e subindo para o fogo baixo em pedras no canto. Cada uma dessas tendas de guerra era feita com uma pequena aba redonda de ventilação que se abria para o canto. Os fogos se estabeleceram em uma lareira e continuaram queimando para manter a temperatura confortável e uniforme.

—Está congelando lá fora. — Ele esfregou as mãos sobre o fogo. — Vou congelar meu cérebro se não fizer uma pausa.

Os vampiros podiam regular o calor do próprio corpo, mas mudanças frias e drásticas na temperatura chocavam seus sistemas da mesma forma que os humanos.

—Você viu Katya?

Dmitri olhou por cima do ombro, sorrindo.

—Sim.

—Não comece uma briga com ela. Eu preciso de todo mundo com a cabeça no lugar.

—Quem está começando uma briga? Eu só dei a ela uma tarefa de patrulha. Como ela pediu.

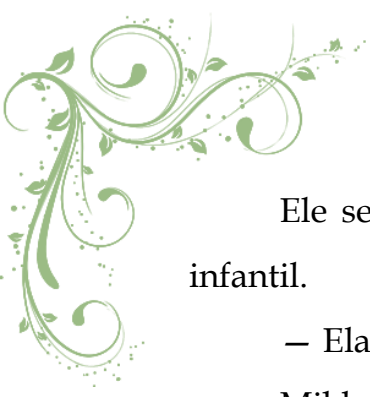
—Onde?

Ele acenou com a mão.

—No pico Norte.

—Justo onde o vento sopra mais forte?





Ele se virou, aquecendo as costas com um encolher de ombros um tanto infantil.

— Ela quer ser tratada como um dos homens. Bem, é o que estou fazendo.

Mikhail suspirou, puxando as luvas de couro. Rivalidade entre irmãos não era o que ele precisava em sua mente agora.

— Eu vou fazer as rondas por um tempo. Alguém tomou o seu lugar de plantão?

— Sim. — Ele soprou as mãos em concha, aquecendo-as. — Gavril tomou meu lugar no ponto oeste do acampamento.

Mikhail acenou para Friedrich e Grant.

— Durma um pouco se puder. Vamos cavalgar com força total amanhã, independente dessa nevasca ainda estar forte ou não.

Ele levantou o capuz e saiu. Estranhamente, havia pouca neve caindo agora, mas um vento glacial soprava a nova camada em torrentes ondulantes. Ele puxou o lenço amarrado em volta do pescoço até os olhos para se proteger da friagem. Não havia neve no chão quando eles saíram do Grande Fórum; a tempestade se espalhou sobrenaturalmente rápido.

Ele congelou e olhou ao redor, o medo deslizando por sua espinha como um fio de gelo. As tendas foram colocadas em filas ordenadas. Ele ouviu acima do vento que gritava. Rumores de homens. Risos. Cascos dos cavalos arranhando o chão em tendas próximas. Lâminas de adagas sendo afiadas. Nada fora de sintonia.

Ele marchou diretamente para a tenda de Mina, montada no centro do acampamento e cercada por guardas. Ele passou pelos dois na frente e entrou em sua tenda, apenas para ficar atordoado com a visão que encontrou lá dentro.





Mina estava sentada em um tapete jogado no chão, junto à lareira de pedra. Ela desfez suas tranças e as escovou. Seus cabelos caíam em ondas douradas, brilhando à luz do fogo, como os raios do sol.

Ela se virou ao som dele entrando, uma carranca gravada em sua testa.

— Mikhail?

Calor se espalhou por seus membros rígidos quando ela se levantou e veio até ele. Para aguentar melhor a viagem, ela mudou seu vestido formal para o vestido que Sienna tinha dado a ela. Ela só não havia colocado ainda o corpete, aparentemente se preparando para dormir agora, com os pés descalços. As roupas ao estilo de Sienna lhe convinhavam bem. Ele a achou ainda mais atraente do que em seu traje de Rainha.

— O que está errado? — ele perguntou, puxando-a em seus braços.

Ela pressionou a cabeça na curva do ombro dele, seu corpo tremendo.

— Você está gelada.

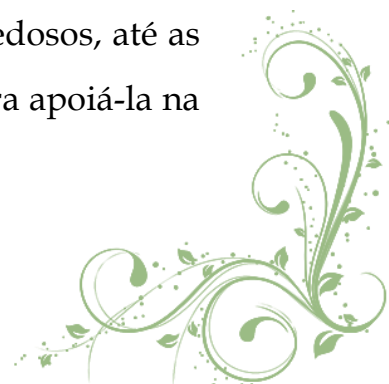
— Eu não consigo me aquecer o suficiente. — Sua voz estava meio abafada em sua capa. — Eu sinto que estou congelando por dentro.

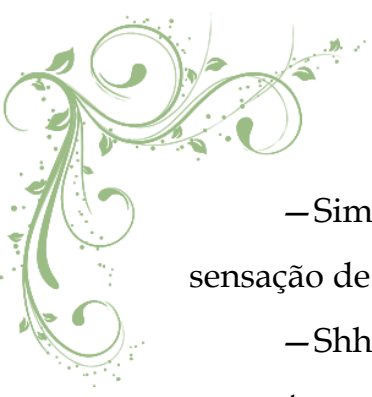
— Venha aqui. — Ele pegou a mão dela em sua luva e puxou-a para o catre, coberto por uma pele de urso, o forro interno alisado e curado para a suavidade da seda. Ele sabia porque era a pele dele. Ele precisava saber que ela seria mantida quente à noite, quando ele não poderia estar lá para fazer o trabalho sozinho, então ele se certificou de que a pele encontrasse seu caminho até aqui.

Sentado, ele a puxou para seu colo, segurando-a o mais perto que podia.

— Você teve um dia incrivelmente cansativo.

Querendo senti-la, ele tirou as luvas de couro sem empurrá-la e jogou-as de lado. Então ele a acariciou, passando da mão dela para os cabelos sedosos, até as costas. Ela se aconchegou perto, deslizando uma mão sob a capa para apoiá-la na camisa sobre o coração dele.





—Sim. Eu suponho que você esteja certo. Mas eu não consigo afastar a sensação de que algo ainda vai acontecer com você. *Conosco*.

—Shh... está tudo bem. — Ele continuou a esfregando suavemente, seu corpo tornando-se mole em seus braços. — Por que você está tão preocupada? É por causa de Izzy?

—Sim. E não. Eu também estou preocupada com você. — Sua minúscula mão agarrou a camisa dele. — Se alguma coisa acontecer com você, não sei se vou ser capaz de aguentar...

—Shhh. Nada vai acontecer, ninguém vai nos separar.

Uma onda feroz de necessidade e possessividade tomou conta dele. Ele inclinou a cabeça para cima, colocou um dedo sob o queixo dela e pressionou os lábios nos dela. Firme a princípio, ela se suavizou embaixo dele, abrindo a boca e deixando-o entrar. Ele a saboreou vagorosamente, como se uma tempestade selvagem não tivesse explodindo do lado de fora da porta e uma batalha iminente não os esperasse. Uma batalha que poderia realmente tirar sua vida. Ele era um grande guerreiro, mas havia uma boa chance de ele marchar para seu próprio destino pessoal. Ele não se contentaria até cortar a cabeça do Rei Dominik. Ele era esperto o suficiente para saber que um combate cara-a-cara com o rei açougueiro poderia acabar com sua vida.

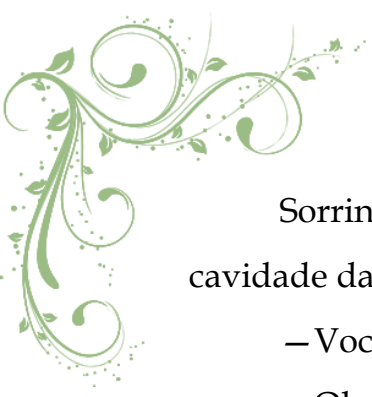
Ela gemeu na boca dele. Ele segurou a nuca dela, em seguida, chupou o lábio inferior cheio, deixando-o deslizar para fora lentamente. Ele lambeu os lábios dela entre os dele. Querendo provar mais de sua pele, ele arrastou os lábios por sua mandíbula, até o ponto sensível abaixo de sua orelha.

—Está melhor agora? — ele perguntou.

Ela apertou a mão no cabelo dele.

—Isso depende do que você considera melhor.





Sorrindo contra a seda cremosa de seu pescoço, ele arrastou a língua até a cavidade da clavícula. Suas unhas cravaram em seu couro cabeludo.

— Você está mais quente?

— Oh, sim. — ela respirou com voz rouca. — Mas agora estou também excitada.

Ele retornou aos lábios dela, deslizando a mão para o seio solto, amando a suavidade sob o tecido de lã. Ele amoleceu suavemente, passando o polegar sobre a ponta, sabendo que ela podia sentir a leve abrasão sob a camada.

— Mikhail. — Ela deslizou o nariz para o lado dele. — Por favor, me diga que você vai fazer algo sobre isso.

— O que você quer que eu faça, minha Rainha?

— Eu quero que você me jogue nessa cama, suba em cima de mim e me possua.

Ele parou, observando-a de perto. Seus olhos de vidro da cor do mar foram engolidos por suas pupilas dilatadas. Sua ousadia sufocou sua voz com luxúria. E ele que pensou que seu pênis já estava duro antes. Agora era uma vara de aço. De jeito nenhum ele deixaria este quarto sem fazer exatamente o que ela queria. O que ele queria.

— Muito bem, então.

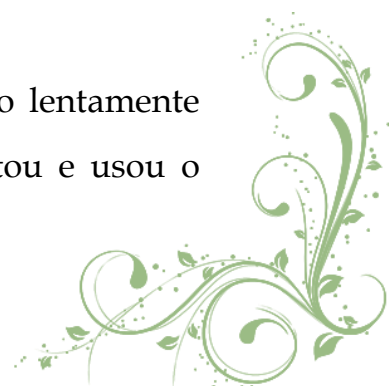
Ele enfiou a manga por cima do ombro até que o peito que ele estava provocando estivesse exposto, o mamilo cor-de-rosa endurecido para ele.

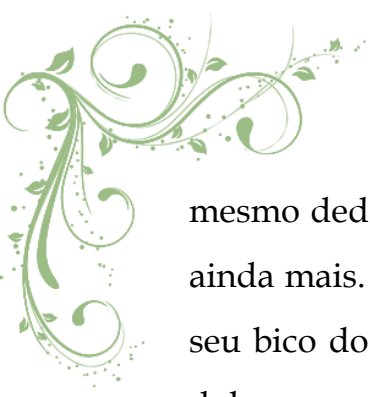
— Como minha Rainha quiser.

Ele segurou o queixo dela com uma mão, pressionando o dedo indicador nos lábios dela.

— Abra a boca.

Ela o fez, então ele deslizou o dedo para dentro, acariciando lentamente para dentro e para fora. Uma vez. Duas vezes. Então ele se afastou e usou o





mesmo dedo para circular e molhar o mamilo. O rosado de sua aréola aumentou ainda mais. Ela o observou enquanto ele circulava e depois beliscava suavemente seu bico do peito com o indicador e o polegar. A visão dela o observando o fez dolorosamente mais duro.

Levantando a mão para a boca dela, ele acariciou dois dedos de volta para dentro, seu olhar fixo no dele. Ele deslizou a mão por baixo da saia dela, onde ela havia aberto as pernas para ele. Esfregando os dedos ao longo de sua boceta quente e escorregadia.

— Deus, mulher. Já está tão molhada para mim.

— Sempre. — ela respondeu ofegante, semicerrando os olhos enquanto ele acariciava os dois dedos dentro dela, o polegar circulando em seu clitóris inchado.

Ele se inclinou e tomou o mamilo na boca, provocando-o com a língua. E com os dentes. Ela ofegou. Sua excitação perfumava o ar. Em um movimento rápido, ele a colocou de costas e puxou o vestido dela sobre a cabeça. Ela o ajudou, se afastando para liberar seu corpo da roupa.

Ele soltou sua capa e a jogou de lado. Ela já estava trabalhando no cinto de suas calças. E foda-se, ele ficou parado, pois era tudo que ele podia fazer para que ela abrisse o cinto sem rasgá-lo. Seu pênis se ergueu livre contra o abdômen, grosso e pronto.

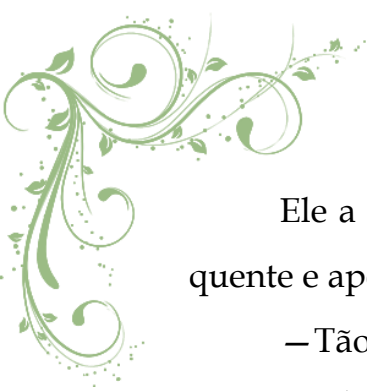
Ela engasgou novamente e se deitou, segurando os ombros para trazê-lo consigo. Ele não perdeu tempo, espalhando-a mais larga com seu corpo, alisando a cabeça de seu pênis ao longo de sua boceta, enquanto segurava seu peso em um antebraço. Seus olhos se fecharam.

— Diga-me o que você quer, *minha* Mina.

Ela sorriu.

— Seu pau grande e grosso dentro de mim.





Ele a atendeu com um impulso duro e rápido de seus quadris. Sua boceta quente e apertada pulsou em torno dele.

—Tão bom. — ele sussurrou. — Você é tão gostosa.

— Ah! — Ela arqueou o pescoço e balançou o quadril para cima.

— Você quer fazer isso devagar ou com força?

Seus olhos se abriram, o vampiro interior dela era quem estava agora olhando para ele.

— Com força.

— Foi o que eu pensei. — Ele se mexeu, ambos os antebraços de cada lado da cabeça dela. — Cruze seus tornozelos nas minhas costas.

Ela inclinou a pélvis para o ângulo perfeito. Ele puxou a ponta, em seguida, empurrou de volta, enterrando-se tão profundamente quanto permitia esta posição. A boca dela se abriu em êxtase. Ele abaixou e sussurrou contra seus lábios.

— Eu atingi seu algum lugar especial?

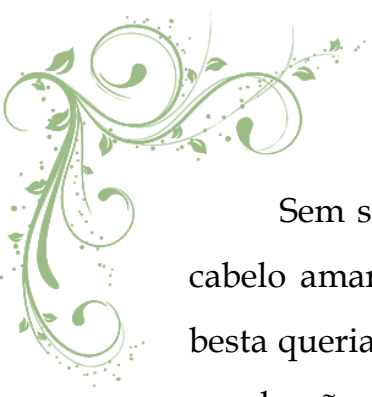
— Sim.

Ele fez de novo, e de novo, construindo um ritmo constante, certificando-se de bater em seu ponto G com toda força. Seus gemidos de prazer e o aperto de suas coxas ao redor dele quando ela se inclinou mais, quase o deixou louco. Sua necessidade por ela havia se tornado uma coisa desesperada e assustadora, exigindo alívio.

Mas não havia fim. Mesmo quando ele entrava em seu corpo, não era o suficiente. Nunca seria o suficiente. O medo de querê-la além da razão fez com que ele a penetrasse com mais força, empurrando mais rápido, seu pênis inchando quando ela ergueu a cabeça, aproximou a boca da orelha dele e disse.

— Sim, Mikhail. Me faça *sua mulher*. Eu sou sua e só sua.





Sem sequer pensar, ele puxou para fora e virou o corpo dela de bruços, o cabelo amarelo cor do sol se derramando sobre a pele de urso. *Tão bonita*. Sua besta queria essa beleza. Queria ela para si mesmo, para abraçá-la com a força de um dragão que guardava seu tesouro.

Ele agarrou seus quadris, abrindo suas coxas com as dele e olhou para baixo, para sua boceta rosada, inchada e brilhante. Com um gemido gutural, ele empurrou dentro dela. Ela enrolou os dedos no pelo escuro, o corpo branco como pérola se entregou e abriu. Para *ele*.

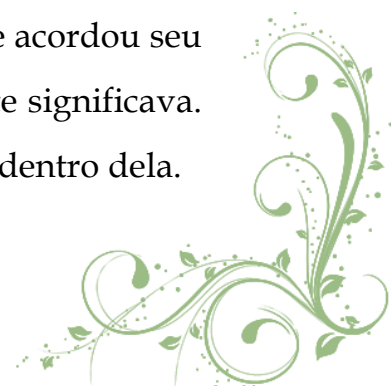
Ele olhou para baixo, observando seu pau grosso entrando em sua boceta macia e úmida.

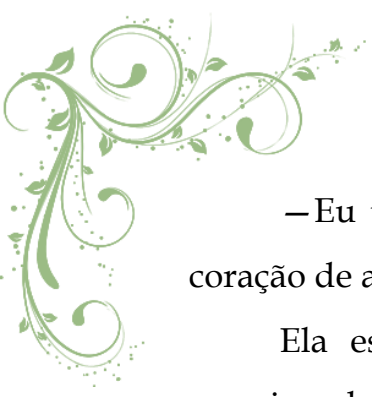
— Minha. — ele gemeu. Apertando os dedos na parte carnuda de seus quadris, ele bateu mais rápido, batendo sua carne na dela com um som satisfatório. Sua besta primitiva gostava disso. Amava isso. Queria isso. Queria ela. — Mina. — Ele repetiu o movimento. — Minha. — De novo. — Para sempre. — Ele se esfregou dentro dela, rebolando os quadris em um círculo, no final.

— *Sim*. — Ela gemeu com um longo gemido, seu orgasmo ondulando em torno de seu pau ainda duro. Ele continuou moendo duro contra a bunda dela, enquanto as ondas vibrantes o apertavam. — *Sim*. — ela sussurrou, sua respiração ofegante soprando mechas de loiro que caíram na frente de seu rosto.

Antes que ela caísse completamente, ele caiu para a frente, ainda vestido, exceto por suas calças na metade das coxas, pressionando perto de seu corpo, sua boca em seu ouvido. Em um ritmo mais lento, ele puxou todo o caminho e bombeou, mais e mais. Ele mordiscou sua orelha, em seguida, seu pescoço enquanto ela ofegava e sussurrava "*sim*", com cada impulso de seus quadris.

Ele pode tê-la acordado naquela noite, na torre, mas foi ela que acordou seu coração. E ele era forte o suficiente para admitir o que isso realmente significava. Ele roçou a boca perto da orelha dela novamente, ainda bombeando dentro dela.





—Eu te amo. — ele sussurrou, a verdade de suas palavras inchando seu coração de ansiedade, esperando em seu interior que ela sentisse o mesmo.

Ela estendeu a mão e apertou as mãos sobre as dele, que estavam pressionadas no pelo de pele de urso. Ela inclinou o traseiro para cima e virou a cabeça para ele.

—Me beije. Porque eu também te amo.

Ele uniu a boca à dela. As línguas se movendo tão docemente e ternamente. Ele gozou em um gemido feroz, mas ela não o deixou interromper o beijo. Ela chupou a língua dele dentro de sua boca enquanto ele esvaziava sua semente dentro de seu corpo.

E foi o paraíso. Como se as estrelas tivessem se alinhado e abençoado a ambos por reconhecer o amor quando o viram. E dando voz ao momento de seu nascimento.

Ele puxou para fora dela e rolou-a para pressionar um beijo sorridente em seus lábios.

—Eu te amo, Vilhelmina Dragomir.

Ela enlaçou seus braços esguios em volta do pescoço dele, uma lágrima escorregou de um olho enquanto sorria.

—E eu amo você, Mikhail Romanov.

—É tão ruim que você precisa chorar? — ele brincou.

—Não, isso é porque é bom demais.

Ele balançou a cabeça, sentindo-se quase tonto.

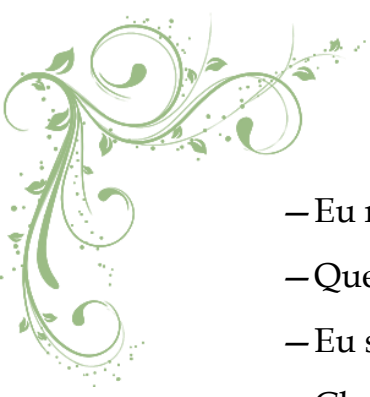
—Eu sempre achei que o amor deveria ser doloroso e comovente.

Ela riu, o som chegando direto dentro dele, deixando-o cada vez mais perto.

—Onde foi que você ouviu uma coisa dessas? — ela perguntou.

Ele deu de ombros.





—Eu não sei. Não é isso que eles dizem em todos os livros?

—Que tipo de livro você tem lido? Tragédias?

—Eu só leio livros sobre estratégia militar e armamentos.

—Claro.

Ela passou os dedos pelos cabelos dele. Ele queria que ela fizesse isso para sempre. Bem, talvez não para sempre. Ele gostaria de poder transar com ela também, entre uma e outra de suas carícias suaves.

—Bem, deixe-me explicar uma coisa para você, capitão. Há muitos livros que retratam o amor como o ápice da felicidade. Como o apogeu encantado do coração.

Ele passou a boca suavemente contra os lábios dela, inchados pelos beijos.

—E o seu coração está nesse apogeu, meu amor?

Sua expressão ficou séria quando ela segurou seu rosto.

—Sim. Absolutamente. — Ela pressionou um beijo suave em seus lábios. — Mas ficarei ainda mais feliz quando esta guerra acabar.

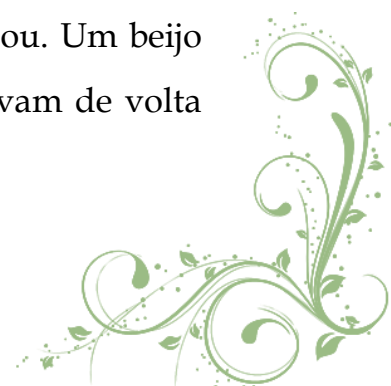
—Putá merda. — Ele se levantou da cama e começou a vestir novamente as calças, apertando o cinto o mais rápido possível.

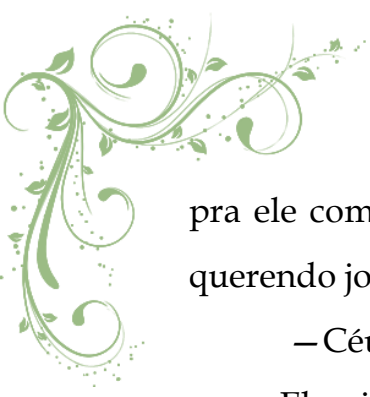
—O que foi?

Ele riu.

—*O que foi?* — Ele pegou sua pesada capa e prendeu o fecho, levantando o capuz. Então pegou as luvas e colocou uma delas. — Um olhar na sua direção e eu esqueci completamente do mundo fora desta tenda.

Ela sorriu, tão linda com sua pele clara, agora manchada de rosa por causa de seus beijos e carícias. Ele se inclinou sobre a cama, apertando a mão suavemente em seu cabelo solto com a mão sem luva, depois a beijou. Um beijo suave. Aqueles olhos semicerrados, fendas do mais puro azul olhavam de volta





pra ele com satisfação. Ele havia colocado esse olhar lá. Ele inchou de orgulho, querendo jogá-la de volta na cama.

— Céus, mulher. Eu acredito que você tenha capturado minha alma.

Ela virou a cabeça e deu um beijo na palma da mão dele. Sua doçura iria arruiná-lo, suavizando seu exterior resistente como o formidável líder da Guarda de Sangue. Ele sorriu para o fato de que ele não dava a mínima.

— Não se preocupe, capitão. — Ela o ajudou a colocar a segunda luva, certificando-se de que estava segura e firme. — Eu vou cuidar bem da sua alma.
— Ela olhou para cima, uma expressão vulnerável fazendo-a parecer infantil. — Você vai cuidar bem do meu coração, já que você o roubou?

Ele prendeu a mão enluvada em torno de seus dedos delicados, pressionando a palma da mão contra os lábios.

— Com todo o cuidado do mundo. — Sua garganta estava cheia de emoção. — Eu irei valorizá-lo para sempre. E eu nunca vou quebra-lo.

— Isso é uma promessa?

— Pela minha vida.

Então ela sorriu. E tudo estava certo com o mundo.

— Agora, você precisa dormir um pouco. Nós vamos sair no amanhecer. Quero você bem descansada, porque temos um longo passeio pela frente.

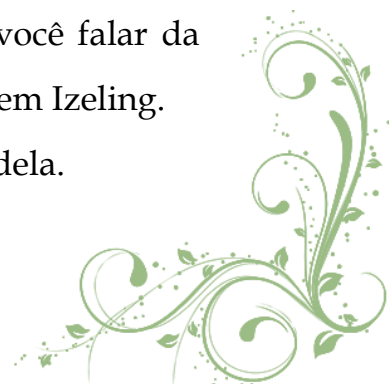
— Estamos indo direto para Izeling, não estamos?

Ele a ergueu em direção à cabeceira da cama para que ela pudesse enfiar-se sob o pelo de pele de urso. Ele precisava saber que ela estava segura e aquecida antes de sair em patrulha.

— Sim. Como você sabe?

— Eu ouço vocês homens mais do que você pensa. Eu ouvi você falar da fortaleza do rei, onde ele mantém seu exército de vampiros raivosos em Izeling.

Ele a colocou na cama e passou a mão sobre o cabelo dourado dela.





— Você será uma Rainha poderosa, Mina.

— Com você ao meu lado. — ela sussurrou. Hesitante. Interrogativamente.

— Sim, meu amor. — Ele sorriu e deu um beijo no topo da cabeça dela. —

Comigo ao seu lado.

Ela suspirou pesadamente, como se um peso tivesse saído de seus ombros. Ele nem percebeu que o tinha colocado lá. O quanto ele significava para ela. Mas agora ele sabia. E ela significava mais para ele do que a própria vida.

Ele marchou para a entrada e voltou uma última vez para encontrar a criatura mais bonita da Terra sorrindo para ele.

— Eu venho te acordar pela manhã.

Ela arqueou uma sobrancelha. Seu sorriso se tornou perverso.

— Estou ansiosa para isso.

Com uma risada, ele a deixou.

Ele acenou para os dois guardas vampiros de plantão na entrada, sentindo seis conjuntos de batimentos cardíacos próximos, cercando a parte de trás da tenda.

— Ninguém deixa o posto até a chegada de seus substitutos.

— Sim, capitão. — Eles disseram em uníssono.

Sentindo-se seguro, ele marchou em direção ao perímetro sul, para começar suas rondas. Seria uma noite longa na tempestade.





Capítulo Vinte e Cinco

Depois que Mikhail saiu, Mina não conseguiu dormir. Não depois do que acabara de acontecer entre eles. Ela jogou fora a pele, que estava realmente quente, então usou um pouco de água de seu cantil e um pano para se limpar. Ela começou a se recompor completamente, até as botas de cano alto e cinto com a adaga.

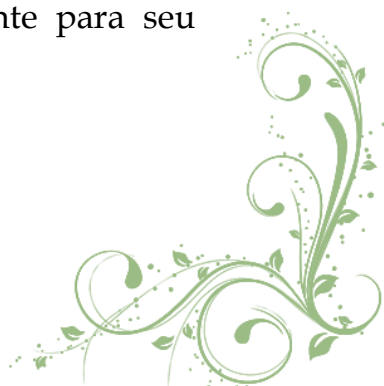
Algo se mexeu nos ventos tempestuosos do lado de fora. Ela se enrolou perto do fogo baixo, imaginando sua vida agora. Ela era a Rainha do seu reino. Sua casa. E ela amava um homem que a amava também. Ela queria sonhar com uma vida em Briar Rose com Mikhail, mas a guerra ainda pairava sob eles.

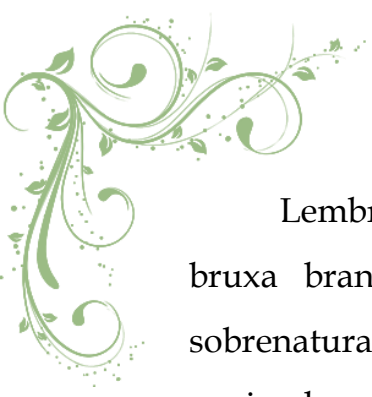
As brasas ardentes brilhavam com um tom de laranja profundo e ouro polido. Ela soltou um suspiro e os viu brilhar, brilhando em uma onda de luz mística. Quase como se houvesse respostas para serem encontradas lá. Ela olhou mais de perto, o calor irradiando não em sua pele, mas através dela, alcançando diretamente através da carne e osso em seu peito, pulsando, despertando algum segredo que ela deveria saber.

O que isso significa?

Ela sentiu isso antes em certos momentos de sua vida. Especialmente quando ela percorreu o caminho da Floresta de Silvane. Como um sussurro de outro mundo. Ela estava perto da resposta, perto de descobrir um grande segredo. Um que detinha um imenso poderoso. Estendendo a mão para o calor, ela tentou adivinhar qualquer mistério que brilhava sobrenaturalmente nas brasas de fogo, de alguma forma enviando uma linha diretamente para seu coração acelerado.

— Eu não entendo. — ela sussurrou.





Lembrando-se da história do conto de nascimento de Peter Petrov, da bruxa branca, da Hartstone, ela sabia que estava ligada a esse estupor sobrenatural. Então as brasas acenderam descontroladamente, crepitando, enviando uma chama verde sinistra que lambia o ar em uma linha reta, serpenteando sinuosamente para frente e para trás. Como um aviso.

A ponta da tenda se enrugou, tirando-a do transe. Dentro da entrada estava Gavril, com os olhos lançados no chão. Ela se levantou devagar, sentindo o desconforto dele.

—Gavril?

Seu olhar foi para o dela. Ela ofegou. Havia sempre um halo de dor emocional em torno do assassino quieto Gavril. Mikhail lhe contara sobre um passado assombrado do qual ainda sofria. Mas agora, em seus olhos azuis tempestuosos, rodopiava uma tempestade de dor física incapacitante. Os dedos dos punhos estavam brancos como ossos.

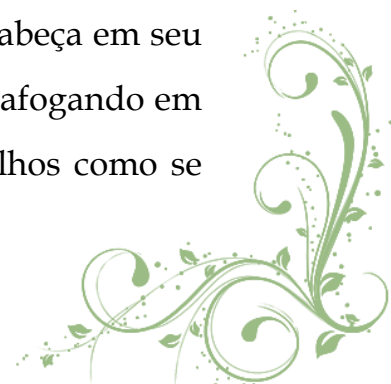
— *Gavril*. — Ela correu em direção a ele. — Conte-me. O que aconteceu?

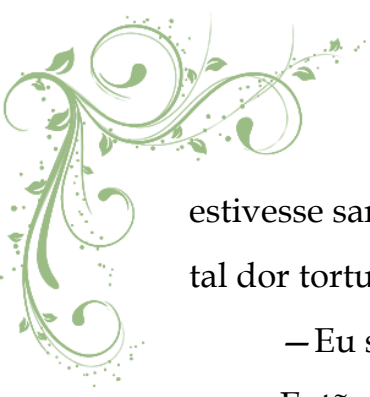
Sangue manchava seu pescoço e encharcava sua camisa escura sob o manto, o cheiro pungente enchendo suas narinas.

—Você está ferido.

Ela estendeu a mão para ajudá-lo, mas parou com os braços erguidos. Sua cabeça inclinou para um lado e depois o outro em um movimento enervante, como uma cobra levantando a cabeça da grama alta, seus olhos nunca a deixando.

Ela deu um passo para trás, percebendo tarde demais seu perigo. Ele estava sobre ela, torcendo seu corpo para que suas costas estivessem pressionadas contra ele, sua mão apertou com força sobre sua boca, fixando sua cabeça em seu peito. Quando ele falou no ouvido dela, era a voz de um homem se afogando em dor. Encheu-a tão completamente, que as lágrimas picaram seus olhos como se





estivesse sangrando em seu próprio corpo. Seus sentidos empáticos tremendo sob tal dor torturante.

—Eu sinto muito... minha Rainha.

Então ele se moveu em um borrão para o frio, onde o vento nevado uivava violentamente. Ela não viu nada enquanto eles passavam pela escuridão, longe do acampamento. Não conseguia distinguir nada a esta velocidade e nesta tempestade, que parecia respirar ameaça e violência, um ar pestilento ao vento. O cabelo dela, emaranhado pelo vendaval, cobriu os olhos quando Gavril a segurou em um aperto de ferro, acelerando em direção a algum mal desconhecido.

E, no entanto, ela sabia o que era, quem era, antes mesmo de finalmente parar em um afloramento de um penhasco. Gavril parou tão rapidamente que ela caiu de joelhos na neve. Ele fez o mesmo, mas aparentemente por sua própria vontade, como se estivesse em total derrota, com o peito arfando em grandes e dolorosas tragadas de ar.

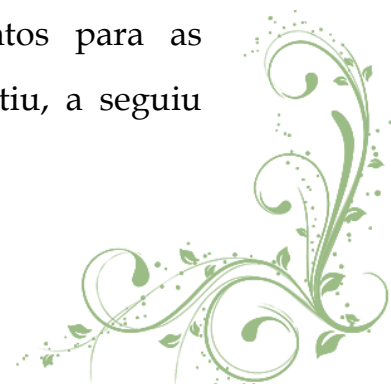
Eles estavam no sopé das Montanhas Novak, o ponto mais setentrional de Arkadia. Não muito longe da Torre de Vidro.

—Por que você me trouxe aqui?— ela perguntou a Gavril, cujos ombros caíram e a cabeça se curvou.

Sombras se materializavam em homens que se aproximavam dela no penhasco coberto de neve. A maior das figuras enviou seu pulso acelerado em um frenesi enlouquecedor. Ele usava uma armadura de estanho para a batalha, a crista vermelha e um dragão negro estampados na placa do peito.

—Não. — ela engasgou, olhando para cima quando ele parou diante dela.

—Sim. — O Rei Dominik sorriu daquele jeito selvagem que sempre lhe dava calafrios quando a espreitava com aqueles olhos famintos para as assembleias reais. Não era desconhecido para ela que ele a assistiu, a seguiu





como uma presa, mesmo quando ela estava prometida a seu irmão. Esse homem, esse monstro, não conhecia limites.

Ela estava paralisada, congelada de frio e medo, quando ele estendeu a mão e segurou sua bochecha com força.

— Finalmente. — Mesmo quando a tempestade açoitava ao redor deles, seu manto preto ondulando, ele falou em voz baixa e autoritária. — Eu gosto de você de joelhos, Vilhelmina. Vou colocá-la assim muitas vezes quando nos casarmos.

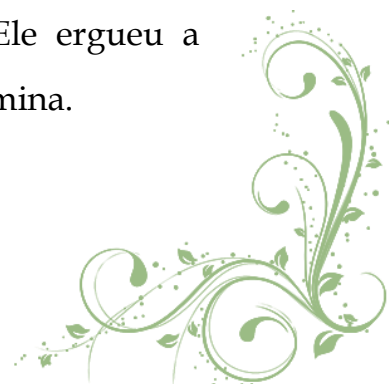
Ela saltou para fora de seu alcance e olhou para ele enquanto se levantava, desembainhando a adaga sob o manto. Ela não alcançou os ombros dele, mas podia mirar bem abaixo do queixo dele, como Mikhail lhe ensinara, como matara o Legionário na cabana da Floresta de Silvane.

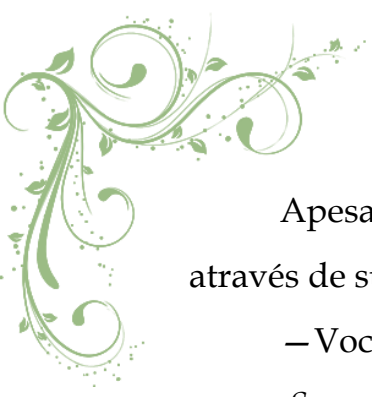
— Eu nunca vou me casar com você. — O nojo transbordou de todos os poros enquanto ela se movia rapidamente, sua grande mão apertando seu pulso enquanto ela cortava a parte inferior de seu queixo.

Ele apertou o pulso dela até que ela foi forçada a soltar a adaga. Sua boca se abriu em um sorriso cruel, caninos grossos e afiados. Ela se encolheu. Sua mão gigante agarrou o cabelo dela na parte de trás de sua cabeça enquanto ele se aproximava com força. Uma de suas mãos se achatou em sua armadura, fria e inflexível. A outro agarrou seu pulso, seu implacável aperto picando seu couro cabeludo. Ela não podia desviar o olhar dos olhos dele - aqueles que tinham visto incontáveis horrores feitos por suas próprias mãos. E ainda veria mais, ela tinha certeza disso.

Ele baixou a boca quase até a dela, sua voz trovejante retumbou contra seus lábios.

— Você fará o que eu quiser que você faça, Princesa. — Ele ergueu a sobrancelha em um tom de zombaria. — Quero dizer, Rainha Vilhelmina.





Apesar do fragmento de pavor e espinhos da ameaça gelada que corria através de suas veias, ela olhou para ele.

— Você não tem ideia do que está vindo para você.

Seu príncipe sombrio.

Ele riu e puxou a cabeça dela bruscamente para a direita, finalmente soltou o pulso dela para bater a outra mão no traseiro dela.

— Você não tem ideia do que está vindo para *you*.

— Ah! — Ela gritou com a pontada de dor quando ele puxou cruelmente perto de seu couro cabeludo.

— Você acha que eu tenho medo de seus soldadinhos de brinquedo? — Sua boca estava em seu ouvido. Sua língua lambeu uma linha lenta pela garganta e voltou para cima. — Você vai ser minha escrava voluntária, Vilhelmina. Implorando-me de joelhos todas as noites. Ele raspou suas presas afiadas até o pulso dela.

— *Não!*

Ela lutou, impotente contra um vampiro tão forte quanto ele.

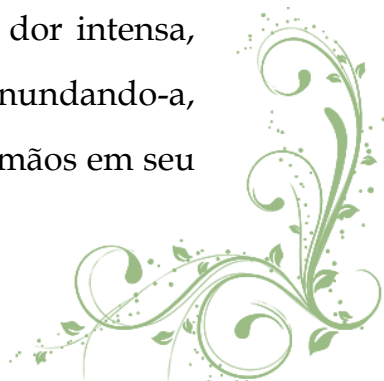
— Sim. Lute comigo, pequena pomba. Isso é tão bom.

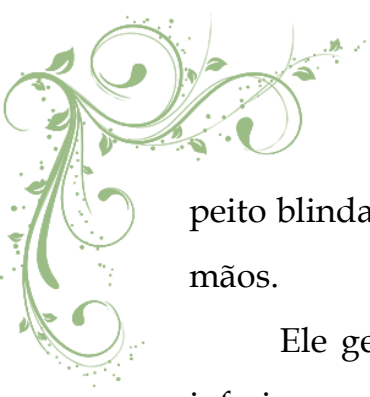
Sua risada estridente enviou uma onda de raiva através dela. Ela puxou a mão de volta e deu um tapa na bochecha direita dele. Forte.

Sua expressão escureceu, endureceu, mudou para mais fera do que homem, seus olhos de vampiro brilhando como um cometa em chamas.

— Acho que minha noiva precisa aprender uma lição sobre quem é seu mestre.

Ele abriu a boca e afundou suas presas profundamente em sua carne, entre o ombro e o pescoço. Ela soltou um grito sufocante, sentindo uma dor intensa, súbita e violenta. Seu elixir bombeava quente e forte em suas veias, inundando-a, aleijando-a com seu domínio malévolo e controle sinistro. Ambas as mãos em seu





peito blindado se curvaram para dentro até que ela cravou as unhas nas próprias mãos.

Ele gemeu quando ele a sugou profundamente, a mão dele em sua parte inferior apertando e esmagando seus corpos juntos em alguma paródia do abraço de um amante. Uma lágrima finalmente escorregou de sua bochecha, descamando no gelo antes de ser arrastada pelo vento glacial.

— Por favor. — ela sussurrou, a dor de sua mordida e elixir a enviando para a beira da inconsciência.

Gemendo, ele puxou suas presas de sua carne e lambeu o local completamente. Seu toque fazendo seu estômago revirar com ácido.

— Parece que minha pequena pombinha tem brincado por aí. — ele murmurou em seu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha até que provavelmente estava sangrando. Ela ofegou. Ele não lambeu sua ferida desta vez, para permitir que ela se curasse.

Recuando de volta à sua altura total, ele olhou para ela acusadoramente.

— Você cheira a outro homem. — Esmagando seus lábios aos dela em uma zombaria de um beijo, ele acariciou os lábios dela com a língua tão profundamente, que ela travou os lábios juntos. Então ele puxou de volta, mordendo o lábio inferior dela com uma presa. Mais uma vez, deixando a ferida aberta. Uma gota de sangue perolou em seu lábio. — Mas não por muito tempo.

Ele a soltou tão rápido que ela tropeçou, mas não caiu.

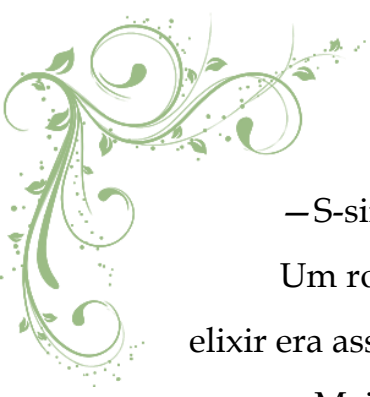
— Você é minha agora, Vilhelmina. Você fará o que eu ordeno que você faça.

— Não, eu não...

Como uma faca serrilhada arranhando sua espinha, uma dor intensa a curvou em agonia. Ela gritou.

— Apenas diga: 'Sim, mestre' e toda a dor irá embora.





—S-sim, mestre. — ela sussurrou, pouco acima do vento.

Um rolo de prazer tomou conta da dor como se não tivesse acontecido. Seu elixir era assustadoramente poderoso.

—Mais alto, pequena pomba.

Ele levantou o queixo dela, forçando-a a olhar para ele. O medo da dor arrancou uma resposta silenciosa de sua boca.

—Sim, mestre. — Ela pode ter dito as palavras, mas o desafio ardia em seu peito.

Ele sorriu, porque ele sabia disso.

—Eu vou gostar de fazer você dizer isso de novo e de novo.

—Sua Majestade! Nós deveríamos estar saindo. Os rastreadores não ficarão muito atrás.

—Sim, Kostya. — disse ele, por cima do ombro.

Sem aviso, ele se inclinou, agarrou seus quadris, levantou-a e a jogou por cima do ombro, segurando-a com firmeza pela parte de trás das coxas.

—Sua Majestade, o que fazemos com ele?

De cabeça para baixo, ela olhou para os Legionários em ambos os lados de Gavril, que ainda estava ajoelhado em silêncio na neve. Sua cabeça baixa. Sem movimento.

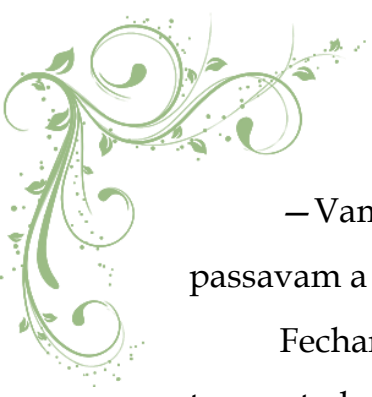
—Jogue-o sobre o penhasco. Se a queda não o matar. Seus irmãos de sangue irão.

—Não! — Mina gritou quando eles arrastaram um Gavril não-resistente para a borda e o jogaram na escuridão fria.

—Não se preocupe sua linda cabecinha. — disse o Rei Dominik, apertando sua coxa com força. — Tenho certeza de que foi uma morte indolor. Não foi, homens?

—Sim. — respondeu o coro de uma dúzia de soldados.





—Vamos para casa. — Ele riu, e seus Legionários com ele, enquanto eles passavam a noite, se afastando rapidamente de Arkadia. Se afastando de Mikhail.

Fechando os olhos, ela fez uma oração para as estrelas acima, borrada pela tempestade cinzenta, implorando pela resposta que procurara há pouco tempo naquelas chamas para queimar de volta à vida dentro dela. Havia uma saída para isso, um caminho de fuga, um caminho para a vitória. Mas ela não podia ver. Apenas sintia. Ela implorou ao destino que lhe mostrasse como guiar sua mão. E seu coração.

—Por favor. — ela sussurrou. O vento pegou a palavra e engoliu como um monstro voraz.

Ainda assim, ela se manteve na esperança. Não importa que o próprio diabo a segurasse cativa em suas mãos. Não importava que ela soubesse que suas intenções eram sujas e distorcidas. Não importava que a Rainha tivesse planos ainda mais diabólicos para ela. Era um sentimento de esperança que voava ao vento ao lado dela, como uma cotovia varrida pelo vendaval, esfarrapada, mas lutando para permanecer viva. Sem desistir, permanecendo com ela até o fim, mesmo quando suas asas estivessem desgastadas e feridas.

Mina fechou os olhos e embalou aquela esperança dentro de seu peito, não permitindo que o medo a destruísse agora. Sua oração tomou nova forma enquanto ela sussurrava, tão suavemente, que só ela podia ouvir o mantra que lhe dava força.

— *Mikhail... Mikhail.*





Capítulo Vinte e Seis

Mikhail corria contra o vento. Tinha acelerado conforme ele percorria o perímetro sul do acampamento, até a extremidade ocidental, onde passara algum tempo conversando com cada um dos guardas e ainda falando com Gregory provisões que alguns dos homens pegaram antes de deixar Arkadia. Tudo estava quieto, exceto pelo vento uivante. Nada fora do comum.

Ele subiu a encosta, onde uma colina protegia seu acampamento dos ventos mais fortes. Katya estava parada como uma árvore, plantada no chão no cume. Ela se virou diante da aproximação dele, desembainhando a adaga.

— Calma, irmã. Eu não sou o inimigo.

Seus olhos eram tudo o que era visível nela; a cabeça estava coberta e o rosto protegido por um lenço como o dele. Ela revirou os olhos para ele.

— Droga, Mikhail. — Ela não usava o título de capitão quando eles estavam sozinhos. — Esse vento está me enganando. Mexendo com meus sentidos.

— Sim. — Ele franziu a testa, cruzando os braços sobre o peito e ficando ao vento para bloqueá-lo o melhor que podia. — Os meus também.

Ela cruzou os braços de uma maneira similar.

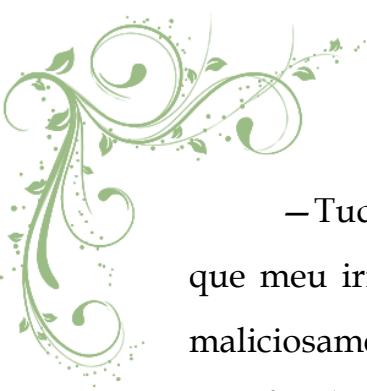
— Eu sei o que você está fazendo. Eu não preciso de você para me proteger de uma pequena tempestade de neve, irmão.

Ele zombou.

— Katya. Você é a mulher mais durona, valente e teimosa que eu conheço. Você já provou isso, ok? — Ele a cutucou com o cotovelo. — Mas, você ainda é minha irmãzinha.

Seus olhos enrugaram com seu sorriso por baixo do lenço.





—Tudo bem, então. Eu vou permitir isso. — Ela suspirou. — Para evitar que meu irmão mais velho se sinta insignificante. — Seus olhos se estreitaram maliciosamente. — Embora eu acredite que alguém o tenha convencido de seu significado.

Ele endureceu.

—O que você quer dizer com isso?

Outro revirar de olhos.

—Por favor, Mikhail. Todo o campo sabe que você e a Rainha estão apaixonados um pelo outro.

—Apaixonado? Eu sou o capitão do Guarda de Sangue. Eu não me apaixono.

Ela riu.

—Mentiroso.

Ele sorriu por baixo do lenço e encolheu os ombros.

—É... eu sou.

Katya ficou séria.

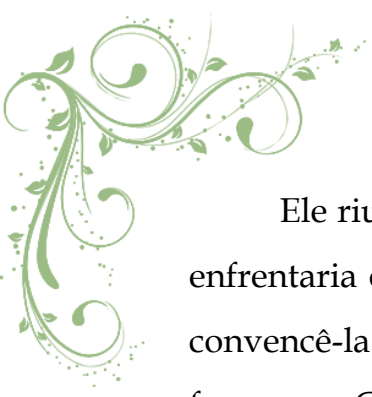
—Você faria bem em se casar com uma Rainha, irmão. Seria apropriado. Você não acha?

Ele olhou para baixo, sem vontade de ir por esse caminho na conversa, novamente. Ele fez uma promessa para Mina, e ele iria mantê-la. Ele nunca a deixaria. *Nunca*. Mas ele não tinha certeza de como ele se encaixaria exatamente no mundo dela. O tempo diria. Em vez de responder à pergunta de sua irmã, ele notou suas mãos enluvadas tremendo quando ela agarrou seus braços cruzados.

—Você esteve aqui por tempo suficiente. Por que você não dorme um pouco? Eu tomarei seu lugar.

—Você tem certeza? Eu posso permanecer em serviço por mais tempo.





Ele riu. Ela sempre foi teimosa além da razão. Mesmo quando pequena, ela enfrentaria o maior valentão no pátio da escola. Ele não teve a menor chance de convencê-la a ficar em casa com a mãe depois que o pai morreu e ele partiu para formar o Guarda de Sangue. Ela jurou que os seguiria, se ele e Dmitri a deixassem para trás. Então, ela se tornou a única mulher no exército deles.

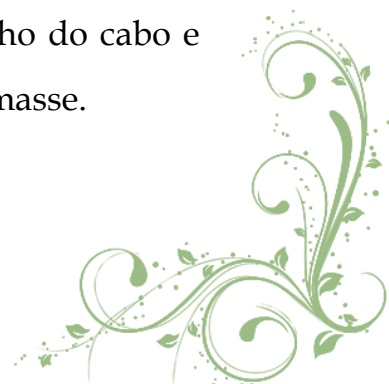
— Vá de uma vez. Mas antes, vá para o perímetro Leste e diga a Gavril para descansar agora, e peça a outro guarda para ir substituí-lo. Eu não fiz isso quando sai.

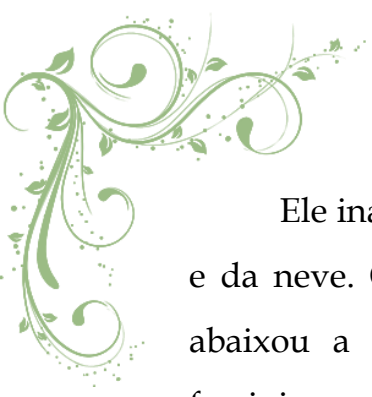
Ela assentiu e se afastou.

Mikhail encarou o vento, longe do acampamento. Ele conjurou imagens para mantê-lo aquecido. Pele de alabastro. Suspiros ardentes. Promessas de roubar as almas. Olhos azuis escurecidos.

Ele sorriu, uma onda de contentamento aquecendo-o de dentro para fora. Este não era o plano. *Ela* não era o plano. O plano estava tão longe disso que ele riu de sua própria falta de previsão. O homem que planejou todas as manobras, repensando cada resultado possível antes de dar os devidos passos. E ela havia pisado diretamente na direção dele. Em sua mente, ela era o único meio para a vitória deles. Apenas um instrumento para destruir a antiga monarquia e trazer uma nova. Só isso. Ele nunca calculou a possibilidade de que a Princesa que ele acordou com um beijo de sangue o envolvesse tão completamente.

Um zumbido distante soou no vento. Vindo do Nordeste. Ele olhou para a escuridão, sabendo que havia uma planície aberta naquela direção, embora a tempestade de neve o impedisse de ver mais ao longe, mesmo com sua visão de vampiro aguçada. O pulsar repetitivo se transformou no baque reconhecível de cascos. Ele desembainhou a espada, segurando firmemente no punho do cabo e olhou para a escuridão, aguardando qualquer ameaça que se aproximasse.





Ele inalou profundamente, incapaz de sentir outro cheiro que não o do gelo e da neve. Os cavaleiros se materializaram, quatro deles, logo à esquerda. Ele abaixou a espada quando avistou o distinto capuz vermelho do cavaleiro feminino, e seus aromas familiares tomaram conta dele. Ele levantou a mão no ar para chamar sua atenção.

Nikolai o viu primeiro, empurrando a montaria em direção a Mikhail. Os outros três o seguindo, galopando até ele. Nikolai saltou de sua montaria e disparou para Sienna, levantando-a da sela antes que ela tivesse a chance de desmontar. Sienna puxou o lenço branco que ela enrolou em torno de seu rosto, suas respirações soprando nuvens brancas.

— Nikolai. Sienna O que aconteceu?

A expressão de Sienna parecia desesperada.

— Capitão, precisamos ir até Mina imediatamente.

— Diga-me do que se trata.

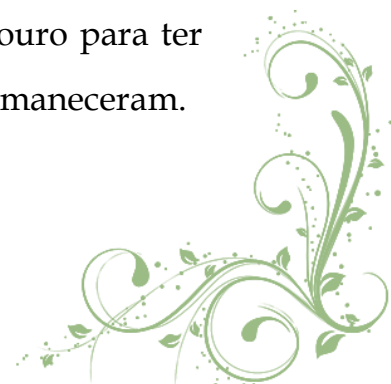
Seu olhar mudou para os outros dois cavaleiros. Um era Dane Godric, o lobo místico, que andava em sua forma humana, seus olhos dourados brilhando como sóis em chamas no escuro. O outro homem, encapuzado, mas sem qualquer escudo no rosto, revelava o rosto duro de um vampiro perigoso, uma mancha sobre um olho, uma cicatriz maligna saindo de baixo.

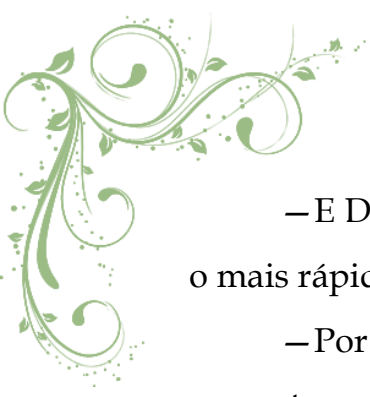
Nikolai notou a observação perspicaz de Mikhail dos homens.

— Esta é meu primo, Riker, de volta de Cutters Cove. — O vampiro com a cicatriz assentiu.

Mikhail se lembrou que Nikolai contou sobre seu primo que havia sido torturado na Torre de Vidro para obter informações sobre ele, Sienna e o Black Lily. O homem havia sido espancado e entalhado com lâminas de ouro para ter certeza de que as cicatrizes permaneceriam. Aparentemente, elas permaneceram.

Nikolai acenou para o outro companheiro.





—E Dane também veio. Nós cavalgamos sem parar, para trazer Sienna aqui o mais rápido que pudemos.

—Por favor. — Sienna deu um passo à frente, um fio de cabelo ruivo preso ao vento, um apelo urgente em seus olhos. — Eu preciso vê-la.

—O que foi que aconteceu? — O pressentimento pingava no ar, como uma pestilência negra.

—Podemos entrar, capitão? — Nikolai olhou ao redor. Mesmo enquanto ele falava, o vento diminuía devido ao rugido constante que tinha sido por horas.

Antes que Mikhail pudesse se virar e levá-los embora, Sienna agarrou seu antebraço com uma mão enluvada.

—Duas noites atrás, eu tive um sonho. Uma premonição. — Ela olhou de lado para Nikolai.

Nikolai se aproximou.

—O Hartstone está falando com ela novamente.

—Continue. — Mikhail pediu.

—Sonhei com um grande salão em um belo castelo. O símbolo do dragão branco de Arkadia estava pendurado atrás do trono, onde um Rei estava sentado perto do berço de seu bebê. A Rainha Morgrid estava lá, exigindo que a bebê fosse dada a seu filho mais novo em casamento, quando ela fosse maior de idade.

Mikhail franziu a testa.

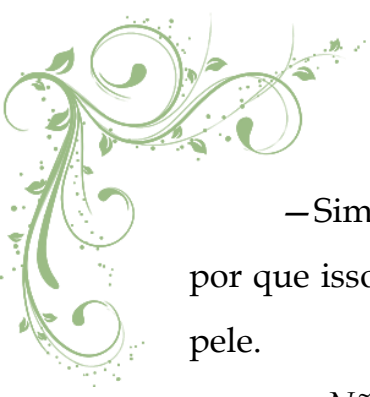
—Isso não é um sonho. Esta é a verdadeira história do nascimento de Mina.
— Por que eles viriam até aqui para contar uma história que ele já conhecia?

—Sim. — disse Sienna, ainda segurando o braço dele. — Mas escute. A Rainha Morgrid amaldiçoou o bebê e foi embora. Então, uma bruxa branca veio e a abençoou.

Ele assentiu. Ele sabia de tudo isso. O que estava acontecendo?

—Você sabe o que a bruxa branca profetizou?





—Sim. Que a bebê se tornaria Rainha e salvaria à todos eles. Não entendo por que isso é tão urgente. — A agitação de Mikhail se arrepiou ao longo de sua pele.

— Não. — disse Sienna, sacudindo a cabeça. — Ela disse: 'Você vai beber fogo em sua alma e despertar a besta da vingança e da justiça'. É isso que vai trazer a vitória.

Mikhail olhou de relance para Nikolai e depois para Sienna, não conseguindo entender por que isso era tão importante.

—Ouça-me, Mikhail. — Sienna se aproximou, segurando-o com as duas mãos, uma urgência desesperada vibrando em sua voz. Seus olhos verdes brilhavam com faíscas de ouro. — *Eu sou o fogo do qual Mina deve beber. A magia do fogo que corre no meu sangue. Eu vi. Na visão, eu levantei a bebê em meus braços, a tirei do berço, depois ela se transformou, assumindo a mesma imagem que Mina tem agora. Nós estávamos de mãos dadas, então ela bebeu da minha garganta.*

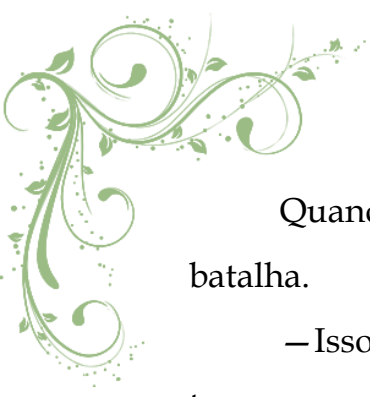
Mikhail não pôde deixar de se perguntar se isso era algum efeito de viver dentro da Floresta de Silvane por muito tempo. Tão estranho. E surreal.

Sienna pareceu ver sua dúvida. Ela se aproximou intimamente e segurou o rosto dele com as mãos.

—Isso não é fruto da minha imaginação, capitão. — Suas palmas se aqueceram contra sua pele, enviando um tremor de energia em sua mente. Ele viu a visão se desdobrar.

Mina bebe da garganta de Sienna. Uma rajada de luz branca. Um campo de soldados mortos vestidos de libré preto e vermelho. O exército de Dominik. E finalmente a alta bandeira verde com o sigilo de Arkadian, o dragão branco, chicoteando com a brisa na vitória.





Quando ele saiu de sua visão, seu coração batia como um tambor de batalha.

— Isso é urgente, capitão. Não consigo dormir. Não consigo comer. A magia tem me empurrado com força desde que acordei com essa visão.

— Venham. — disse Mikhail.

Os outros dois desmontaram, levando os cavalos pelos freios, descendo a colina até o acampamento.

Katya apareceu no sopé da colina, com os olhos arregalados e sem fôlego. Não de fadiga. Do medo.

— Mikhail! — Ela correu para ele.

— O que foi? — Ele agarrou seus ombros.

— Gavril se foi. Ele não está em seu posto e há... há sangue na neve.

Uma súbita explosão de medo atravessou seu corpo. O momento dessa tempestade com a coroação e a escuridão intensa que varreu a terra com ela. O vento errático dificultando seus sentidos vampíricos. As constantes cutucadas em sua psique de que algo não estava certo.

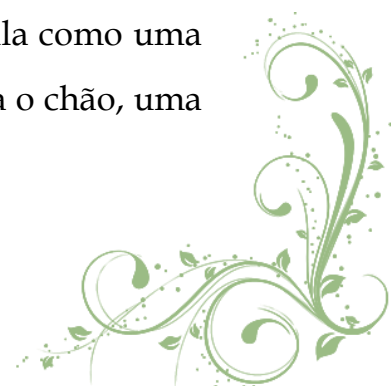
Magia negra.

Ele virou a cabeça na direção da tenda de Mina.

— Não!

Sem uma palavra, ele os deixou, piscando através do acampamento, rápido como um raio. Os dois guardas na porta estavam no chão, com as pernas contorcidas de maneira não natural. Deixando isso de lado, sabendo o que ele acharia, ele correu até a barraca, achando exatamente o que ele temia que encontraria - nada. *Ninguém.*

Penteando os dedos contra o couro cabeludo, ele circulou a sala como uma fera enjaulada, procurando por algo. Ali, no tapete áspero que cobria o chão, uma





única mancha de carmesim. Ajoelhando-se, ele enxugou o dedo e cheirou profundamente.

Gavril. Ele derramou sangue suficiente com ele ao longo dos anos para conhecer seu perfume. Então, ele não tinha sido morto em seu turno, mas foi arrastado e empurrado em uma ravina para que os homens do Rei pudessem contorná-lo no acampamento. Claro que não. *O Rei*.

—Foda-se, caralho! — ele rugiu.

Ele se virou e cruzou caminhos com Sienna e com Katya. Ele não parou quando Katya gritou, voltando para sua tenda. No momento em que ele tirou o manto e abriu o baú de armas, armando-se com navalhas afiadas de dois gumes em cada bolso e bainha que ele podia carregar, enchendo as dúzias de fendas ao longo de seu arnês cruzado com as lâminas dos dedos. Dmitri estava ao seu lado em uma onda violenta de vento.

—Como isso aconteceu?

Gritos ecoaram pelo acampamento enquanto a notícia se espalhava.

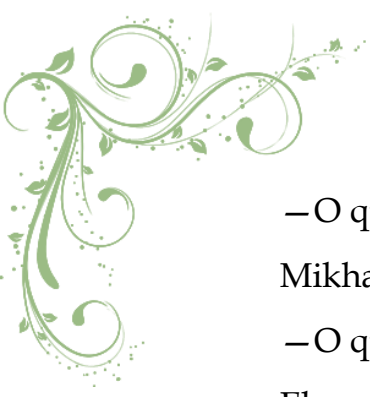
Ele não reconheceu sua própria voz, o timbre malévolo rugindo fora de sua garganta como um animal encurralado.

—Dominik, aquele filho da puta açougueiro, mordeu Gavril e injetou seu elixir nele, então ordenou que ele sequestrasse Mina.

Foi o plano perfeito. Eles farejariam um estranho no acampamento, mas ninguém impediria que Gavril, um de seus soldados, entrasse na tenda da Rainha.

Ele tinha visto o que o poder de persuasão do Rei podia fazer mesmo depois do elixir ter passado. Ele e Friedrich haviam interrogado um de seus lacaios mordidos em Winter Hill. O vampiro selvagem caiu inconsciente e morreu depois de desobedecer a um comando do Rei, dando-lhes informações. Gavril foi recém mordido. Ele não teve a menor chance.





—O que você vai fazer?

Mikhail olhou para ele.

—O que você acha que eu vou fazer? Eu vou trazê-la de volta.

Ele soltou o cinto e colocou mais duas bainhas além da que já estava lá. Ele teria adagas serrilhadas para rasgar os tendões e ossos em ambos os quadris e um em suas costas.

—Você não vai sozinho. — Dmitri estava em seu caminho antes que ele pudesse voltar para o baú de armas. — Você será morto.

Nikolai entrou com Sienna, Dane e Riker mais atrás. Então, Katya também entrou.

—Você acha que minha vida é mais importante que a dela, irmão?

Gelo transbordava de cada palavra. Ele perdeu a habilidade de raciocinar como o capitão que ele era. Apenas uma força motriz movia seus pés e bombeava sangue para seu coração neste momento. *Mina*

—Só estou dizendo que nós precisamos de um plano. Se você parasse tempo suficiente para pensar, poderíamos formar um.

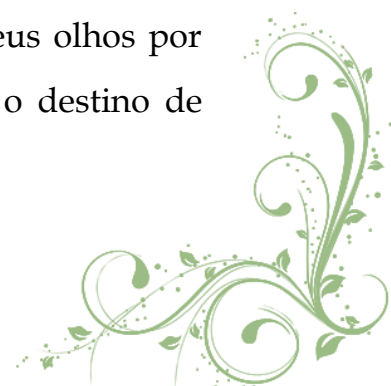
—Nós estamos indo com você. — disse Nikolai.

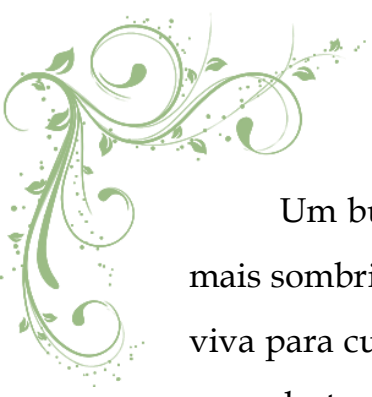
Friedrich entrou com Grant.

—É verdade? — perguntou Friedrich.

Ver Friedrich foi a única coisa que o fez parar. Sua esposa esteve sob o poder daquele bastardo cruel. Brenna sentiu os dedos frios e gelados de seu domínio em suas veias, puxando suas cordas como uma marionete. Ela sentiu seu julgo violento quando ele cortou a garganta dela com sua própria garra, diante dos olhos de Friedrich, incapaz de detê-lo.

—Sim. — Ele desviou o olhar, incapaz de ver o horror em seus olhos por mais tempo. O que Brenna experimentou poderia muito bem ser o destino de Mina, sob o domínio daquele filho da puta desgraçado.





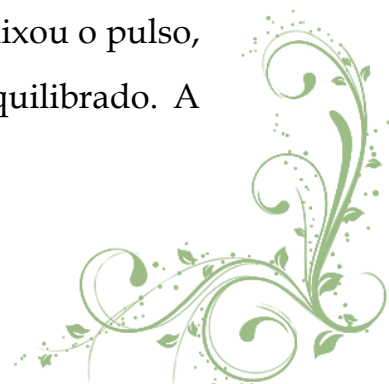
Um buraco profundo se abriu dentro dele. Um abismo preenchendo o tipo mais sombrio de pavor. O Rei não a mataria. Ele sabia disso. Eles precisavam dela viva para cumprir o plano da Rainha Morgrid de realizar o ritual da magia negra para destruir o mundo na escuridão. No entanto, cumprir esse plano também exigiria que o Rei engravidasse Mina, para que Morgrid pudesse sacrificar o recém-nascido puro-sangue Varis na hora de seu nascimento. O pensamento fez sua visão borrar, manchas negras apareceram em sua visão periférica.

O Rei Dominik não pode matá-la, mas ele era o único homem neste mundo que poderia fazer muito pior. Mikhail ouvira os horrores de sua brutalidade.

Pensamentos sombrios inundaram sua estrutura, pensando em Mina no controle de tal monstro. Ele sacudiu a cabeça, não querendo permitir que sua mente saísse do controle. A culpa de sua própria negligência ameaçou deixá-lo insano. Enquanto ele deveria ter sentido que esta tempestade estava errada de uma forma sobrenatural, ele estava muito distraído por suas emoções e necessidades em relação à Mina. A razão pela qual ele havia feito um voto para a Guarda de Sangue, exigindo o abandono do amor ou do casamento tinha sido a mesma pela qual ele tinha falhado com ela. A razão pela qual ela estava agora nas mãos implacáveis do Rei açougueiro.

Foco. Mantenha a concentração. Pensamentos tranquilos, mãos hábeis.

Ele ergueu a espada de lâmina dupla, feita sob medida e forjada por um amigo em Korinth. O cabo no centro, feito de carvalho negro da Floresta Silvane, foi alisado e afiado para encaixar perfeitamente em seu punho. As lâminas de ferro negro - afiadas como navalha de um lado, serrilhadas do outro, curvando-se em direções opostas - estendiam-se três metros de um ponto a outro. As bordas das duas lâminas brilhavam com ouro. Segurando com força, ele abaixou o pulso, cortando o vento de um lado e depois do outro. Perfeitamente equilibrado. A





arma suprema para decapitar as vítimas. E ele tinha apenas uma vítima em mente no momento.

—Mikhail!

Seus olhos se levantaram, todos olhando para ele. Ele estava em seu próprio transe.

—Você ouviu o que eu disse ? — Dmitri se aproximou, medo e frustração em seu rosto.

—Sim, Dmitri. — Embora ele não tivesse ouvido uma palavra. — Traga Gregoravich rapidamente. E alerte a equipe de Elite.

Dmitri desapareceu pela aba da tenda, uma rajada de vento glacial soprando em seu lugar. A Elite de Mikhail eram seus assassinos mais habilidosos. Ele deslizou uma bainha em uma das lâminas da espada e uma segunda na outra lâmina, depois enfiou-a no arnês cruzando seu peito. Levantando a capa, ele a enganchou no pescoço e varreu a sala com um olhar avaliador.

—Nikolai, seu grupo é bem-vindo a nos seguir, mas eu não vou parar no caminho. Por nada. — Ele olhou para Sienna. — Nem ninguém.

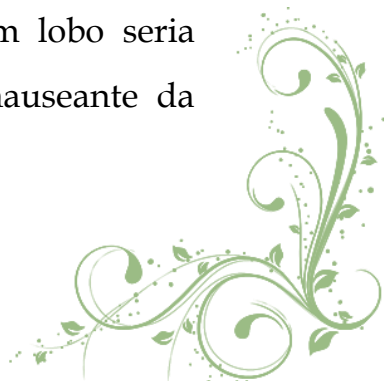
Nikolai assentiu.

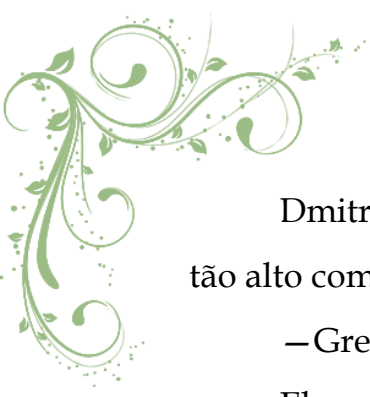
—Vamos em frente.

Dane deu um passo à frente, o montanhoso lobo místico em forma humana acendendo a tenda mal iluminada com seus olhos dourados.

—Eu vou levar Sienna. — Ele estremeceu, como se a necessidade de se transformar estivesse sobre ele agora. — Nós estaremos logo atrás.

Nikolai concordou com a cabeça. Mikhail ouvira Sienna reclamar com frequência das náuseas que experimentava viajando à velocidade de vampiro nos braços de Nikolai. Andar nas costas de Dane enquanto ele é um lobo seria infinitamente mais rápido do que a cavalo, mas não no ritmo nauseante da velocidade dos vampiros.





Dmitri entrou de novo com Gregoravich atrás dele, ao lado de Dane, quase tão alto com a mesma constituição corpulenta.

—Gregory, eu preciso de você na liderança do rastreamento.

Ele era um leitor de memória, nascido com um dom de vampiro, onde ele poderia recapturar memórias de pessoas apenas tocando os lugares que elas tinham estado.

—Sim, capitão. — respondeu Gregory, franzindo o cenho.

Não houve tempo para discutir sobre Gavril e sua traição forçada ou onde ele estava agora, mas a tensão que rolou fora Gregoravich, que era um amigo próximo, lhe disse o suficiente. O homem queria respostas, tanto quanto ele.

—Dmitri, eu preciso que você relate ao Príncipe Marius e Arabelle o que aconteceu. Monte o exército e faça com que eles se movam em direção a Izeling. Você é o mais rápido, então não discuta comigo.

Dmitri fechou a boca, já que aparentemente estava prestes a fazer isso.

—Tem certeza de que é onde ele vai levá-la? — perguntou Nikolai. — A Torre de Vidro não está longe. Ele pode ter ido lá.

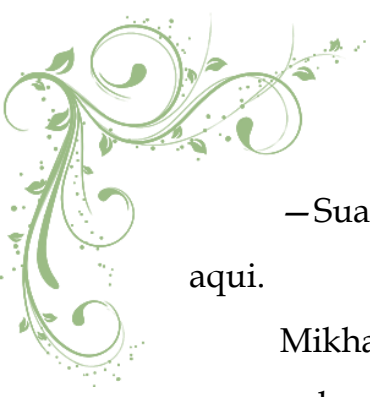
—Um pouco duvidoso. — interveio Friedrich. — Eles estão acumulando o exército deles no Olho do Dragão. Ele terá retornado a Izeling, onde suas forças são maiores. Meu tio é arrogante, mas também é esperto o suficiente para saber que o exército armado na Floresta Silvane poderia invadir as forças na Torre de Vidro, mesmo em nosso estado diminuído.

—Katya, você vai nos seguir com a Guarda de Sangue. Mande uma mensagem para o Lorde Rathbone.

—Sim, capitão. — Ela falou como o soldado perfeito, mas seus olhos brilhavam com aflição.

Ansiedade tomou conta dele e Mikhail correu em direção à porta, parando apenas na frente de Friedrich.





—Sua Graça, eu preciso que nosso acordo de proteção exclusiva termine aqui.

Mikhail havia trabalhado como guarda-costas pessoal do Duque durante meses, desde que Friedrich havia libertado seus Legionários de seus deveres, sabendo que havia espiões para o Rei Dominik dentro de suas fileiras. Mikhail continuara a servi-lo quando deixaram Winter Hill, escoltando e protegendo Friedrich, Brennalyne e seus filhos na Floresta de Silvane. Agora era exatamente o momento que ele precisava para romper esse arranjo formal. Ele estava se movendo por conta própria a partir de agora, com um e apenas um objetivo.

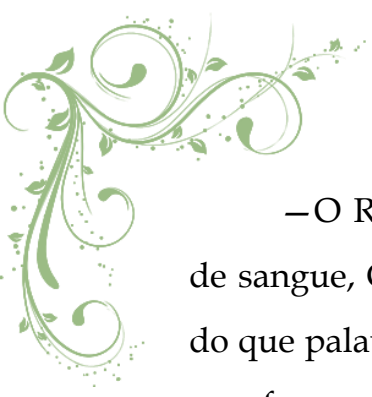
Salvar Mina.

—Claro, capitão. Nós vamos seguir Dmitri até a Floresta de Silvane. — Ele bateu a mão no braço de Mikhail em despedida, um olhar de determinação feroz escrito nos olhos do Duque. — Eu te vejo em Izeling.

Ele saiu da tenda para o frio, onde os ventos haviam desaparecido, um vislumbre de luar aparecendo por trás do acúmulo de nuvens. Sua Elite estava em fila única, numa linha silenciosa do lado de fora da tenda, armada e pronta, com capuzes pretos sombreando os olhos, embora sentisse sua atenção em nível de alerta. Sua agilidade em alerta. Nenhum movimento, exceto o de suas capas ondulando ao redor de suas pernas. Todos esses homens estavam na cerimônia do rito de sangue em Silvane, onde dedicaram sua lealdade à Mina. A energia elétrica chiava no ar, ondulando entre eles. Uma vibração que apenas uma criatura do outro mundo poderia sentir, acenando como um chamado da própria Hartstone. Ou do inferno.

Um grunhido retumbou das profundezas de seu intestino, a necessidade de sangue e esmagamento de ossos cantando através de seus membros, a besta interior ansiando por ira e morte.





—O Rei açougueiro usou um dos nossos guardas, a porra do nosso irmão de sangue, Gavril, para nos trair. — O timbre rouco soou mais como um rugido do que palavras. — E ele levou... nossa *Rainha*. — Os olhos de sua Elite brilharam com fogo azul e fúria sob seus capuzes. — Agora, nós vamos matá-lo e trazê-la de volta.





Capítulo Vinte e Sete

Dominik jogou Mina na cama, *sua* cama, uma enorme peça de mobília com armações grossas de tronco de árvore e carregada de cortinas vermelhas de seda. Seu quarto de dormir era escuro e opulento, cheio de cetim preto, brocado vermelho e lustres de cristal. Mesmo assim, a luz cinzenta da manhã espiava através das pesadas dobras das cortinas. Eles viajaram a velocidade de vampiro sem descansar. A viagem para a Izeling Tower deveria ter demorado mais, mas Dominik era muito mais forte e mais rápido do que ela imaginara.

Ele se elevou acima dela, as mãos em ambos os quadris, a luz do fogo lançando sua silhueta na sombra. Ela não conseguia ver nada além de seus olhos faiscantes e sorriso reluzente, caninos ainda afiados. Ela estremeceu. Eles machucaram perfurando em seu pescoço. Não como Mikhail, que entrou nela devagar. Dominik mordeu com força brutal, parecendo desfrutar da dor dela.

—Onde está Izzy, a menina que você raptou?

—Se limpe, pombinha. Minha mãe pede sua presença.

—Diga-me o que você fez com ela.

—Tome um banho e eu vou te mostrar. — disse ele com um sorriso, observando e esperando.

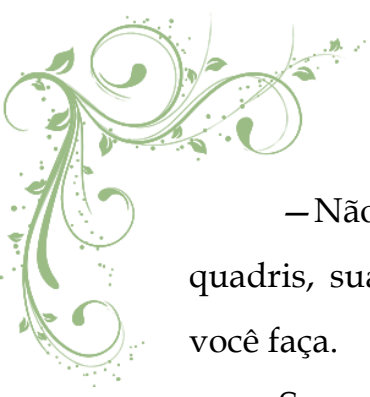
Três empregadas correram para o quarto, carregando baldes de água fumegante na câmara de ligação, mantendo as cabeças baixas. Ela ouviu a corrente de água que se derramava na banheira.

Seus olhos dispararam de volta para ele. Ela ergueu o queixo.

—Eu não vou tomar banho na sua frente.

Ele riu, o som duro torcendo seu interior em um ninho de cobras.





—Não? — Ele se inclinou, colocando as mãos em ambos os lados de seus quadris, sua estrutura maciça e ameaçadora. — Você fará o que eu quiser que você faça.

Sua respiração acelerou, temendo o comando que ele estava prestes a dar a ela. Porque ela sabia que iria obedecer, mesmo gritando por dentro. Ela tinha ouvido falar de pessoas morrendo por desafiarem os comandos de Dominik enquanto estavam sob o poder de seu elixir. Ela tinha que sobreviver.

Seu olhar percorreu o pescoço dela até o peito arfante, em seguida, de volta para cima, trancando seus olhos malévolos para os dela.

—Se eu disser para você se inclinar para trás e abrir as pernas, você vai fazer isso.

Ela balançou a cabeça, as lágrimas picando.

Ele apenas sorriu mais largo.

—Se eu lhe disser para ficar de joelhos e chupar meu pau, você fará isso também.

Ela fechou os olhos com força, tentando equilibrar a respiração, tentando manter o pânico profundo à distância.

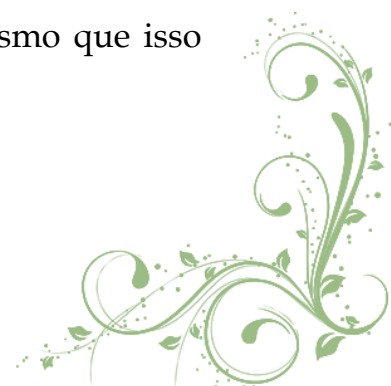
—Abra os olhos, pombinha.

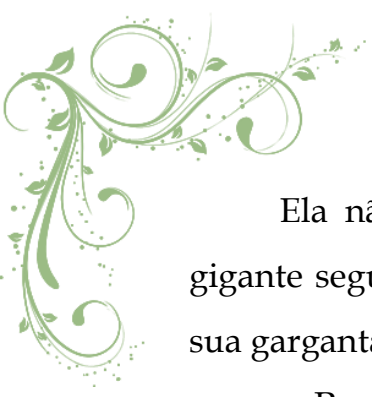
Eles se abriram sem que ela sequer pensasse, seu corpo já obedecendo a sua vontade.

—Não, Sua Majestade. — disse ela, com propósito em seus olhos, usando seu título como uma forma de apelar para o seu ego. — Eu sou a Rainha de Arkadia. Você não pode...

A mão dele apertou sua mandíbula, impedindo seu discurso.

—Sim. Eu ouvi sobre sua ascensão ao trono. Você achou mesmo que isso ajudaria você e seus amigos traidores, que são aliados do Black Lily?





Ela não conseguiria dizer nada enquanto ele estivesse com aquela pata gigante segurando seu queixo. Seus dedos se soltaram e ele deslizou a mão por sua garganta.

— Para quem você abriu as pernas, Vilhelmina? — A malícia pesava em sua voz agora, enviando um tremor de medo através de sua estrutura.

— Mikhail Romanov, capitão da Guarda de Sangue.

Seu semblante escureceu para um olhar assassino.

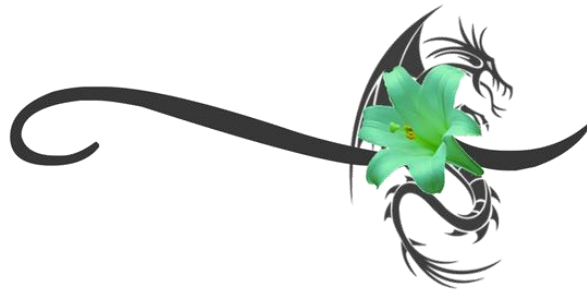
— Aquele que te tirou de Briar Rose?

— Sim.

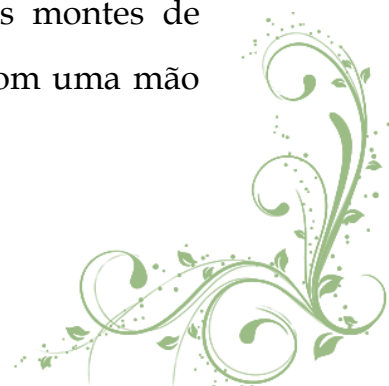
— E matou meus malditos homens? — ele rosnou, apertando os dedos.

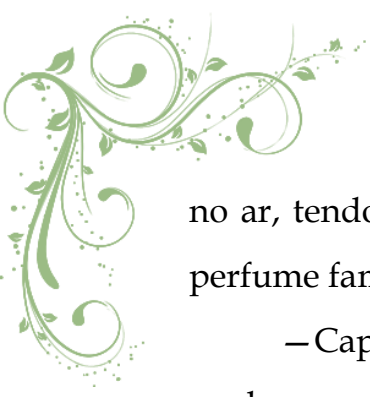
— Sim. — ela murmurou, sentindo algum tipo de triunfo em dizer-lhe quem ele era e o que ele tinha feito.

— É melhor esquecê-lo. Você será minha Rainha em breve. — Ele sorriu, a voz caindo ainda mais fundo. — Você será *minha* mulher depois desta noite. — Ele a soltou e ficou de pé, berrando para as três criadas em pé na entrada. — Esfreguem-na bem. — Ele partiu para a porta, botas batendo no chão de ardósia. — E tire o fedor daquele maldito vampiro de cima dela.



Embora a tempestade de neve houvesse desaparecido, havia atrapalhado a trilha. Mikhail fez uma pausa enquanto a silhueta escarpada dos montes de Novak se erguia durante a noite. Ele parou a comitiva de guerra com uma mão





no ar, tendo reconhecido um perfume no vento. Não o de Mina, mas um outro perfume familiar.

—Capitão! — gritou Yuri, para a direita, ajoelhado à sombra de um penhasco.

Acelerando para o lado dele, seu intestino se apertou com a visão. Gavril de costas, uma perna dobrada para trás, uma poça de sangue escorria na neve sob sua cabeça. A lua quase cheia que brilhava através das nuvens vaporosas iluminou sua palidez mortal. Yuri tinha um dedo no pulso dele, ouvindo.

—É fraco, capitão. Mas ele está vivo. O desespero ecoou em sua voz, pois ele e Gavril também eram amigos íntimos. — Gavril, você pode me ouvir?

Mikhail refreou os pensamentos de Gavril roubando Mina dele e entregando-a para Dominik. Sem mencionar ferir seus irmãos de sangue. Dmitri assegurou-lhe que nenhum dos guardas da sua tenda fora morto. Seus pescoços e pernas tinham sido quebrados para que não pudessem curar rápido o suficiente para desencadear um aviso no acampamento.

Os olhos de Gavril se abriram para fendas estreitas, a dor gravada em sua testa quando ele olhou além de Yuri para Mikhail de pé ao seu lado.

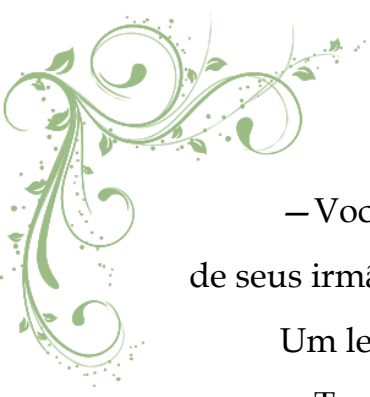
—Deus, não. — Sua voz era pouco mais que um sussurro fraco. Ele fechou os olhos. — Me deixe ir.

Mikhail se ajoelhou e o segurou pelo ombro.

—Ouça-me, Gavril. Você não traiu seus irmãos. Ou a Rainha. — Ele apertou seu ombro com mais força. Gavril abriu os olhos, desespero nadando ali. — Ou a mim, meu irmão. Você não teve escolha. Você poderia ter matado seus irmãos de sangue, pois imagino que Dominik tenha ordenado que você silenciasse alguém no caminho. Certo?

Gavril não se moveu ou falou, seu olhar sem esperança não deixou o de Mikhail.





—Você vai sobreviver. Então, faça as pazes consigo mesmo e lute ao lado de seus irmãos novamente.

Um leve aceno de cabeça, então ele apontou para cima.

—Traga Gregory... lá em cima. — Sua voz falhou, quase um sussurro.

Mikhail olhou por cima do ombro.

—Soren!

O vampiro de ombros largos correu para o lado dele.

—Sim, capitão.

—Eu preciso de você para levar Gavril de volta para Katya. Ela vai ter certeza de que ele fique bem cuidado.

—Sim, capitão.

Ele ajudou Yuri a erguer o homem maltratado para o ombro de Soren, então eles se afastaram.

—Gregory!

—Aqui! — ele gritou de fora, para a esquerda.

Mikhail e Yuri se juntaram a ele, onde ele já estava escalando, tendo encontrado um artefato particularmente irregular.

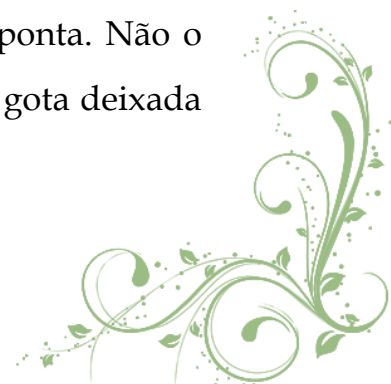
Gregoravich olhou para baixo.

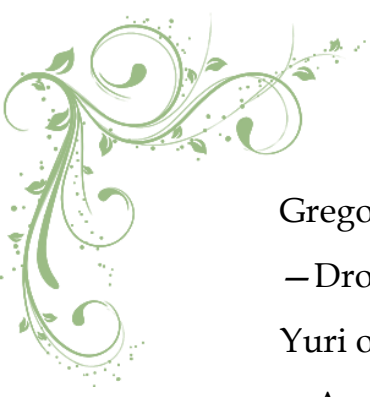
—Eu posso sentir os traços da Rainha.

Mikhail saltou, subindo depressa.

—Gavril disse para subir. — Ele agarrou cada entalhe na montanha e se lançou, chegando primeiro ao topo.

Ele engasgou, inalando profundamente aquele cheiro doce de jasmim e sol. Algo meio coberto na neve rodopiante chamou sua atenção. Ajoelhando-se, ele levantou a adaga que ele lhe dera e sentiu o cheiro de sangue na ponta. Não o sangue dela. Mas certamente não uma ferida de morte pela simples gota deixada ali.





Gregoravich estava ao lado dele, soltando um grande bufo de ar.

— Droga, capitão. Você subiu aquele penhasco como um gato.

Yuri o seguiu.

— Aqui, Gregory. Toque aqui. — Ele apontou para a neve onde o punhal havia ficado, colocando a adaga no cinto.

Gregory fez isso sem hesitar, inclinando a cabeça enquanto lia a memória nesse terreno. Seus ombros tencionaram e os batimentos cardíacos dele aceleraram. O próprio pulso de Mikhail acompanhou seu ritmo, temendo o pior. Quando Gregory levantou a cabeça, seus olhos estavam brilhando com chamas azuis, selvagens com a energia do outro mundo vibrando através dele.

— Diga-me. — ordenou Mikhail. — *Tudo*.

— É definitivamente o Rei Dominik. — Gregoravich se levantou e Mikhail com ele. — Ele... ele mordeu a Rainha e injetou nela seu elixir. Ela está sob o seu domínio escravo.

Um rugido violento irrompeu do estômago de Mikhail e subiu pela garganta dele.

— Eles definitivamente a levaram para Izeling. — Sua expressão ficou mais nítida sob o luar. — E eles jogaram Gavril do penhasco, assumindo que o mataríamos se ele sobrevivesse à queda.

Mikhail sentiu uma pontada de remorso por pensar mal de Gavril, mesmo que por um segundo.

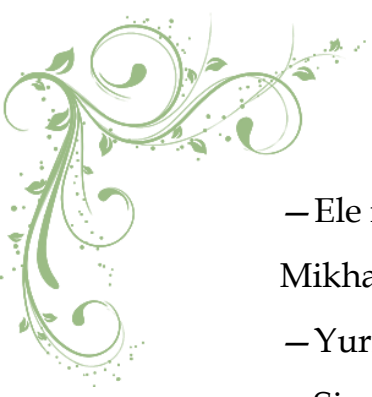
— O Rei não nos conhece.

Eles se afastaram em direção à beira do penhasco. Mikhail agarrou Gregoravich pelo antebraço, perguntando baixinho.

— Ele a machucou?

O olhar lamentável em seu rosto lhe disse o suficiente, tencionando cada músculo do corpo de Mikhail.





—Ele não foi gentil com ela, capitão. — ele finalmente disse, baixinho.

Mikhail vibrou com uma violência contida, sua voz baixa e letal.

—Yuri.

—Sim, capitão.

—Lidere o caminho. Precisamos encontrar um atalho para a Torre.

Uma onda de fogo fresco queimou seu corpo, acendendo sua necessidade de vingança. Implorando por violência. Necessitando usar as próprias garras. Mutilar com as próprias mãos. Até que nada restasse daquele maldito Rei açougueiro. Era hora de eliminar sua espécie deste mundo. Não apenas para o povo de Varis, mas para Mina. Ele iria se arrepender amargamente de tocá-la.

Antes que Mikhail partisse seu crânio em dois, ele se certificaria de que o bastardo entendesse exatamente isso.





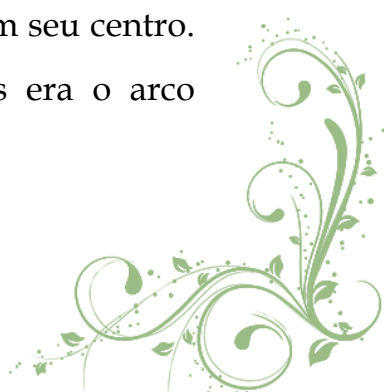
Capítulo Vinte e Oito

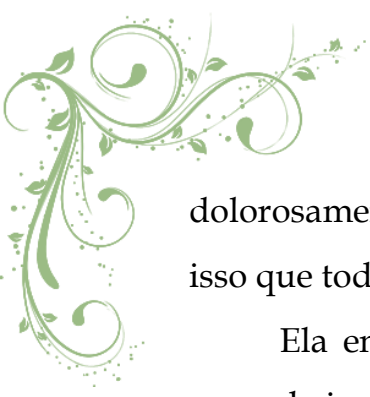
Movendo-se roboticamente pela longa sala acarpetada de carmesim e escoltada por quatro militantes Legionários, ela se concentrou em respirar, em se acalmar. Ela estava usando um vestido de veludo vermelho muito decotado para o gosto dela. Embora não tivesse certeza de onde viera, o Rei Dominik possuía um grande harém de sangue. Uma de suas concubinas era, aparentemente, do tamanho dela.

Ela fingiu que a roupa reveladora não a perturbava, mesmo quando a luxúria fresca emanava dos Legionários marchando em direção ao seu destino. Especialmente o loiro à direita, cujos olhos continuavam se desviando para os seios dela.

Ela o ignorou, olhando em vez disso para as pinturas do chão ao teto enquanto eles marchavam. Ela nunca esteve em Izeling. E, embora ela tivesse ouvido falar do gosto grotesco do Rei Dominik, ela não o entendia... até agora. Cada pintura representava uma cena mais horrível do que a seguinte. Uma mulher angélica em branco segurando uma árvore em uma tempestade. Seu vestido tinha passado por seus seios e estava encharcado da chuva enquanto um vampiro divino ria do alto do penhasco. Seus caninos estavam afiados e prontos.

Outra pintura mostrava uma mulher nua correndo em um cavalo negro sobre uma planície coberta de neve, uma expressão de medo no rosto bonito enquanto olhava por cima do ombro para o que quer que a estivesse perseguindo. Uma terceira mostrava uma festa de homens rindo e tilintando taças de cerveja, pairando em torno de algum espetáculo invisível em seu centro. Tudo o que podia ser visto através de um intervalo de homens era o arco





dolorosamente flexionado de um pé esguio e magro no ar. *Terror e ameaça*. É a isso que todo esse castelo cheirava.

Ela engoliu a bÍlis subindo e manteve os olhos para frente. Logo, ouviu vozes baixas à frente. Ela reconheceu o timbre retumbante de Dominik quando ele disse:

— Não sei como você fez isso, mas funcionou.

Então, a voz definida, melodiosa e ainda assim arrepiante da Rainha Morgrid.

— Foi fácil, meu filho. Para uma adepta das artes das trevas como eu.

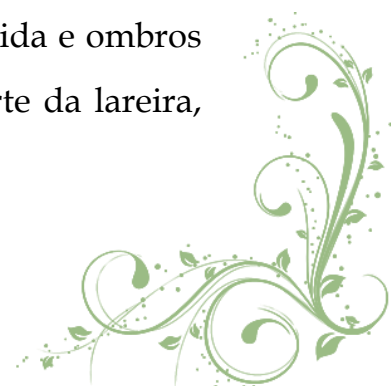
Os soldados marcharam até as portas duplas abertas de uma grande sala de visitas, ornamentadas nos mesmos vermelhos e pretos que cobriam todo o castelo como um pesadelo mórbido e repetitivo.

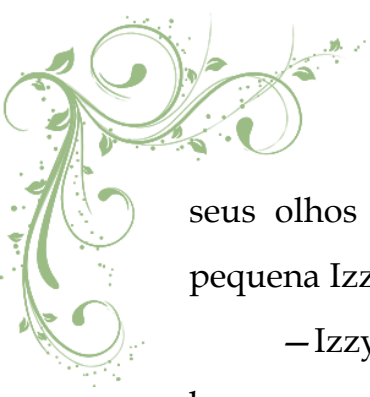
— Aqui está ela, mãe. Minha noiva.

Mina se encolheu e entrou, parando diante do tapete de pele de lobo cinzento, com os olhos na Rainha, não em Dominik. Ela olhou pela segunda vez para o pelo de lobo, pois era bem grande. Ela adoeceu com o pensamento de que era, provavelmente, um lobo místico.

— Olá, Vilhelmina. — disse a Rainha, sentada em uma cadeira de veludo vermelho, segurando uma taça de sangue. A Rainha era a personificação da beleza e do mal, em carne e osso. Muito parecida com o filho, a versão masculina mais ampla de si mesma que se estendia numa enorme poltrona de couro marrom. A Rainha mexeu as pernas na espreguiçadeira, o vestido prateado brilhando como escamas sob a luz das velas, o cabelo preto enrolado em minúsculas tranças no alto da cabeça e reluzindo como cobras.

O guarda pessoal dela, Radomir, um homem de aparência rígida e ombros largos que nunca saía do seu lado, ficou à vontade perto do suporte da lareira,





seus olhos cinzentos observando Mina, suas mãos segurando os ombros da pequena Izzy na frente dele.

—Izzy! — Ela começou a correr, mas os dois soldados agarraram seus braços e a mantiveram imóvel.

Os grandes olhos azuis de Izzy piscaram furiosamente, o queixo tremendo, mas ela não disse uma palavra. A camisola na qual ela tinha sido sequestrada estava suja, os chinelos brancos também. Eles nem sequer lhe deram uma muda de roupa.

Mina controlou sua raiva por Radomir, que a aprisionou na torre de Briar Rose logo depois de ter assassinado sua melhor amiga. Agora, a raiva queimava mais brilhante do que nunca diante da expressão perversamente alegre que ele usava, segurando uma criança como se estivesse gostando.

—Por que você a sequestrou?

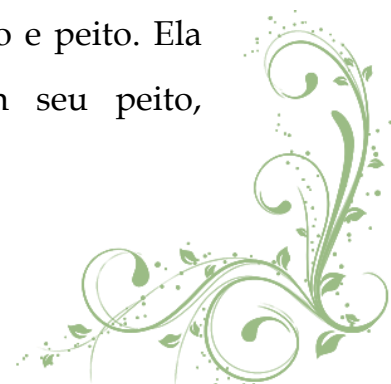
Mina era facilmente controlada pelo elixir de Dominik. Eles não precisavam de uma criança para forçar sua obediência. Havia outra razão sinistra, ela tinha certeza. Um formigamento estranho, quase uma cócega de seus sentidos empáticos. Era o segredo que se escondia dela, querendo se derramar.

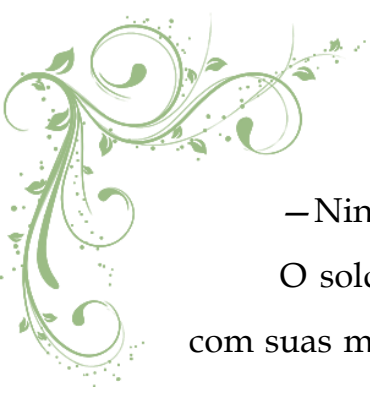
Dominik se levantou e caminhou em sua direção com passos ameaçadores. Seu olhar azul-gelo permaneceu sobre ela, antes de passar para o loiro segurando seu braço direito.

—Ela parece bem nesse vestido, não é soldado?

O Legionário endureceu, percebendo seu erro tarde demais.

Com um golpe letal de suas garras, Dominik abriu a garganta do soldado, seu aperto firme no braço de Mina a derrubou de lado. O outro soldado a pegou antes que ela caísse; o jato quente de sangue salpicou em seu rosto e peito. Ela assistiu, em choque, quando Dominik colocou uma bota em seu peito, estendendo a mão para agarrar sua cabeça.





—Ninguém olha para o que é meu.

O soldado apenas gorgolejou em resposta, antes de Dominik se contorcer com suas mãos poderosas, o estalar de ossos e tendões enquanto ele arrancava e rasgava a cabeça do soldado com um grunhido final. A bile subiu pela garganta de Mina quando ela se virou para Izzy.

—Feche os olhos, Izzy. — ela ordenou. A menina obedeceu imediatamente, apertando-os com força.

Dominik ficou de pé, enxugando as mãos nas pernas da calça.

—Limpe essa bagunça. — ordenou aos outros Legionários, que rapidamente o obedeceram. Ele então tomou seu lugar, afundando em sua cadeira de couro.

A Rainha não piscou nem pareceu surpresa com essa exibição de violência assassina por algo tão pequeno quanto um olhar lascivo. Mina estava verdadeiramente nas mãos de monstros.

Morgrid bebeu seu copo de sangue, ignorando os homens arrastando o cadáver ensanguentado do quarto, seu olhar em Mina.

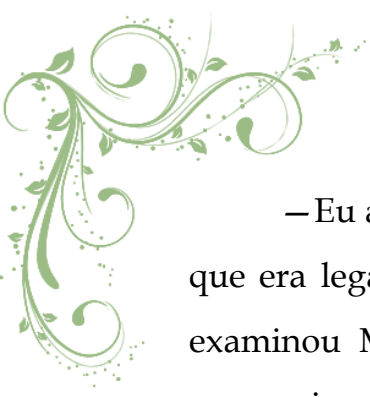
—Oh. Eu quase esqueci. — Ela se levantou, colocando sua taça em uma mesa recortada e pintada de preto, e deslizou para frente. — Eu acredito que eu te devo uma reverência. — disse ela, zombeteiramente. Ela baixou os joelhos, mas não a cabeça ou os olhos, os lábios inclinados em um tom de escárnio. — Sua Majestade.

Em vez de se esconder ou murchar sob a ira da Rainha, ela se lembrou de quem era. E de quem ela se tornou desde que acordou em Briar Rose.

—Eu sou a herdeira legítima do trono de Arkadian, *Sua Majestade*. Eu não vejo como pode ser uma surpresa que eu o tenha reivindicado.

Morgrid a estudou, tocando uma série de pérolas negras em sua garganta.





— Eu admito que foi um grande choque. Não que você tenha reivindicado o que era legalmente seu, mas que foi *você* quem fez isso, minha querida. — Ela examinou Mina, presumivelmente esperando uma pausa em sua compostura com o insulto. Quando Mina nem sequer se mexeu, ela continuou. — Não importa, de qualquer maneira. Você vai receber meu filho como seu marido.

— Não. Eu não...

— Sim, você vai. — disse Dominik.

Um raio de dor curvou sua espinha. Ela desmoronou de joelhos, sufocando um grito.

— *Plincesa!* — Izzy chorou em um pequeno soluço.

Mina sacudiu a cabeça para ela.

— Diga sim. — ele ordenou.

— Sim. — ela respondeu, com os dentes cerrados, a dor desaparecendo de uma só vez. Recuperando o fôlego, ela finalmente olhou para a Rainha com raiva queimando através de seu corpo. A Rainha arqueou uma sobrancelha.

— Ora ora ora... Parece que alguém ficou mais rebelde desde o seu sono sem sangue, em vez de mais obediente, meu filho.

— Sim, ela ficou. — Observou ele, de postura relaxada, um predador em repouso, mas ainda observando a presa com interesse, escolhendo todos os lugares onde gostaria de afundar seus dentes e garras.

— Você vai ter que domá-la, querido. — a Rainha malvada cantou. — Já que vai ter que colocar um filho na barriga dela.

Ácido se agitou na barriga de Mina com esse pensamento.

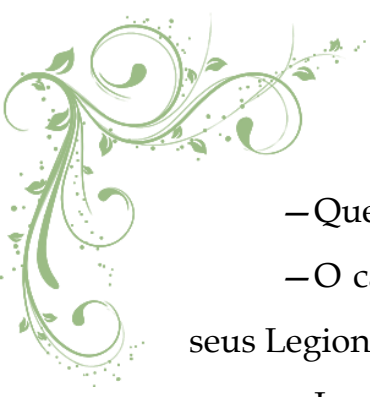
— A menos que ela já tenha um. — disse ele, em tom de ameaça.

A Rainha chiou.

— O que?

— Ela esteve com outro homem.





—Quem?

—O capitão do Guarda de Sangue que Friedrich contratou para substituir seus Legionários.

—Levante-se. — ordenou a Rainha.

Mina não tentou recusar, especialmente quando Dominik se levantou e circulou atrás dela. A Rainha se aproximou e apertou a palma da mão contra o abdômen, fechando os olhos em concentração. Ela sorriu, um sorriso triunfante vincando seu rosto misteriosamente lindo. Dominik estava atrás dela. O calor dele também estava próximo, mas ela não se atreveu a tentar se afastar.

—Bom. — Morgrid olhou para o filho por cima do ombro de Mina. — Nada para se preocupar. Ela não está grávida. — A Rainha exalou uma respiração entrecortada, como se realmente estivesse com medo por um momento. — Tudo está bem, embora ela quase tenha estragado tudo. Nós teríamos sequestrado essa menina por nada.

—Do que você está falando? Diga-me porque você a sequestrou!

Os olhos gelados da Rainha brilharam com fúria, então ela ergueu uma mão e bateu na Mina com tanta força que ela tropeçou para trás. Dominik a agarrou pelos braços, por trás, endireitando-a.

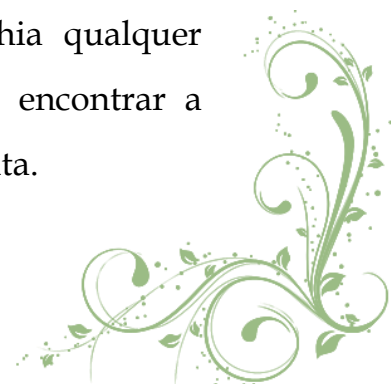
—Isso é por se entregar a alguém que não seja seu marido. Uma Rainha de verdade jamais faria isso.

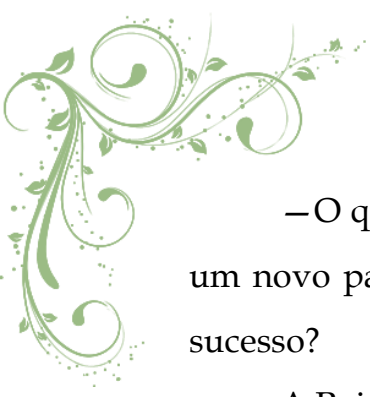
Izzy choramingou e chorou atrás deles. A Rainha olhou por cima do ombro.

—Aquela garotinha vai garantir meu sucesso.

—Como?

—Aquela professora nunca quis saber a quem ela pertencia, em Korinth? — A Rainha deu de ombros. — Eu acho que não. A moça acolhia qualquer camponês que caísse em sua porta. Demorei muito tempo para encontrar a bastardinha do Stephanus, essa que ele gerou com sua amante favorita.





—O que? — Confusa, o batimento cardíaco de Mina bateu mais rápido com um novo pavor. — Por que você precisa da filha de seu filho para garantir seu sucesso?

A Rainha se inclinou para frente, estreitando os olhos como uma cobra.

—O sangue Varis é potente, minha querida. Ela é o sacrifício perfeito para colocar um filho nessa sua barriga.

—Não! — O horror do que ela falou transformou seu sangue em gelo.

Mina não conseguia mais aguentar o estrangulamento de seu horror e desdém, então a raiva fez sua voz tremer.

—Não importa o *que* você faça, qualquer magia negra que você use, eu *nunca* serei apenas um fantoche nas suas mãos.

Dominik riu de costas, ainda segurando os braços dela. A Rainha sorriu.

—Não preocupe sua linda cabecinha, minha querida. Nós precisamos de você viva. — Ela se virou e ergueu a taça de sangue. — Por enquanto. Seu marido pode decidir o que fazer com você depois que seu primeiro filho nascer.

O estômago de Mina se agitou com ácido.

—O filho que você planeja assassinar em um ritual de sangue, na hora em que ele nascer?

Ela congelou, seu olhar cortante passando por Mina como a lâmina mais afiada.

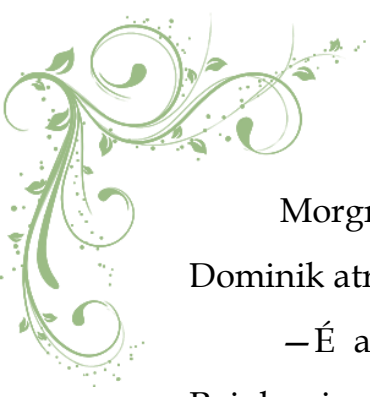
—Como você sabia? — A carranca de Morgrid escureceu. — Você teve uma visão?

Dominik a sacudiu por trás.

—Responda a Rainha.

—Eu não... — Mina respondeu, justamente quando a ponta de uma picada de gelo picou a base de sua espinha. — Mas uma amiga minha teve.





Morgrid tomou um gole de sua taça, lançando um olhar além de Mina para Dominik atrás dela.

—É aquela Bruxa Vermelha da Floresta de Silvane, sem dúvida. — A Rainha riu. — Mais uma vez, não importa. Você fará a sua parte e me dará o que eu quero, mesmo que tenhamos que prendê-la à cama pelo resto da sua vida.

—Não é uma má ideia. — Dominik a puxou de costas contra ele, a pressão dura de seu corpo contra sua bunda e costas em uma presença assustadora. — Mas, não haverá necessidade. Ela vai reconhecer seu mestre em breve.

—Faça com que ela reconheça.

—E o Rei Grindal? — perguntou Mina. — O que ele pensa sobre seus planos para espalhar a compulsão por sangue e lançar o mundo em um eterno véu de magia negra?

Mina sabia que o Rei Grindal era um vampiro frio e calculista, mas era ele quem sempre aplicava as leis para que os humanos não quisessem se revoltar. Embora tenha acontecido de qualquer maneira, uma vez que a Rainha começou a espalhar sua doença sanguinária, que fluía em seu próprio sangue.

—Ele não pensa em mais nada.

—Você matou seu próprio Rei? — Mina não entendia por que ela estava tão chocada. Morgrid era maníaca além da imaginação.

Morgrid se virou.

—Coloque-a em seu quarto até hoje, meu filho. — Ela andou de um lado para o outro perto de Radomir, cujo olhar atento e frio estava fixo em sua Rainha.

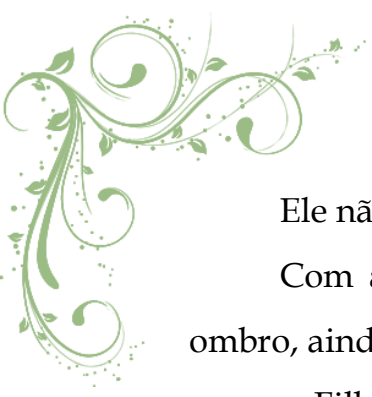
—E, Dominik?

Ele puxou Mina por um braço em direção à porta.

—Sim, mãe?

—Nada de dormir com ela até a cerimônia da meia-noite. A criança de que precisamos precisa ser legítima, desde a concepção.





Ele não disse nada. Mina não ousou olhar para ele.

Com a mão apoiada no peito de Radomir, a Rainha olhou por cima do ombro, ainda segurando a taça de sangue.

—Filho, eu só preciso do primogênito. Então, você pode gerar quantos filhos quiser com ela.

—Claro, mãe.

Mina trancou o olhar de Izzy e murmurou *‘Seja corajosa. Tudo ficará bem.’* Izzy assentiu com a cabeça, os cachos balançando nos ombros, mas ela engoliu em seco e ergueu o queixo enquanto Radomir a empurrava para outra saída da sala de visitas.

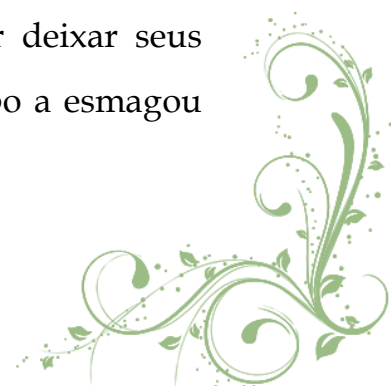
Dominik marchou com Mina de volta, sem se incomodar em diminuir seus passos por ela. Embora ela fosse alta, ela não era tão alta quanto ele. Ele não falou com ela o caminho inteiro de volta ao quarto de dormir, um lugar de pavor. Virando-se em seu quarto, ele caminhou através da porta, abrindo e fechando-a.

Sem aviso, ele a empurrou de volta para a porta e abriu a boca com as presas afiadas e grossas. Seu instinto de luta assumiu em um flash, suas garras de vampiro estendendo-se quando ela bateu em seu rosto. Quando ela ergueu a mão até os olhos dele, ele tirou o rosto, bem a tempo. Ela alcançou a bochecha dele e arranhou com força.

Um grunhido feroz retumbou de seu peito.

—Putá do caralho! — ele rosnou. Recuando, ele a empurrou para o chão, a dor aguda irradiando através de seu rosto com tanta força que sua visão ficou turva.

Rolando de costas, ela o viu chegando, alcançando-a. Ela chutou com força, errando por pouco sua virilha, ouvindo o som satisfatório do ar deixar seus pulmões quando seu pé pousou em seu estômago. Então, seu corpo a esmagou





no chão. Arranhando-o novamente, ela tirou sangue em sua garganta, estremecendo com o odor amargo de seu cheiro no ar.

Ele prendeu os pulsos dela com uma das mãos e os pressionou acima de sua cabeça, colocando a outra mão em sua garganta.

— Acalme-se. — ele rosnou, carregando os dentes como um lobo para sua presa. — Eu poderia te matar tão facilmente.

Seus dedos apertaram até que ela não conseguia respirar, e ela viu sua própria morte em seus olhos. Ele queria matá-la. E teria matado.

Então seu aperto se afrouxou. Ela sugou o ar em respirações ofegantes. O olhar dele passou da fúria para a luxúria. Sua grande pata percorreu seu peito, onde apertou com força. Mesmo por cima do corpete, a sensação era mais do que ela queria sentir vindo dele.

— Eu odeio esperar.

A autopreservação criou raízes em seu peito, mantendo sua inteligência sobre ela.

— A Rainha Morgrid disse que você precisa. Você não pode ir contra ela.

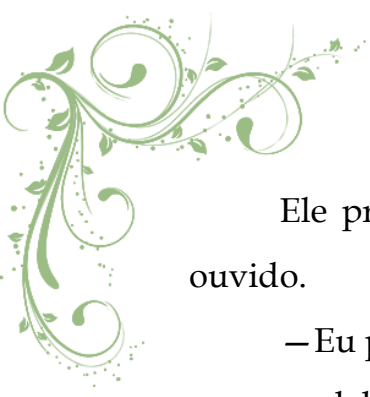
Ele riu, apertando seu peito a um ponto doloroso.

— Como se você se importasse com o que a Rainha quer.

Levantando-se, ele a puxou pelos pulsos, depois a jogou com o rosto voltado para baixo em uma colcha negra em cima da cama. Antes que ela pudesse empurrar pra cima e se virar, ele estava sobre ela novamente, pressionando-a no colchão, seu pênis ereto bem na curva de seu traseiro. Fixando os pulsos pra baixo novamente com uma das mãos, ele a agarrou pelos cabelos e puxou a cabeça dela, arqueando seu pescoço para trás.

Ela gritou, incapaz de evitar gritar de dor, embora ela se recusasse a pedir-lhe que parasse desta vez. Isso não funcionava com Dominik.





Ele pressionou a pélvis em seu traseiro com um gemido gutural em seu ouvido.

— Eu posso esperar até hoje à noite. — Ele lambeu ao longo da curva onde o pescoço dela encontrava o ombro. — Mas eu vou te dar algo para lembrar de mim.

Suas presas afundaram profundamente, espalhando dor em todo seu ombro. Ela chorou silenciosamente, furiosa com o seu desamparo, com essa reviravolta horrível, triste e horrenda do destino. Ele gemeu e chupou o sangue dela, injetando mais elixir em sua corrente sanguínea. A onda de poder violento inundando suas veias e ondulando através de sua estrutura não foi um choque desta vez. Doeu, no entanto.

Quando ele soltou seus caninos, ele estava respirando pesadamente. Ele não lambeu a ferida para ajudar a curar. Seu corpo poderia se auto curar se ela tivesse se alimentado recentemente, o que ela não fez. Ele permaneceu com seu corpo pesado pressionando-a no colchão, quase sufocando-a.

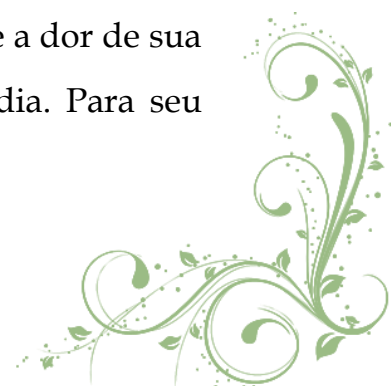
Quando ela começou a ofegar por ar, ele diminuiu o peso. De repente, ele a empurrou para fora da cama e a colocou em uma cadeira de brocado prateado de frente para a cama.

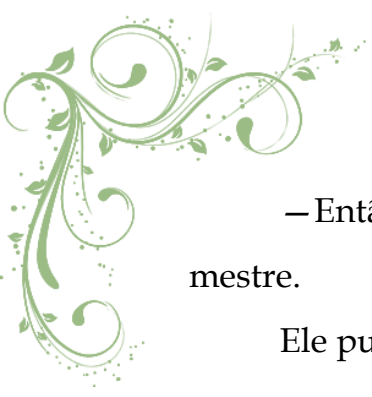
— Você não vai sair dessa cadeira, entendeu?

Ela assentiu.

— Você vai sentar aqui nesta cadeira o dia todo e a noite toda. Você não vai dormir. Você vai pensar em mim, me ver e me ouvir transando e bebendo das minhas concubinas, até a hora de nossos rituais de casamento. — Ele a mordeu novamente, na parte mais alta do pescoço.

Ela gritou quando ele a perfurou mas não a chupou, dando-lhe a dor de sua mordida, por nenhuma outra razão a não ser mostrar que ele podia. Para seu próprio prazer sádico.





—Então, eu vou te ensinar uma coisa ou duas sobre *dor*. E sobre quem é seu mestre.

Ele puxou e torceu o cabelo dela, até que ela sentiu um pouco dele se soltar, seu couro cabeludo ardendo até seus olhos ficarem cheios de lágrimas. Sua cabeça arqueou para trás, embora ela pudesse ver seu olhar escuro olhando para baixo sobre ela.

—Diga '*sim, mestre*'.

—Sim, mestre. — Ela não hesitou.

Ele não soltou seu aperto quando se inclinou e sugou o lábio inferior suavemente em sua boca, como se eles fossem amantes de verdade.

—Mmm. — Ele lambeu os lábios dela, mas ela não se moveu. —Não pareça tão assustada, pombinha. Você estará me implorando por mais quando eu terminar com você.

Ele a soltou e saiu pela porta num piscar de olhos. Mina levantou as pernas e se enrolou em uma bola, as lágrimas fluindo quentes e fortes agora. Ignorando a dor de seu corpo, ela se enrolou em torno daquela esperança ainda aninhada em seu peito. Uma esperança que parecia pequena, esmagada e quase morta. Mas estava lá, mesmo assim. Como o mais ínfimo dos sussurros dizendo para ela aguentar firme, por Izzy, por ela mesma, por Mikhail.

Então, ela aguentou.





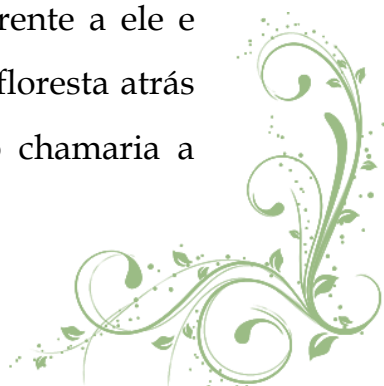
Capítulo Vinte e Nove

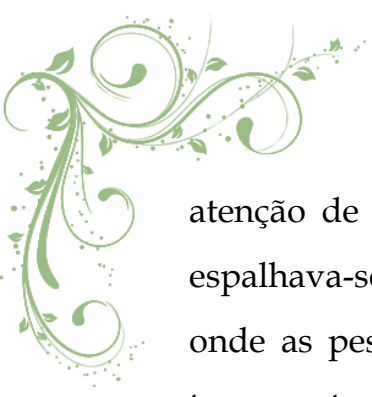
A multidão da tarde no Boar's Head era barulhenta. O lugar parecia ter visto seu quinhão de brigas que terminaram em derramamento de sangue. O barman era forte como um touro, o nariz parecia já ter sido quebrado muitas vezes. As mesas estavam arranhadas e manchadas por anos de uso, as cadeiras e bancos desconstruídos e desgastados. Yuri havia dito que aquele era o lugar onde ninguém se importaria com quem eles eram ou por que eles estavam lá. Ele parecia estar certo. A criada deles anotou o pedido sem lançar um segundo olhar. Exceto por Riker, cuja disposição feroz irradiava perigo ainda mais do que a terrível cicatriz que corria além de seu olho remendado.

Já fazia um tempo desde que Mikhail estivera em um pub em uma cidade do tamanho de Izeling. Korinth era igualmente grande. Um bom lugar para estranhos se perderem. Perfeito para o seu grupo, enfiado na cabine do canto na parte de trás.

Mikhail engoliu o resto de sua cerveja, ainda observando a porta em busca de sinais de Yuri. Ele apertou a mandíbula com tanta força e por tanto tempo, que seus dentes doeram. Sua necessidade de chegar a Mina fazia com que ele quisesse se arrastar para fora de sua pele e correr em direção à Izeling Tower, apesar de sua cabeça lhe dizendo para ser inteligente e agir com cuidado. O Rei teria sua torre bem protegida, então Mikhail foi forçado a sentar aqui e olhar com raiva para todos os homens que riam de uma piada com os camaradas quando ele estava morrendo numa morte lenta e tortuosa por dentro.

Gregoravich sentou ao lado dele com Nikolai e Sienna em frente a ele e Riker, na cadeira no final do estande. Dane decidiu permanecer na floresta atrás da Izeling Tower. Mesmo em forma humana, seu cheiro de lobo chamaria a





atenção de qualquer Legionário que encontrassem na cidade. O resto da Elite espalhava-se aos pares no pub ou na rua. Embora Izeling fosse o tipo de lugar onde as pessoas não incomodassem os estrangeiros, eles certamente poderiam tomar nota de um grande grupo de vampiros de aparência letal e informar o Rei na torre, situada acima da cidade.

—Então, como no mundo você conseguiu um guarda que nasceu e foi criado em Izeling? — perguntou Nikolai, seu cabelo loiro caindo para frente e escondendo seu olhar desconfiado ao redor da sala. Sienna encostou a cabeça no ombro dele.

Uma serva bateu na mesa ao lado, onde quatro trabalhadores de aparência rude gostaram de suas cervejas. O mais difícil do grupo levou a mão ao quadril e a puxou para o colo com um comentário obsceno.

—Me solte, Dirk! — ela deu um tapa nele, mas riu quando se afastou dele.

—Yuri teve... problemas familiares com a coroa. Então ele foi para o Leste, onde ouviu falar de um guarda independente do trono. Ele é um homem cheio de recursos, então nos encontrou.

Gregoravich bufou.

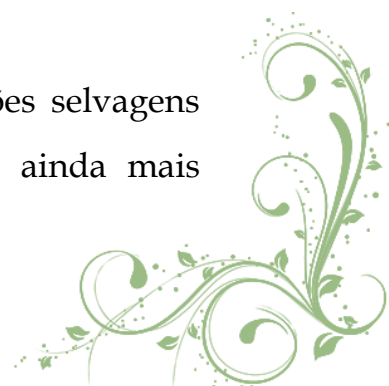
—Cada um dos homens da Guarda de Sangue teve *problemas* com a coroa.

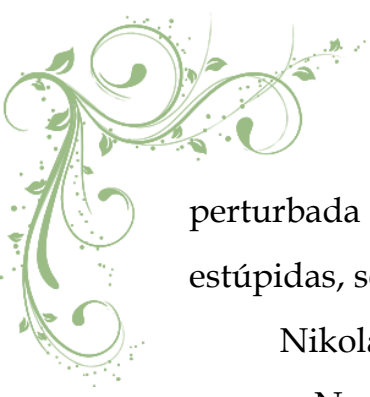
—Não apenas a Guarda de Sangue. Cada um de nós, bem aqui nessa mesa. — disse Riker. Um raro momento, já que ele mal falava. Seus problemas tinham feito mais do que cicatrizar seu corpo e dar-lhe uma mancar perceptível. Eles fizeram sérios danos à sua psique. Mas isso é exatamente o que aconteceu com todos eles.

—Sim. — concordou Mikhail. — Está na hora de equilibrar a balança.

Sienna se sentou.

—Desde que tenhamos um plano bem elaborado. As emoções selvagens que sussurram a vocês homens nesta mesa estão me deixando ainda mais





perturbada do que eu já sou. E elas vão acabar obrigando vocês a fazerem coisas estúpidas, se não forem cuidadosos.

Nikolai deu um sorriso para ela.

— Nem me dê esse olhar. Você é o pior. Ninguém deve sair despreparado.

— Eu sempre estou *preparado*. — Nikolai sussurrou em voz baixa.

— *Fique quieto*. — Ela o cutucou com o cotovelo, depois varreu o olhar verde de um para o outro. — Todos sabemos o quão baixo a Rainha e seu filho vão jogar para vencer. Devemos fazer as coisas com cuidado. — Ela mordeu os lábios em pensamento por um momento. — Isso sendo dito... eu preciso entrar no castelo o mais rápido possível.

— Maldito inferno, mulher. — Nikolai derramou seu comportamento arrogante. — O plano era tirar Mina e trazê-la para você. Não o contrário. Você quer que eu apenas jogue minha mulher na cova do diabo?

Ela se virou para ele, intimamente perto.

— *Nikolai*. Você não entende. Eu *preciso* chegar até ela o mais rápido possível. Eu não consigo explicar. — Ela olhou para todos eles. — Eu não sei dizer a nenhum de vocês como eu sei disso. Só que é *terrível*. Eu *não posso* esperar. — Sua voz tremeu com a tensão. — Precisa ser rápido.

Seus olhos brilharam em ouro, depois ferveram para o tom fresco de verde novamente. Mikhail trocou um olhar com Gregory. Mikhail esperava outro protesto de Nikolai, que segurou a mão dela no colo dela.

— Se você for, então eu também vou.

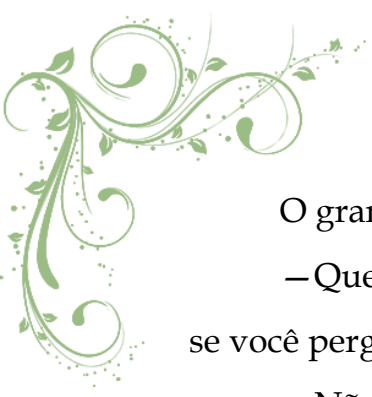
— Todos nós vamos. — disse Mikhail. — Quer dizer, os que estiverem dispostos. O resto pode esperar pelo exército.

Gregory pegou a caneca de cerveja e bateu na mesa.

— Capitão, às vezes, você é um filho da puta idiota.

— O que? — Mikhail ficou surpreso.





O grande homem sorriu largamente.

— Quem aqui não vai estar disposto a ir para a porra do inferno com você, se você perguntar? — Então, ele se lembrou de Sienna. — Perdão, minha senhora.

— Não precisa se desculpar. — Ela sorriu.

Riker, sempre sombrio, acenou para a porta.

— Eu acredito que é hora de ir para o inferno, senhores.

Yuri entrou por tempo suficiente para capturar o olhar de Mikhail e gesticular em direção à rua.

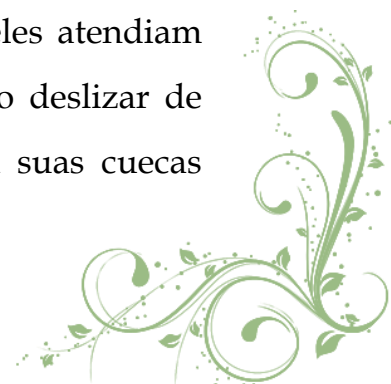
— Então está na hora, senhores. — O pulso de Mikhail bateu mais rápido.

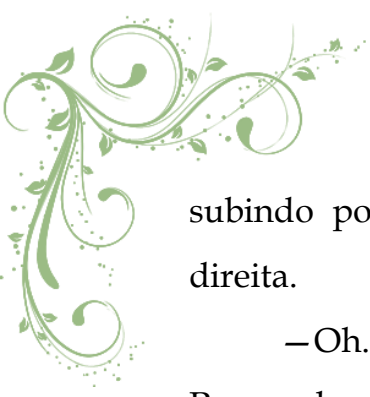
Em breve, Mina.

As ruas fervilhavam de pessoas se arrastando aqui e acolá no final da tarde. O pouco que restava do sol estava coberto por nuvens invernosas. Nenhuma neve no ar, mas o vento cortante do Norte sempre foi constante. Mikhail seguiu Yuri à frente, que virou um beco para a esquerda atrás de um vendedor de rua com um carrinho, seu filho desgrenhado gritando: “Tortas de carne! Quente e fresca!”

Não pela primeira vez, Mikhail se perguntou por que ninguém olhava para tantos vampiros que não eram os Legionários do Rei vagando pelas ruas de um bairro residencial humano. Então, novamente, ele se esqueceu dos muitos vampiros trapaceiros que vagavam por Korinth, lidando com todos os tipos de homens nos mercados negros subterrâneos.

Yuri não andou a passos largos na frente deles, enfim, mergulhando em um... bordel? Um bem degradado, por sinal. Quando Mikhail cruzou o limiar, ele pegou o pequeno letreiro quadrado martelado na parede ao lado do batente da porta preta, com uma coroa vermelha. O sinal universal de que eles atendiam vampiros à procura de sangue, bem como carne. Ele viu apenas o deslizar de uma jovem mulher de espartilho e um vulto de um homem em suas cuecas





subindo por uma escada estreita. Yuri havia entrado em uma sala escura à direita.

—Oh. — veio a voz suave de Sienna quando ela entrou atrás dele. Provavelmente, ela nunca esteve em um lugar como este antes.

A sala era mais bonita do que a aparência do exterior do prédio e da entrada. Embora a mobília puída estivesse envolta em tecidos de cetim e com cores vibrantes para disfarçar sua idade, a decoração era mais de bom gosto do que se poderia esperar. Encostada a um aparador havia uma prostituta curvilínea com cabelos negros e um decote enorme à mostra.

—Vietka. — chamou Yuri para a mulher.

Ela se virou, a mão ainda no quadril, observando a multidão repentina em sua pequena sala de estar. Embora sua boca fosse suave, seus olhos estavam duros.

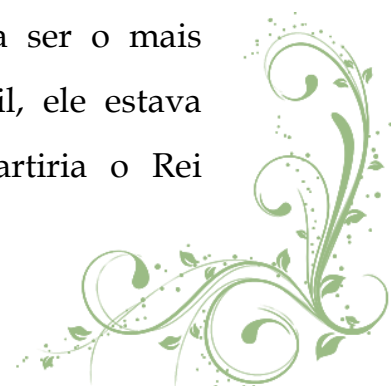
Yuri gesticulou para ele.

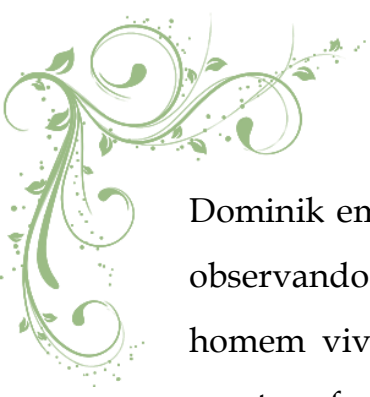
—Vietka, este é o homem de quem falei. Meu capitão. — Yuri manteve sua identidade específica escondida, como ele pediu. Embora ele confiasse em Yuri para encontrar o tipo certo de aliados para esta missão, Mikhail sabia que todos poderiam ser comprados pela coroa.

—Prazer. — disse Mikhail com um arco educado.

Riker fechou a porta quando a última pessoa entrou na sala.

Não houve necessidade de passar por apresentações. Entendeu-se que quanto menos informações compartilhadas forem negociadas, melhor. O anonimato era sagrado entre os que moravam no submundo dessas cidades. Mas isso não impediu a mulher de lançar um olhar de mensuração para todos e cada um deles, parando mais tempo em Riker. De todos, ele parecia ser o mais perigoso. Mal sabia ela que por trás do exterior frio de Mikhail, ele estava meticulosamente ensaiando as muitas maneiras em que ele partiria o Rei





Dominik em pedaços, uma vez que ela estava à distância. Sua besta se agachou, observando e esperando, saboreando o momento em que ele podia esfolar o homem vivo por se atrever a levar sua mulher. Essa foi a única coisa que o manteve focado e calmo.

—Pessoal interessante você trouxe aqui, Yuri. Parece que você tem se envolvido em todos os tipos de mistérios desde que você saiu de Izeling. — Sua voz era uma carícia sensual, praticada por seu ofício. Ou talvez fosse o ofício que combinava com a voz dela.

—Sim, Vietka. — disse Yuri, sorrindo de orgulho. — Eu tenho.

O olhar aveludado de Vietka pousou em Mikhail.

—Yuri me disse que você precisa de ajuda para entrar no castelo. Sem ser notado.

—Ele disse corretamente.

—Não há como você todos vocês entrarem de uma vez. — Ela varreu o quarto novamente com olhos escuros, inclinando a cabeça enquanto olhava para Sienna. — Ela também quer entrar?

—Sim. — disse Sienna. — É mais importante que eu vá.

Nikolai ficou tenso ao seu lado.

—E eu com ela.

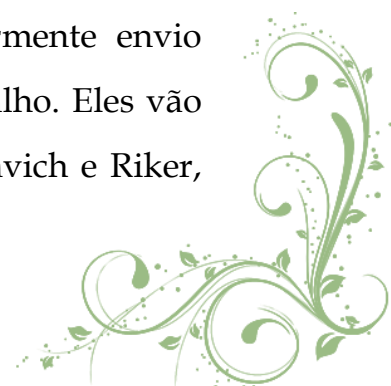
A sobrancelha de Vietka se levantou.

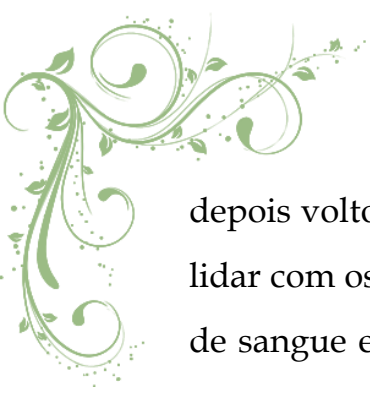
—O que diabos está acontecendo, Yuri? — Então ela estalou a mão no ar. — Não importa. Não quero saber.

—Qual é o seu plano? — Yuri perguntou.

Ela se serviu de um copo de licor âmbar e tomou um gole preguiçoso.

—A troca de turnos é à meia-noite. É quando eu regularmente envio minhas meninas para aliviar os homens quando eles saem do trabalho. Eles vão abrir o portão sul para deixá-los entrar. — Ela olhou para Gregoravich e Riker,





depois voltou-se para Mikhail. — Parece que vocês homens estão equipados para lidar com os poucos guardas no portão sul. Eles estarão cansados, com nada além de sangue e sexo na cabeça. — Ela terminou o resto da bebida. — Eu espero ser generosamente paga por tal risco.

— Qual é o seu preço? — perguntou Mikhail.

Sua testa se comprimiu pensativamente, seus lábios apertados em uma linha, parecendo considerar enquanto ela observava a qualidade de roupas e armas deles.

— Cem soberanos. E você faz exatamente o que eu digo. Caso contrário, o acordo está cancelado. Não vou arriscar minhas garotas ou minha própria vida por qualquer quantia de dinheiro. — Ela olhou para Yuri. — Ou qualquer que seja a 'causa nobre' você está perseguindo nos dias de hoje, Yuri.

Mikhail retirou uma sacola de soberanos e a jogou no aparador ao lado de sua garrafa de licor. O tilintar das moedas chamou a atenção dela.

— Há quinhentos soberanos aí. Você nos coloca para dentro, todos nós, sem perguntas. Nós faremos o resto.

Seus olhos escuros se arregalaram quando ela levantou a bolsa, abriu o cordão e espiou para dentro. Ela olhou por baixo dos cílios escuros. Seu sorriso inclinado mostrou a Mikhail como ela havia seduzido muitos homens.

— Muito bem, então. Eu diria que temos um acordo.





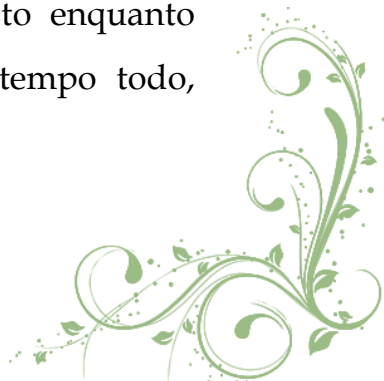
Capítulo Trinta

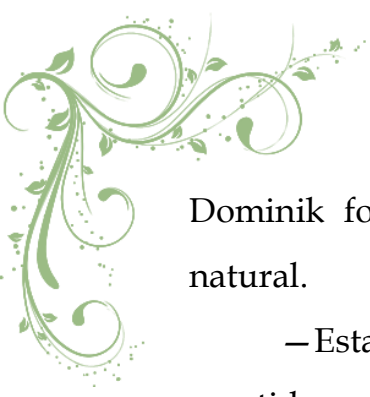
Mais uma vez, Mina estava sendo escoltada por guardas pelo longo corredor. Dominik acordou de sua festa de sangue e sexo há duas horas e a liberou de estar confinada na cadeira onde ela tinha visto o horror das conquistas de seu futuro marido.

A lembrança do que ela foi forçada a assistir a noite toda voltou a piscar em sua mente. Três de suas concubinas se contorcendo em sua cama, todas amarradas e paralisadas em diferentes posturas. Ele favoreceu a loira, que era linda, com o cabelo longo e trançado. Ele amarrou as mãos e os tornozelos dela, com o traseiro erguido no ar para poder bater nela com um chicote preto. Mina ouvira falar de tais jogos sexuais, é claro, mas não eram meros jogos tentadores. Dominik levou cada um deles além da dor até a beira da morte, antes de terminar com elas.

Ele colocou o que ele amarrava com o traseiro dela no ar, de frente para Mina.

— Veja minha futura Rainha, Melinda. Ela não é linda? — Ele bateu nela quando ela gritou “Sim!”, então ele a pegou por trás. Quando Mina tentou desviar o olhar, ele não permitiu. — Olhe nos meus olhos, pombinha. — E Mina olhou. — Veja o que eu vou fazer com você hoje à noite. — Então ele enrolou a trança de Melinda em seu pulso, agarrando-a perto do couro cabeludo, e puxou sua cabeça para trás até que ela gritou quando ele bateu em seu corpo e chicoteou as costas dela com o chicote, deixando vergões vermelhos cruzando sua pele de porcelana. A mulher choramingou, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto olhava para Mina, humilhação e dor escritas em seu rosto. O tempo todo,





Dominik forçou Mina a olhar em seus olhos, sorrindo com um prazer não natural.

—Esta noite, pombinha... — ele continuou dizendo, lembrando-lhe repetidas vezes que esse seria o destino dela, em breve. Então ele bateu na garota com o chicote novamente, apenas para ouvir seus gritos cheios de dor.

O pesadelo durou horas, até que ele finalmente se cansou e a soltou da cadeira, arrastando-a pelo pulso até uma câmara adjacente, onde duas empregadas esperavam ao lado de um banho fumegante.

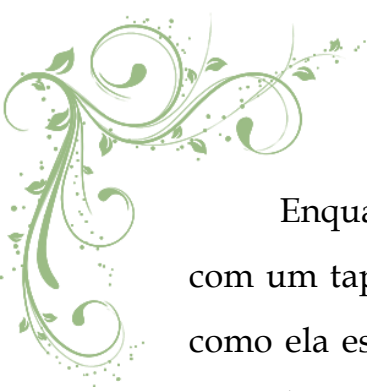
Ele ordenou que ela bebesse o sangue que eles trouxeram em uma jarra, depois que se banhasse e se preparasse para a cerimônia da meia-noite. Ela estremeceu ao ser forçada a se casar com ele, seu coração afundando no que esta noite iria significar.

—Assegure-se de pentear seus cabelos em uma longa trança. — ele disse, enquanto cerrava o punho.

Mina estremeceu de pavor, lembrando-se da concubina que ele abusara a noite toda, fingindo que era Mina. Então ele saiu com pouco mais que um sorriso de satisfação para ela enquanto ela estava lá, congelada de medo com a ideia de estar com ele na mesma cama. De se tornar sua escrava, para brutalizar e humilhar.

Ele lhe dera um vestido de renda vermelha que cobria a seda preta, recortado em seu decote e caindo para um véu afiado até o esterno na frente e nas costas dela. Ele também instruiu que ela não usasse uma camisola, um espartilho ou saias. Em um escárnio de modéstia, as mangas de renda se estendiam até seus pulsos. Ela queria se recusar a usar tal monstruosidade, mas de que adiantaria? Ele só precisava mandar e, através da dor ou de uma boa surra, ele a faria se submeter à sua vontade.





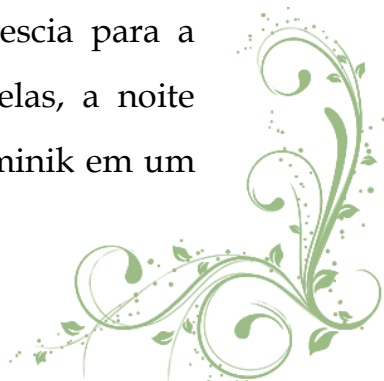
Enquanto os guardas a conduziam por um longo corredor, sem adornos com um tapete para suavizar seus passos, em vez de descer a grande escadaria como ela esperava, sua mente vagou novamente para Mikhail. Onde ele estaria naquele exato momento? Ele teria sido capaz de seguir sua trilha na nevasca? Seu espírito se obscureceu, lembrando como eles jogaram Gavril para fora do penhasco como se ele fosse uma carcaça de animal a ser descartada. A crueldade desses homens, de Dominik, da Rainha, incendiou suas emoções mais uma vez.

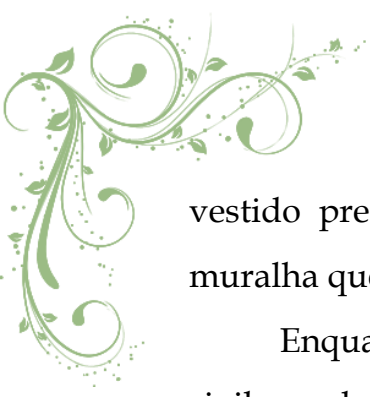
Ela olhou para cada corredor e através de todas as portas abertas, na esperança de dar uma olhada em Izzy, rezando para que ela ainda estivesse ilesa. Embora o medo brilhasse em seus olhos, Izzy ainda estava ilesa. Mina tinha que encontrar uma maneira de salvá-la depois dessa palhaçada de cerimônia de casamento.

Um dos guardas parou diante de uma porta com uma parede redonda. Quando ele girou e abriu a porta, revelando uma escada em espiral, ela percebeu que era uma das torres que levava às ameias. Segurando a porta aberta, ele fez um gesto para ela ir em frente. Ela subiu a estreita escada em espiral, sentindo o ar frio da noite lá em cima.

Então, ela se casaria nas ameias da Torre Izeling? Que assim seja. Uma força que ela nunca experimentou brotou dentro dela, um formigamento ao longo de sua pele. *Ela podia fazer isso*. Se ela pôde sobreviver a uma vida de solidão, a negligência de Briar Rose e a dor e a agonia do sono sem sangue, então ela poderia sobreviver ao Rei Dominik.

Ela entrou na ameia e viu a figura volumosa do homem. Ele estava em um quadrado de tecido vermelho - o pano matrimonial em suas cores reais - na extremidade da ameia, com vista para a estrada do norte que descia para a cidade. As luzes de Izeling cintilavam como as estrelas acima delas, a noite extraordinariamente clara. A Rainha Morgrid estava ao lado de Dominik em um





vestido preto cintilante. Duas dúzias de Legionários compunham a praça da muralha que, por acaso, era a mais alta.

Enquanto caminhava em direção a eles, o único som era o estandarte do sigilo ondulando ao vento. E seu coração batendo em sua garganta. Ela se aproximou como a Rainha que era, derramando todos os medos que a fizeram se esconder dentro de uma concha a vida toda.

O padre magro de preto estava do outro lado do pano matrimonial, de costas para a parede do parapeito, a cabeça baixa em prece e o capuz ondulando numa brisa suave.

Sim, a noite era gentil. Até a lua - cheia e brilhante - lançava um ar de serenidade naqueles abaixo. Uma reviravolta irônica do destino, como uma guerra travada dentro dela.

— Bem vinda, minha noiva. — Dominik parecia tenso e ansioso, não exatamente o animal relaxado, o que era seu comportamento habitual.

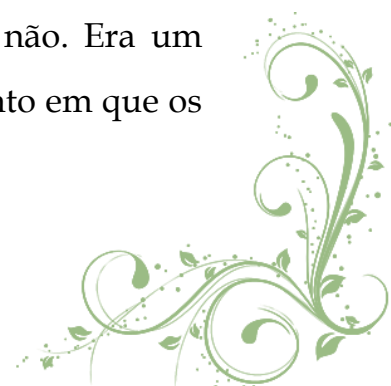
Morgrid parecia igualmente tensa.

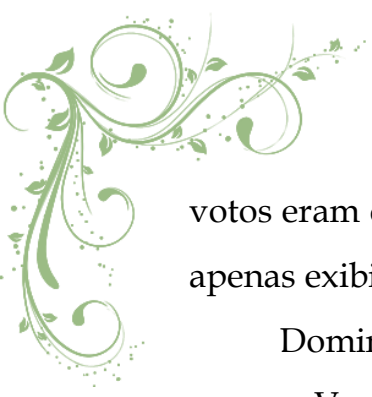
— Vamos logo com isso. — Se não mais.

Algo brilhante por trás da Rainha chamou a atenção de Mina. Era uma faixa de seda preta sobre uma mesa à altura da cintura, estranhamente moldada - estreita e não muito longa. Então Mina notou as extensões em forma de cruz com punhos de segurança de ferro no final, seu olhar caindo para os punhos em correntes curtas e o travesseiro na cabeça acima das restrições cruzadas.

— Não. — Mina balançou a cabeça em horror. — *Um altar de consumação?* — Selvageria.

Ela leu sobre eles, usada por Reis há muito tempo. Com a consumação pública não haveria discussão sobre o casamento ser legítimo ou não. Era um ritual bárbaro, onde o Rei exercia seus direitos de marido no momento em que os





votos eram ditos. Para forçar a submissão de sua noiva na frente de testemunhas, apenas exibia sua força e poder. E brutalidade.

Dominik riu. A Rainha não, seu olhar penetrante cintilando sob o luar.

— Você vai gerar o bebê que eu preciso *hoje à noite*.

Radomir apareceu, arrastando Izzy pelo pulso. Três dos Legionários saíram da fila, revelando outra surpresa terrível, um altar de pedra com manchas escuras sobre a superfície plana. Radomir deitou Izzy de costas. Ela choramingou. Com ajuda, os Legionários algemaram seus minúsculos pulsos e tornozelos, o vento ondulando sua camisola desbotada nos joelhos.

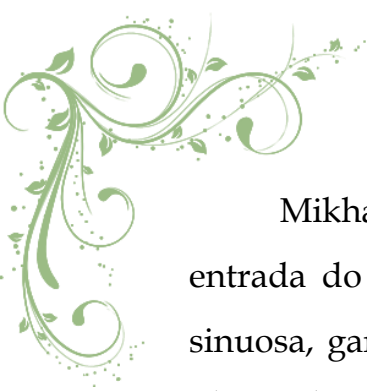
— Você não pode fazer isso! — ela gritou. Então se virou para Dominik. — Eu farei qualquer coisa. *Qualquer coisa*. Apenas não a machuque. Por favor, eu imploro. — Ela olhou para ele, se achando louca por tentar encontrar alguma simpatia ou piedade ali.

— Eu posso. — Dominik agarrou o braço dela e a puxou para perto dele. — E eu vou.

Encarando o padre, cujos olhos se encheram de compaixão, Mina não conseguiu encontrar a resposta para escapar desse pesadelo, mesmo enquanto aquela voz sussurrante lhe dizia para ficar calma. *A ajuda estava chegando*.

— Vá em frente, padre. — Dominik apertou o braço dela ferozmente. — O mais rápido possível.





Mikhail estava no limite, agachando-se na linha de árvores perto da entrada do portão sul, enquanto Vietka e suas moças passeavam pela estrada sinuosa, gargalhando e seguindo em frente como se fosse qualquer outra noite. Eles tinham que ser especialmente cautelosos com a súbita claridade do céu noturno, tornando cada movimento visível da Torre Izeling. A alta parede de tijolos que cercava sua propriedade estava ocupada por guardas. Mas seu primeiro alvo eram as ameias. Se eles atacassem os guardas nas paredes primeiro, aqueles nas ameias mandariam o alarme. A melhor estratégia era entrar disfarçadamente, depois silenciar os homens nas ameias.

Dane rosnou logo atrás dele, seus olhos dourados se estreitaram no portão enquanto uma dúzia de Legionários ficavam vagando, obviamente aqueles que acabavam de sair do trabalho, esperando as mulheres. Ele havia mudado de volta para a forma humana, mas sua fera fervilhava na superfície.

Vietka riu roucamente como se estivesse embriagada, embora a mulher estivesse tão sóbria quanto poderia estar. O portão se abriu. Os músculos de Mikhail ficaram tensos, a necessidade de invadir como um impulso primitivo. As garotas de Vietka e Sienna serpenteavam, cantando e rindo para os Legionários.

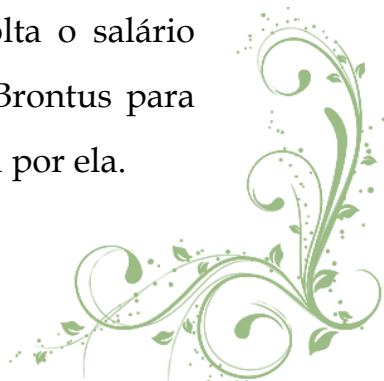
—Garota nova, é? — disse um dos guardas, oferecendo o braço a Sienna.

—Maldito inferno. — rosnou Nikolai. — É melhor ela se apressar.

Como se tivesse ouvido a impaciência de Nikolai, Vietka ergueu a saia, fingindo ajustar a meia e a liga.

—Brontus, amor! — ela gritou.

Brontus era o principal protagonista deste turno, aquele que era mais experiente e o mais perigoso, de acordo com ela. Vietka nunca prestou serviços aos homens, e ela costumava fazer uma das garotas trazer de volta o salário semanal. Ela disse que suas garotas não seriam capazes de atrair Brontus para fora do portão facilmente. Mas ela podia. Ele sempre teve uma queda por ela.





O vampiro alto saiu pelo portão ainda aberto. Mesmo a partir daqui, Mikhail podia sentir o desejo do homem por ela atraí-lo para a frente.

— Você tem algo para mim, Vietka?

Ela se endireitou. Com uma mão no quadril, os seios empurrados para cima, ela apontou um dedo para Brontus.

— Estava pensando que você poderia vir me fazer companhia esta noite.

Ele se aproximou, corpo ainda em uma postura alerta.

— Você nunca veio me procurar antes.

— Eu nunca estive sem um bom homem em minha cama por tanto tempo.

Ele zombou, parando bem na frente dela.

— Um bom homem?

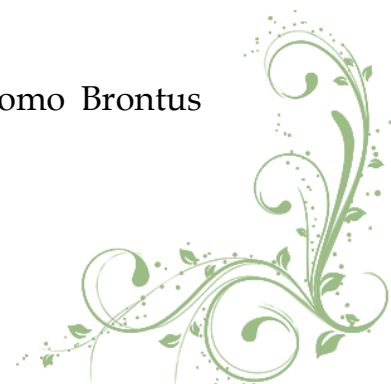
— Por bm... — ela disse docemente — Eu quis dizer alguém que consegue se segurar por tempo suficiente para uma menina obter algum alívio. Você acha que é bom o bastante para isso?

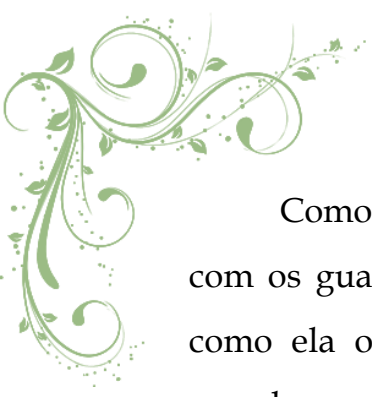
— Sim. — Suas mãos encontraram seus quadris, luxúria fazendo-o desleixado. — Deixe-me ter apenas um gosto de você, então eu vou levá-la para dentro.

— Vamos, então. — ela pegou a mão dele e o arrastou para a sombra das árvores.

Seus olhos estavam trancados nela. Ele cheirou e ouviu o perigo tarde demais. Antes que ele pudesse desembainhar sua espada, Riker estava atrás dele, uma mão na testa, estalando a cabeça para trás e cortando sua jugular com a outra. Vietka saltou para trás quando Riker cortou o resto com uma lâmina serrilhada, tirando completamente a cabeça do sargento antes que ele a deixasse cair ao lado de seu corpo sem cabeça, sem nenhum esforço.

— Agora! — disse Mikhail, notando o portão entreaberto como Brontus havia deixado.





Como um, eles dispararam em um borrão através do portão e se depararam com os guardas remanescentes. As mulheres de Vietka não emitiram um som, como ela ordenou que não fizessem. Sem choros e gritos para alertar mais guardas quando, um a um, Mikhail e seus homens os matassem e arrastassem seus corpos para as sombras perto da muralha do castelo. Tudo em segundos.

Enxugando a lâmina ensanguentada na calça, Mikhail se virou para o grupo de mulheres silenciosas e de olhos arregalados.

— Melhor voltar para a cidade, senhoras.

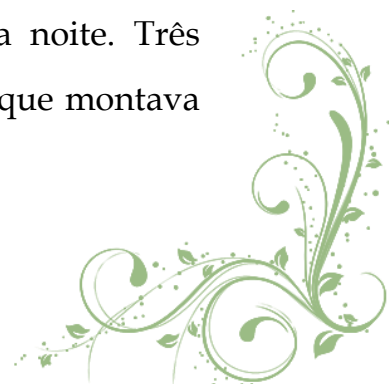
Eles não esperaram, saindo pelo portão e descendo a estrada onde Vietka esperava por eles. Todas, exceto Sienna, que ficou em silêncio enquanto o homem sombrio e mal humorado amarrava seu manto vermelho e capuz em volta de seu pescoço. Nikolai ficou protetoramente atrás dela, examinando a área em busca de sinais de outros guardas.

Yuri estava no ombro de Mikhail, apontando para a direita.

— Entrada da ameia do lado sul.

Eles planejaram estrategicamente derrubar os guardas em cada batente, com vista para os quatro cantos do terreno de Izeling. Se tudo corresse bem nas ameias, então nenhum reforço seria chamado. Eles poderiam entrar, pegar Mina e Izzy, e sair mais rápido. Quanto mais demoravam, mais diminuía suas chances de voltarem vivos. A velocidade era crucial.

Com Mikhail no comando, eles entraram na porta da torre sul e correram em velocidade de vampiro até o primeiro andar. Yuri, Gregoravich e Dane balançaram a cabeça com dez outros guardas atrás deles, pegando a muralha do primeiro nível. A Torre de Izeling tinha um nível inferior e superior de ameias. Mikhail subiu para o patamar mais alto e foi para escuridão da noite. Três guardas se viraram do parapeito, mas não eram páreo para a fúria que montava em Mikhail.





Antes que Nikolai, Riker ou os outros guardas pudessem cair completamente dentro do pátio, Mikhail destruiu um e cortou a garganta de um segundo. Ele se virou no terceiro, mas Nikolai entrou atrás dele e estalou o pescoço, deixando cair o corpo sem som no chão. Riker terminou o serviço no guarda, estripando-o antes que seus gemidos pudessem ser ouvidos.

Uma passagem superior levava à próxima ameia. Mikhail andou a passos largos, ouvindo o arrastar abaixo e alguém ofegando enquanto os outros faziam um trabalho rápido com os Legionários. Sem som, eles correram pelas sombras, encontrando cinco Legionários guardando a próxima torre. Dane recuou perto de Sienna enquanto Nikolai lutava ao lado de Riker, arrasando e despachando os Legionários com pouco ou nenhum esforço. Eles se encontraram na próxima passagem que levava à muralha do Norte.

— Ou esses homens viram poucas batalhas ou nunca foram treinados corretamente. — disse Nikolai, com lâminas de dez polegadas nas duas mãos.

— Eu diria que é um pouco dos dois. — Mikhail olhou atrás deles para os corpos que deixaram em seu rastro. — Dominik passou seu tempo invadindo aldeias humanas e levando-as como prisioneiras. Serão os vampiros infectados com furore sanguíneo e seu elixir de compulsão, que serão o verdadeiro desafio.

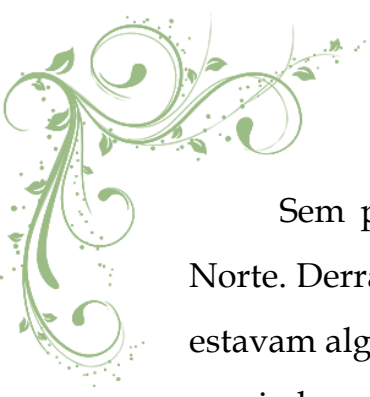
— Parece que ele está mantendo todos eles no Olho do Dragão. — disse Riker.

— Ele não esperava uma invasão tão rapidamente. — acrescentou Mikhail.
— Nós só precisamos...

Um grito angustiante ecoou através da noite clara, levantando os pelos de seu pescoço.

— *Mina!*





Sem pensar, ele fugiu como um louco em direção ao som, na ameia do Norte. Derramando-se na grande praça, seu coração despencou. Dois Legionários estavam algemando Mina de costas em algum tipo de mesa. A expressão de Mina - meio horrorizada, meio apavorada - o rasgou por dentro. Dominik estava atrás dela, soltando o cinto da espada. Num piscar de olhos, Mikhail viu o padre, o tecido matrimonial no chão e a expressão determinada da Rainha ao se aproximar de uma mesa de pedra, onde a pequena Izzy estava acorrentada. *Bom Deus*. Ele estava certo. Ela ia matar Izzy e usar seu sangue com magia negra. E Dominik estava prestes a consumir seu casamento forçado com Mina na ameia.

—Só sobre a porra do meu maldito cadáver.

Um novo tipo de ódio se espalhou no peito dele. O tipo que arrasava aldeias e as deixava em nada além de sangue e cinzas. O tipo que oprimia à tudo e à todos, sugando o inimigo em uma boca escancarada de morte negra e sombria. O tipo que o fez libertar a besta e afastar o homem. Suas garras saíram completamente, suas presas estavam afiadas ao máximo, e ele sabia que seus olhos estavam negros como a noite.

Mikhail saltou no espaço, desembainhando a espada dupla, jogando a bainha no ar, mas foi jogado ao chão no meio do salto por Radomir.





Capítulo Trinta e Um

Mina estava presa, as mãos ainda algemadas ao altar de consumação, enquanto Dominik desamarrava as calças e se aproximava. Seu coração estava cheio de medo e alívio ao ver Mikhail, atacando Dominik como um demônio vindo para recolher sua alma, mas ele foi catapultado para o lado por Radomir. E esse animal maluco ainda pretendia estuprá-la aqui e agora.

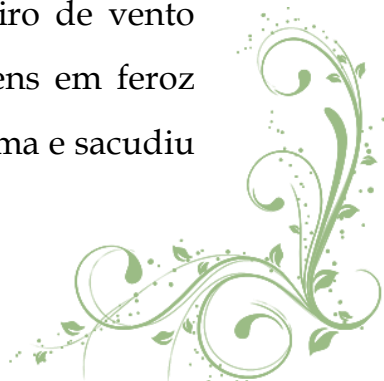
Ela reconheceu Nikolai e alguns dos guardas que haviam prometido sua lealdade a ela agora envolvidos em combate feroz com os Legionários. E outro guerreiro sombrio com um tapa-olho, a quem ela não reconheceu. Mais homens do Rei inundaram a muralha, ouvindo a luta nas torres. Havia mais homens na segunda fileira de ameias, pois ela podia ouvir os gritos dos feridos e o barulho do aço tilintando.

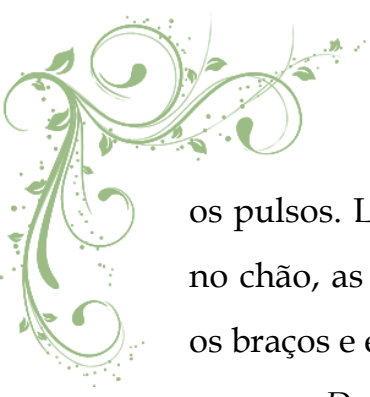
Um som distante de baque vibrou do chão através do castelo de pedra. A Rainha Morgrid sibilou enquanto se arrastava para o parapeito. Enquanto a Guarda de Sangue estava enredada em batalha, o som ficou mais alto. Então uma sirene tocou na noite, nítida e clara.

—Depressa, meu filho. — ordenou a Rainha, correndo de volta para o altar onde Izzy estava amarrada, seu manto preto chicoteando atrás dela. — Deve acontecer ao mesmo tempo. — A Rainha avaliou a cena abaixo. — Vá para o Olho de Dragão. Convoque *todos* eles. — ela retrucou a um guarda ao seu lado.

—Sim, minha Rainha. — Sua voz sombria era um sussurro no vento, enquanto ele se afastava.

Uma bola de fogo explodiu no manto da Rainha. Em um giro de vento gelado, ela sumiu do ar, evaporou. Cruzando a ameia entre homens em feroz combate, Sienna se aproximou. Ela levantou as mãos, palmas para cima e sacudiu





os pulsos. Línguas de fogo semelhante a um raio serpenteavam e se enroscavam no chão, as pontas do chicote de fogo se apertavam em suas mãos. Ela levantou os braços e estalou as extremidades de fogo com uma alta *fenda* no ar.

— *Deixe-as ir.* — Uma aura alaranjada de chamas a envolvia da cabeça aos pés.

Ela partiu o homem que se lançou em cima dela ao meio, seu corpo deslizando em dois pedaços carbonizados no chão.

A Rainha recuou um passo, sussurrando algum encantamento em voz baixa.

Aquele sussurro, aquele segredo interior voltou à vida mais uma vez, saindo de um turbilhão de emoções. O que soava claro e verdadeiro acima de tudo era a raiva. Pura. Crua. Cantando para ela uma canção de ninar sombria.

A consciência crescente da magia dentro dela, aquele sussurro encantado que ela escondeu por tanto tempo, se intensificou. A aura de chamas ondulando ao redor de Sienna em uma mortalha mística e o olhar conhecedor nos olhos dourados de Sienna lhe disseram o que ela não conseguia entender todo esse tempo.

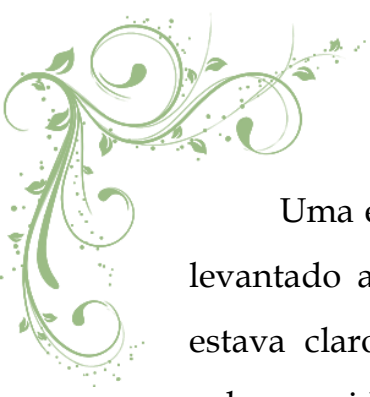
Beba do fogo em seu sangue.

— É Sienna. — ela sussurrou, seu coração pulando de alegria, mesmo quando Dominik agarrou dois guardas para ir atrás dela.

O fogo de Sienna se arrebentou no ar, envolvendo seu pescoço. Com um puxão forte, os dois homens decapitados caíram de uma só vez. Sienna se fechou no olhar de Mina e sorriu, um segundo antes que uma explosão jogasse Sienna pela ameia, batendo a cabeça com força no pilar. Ela caiu imediatamente, o sangue se acumulando em seu cabelo ruivo, a aura de fogo diminuindo até que evaporou em uma nuvem de fumaça.

— Não!





Uma eletricidade fria faiscou no ar onde a Rainha havia fechado os olhos e levantado as mãos para o céu, chamando algum feitiço sombrio. Onde o céu estava claro antes, um grupo de nuvens negras rodou em uma tempestade enlouquecida, brilhando com uma magia ameaçadora.

Izzy fechou os olhos, desviando o olhar da Rainha, que estava em pé sobre o altar, com as mãos erguidas para o céu.

— Agora, Dominik! — berrou a Rainha aos ventos.

O pesar inundou Mina, vendo a forma prostrada de Sienna sangrar enquanto o mundo ia para o inferno ao seu redor. Então Dominik estava novamente sobre ela, levantando suas saias. Quando ele a segurou em um aperto de mãos perto da cabeça e inclinou seu grande corpo sobre ela, sua expressão definida com uma determinação sombria e uma sugestão de prazer sádico, toda a dor dentro dela derreteu, substituída por uma raiva tão sombria que ela só conseguia pensar em uma coisa.

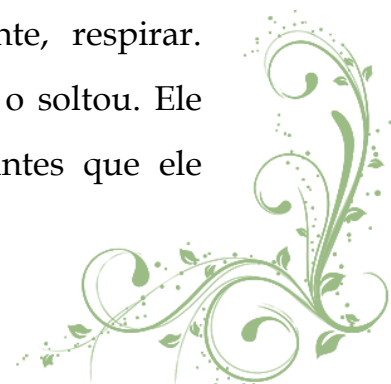
Sobreviver. E matar.

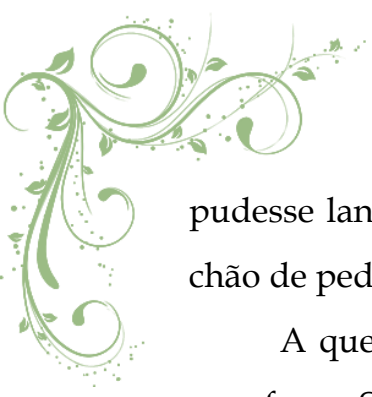
Ele agarrou a coxa dela, se inclinando para a frente apenas o suficiente. Ela se inclinou e prendeu suas presas no pulso dele, sugando com tanta força que ele gritou, apertando sua coxa com mais força.

— Me solte, sua vagabunda!

Ela apertou ainda mais forte, bebendo ferozmente do sangue dele, que descia como fogo fundido queimando através de seu corpo, como um vulcão cuspidor lava em suas veias. Ardia. Queimava. Mas ela não cederia, determinada a tirar a vida dele, de qualquer maneira que pudesse.

Ele se ergueu, gritando, mas ela não soltou. Por fim, ele a agarrou pela garganta, impedindo-a de engolir o sangue e, conseqüentemente, respirar. Quando começou a ver pontos pretos em sua visão periférica, ela o soltou. Ele voou para longe dela, com sangue escorrendo de sua ferida. Antes que ele





pudesse lançar sobre ela a vingança negra em seu olhar, Mikhail o derrubou no chão de pedra.

A queimação persistiu enquanto o potente sangue de Dominik bombeava com força. Seu sangue ardia como fogo líquido através de seu corpo, inflamando uma combustão própria.

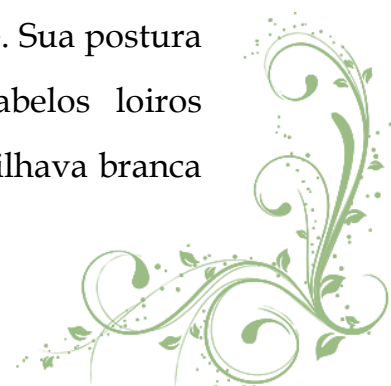
— Não era Sienna. — ela sussurrou, olhando para o estandarte de Dominik, o sigilo do dragão negro com olhos dourados. — Dominik é o sangue do fogo.

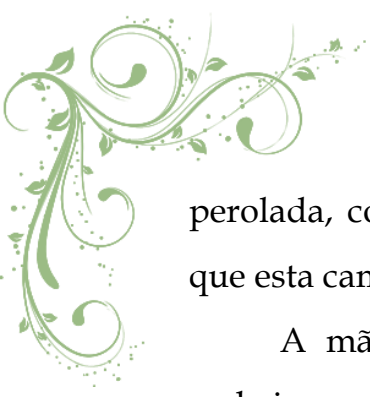
Sem pensar, ela se deixou levar pela sensação mágica e se libertou de suas restrições. Elas quebraram de uma só vez. Ela saiu do altar e agarrou a parede do parapeito. Ela soltou as respirações no ar da noite, observando a visão abaixo quando uma sensação estranha inundou todo o seu corpo.

Lá embaixo, a colina que se filtrava pelos portões agora abertos e se espalhava por linhas largas era o exército do Black Lily. Mina prendeu a respiração. Fundindo-se com o exército humano à sua esquerda estava Lord Rathbone, liderando sua força de Arkadians, montado em um grande cavalo negro, sua armadura prateada brilhando sob o luar. Lorde Maksim estava ao seu lado. Os equestres encheram centenas de campos abaixo da Torre Izeling, incluindo a Guarda Sangue, vestida de preto.

Uma grande explosão estourou um buraco na parede externa ocidental. Katya e Dmitri cavalgaram em suas montarias através da abertura, levando a cavalaria da Guarda de Sangue para a encosta oeste. Atrás deles vinham os homens blindados do Black Lily e uma sólida força de lobos místicos, flanqueando Friedrich, Marius e Arabelle. O casaco branco de Allora irradiava sob o luar. Seu companheiro de pelo preto ao seu lado.

Mesmo a partir daqui, Mina podia ver a diferença em Arabelle. Sua postura orgulhosa, vestindo a armadura de um homem com seus cabelos loiros amarrados em uma trança que mais parecia uma corda, sua pele brilhava branca





perolada, como a de um vampiro. Ela finalmente se transformou. A revolução que esta camponesa começou terminaria esta noite. Mina sorriu.

A mão direita do Rei, aquela víbora cruel chamada Kostya, estava lá embaixo, no chão coberto de neve, gritando comandos enquanto filas de Legionários marchavam para enfrentar o ataque que se preparava para atacar o campo aberto.

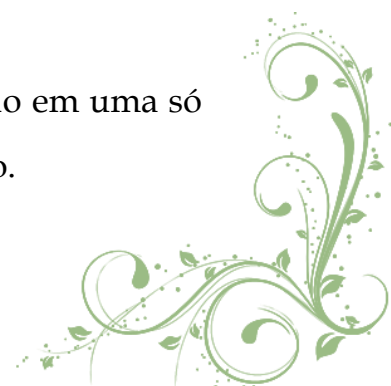
E todo esse tempo, Mikhail atacou Dominik com força total. Mikhail tinha uma mancha de sangue na bochecha, embora parecesse mais forte do que nunca. Ele mergulhou em Dominik, derrubando-o sobre o parapeito. Mina engasgou, inclinando-se para a parede do parapeito, encontrando os dois de volta no chão, onde Gregoravich e Yuri lutavam lado a lado. Ensanguentados, mas não caídos.

Um rugido de chiados de batalha sobrepostos soou do campo onde vampiros furiosos - sem dúvida contaminados com a loucura do sangue - corriam em um frenesi do meio da mata pelo campo em direção ao exército do Black Lily.

Morgrid gritou de raiva, olhando para Mina, que escapara de seu destino sombrio. A Rainha má ergueu as mãos para o céu, convocando uma tempestade. Um vento escaldante varreu as ameias, preenchido com a energia crepitante da malícia e da morte, crescendo e ficando cada vez mais forte. Uma cacofonia de rosnados, uivos, tilintar de metal, carne rasgando e ossos quebrando ecoou até as muralhas, enquanto o caos da batalha continuava abaixo. Mina olhou para Mikhail e Dominik, ainda trancados em combate, embora o rosto de Mikhail sangrasse profusamente do lado, jorrando carmesim no chão de pedra.

—Mikhail. — Então ela encontrou Izzy, ainda presa e indefesa, ainda precariamente perto da bruxa que a queria como um sacrifício de sangue. — *Não!*
— Mina ofegou, ficando de pé.

O sussurro mágico ficou mais alto, vozes sobrepostas colidindo em uma só voz, a voz melodiosa de uma mulher, enquanto ela falava claro e alto.





Desperte a Rainha Branca de seu longo e profundo sono.

Palavras estranhas. O sangue de Dominik inflamou como uma chama viva através de seu corpo. Uma queimadura que não doía, mas eliminava todas as fraquezas, deixando uma torre de força e poder em seu rastro. Uma libertação da garota que estava com medo de manter a cabeça muito alta ou de reconhecer a besta que vivia lá dentro. A besta que Mikhail lhe ensinara a abraçar. A amar.

Uma lembrança súbita zumbiu através de seus pensamentos febris, uma memória de sua babá caminhando com ela pelos jardins de Briar Rose.

“Você sabia que os ossos do dragão branco estão bem aqui, embaixo dos seus pés?”

“Não. Isso não pode ser verdade. Isso é apenas um conto de fadas.”

“Sim, doce menina. É verdade. E essa mágica vive no seu próprio sangue, você sabia?”

A mente de Mina voltou ao presente, mas ela respondeu sua amada babá ao mesmo tempo que sua versão infantil de volta no tempo.

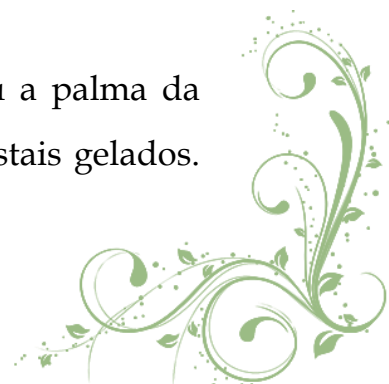
—Sim. *“Sim.”*

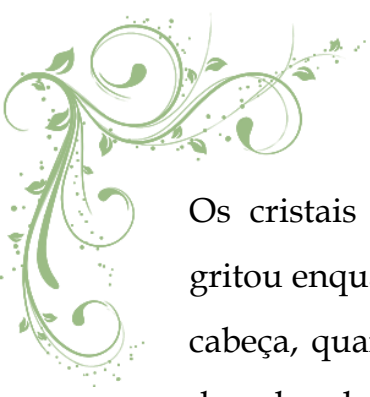
Ela podia sentir, o sangue de fogo de Dominik se fundindo com a magia dentro dela, despertando algo que ela sabia que estava lá o tempo todo, mas estava com muito medo de encarar.

A tempestade crescente de Morgrid se agitou com uma violência enfurecida, bloqueando as estrelas e a lua. Morgrid finalmente abriu os olhos e gritou para o céu noturno.

—Ventos da noite! Atendam meu chamado! Tomem meu sangue. Faça-os cair.

Ela pegou uma espada de um dos soldados mortos e cortou a palma da mão, elevando-a para o vendaval gelado, que se espessava com cristais gelados.





Os cristais estalavam e cresciam quando dispararam do céu escuro. Nikolai gritou enquanto corria para onde Sienna estava deitada, o sangue jorrando de sua cabeça, quando um espigão de seis polegadas de gelo encaixou em suas costas, derrubando-o no chão de pedra, imóvel.

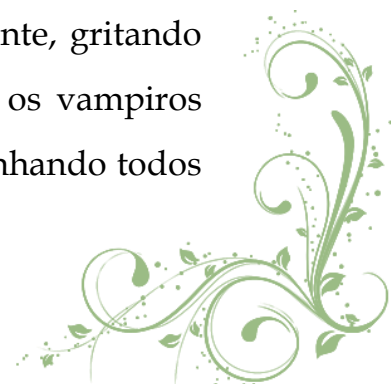
Mina recuou para o parapeito, sacudindo a cabeça em raiva impotente enquanto os cacos mortais colidiam em pedras e em seus amigos e guerreiros. Nenhum dos espinhos gelados sequer a tocou. Eles não iriam. A Rainha precisava dela viva. Mas isso poderia matar todos que ela conhecia e amava. Em pânico, ela se inclinou sobre a parede de parapeito para ver na ameia logo abaixo de um fragmento do tamanho de uma adaga que empalava o pulso de Mikhail, forçando-o a soltar sua espada. Dominik agarrou a arma e acertou Mikhail na parte superior do peito, errando por poucos centímetros o pescoço dele, quando Mikhail se afastou. O sangue de Mikhail respingou no ar. Mais duas adagas de gelo empalaram suas coxas, forçando-o a cair no chão. Dominik sorriu, como o predador feroz que ele era, se aproximando de sua presa ferida.

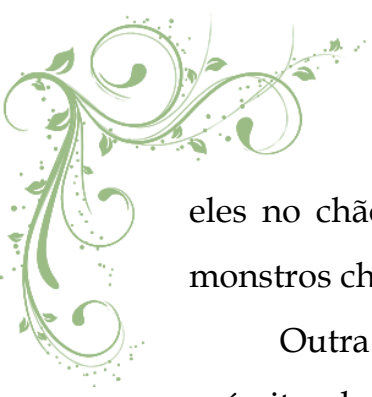
Mina gritou, agarrando a pedra da parede do parapeito, as garras espetadas, o sangue queimando cada vez mais.

Lá embaixo, no campo, adagas e espadas de gelo caíam do céu, perfurando os soldados do exército do Black Lily. Uma chuva de adagas de gelo caiu sobre Lord Rathbone, seu cavalo guinchando quando caiu e rolou sobre o vampiro que a ajudou a se tornar Rainha e se juntou à sua causa.

Outra chuva de lâminas de gelo caiu sobre Arabelle, Marius, Friedrich e Grant, que lutavam de costas um para o outro, os fragmentos atingindo seus alvos e derrubando Friedrich no chão, imóvel.

Kostya empurrou seu exército de vampiros raivosos para frente, gritando ordens de morte para todos. Em um enxame de gritos e sangue, os vampiros desceram e saltaram sobre o exército do Black Lily, rasgando e arranhando todos





eles no chão. O exército humano lutou, mas poucos conseguiram enfrentar os monstros cheios de raiva que a Rainha e seu filho haviam criado.

Outra tropa deles entrou no buraco aberto na parede, subindo atrás do exército de Lord Rathbone, atrás de seus próprios Arkadianos, cortando as gargantas deles. Os vampiros estavam em terreno mais igual, mas com os punhais de gelo da Rainha Morgrid derrubando o povo de Mina um por um, logo não restaria ninguém de pé.

Eles estavam perdendo. E se eles perdessem, ela se transformaria em uma escrava de Dominik, que colocaria uma criança dentro dela e a arrancaria de seu ventre, sacrificando-a em um ritual de magia negra para trazer uma eternidade de escuridão sobre a terra.

O pânico se apoderou dela enquanto ela assistia à tudo aquilo com um horror desamparado.

—Não.

Então, ela ouviu o chamado da mulher branca dentro dela. *“Mina!”* Era a bruxa branca da lenda que falou com ela, de dentro. *“Está na hora. Desperte a Rainha Branca de seu longo e profundo sono.”*

Morgrid riu atrás dela, um frio sinistro enchendo o ar.

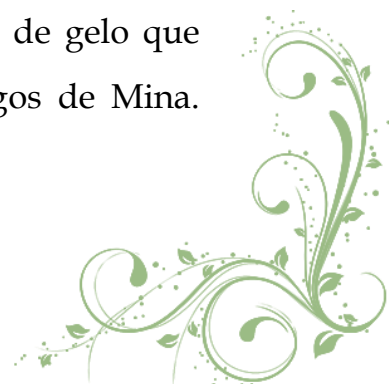
—O que há de errado, Princesa? Não é o que você planejou com seu pequeno exército?

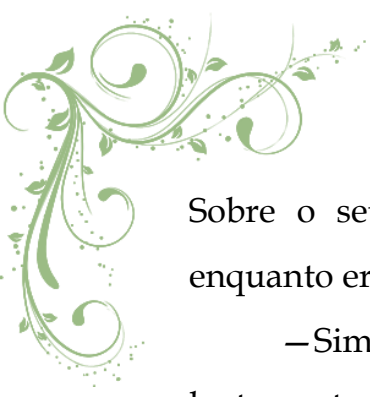
Mina girou para encará-la.

Morgrid se encolheu com algo que viu nos olhos de Mina. No entanto, seu comportamento arrogante permaneceu inalterado.

—Oh, me desculpe. Estou falando com uma Rainha, não estou?

Morgrid estreitou seu olhar ameaçador enquanto os punhais de gelo que ela convocava do céu negro continuavam a chover sobre os amigos de Mina.





Sobre o seu próprio amor. Lobos místicos gritavam e uivavam no campo, enquanto eram esfaqueados.

—Sim. — disse Mina, subindo no parapeito e depois se levantando lentamente enquanto o vento ameaçava derrubá-la. — Eu sou uma Rainha.

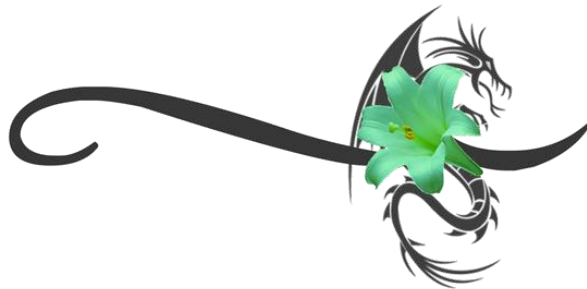
O fogo ardente do sangue de Dominik corria por suas veias com uma fúria selvagem, iluminando-a com uma energia palpável, que crepitava no ar ao redor dela. Magia chiou ao longo de sua pele.

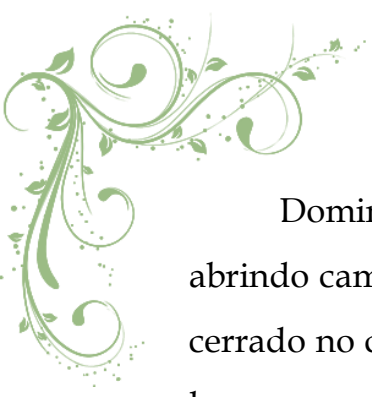
—Eu sou a Rainha Branca da lenda.

A voz de Mina se aprofundou. Ficando sombria. Soando como se fosse uma fera selvagem dizendo as palavras, não ela. Seu corpo bombeando quente e forte, não mais com sangue, mas com pura magia. *Poderosa*. Derramando lava através de seu corpo, enquanto seus sentidos se intensificaram, amplificados bem além de um vampiro. Tudo o que ela podia pensar, sentir e ansiar era fogo. Ela cheirou isto vindo de seus pulmões, conforme respirava profundamente, ardendo em chamas dentro de seu próprio corpo, como se tivesse uma fornalha enterrada no mais profundo de seu ser.

Quando ela falou novamente com Morgrid - agora entorpecida no lugar, olhando em choque para Mina - suas palavras mal podiam ser ouvidas através do grunhido profundo da terra ressoando com perigo e destruição.

—E eu vou matar você.





Dominik sorriu, com a garganta pingando sangue onde Mina o mordera, abrindo caminho em um círculo. Mikhail não se mexeu, a postura ereta, o punho cerrado no cabo da espada dupla, as lâminas com pontas de ouro piscando sob o luar.

— Então, foi você que roubou o que era meu. Um ninguém, sem títulos, que nem sequer poderia entrar nos Legionários. Teve que começar sua própria pequena guarda.

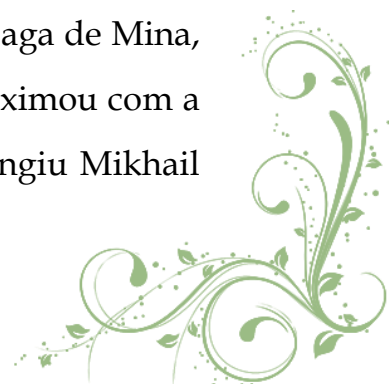
— Ela nunca foi sua. — Mikhail dobrou o pulso, girando as lâminas ameaçadoramente. — E ela nunca será. — O luar escondia o Rei açougueiro em ângulos e linhas duras, mas tudo o que Mikhail viu foi o ponto e o ângulo perfeito em que ele cortaria, para remover a cabeça desse filho da puta. — Há muitas razões pelas quais eu quero matar você. — Suas palavras eram suaves como seda, baixas e sonoras como um veneno que deslizava em suas veias sem que ninguém soubesse. — Os inocentes que você matou ao longo dos anos. As aldeias que você invadiu e destruiu, incluindo a da minha própria mãe. O número incontável de pessoas que você aterrorizou para seu próprio prazer. Mas, essa noite, você vai morrer por apenas um motivo. — Ele deu um passo ameaçador para frente, seu olhar aguçado nos movimentos do oponente. — Porque você se atreveu a tocar em um fio de cabelo dela.

Ele zombou, estufando o peito.

— Eu toquei muito mais que isso.

A ira dominou sua visão. Mikhail mergulhou em seu inimigo. Eles se encontraram em um clamor violento de aço com aço.

Sangrando dos fragmentos de gelo que haviam perfurado seu corpo em pelo menos sete lugares, Mikhail subiu no parapeito para pegar a adaga de Mina, embainhada em sua bota. A dor lacerou seu corpo. Dominik se aproximou com a intenção de dar um golpe mortal. Outro fragmento fino de gelo atingiu Mikhail





diretamente no peito, penetrando profundamente. O choque da dor aguda o distraiu o suficiente para que Dominik cortasse o pulso de sua mão boa. O corte de seus tendões tirou a adaga de seus dedos, batendo na pedra.

Uma adaga de gelo havia cortado seu outro pulso, deixando-o literalmente impotente para segurar uma arma. Ele mostrou suas presas afiadas, no entanto, quando o Rei açougueiro se aproximou.

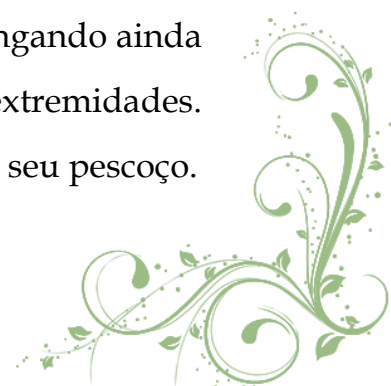
— Eu quero que você saiba de uma coisa antes de morrer, Capitão-quem-quer-que-você-seja. — Ele inalou e exalou um grande sopro de ar branco. — Eu vou aproveitar o sangue e o doce corpo de Vilhelmina dia e noite, até que ela me dê um herdeiro. — Ele lançou um sorriso arrogante para Mikhail, balançando a espada e a apoiando no ombro, de uma maneira casual. — Então, eu deixarei meus Legionários transarem com ela. Nenhum deles se deitou com uma rainha antes, isso vai ser divertido. E, em todo esse tempo, você estará apodrecendo em um túmulo frio e escuro.

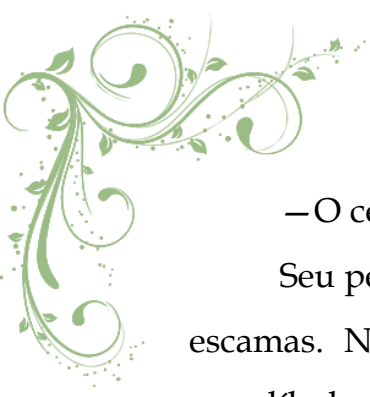
Mikhail atacou o animal e o levou ao chão, enterrando um joelho em sua garganta. Dominik se levantou e o empurrou. Gritos irromperam do parapeito, não gritos de dor e morte, mas de exclamação e surpresa. O barulho das espadas cessou. Tanto Mikhail quanto Dominik olharam para a parede do parapeito superior, onde todos os olhos estavam.

Mina estava no topo do corrimão, com os braços estendidos, o cabelo solto chicoteando no vento glacial e uma assombrosa aura verde vibrante ondulando em chamas ao redor de seu corpo.

— Magia. — sussurrou Mikhail. — *A lenda.*

Seu corpo vibrava ondas de poder, então ela rugiu, soltando um som que nenhum humano poderia reproduzir. Seus braços estendidos, se alongando ainda mais, longas garras negras - como as de um urso - crescendo das extremidades. Então suas pernas se alongaram e alargaram, assim como seu torso e seu pescoço.





—O céu nos salve. — sussurrou um dos Legionários próximos.

Seu pescoço continuava a esticar e esticar, a pele mudando, brilhando como escamas. Não, não *como* escamas. Eram escamas. Seu rosto se estendeu, as mandíbulas se abriram. Mais largas. Seus longos cabelos loiros se enrijecerem em uma estrutura espinhosa e irregular, que se estendia ao longo do pescoço até que ela não era mais uma mulher.

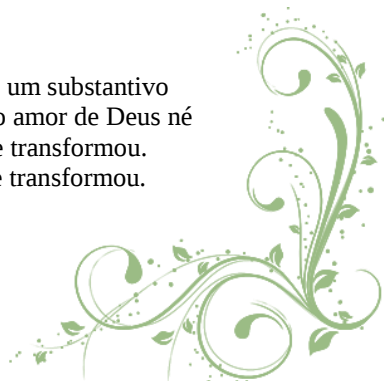
—Meu Deus... — ele sussurrou quando ela ficava mais e mais alta, até que a parede do parapeito se desmoronou sob uma de suas poderosas garras traseiras, seu corpo enchendo toda a muralha. E a força da promessa, a visão que lhe foi dada quando Morgrid a amaldiçoou, lançou-se para cima na forma gigante que se erguia no alto da Izeling Tower e rugia para as estrelas. *Um grande dragão branco.*

Ela estava fixada em algo, alguém além da visão de Mikhail. Seu pescoço se moveu como uma cobra e depois se voltou para o objeto invisível. O grito de uma mulher penetrante ecoou na noite quando Mina, a *dragonesa*¹, ergueu a Rainha Morgrid em sua mandíbula, com os dentes firmemente apertados em torno de seu peito.

—Não! Guardas! Ajudem-me! — Gritou a Rainha, que tinha assassinado e brutalizado centenas de milhares de seu próprio povo, assim como seu filho, que agora olhava em horror para aquela cena, estupefato. — *Não!*

Os olhos de Mina cintilavam um tom de esmeralda verde brilhante, com uma faísca chocante, logo antes de ela fechar as mandíbulas e cortar a Rainha ao meio. A tempestade negra de cacos de gelo evaporou em um piscar de olhos, a

¹ No português, não existem registros de generalidade desse substantivo, dragão, que é considerado um substantivo epiceno. Sendo assim, pra falar a palavra dragão no feminino, pode-se usar dragão-fêmea. Mas pelo amor de Deus né kkkk dragoa é horrível, dragão-fêmea perde totalmente a graça e o poder do que ela é, do que ela se transformou. Então, vamos de dragonesa mesmo, que é mais bonito e mais fiel à figura estonteante na qual ela se transformou.





massa maligna de nuvens se dissolvendo no ar etéreo. Gotas de gelo caindo sem força do céu.

A Rainha dragonesa ergueu a cabeça em direção ao céu noturno e soltou um rugido ensurdecedor. Sua cabeça então serpenteou ao redor e se abaixou até o parapeito onde Mikhail estava, seus olhos verdes serpenteados focados em Dominik.

Oh, não, ela não vai...

O pulso onde o punhal de gelo o havia cortado havia se unido e curado o suficiente para ele se curvar e pegar sua espada dupla. Enquanto Dominik olhava em horror chocado para a Rainha dragonesa, Mikhail agarrou um punhado de seu cabelo e o puxou.

—Eu quero que você saiba de uma coisa antes de morrer. Eu não sou um ninguém. Eu sou Mikhail Romanov, bisneto de Rodin Varis, o primeiro Rei da Terra, antes que sua mãe sanguinária o matasse em seu trono. E restaurarei seu mundo de paz, enquanto você vai apodrecer em um túmulo frio e escuro.

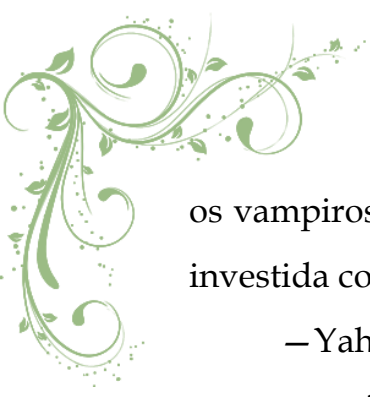
Então, Mikhail atravessou a garganta de Dominik com a lâmina, soltando a cabeça de sua espinha de uma só vez, atirando-a por cima da parede do parapeito.

Mina, em sua forma de dragão, bufou um sopro de fumaça satisfatório. Enquanto os Legionários tentavam fugir, ela abriu suas asas brancas e bateu as asas. O vento forte agora era causado pela tempestade de Vilhelmina Dragomir, quando ela saltou da ameia no ar, seu corpo brilhando como diamantes sob o luar. Ela estava fodidamente linda. Mikhail sorriu.

—Minha Rainha. — ele sussurrou para si mesmo enquanto ela circulava em direção ao campo de batalha.

Com uma respiração sibilante, descendo em direção ao exército de vampiros em retirada, ela soltou um fluxo de chamas verde-elétrico, incinerando





os vampiros que estavam gritando. Dmitri e Katya, ainda montados, lideraram a investida contra o inimigo que recuava.

—Yah! — berrou Dmitri, deixando cair de sua mão um gancho de ouro em uma corrente, uma das muitas armas forjadas em Cutters Cove para este dia.

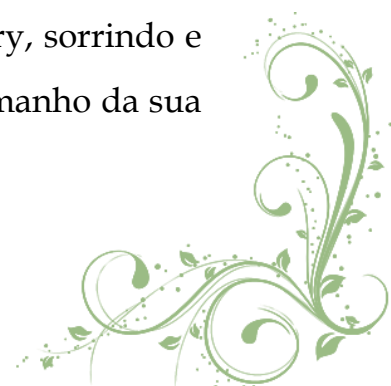
Os cavaleiros de Guarda de Sangue e da Guarda de Arkadia ainda estavam em pé em direção ao inimigo e soltaram seus ganchos, enroscando-os acima de suas cabeças enquanto a cavalaria atacava os Legionários em fuga. Uma dúzia de lobos místicos perseguia com eles, avançando em direção à floresta.

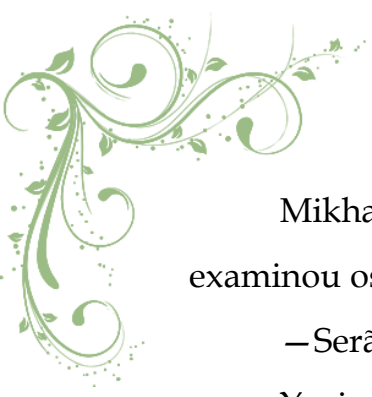
Os vampiros raivosos com furore sanguíneo, e especialmente aqueles bombardeados com o elixir de Dominik, não recuaram, mas lutaram como as feras enlouquecidas que eram. Marius, sangrando e rugindo de raiva, lutou contra três de uma vez. Arabelle, não muito longe, se engalfinhou com mais dois junto a Allora, mergulhando para derrubar um vampiro vindo atrás dela.

A batida de botas reverberou abaixo dos muros da ameia menor, enquanto os Legionários avançavam para defender a Rainha de Izeling e o Rei. Eles circulavam Yuri, Gregory e Dane. Dane soltou a arma e, com um grunhido uivante, rasgou sua camisa um segundo antes que a eletricidade entrasse no ar e um flash de luz cegasse a todos. Em seu lugar estava um imponente e feroz lobo. Um grunhido baixo saiu de sua garganta, sua cauda chicoteando. Os soldados deram um passo atrás e ergueram as espadas.

Com um grunhido satisfeito, Mikhail tirou o peso da parede, apertou a espada de dois gumes e pulou a parede do parapeito para pousar diretamente no centro, com seus homens e Dane. O pouso sacudiu os ferimentos na perna. Ele estremeceu, mas continuou de pé.

—Que bom que você resolveu descer, capitão. — disse Gregory, sorrindo e empunhando um machado de batalha com uma cabeça quase do tamanho da sua própria.





Mikhail sorriu para o humor do homem em um momento como este. Ele examinou os números.

—Serão dez pra cada um.

Yuri deu de ombros, o sangue escorrendo da têmpora de um corte na cabeça.

—Nós já estivemos pior.

—De fato, meus irmãos. Vamos matar esses filhos da puta.

Com o grunhido de concordância de Dane, eles se lançaram no inimigo. A luta estava longe de terminar.

Mas acima deles, o rugido dragão branco, a Rainha Branca da lenda, queimava o inimigo do povo, do bom e do justo. Criando um novo mundo, terminando o antigo em chamas verdes. A noite ainda não havia sido vencida, mas certamente seria.

Ele sorriu, lembrando da profecia no nascimento dela.

“E ela será a salvadora de todos eles.”

Mikhail cortou um atacante à sua esquerda e depois à direita, respirando rapidamente para olhar para o céu, onde ela sobrevoava. A força e poder da beleza e da fera em um só corpo.

—Minha Mina.





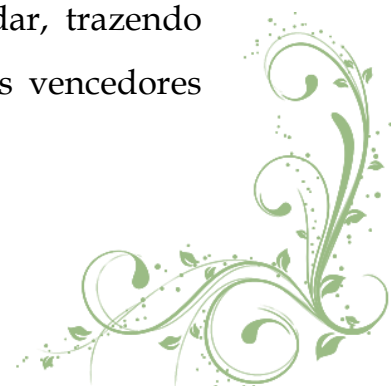
Capítulo Trinta e Dois

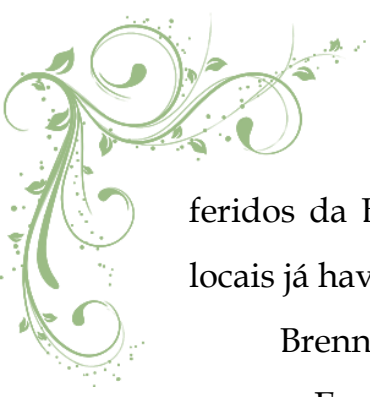
Encostado a uma árvore em meio aos outros feridos, Mikhail observou Izeling Tower queimando em chamas verdes, a estranha aura se erguendo no alto dos céus. A chama do dragão de Mina queimou o castelo, quando ela voltou para rastrear aqueles que tentaram fugir de volta para o Olho do Dragão. Mikhail já havia caído no campo de batalha com o resto de seus homens quando ela voou em meio a um rugido de raiva, queimando a muralha norte.

Ao lado dele, Brennalyne chorava sobre o prostrado Duque de Winter Hill, com Izzy embrulhada em seus braços, agora adormecida depois de sua provação. Friedrich sangrava de numerosas feridas de batalha, mas uma delas havia feito uma marca definitiva. Brennalyne ficara em Izeling, esperando a luta acabar. E agora ela deitava a cabeça no peito de Friedrich, os cabelos negros esparramados sobre ele enquanto soluçava e chorava.

—Gatinha, você vai ter que parar de chorar assim. — Friedrich se levantou contra um tronco de árvore. — Eu ainda tenho um braço bom para abraçá-la. — Para exemplificar, ele a puxou para perto e acariciou suas costas, o cotoco do braço esquerdo agora costurado e consertado, desde que ele se alimentou de uma das garotas de Vietka. Então, ele colocou a mão sobre a cabeça loira de Izzy, com um sorriso.

Estranhamente, Vietka e suas mulheres haviam voltado para o campo de batalha para ajudar aqueles que se agarravam à vida, sabendo que os vampiros precisariam de sangue humano para se curar e que os humanos precisariam de cuidados. O povo de Izeling tinha invadido em massa para ajudar, trazendo muitos de volta para a igreja, que se tornara um hospital para os vencedores





feridos da Batalha do Fogo do Dragão, o nome com o qual um dos moradores locais já havia batizado a guerra.

Brennalyn se levantou do peito dele, a fúria fincando rugas em sua testa.

— Eu quero *matar* quem fez isso com você.

— Não precisa, baby. — disse Friedrich, brincando com uma mecha de seu cabelo preto. — Riker cuidou disso para mim. — Ele acenou apreciativamente para o homem, de pé com os braços cruzados e encostado a uma árvore.

— Não foi nada, Sua Graça.

— Bem, eu quero matá-lo novamente. — murmurou Brennalyn, ainda fervendo de raiva.

Friedrich sorriu para ela.

— Tudo bem, gatinha. Nós tivemos mortes o suficiente por uma noite. E olhe para o Riker. Ele se sai muito bem com apenas um olho. Eu vou me sair bem o suficiente com apenas um braço. — Ele olhou para Riker. — Sem ofensa.

— Não ofendeu.

Arabelle andou a passos largos com Marius ao lado dela, um corte severo na testa dela já se curando. Marius, com um corte rasgado em sua armadura e camisa abaixo das costelas, se ajoelhou ao lado de Friedrich.

— Você está bem, primo?

— Bom Deus, eu estou bem. Todos vocês, parem de se preocupar comigo.

— Seu tom severo mudou quando ele olhou para Brennalyn e segurou seu rosto.

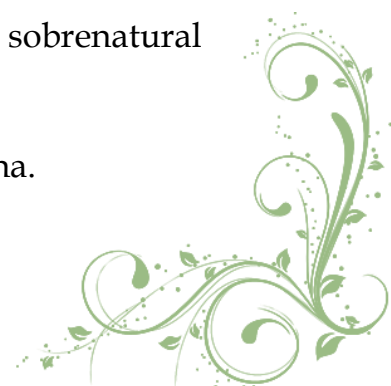
— Eu estou vivo. E é isso que importa.

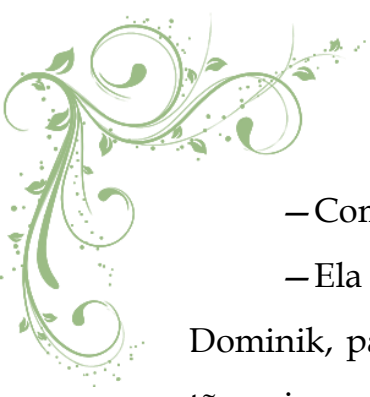
Arabelle soltou um suspiro pesado.

— Muito bem, Friedrich. Muitos perderam a vida.

Marius olhou de relance para a torre em chamas, uma chama sobrenatural consumindo a habitação do mal, tijolo por tijolo.

— Mas, muitos mais teriam morrido, se não fosse por Vilhelmina.





— Como está Sienna? — perguntou Arabelle. — Alguém me disse que ela...

— Ela vai ficar bem. — disse Mikhail. Ele a mordeu logo depois de matar Dominik, para garantir que a cura começasse imediatamente. Sua lesão não era tão ruim quanto parecia no começo, embora ela não fosse sair da cama por um bom tempo, se Nikolai tivesse algo a dizer sobre isso.

Arabelle cruzou os braços.

— Você sabe, Marius? Eu odiei Mina por estar noiva de você, quando a conheci. Parece que eu deveria ter feito amizade com ela desde o começo. Nós poderíamos ter terminado esta guerra antes mesmo de começar.

— É um pouco difícil fazer amizade com a vítima do seu sequestro. — Marius sorriu.

Arabelle se virou para ele.

— Ela era uma maldita vampira da nobreza. Minha inimiga.

— E agora você é uma maldita vampira. E uma nobre, como minha esposa.

— Alguém viu o idiota do meu irmão? — perguntou Friedrich.

Grant marchou naquele exato momento, com Katya e Dmitri.

— Sentindo minha falta, já?

— Graças às estrelas. — Friedrich franziu o cenho. — Eu não tinha visto você desde que aquela maldita Rainha nos atormentou com granizo de gelo.

Grant olhou para o braço perdido de seu irmão, uma carranca severa apertando sua testa com raiva e preocupação.

— Oh, pelo amor de Deus! — retrucou Friedrich. — Não comece você também. Eu estou bem.

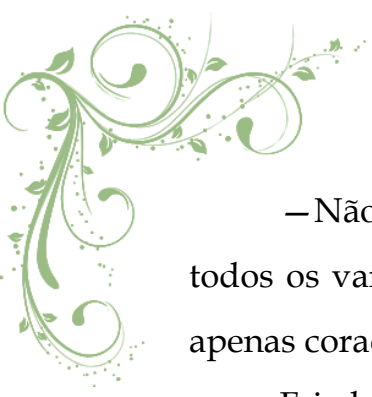
Grant limpou a garganta, parecendo engolir sua raiva.

— Eu só quero saber uma coisa.

Friedrich revirou os olhos.

— O que? Se eu matei o bastardo que fez isso?





—Não. — Ele balançou a cabeça levemente. — Eu quero saber como é que todos os vampiros parecem ter sido espancados brutalmente enquanto eu estou apenas corado, como em um dia de sol na primavera?

Friedrich sorriu. Marius riu, então agarrou seu lado ferido com um estremecimento. Grant sabia do que seu irmão precisava.

Mikhail olhou para seu próprio irmão, Dmitri, que se ajoelhou ao lado dele.

—Você precisa de um bleeder? Eles estão com pouca demanda no momento.

Mikhail sacudiu a cabeça.

—Eu vou ficar bem. Deixe aqueles em pior situação serem atendidos primeiro.

Dmitri olhou para sua mancha encharcada de sangue, sentindo a extensão de seus ferimentos, embora o traje preto de Mikhail não mostrasse o quanto ele tinha sido ferido. A verdade era que ele estava fraco. Mas ele certamente se curaria.

—Oh, minha querida Katya. Parece que você sofreu alguns ferimentos também. — Grant arqueou uma sobrancelha diabólica enquanto se aproximava intimamente dela. — Brennalyn diz que eu tenho um gosto muito bom. Eu estaria mais do que disposto a sacrificar meu sangue por você.

Mikhail e Dmitri trocaram um olhar afiado. Ela não gostava de homens do tipo conquistador barato.

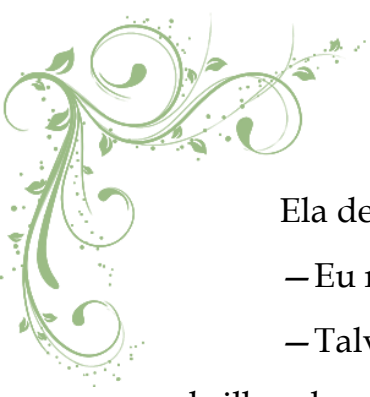
Ela inclinou a cabeça e sussurrou suavemente:

—Se você e eu fôssemos as duas últimas pessoas na Terra, eu cairia em um sono sem sangue, antes de precisar tomar seu sangue.

Ele sorriu largamente, puxando uma tira solta de couro no arnês cruzando seu peito.

—A dama protestou um pouco demais.





Ela deu um tapa na mão dele.

—Eu não sou uma dama. — Ela passou por ele e foi embora.

—Talvez não. — Grant observou-a ir embora com admiração ardente brilhando em sua expressão. — Mas você é uma mulher encantadora. — ele sussurrou, principalmente para si mesmo.

—Mikhail!

Ele girou ao som da voz doce de Mina. Ela vestiu o manto pesado de alguém, suas pernas nuas e braços expostos enquanto corria em direção a ele, seus olhos ainda brilhando verdes com o resíduo de magia. Uma fila da Guarda de Sangue marchou atrás dela, incluindo Gregoravich e Yuri.

Ela se ajoelhou e se apertou contra ele.

—Eu estava com tanto medo que você não conseguiu.

Ele enterrou a cabeça no cabelo dela, inalando o cheiro maravilhoso de sol e jasmim branco. O cheiro de alegria e paixão. *E amor.*

—Você está tremendo. — Ele deslizou a mão por baixo do manto, apertando sua cintura para confirmar que ela estava realmente nua por baixo. Ele a puxou para o seu colo, aconchegando-a mais perto.

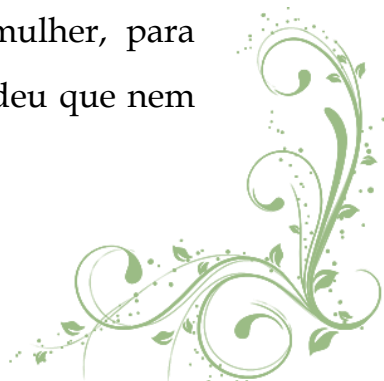
Ela se afastou o suficiente para olhar em seus olhos, suas emoções brilhantes em seu rosto. Ele sorriu e envolveu sua nuca suavemente, acariciando um polegar ao longo de sua mandíbula e sussurrou.

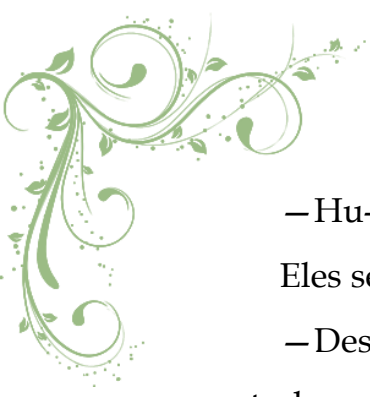
—Então a Rainha Branca não era exatamente o que pensávamos, era?

Ela riu, segurando o rosto dele.

—Não. Era mais.

Sem tomar nenhum cuidado com o que era ou não apropriado, ele uniu a boca à dela, deslizando a língua para dentro para provar sua mulher, para lembrá-la de que ela era dele e ele era dela. Ele rapidamente aprendeu que nem todas as partes dele ficaram tão feridas.





—Hu-Hu. — Marius pigarreou atrás deles.

Eles se separaram e olharam para o público que os encarava.

—Desculpe interromper. — ele continuou. — Mas, nós não conseguimos ver tudo o que aconteceu nas ameias. A tempestade de gelo era espessa demais. Eu preciso saber... minha mãe está morta?

A expressão de Mina suavizou com compaixão.

—Sinto muito, Alteza. Ela está morta. Eu...

Ele levantou a mão e suspirou aliviado, apertando Arabelle mais perto com um beijo em sua coroa, suas armaduras se chocando juntas.

—Graças às estrelas.

Mina relaxou nos braços de Mikhail.

—Temo que seu pai também tenha morrido.

Ele olhou para o castelo em chamas.

—Eu sabia. Eu sabia que ela não o deixaria viver.

Gregoravich, coberto de arranhões sangrentos em cada pedaço de pele exposta, encostou-se a um tronco.

— O soldado pessoal dela, Radomir, escapou.

—Nós vamos encontrá-lo. — garantiu Dmitri.

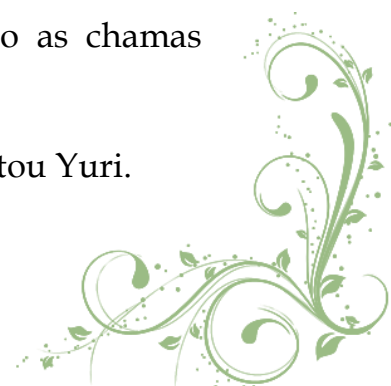
Yuri concordou com a cabeça, enquanto compartilhavam uma promessa silenciosa de rastrear todos os que escaparam.

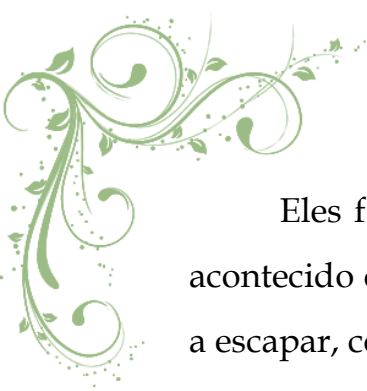
—Todos saíram do castelo? Os criados? — Os olhos de Mina estavam redondos de pavor. — A filha do Rei?

Mikhail a apertou perto, sabendo que ela temia que, em sua raiva, tivesse matado inocentes com seu fogo de dragão.

— A Guarda de Sangue percorreu o castelo inteiro quando as chamas pegaram nos telhados. Todos foram tirados em segurança.

—Mas nós não encontramos Lucille, a filha do Rei. — acrescentou Yuri.





Eles ficaram em silêncio por um momento, imaginando o que poderia ter acontecido com a jovem e frágil Princesa. Esperançosamente, um criado a ajudou a escapar, como o cavaleiro que ajudou sua bisavó Tamora, tanto tempo atrás.

Mina voltou sua atenção para Marius.

— Você deve tomar o trono na Torre de Vidro, Sua Alteza. Com sua Rainha, Arabelle, ao seu lado.

Arabelle sorriu, arregalando seus olhos de vampiro cor de avelã brilhantes.

— Rainha!

Marius riu.

— A menos que você planeje me abandonar.

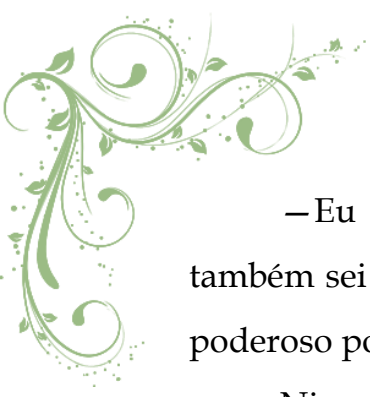
— De jeito nenhum. Eu vou ser a melhor Rainha que Varis já viu. Ah, exceto você, claro, Mina. — Ela tagarelou, seu rosto iluminando com ideias. — Vamos começar a legislação imediatamente, mudar as leis de casta e as leis de propriedade. — Seus olhos brilhavam mais intensamente. — E abrir casas de caridade para aqueles que perderam tudo. Ah, e orfanatos.

— Eu apoio a ideia do orfanato. — disse Brennalyne. — Eu posso te ajudar com isso.

— Primeiro... — interveio Friedrich. — Nós vamos voltar para Winter Hill. Com nossos filhos. — Ele olhou para Mina. — E você retornará a Briar Rose. Precisamos colocar tudo de volta em ordem, assegurar às pessoas que elas estão protegidas. Então, podemos começar os planos de Arabelle para mudar o mundo todo.

— Sim. — disse Mina baixinho, voltando os olhos para Mikhail. — Eu vou voltar para Briar Rose. — Ela apertou o punho na camisa dele, como se ele planejasse quebrar o voto e não ir com ela.





—Eu ouvi o que você disse. — disse Nikolai, saindo das sombras. — Eu também sei que foi sua mordida que ajudou Sienna a se curar. Apenas um elixir poderoso poderia curá-la tão rapidamente.

Ninguém percebeu que Nikolai estava lá, até que o silêncio tirou os olhares de Mina e os direcionou ao vampiro ranzinza de cabelos loiros. Todos os outros olhos repousaram nele também.

—E o que foi que eu disse? — perguntou Mikhail.

—Eu ouvi o que você disse ao Rei açougueiro. Você sabe, antes de arrancar a cabeça dele e jogá-la por cima da parede.

O silêncio se estabeleceu entre o grupo, todos vidrados em Nikolai. Havia importância em seu olhar decidido e palavras lentas. Mikhail esperou, sabendo que seu segredo não seria mais um segredo. Era hora de revelá-lo.

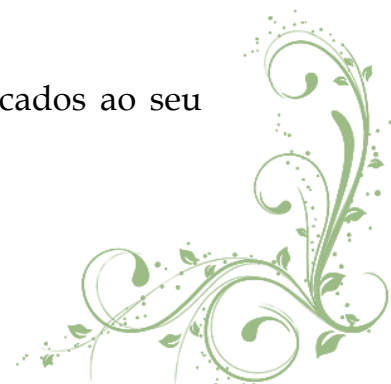
Nikolai ficou mais ereto.

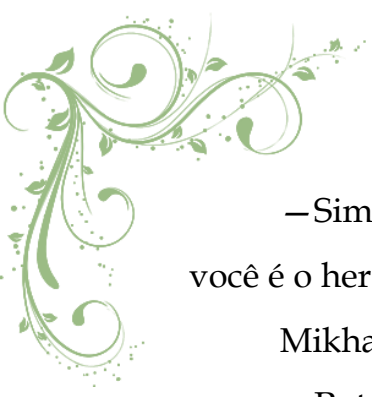
—Você é o bisneto de Rodin Varis. O irmão - e Rei - que possuía o trono antes de Morgrid o matar.

Brennalyne ofegou. Todos os olhos se fixaram em Mikhail, exceto Dmitri, que estava ao lado dele, com os braços cruzados sobre o peito.

—Sim. — disse Mikhail. — Eu sou. A esposa do Rei Rodin estava grávida quando Morgrid o mordeu. Ele não morreu imediatamente. Quando a Rainha Tamora correu para o seu lado para ajudá-lo, ele a mordeu em sua sede de sangue em fúria, transformando seu filho não nascido vampiro. Meus antepassados mudaram de nome e se esconderam entre vampiros comuns. — Ele agarrou Mina mais apertado. — Mas eu não vou mais esconder. Eu sou um Varis, e vou pegar de volta o nome que me foi roubado pela bruxa que morreu queimada naquela colina.

Ele acenou para Izeling, voltando o olhar para os rostos chocados ao seu redor. Todos, exceto Dmitri, que sorria de orelha a orelha.





—Sim. — concordou Nikolai, sua boca se curvando de um lado. — Então, você é o herdeiro legítimo. Sua Majestade.

Mikhail franziu a testa para o título.

—Putá merda! — exclamou Arabelle. — Isso significa que a Torre de Vidro é sua.

Marius abriu a boca para falar, mas Mikhail o silenciou com uma mão.

—Eu não quero a Torre de Vidro. Eu só quero meu sobrenome. Meu sobrenome verdadeiro. — Ele se virou para a mulher em seu colo e segurou seu rosto doce e bonito. — E Mina.

Ela sorriu, o verde esmeralda desaparecendo de seus olhos, retornando ao azul profundo do mar que o pegou desde o momento em que abriu os olhos naquela torre, em Briar Rose. Enlaçando seus braços no pescoço dele, ela se aninhou perto e sussurrou contra seus lábios.

—Você me tem. *Meu Rei*. Você me teve desde o começo. — Ela se inclinou para perto, pressionando sua bochecha contra a dele, sua boca perto da orelha dele. — Eu sonhei que meu Príncipe Negro viria e me salvaria. E você me salvou.

Ele murmurou contra o ouvido dela.

—Acredito que nós salvamos um ao outro, meu amor.

Ela o abraçou com mais força e ele a ela, porque não havia mais nada a dizer. Mikhail sempre seguiu seus planos estratégicos – a melhor herança de um capitão - buscando o objetivo da vitória triunfante. Mas, no final, ele só precisava seguir seu coração. Uma lição que ele tinha certeza de que Mina iria ensiná-lo uma e outra vez. E ele iria em frente, seguindo cada uma delas.





Epílogo

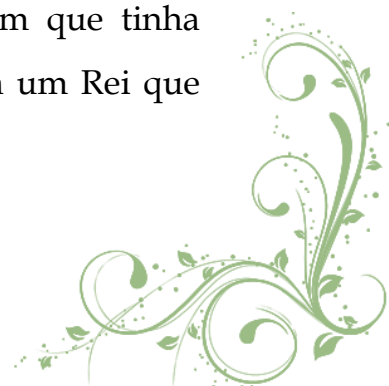
—Saúdem Mikhail Romanov Varis, o Rei da Arkadia! — Lorde Rathbone gritou para a cúpula do Grande Fórum.

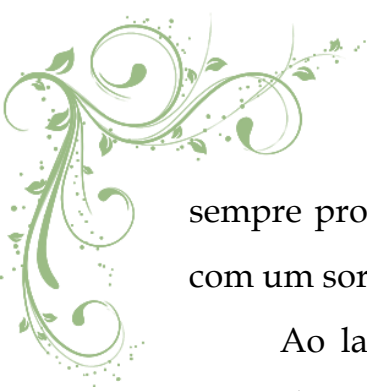
Os senhores e senhoras de Arkadia saltaram de pé, explodindo em gritos e aplausos. Este nunca foi o objetivo que ele procurara, mas Mikhail o aceitou bem. Ele seria um Rei estratégico e cauteloso, ao lado de sua Rainha compassiva e sábia.

Ela pegou a mão dele, levou-o até o centro do piso do Fórum e circulou com ele para cumprimentar seu povo. Bem como alguns visitantes.

Uma fila da Guarda de Sangue estava em atenção no chão do Fórum, batendo palmas - sua Elite e Katya. Dmitri sorriu do início da fila, sendo agora o capitão da Guarda de Sangue. Uma concessão que ele foi forçado a fazer por sua nova esposa. Um Rei não poderia correr ao redor do país perseguindo vampiros desonestos. Por mais difícil que fosse colocar essa tarefa nos pés de seu irmão, ele o fez e vestiu alegremente seu novo manto.

Friedrich estava na parte inferior do anfiteatro. Ele não podia aplaudir, mas ele sorriu com orgulho, o homem que confiou nele e se juntou a ele em seu plano em direção a este mundo melhor. Segurando sua mão de gancho, estava a linda e pequena Izzy, com Denny e Nate ao lado dela, junto com seus outros cinco filhos, aqueles que Mikhail protegera como se fossem seus em Winter Hill. Ao lado de Friedrich estava Brennalyne, lágrimas felizes lhe percorriam o rosto, o volume de sua barriga começando a aparecer. Grant sorria como um homem que tinha acabado de descobrir um segredo. Talvez ele tivesse, olhando para um Rei que





sempre professou ser nada mais que um assassino de aluguel. Mikhail assentiu com um sorriso.

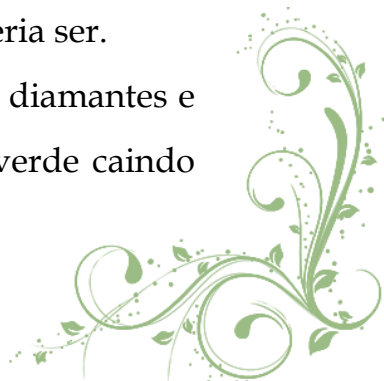
Ao lado do Duque e da Duquesa de Winter Hill e seus filhos, estava o general recém-nomeado dos Legionários da Torre de Vidro, jurando manter a paz e proteger as pessoas - todas as pessoas, tanto humanas quanto vampiras - da terra de Varis. Além de seu novo uniforme e da insígnia da Black Lily em sua lapela, Nikolai usava seu habitual sorriso convencido, sua adorável noiva, Sienna, ao seu lado. Eles vieram direto de casa, a propriedade da família de Nikolai não ficava muito longe de Briar Rose. Ao lado deles estavam Dane, Allora e Bron, emissários dos clãs dos lobos místicos da Floresta de Silvane. Embora nem todos os clãs tivessem lutado na Batalha do Fogo do Dragão, muitos o fizeram. Aqueles que fizeram mostraram seu apoio a este novo mundo construído sobre igualdade, não hierarquia.

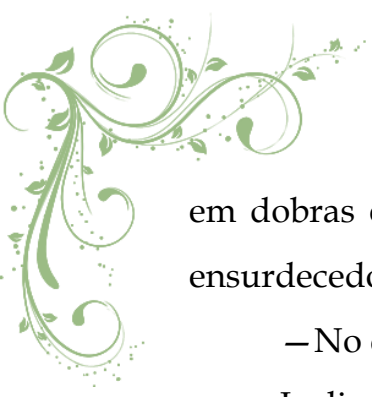
Ao lado de Nikolai e Sienna estava Lorde Petrov, sussurrando algo para a mãe de Mikhail, que sorria para o que quer que ele tivesse dito e sorriu para seu filho. Ele esperava há muito tempo o dia em que vingaria o pai e colocaria um sorriso no rosto de sua mãe, mas nunca pensou que aconteceria assim.

O Rei Marius e a Rainha Arabelle aplaudiram do estrado no piso do Fórum. Mikhail percebeu que, se Arabelle, a camponesa criada na sombra opressiva da Torre de Vidro sob o governo de Morgrid, podia se erguer e se tornar uma Rainha confiante em sua vestimenta branca, talvez ele também pudesse se preparar para a ocasião. Estava em seus genes, afinal.

Ele percebeu que seu medo nunca resultou de ser incapaz de atingir seu objetivo de vingar o nome de sua família. Ele vinha de não ser capaz de viver de acordo com isso. Ser o homem que ele deveria ser. O Rei que ele deveria ser.

Ele olhou para Mina. Seus cabelos dourados soltos, a coroa de diamantes e esmeraldas de Arkadia em cima de sua cabeça, o vestido de seda verde caindo





em dobras espessas no chão. Ela pegou seu olhar, o aplauso ainda um rugido ensurdecedor.

— No que você está pensando? — ela perguntou.

Inclinando-se para ela, ele disse

— Estou pensando na rapidez com que posso tirá-la desse vestido. E de qualquer outra coisa que esteja vestindo. — Ele olhou para a cabeça dela. — Exceto a coroa.

Seus olhos se arregalaram, um rubor bonito subindo por seu pescoço.

— *Mikhail*. — Ela sorriu e acenou para a multidão.

— Sim? — Seus olhos permaneceram nela.

— Eu não acredito que um Rei deveria falar assim.

— Oh, minha querida. Você nunca conheceu um Rei como eu. O prazer da minha Rainha vem antes de qualquer outra coisa.

Ela riu.

— Me parece que você está pensando em *seu* próprio prazer.

— Talvez um pouco. — ele admitiu, em seguida, ficou sério. Ele estendeu a mão e segurou sua bochecha, um gesto excepcionalmente público em frente à população, mas ele não se importava. — Enquanto você estiver feliz, tudo estará bem com o mundo.

Ela encontrou seu olhar e colocou a palma da mão sobre a mão dele, contra sua bochecha.

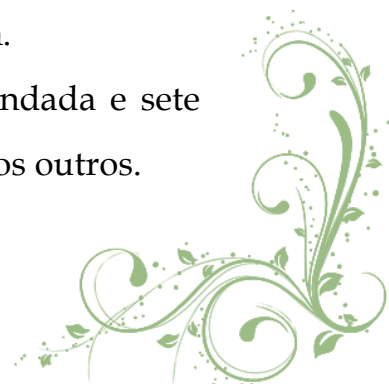
— Eu não sabia que uma pessoa poderia ser tão feliz.

— Então, vou me esforçar para mantê-la assim.

Ela desviou o olhar timidamente.

— Bem, eu não me importaria de ser tão feliz quanto Brennalyn.

Mikhail olhou para ela no meio da multidão, barriga arredondada e sete crianças ao seu lado. Oito, se contasse Nate, que era tão dela quanto os outros.





— Você está me dizendo que quer oito filhos?

— Bem, eu ficaria feliz em começar com apenas um.

— Minha Rainha. Estou sob seu comando. — Ele a pegou nos braços e a levou pelo corredor em direção à saída. Mais aplausos e um pouco de risadas os seguiram.

Ela segurou sua coroa.

— É sério, Mikhail?! Isso foi um pouco dramático para sua primeira aparição como o novo monarca de Arkadia.

— Eu sou um homem de ação.

— Sim, eu sei. — Ela olhou para baixo, para os degraus de mármore, o povo de Arkadia acenando e aplaudindo do lado de fora da fila de Legionários, o cheiro perfumado de rosas no vento enquanto lançavam pétalas no ar. O sol quente de um dia de primavera irradiava sobre eles. — Nós não vamos para a recepção? Onde todo mundo quer parabenizar você?

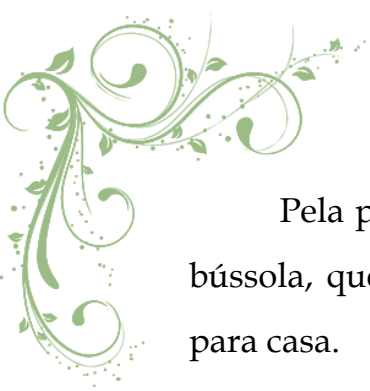
Ele marchou pelos longos degraus e a levou até a carruagem que os aguardava, puxando-a para o colo e fechando as cortinas.

— Eu não quero a atenção de mais ninguém, a não ser a sua, minha Mina.

— Ele começou a desamarrar os laços na parte de trás do vestido dela. — Agora, vamos começar a fazer um bebê.

Ela caiu em uma gargalhada, os dois puxando as roupas um do outro, tirando os pedaços nobres de tecido, um por um. Ele colocou a coroa de lado, mas quando ela foi tirar a dela, ele balançou a cabeça e a forçou de volta no lugar. Levantando-a pelos quadris para ficar em cima dele, ele a posicionou e empurrou em seu corpo com um gemido de prazer. Ela suspirou, moldando sua doce boca na dele. E Mikhail se perdeu em seu beijo, em seu corpo, em seus doces sons suaves e seu perfume de jasmim.





Pela primeira vez em sua vida, ele não tinha um plano. Mas ele tinha uma bússola, que com um calor suave, o envolvia em amor. E ela sempre apontaria para casa.

